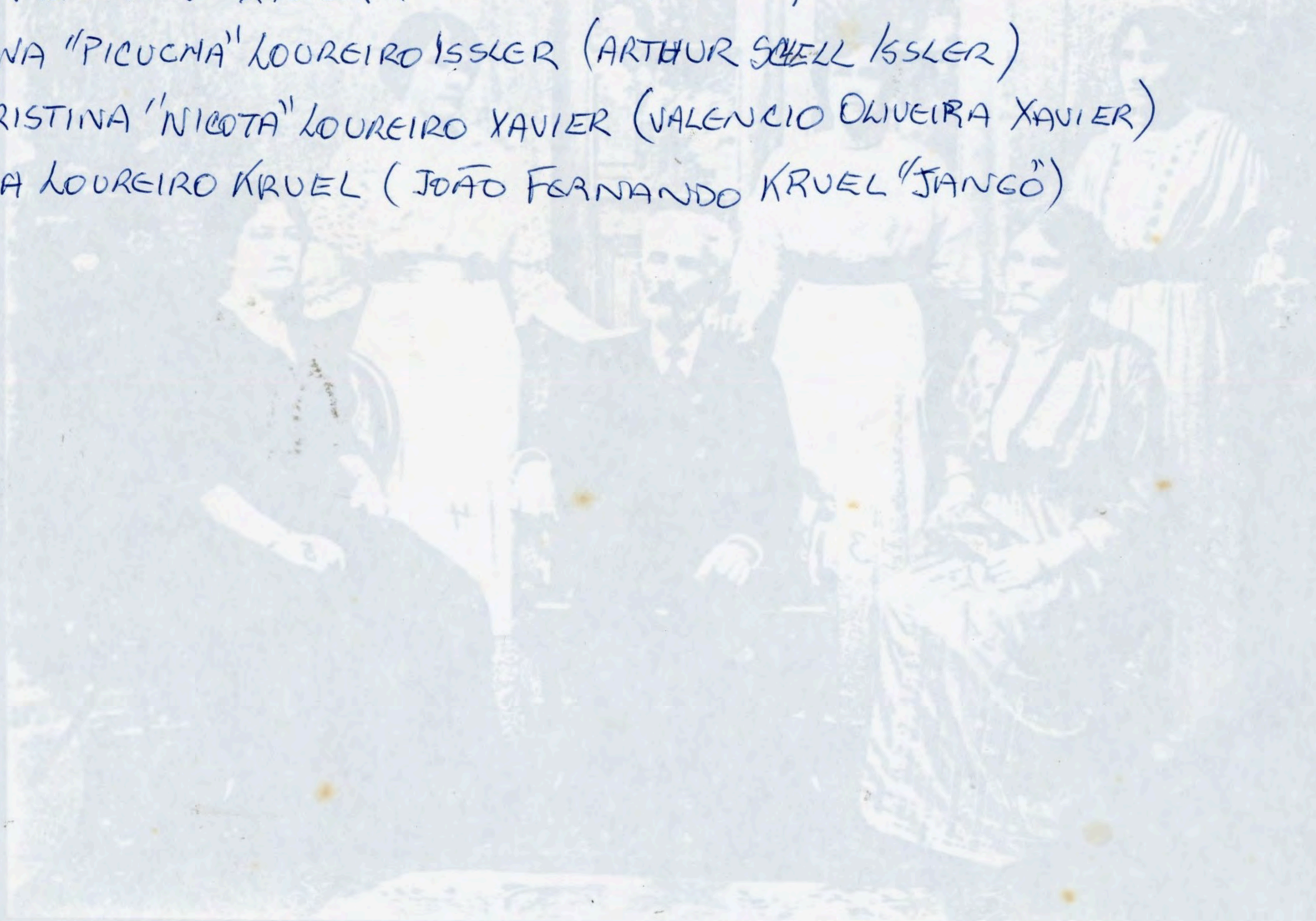




- 1- EMILIA "MILA" LOUREIRO LIMA - (JOAQUIM DE OLIVEIRA LIMA) "INHOQUIM"
- 2- LEONOR LOUREIRO XAVIER (- JUVENAL XAVIER)
- 3- JOSEFINA "PICUCMA" LOUREIRO ISSLER (ARTHUR SHEL ISSLER)
- 4- ANA CRISTINA "NICOTA" LOUREIRO XAVIER (VALENCIO OLIVEIRA XAVIER)
- 5- AURORA LOUREIRO KRUEL (JOÃO FERNANDO KRUEL "JANGÔ")



A FAMÍLIA DO "BARÃO"

Antônio José da Silva Loureiro, nasceu em 1835, em Portugal, "Jardim da Europa a beira-mar Plantado", no linguajar do Grande Camões, na cidade de Braga.

Ficou órfão aos 13 anos, sozinho, resolveu embarcar, clandestinamente, num navio que se destinava ao Rio de Janeiro. Pelas andanças tentou Minas Gerais, não conseguindo nada, veio ao Rio Grande do Sul, em Passo Fundo.

Aqui procurou trabalho, encontrou, depois de muito lutar, na Casa Comercial do Senhor Adão Schell.

Muito diligente e esforçado logo associou-se ao Senhor Adão, e, nessa família conheceu a sua eleita com 16 anos, Filipina, a sua "MENINA" como a chamou toda a vida, festejaram as "Bodas de Ouro".

Antônio, o Barão, tinha alguns negócios fora de Passo Fundo, casado, transferiu tudo para a cidade.

O casal teve 12 filhos; 7 homens: Antônio, Felipe, Adolfo, Augusto, João, Mario e Adão; e 5 mulheres: Emília, Leonor, Josefina, Ana Cristina e Aurora.

Com os filhos trabalhando juntos, adquiriu muitas terras, e construiu o "Solar do Barão", era residência e Casa Comercial, na atual Avenida Brasil no Boqueirão.

Em sua residência, instalou até o Curtume um telefone, o primeiro da cidade e um dos primeiros do Estado.

Da Alemanha veio para enfeitar a sua residência, o piano, os lustres de cristal, a mobília de Ébano. Tudo que enfeitava aquela casa sempre alegre com Saraus e festas familiares.

As descendentes dessa família que ainda vivem são as netas: Izabel Loureiro Krueel e Hylda Loureiro Zimmermann; e os bisnetos: Danilo Loureiro Zimmermann, Lenira Zimmermann Battisti e Juarez Oliveira Loureiro.

Hylda Loureiro Zimmermann

Passo Fundo 02/02/2006



O Barão

ANTONIO JOSÉ DA SILVA LOUREIRO

Por ALFREDO RICO LOUREIRO

Como até hoje ninguém nada registrou sobre a pessoa exemplar, honesta e honrada de ANTONIO JOSÉ DA SILVA LOUREIRO – O BARÃO – que foi uma figura notável pela posição destacada que conquistou em Passo Fundo, quer como industrial, comerciante, fazendeiro e exemplar chefe de família, nós nos comprometemos, conosco mesmo, a fazer um apanhado retrospectivo de sua – passagem pela terra, para que muitos de seus descendentes, nascidos após o seu desaparecimento, conheçam e apreciem da cepa que lhes deu – origem.

“ Portugal – Jardim da Europa à beira mar plantado ” , segundo o linguajar do grande Camões. País engastado na parte ocidental de Península Ibérica, entre a Espanha e o Oceano Atlântico, porta por onde enviou seus denodados marujos, “ por mares nunca dantes navegados ” , para escreverem grande epopéia no alargamento de seus domínios e conquista de novas e ricas terras. Nação pequenina de povo gigante, que dominou mares, descobriu vastas glebas e edificou grandes países.

Foi de lá que veio

ANTÔNIO JOSÉ DA SILVA LOUREIRO

Ainda bem menino, foi ele, de Braga onde nasceu, em 1835, para a cidade do Porto, trabalhar como empregado de um seu tio, que era comerciante, homem sisudo e austero. Tudo corria normalmente até o dia em que, no café da manhã, disse ao tio que não gostava de queijo (longe estava o menino de imaginar o quanto esta revelação iria ter influência no seu destino), o tio diante de tal confissão impôs-lhe, como castigo, passar uma semana comendo só queijo com café. Sentindo-se injustiçado com o castigo, resolveu fugir.

No dia seguinte, embarcou, clandestinamente, num navio cargueiro que estava estivando carregamento destinado ao Rio de Janeiro.

Dotado de imaginação fértil e ousadia desmedida, com apenas treze (13) anos de idade, já estava sob sua própria guarda para enfrentar o mundo, sem temor, e desassombro inaudito. Desembarcado no Rio de Janeiro, sem conhecidos ou apresentação, assim mesmo, logrou emprego numa casa de comércio da Praça da Alfândega. Sua vivência nesse ambiente muito lhe serviu de escola. Com o passar dos anos, amealhou algumas economias, o que lhe facilitou sua ida para o estado de Minas Gerais, atraído pela notícia de grandes facilidades para bons negócios. Não tendo logrado êxito na sua tentativa ali, as procelas da vida trouxeram-no para o Rio Grande do Sul.

Circunstâncias fortuitas o levaram as margens do Rio Uruguai, na fronteira com a República Argentina, onde vislumbrou possibilidades de futuros negócios na exportação de madeira bruta, de cedro, que se fazia pela grande via fluvial. Empreendedor como era, subiu o grande rio e, a altura de Nonoai, instalou-se. extraiu madeira, organizou “balsas” e, como os outros comerciantes do ramo, aproveitando as enchentes do caudaloso Rio Uruguai, descia sobre aquele mostrengo, flutuando a superfície líquida da exuberante corrente até atingir mercado do produto extraído das gigantescas e verdejantes florestas dessa rica bacia. Esse mercado era na Argentina, São Tomé e Passo de Los Libres.

Seu empreendimento prosperou, tomou vulto e corria satisfatoriamente, mas, na descida da maior balsa que fizera, flutuando velozmente, a jangada precipitou-se contra as pedras da correnteza dos macacos, espatifando-se, donde, somente salvou-se juntamente com os companheiros de jornada, dando graças ao Criador.

Perdeu tudo.

Empobrecido de uma hora para outra, transferiu-se para Nonoai e dedicou-se ao comércio de balcão, vendendo utilidades de que necessitava a população e comprando os produtos da zona, que vendia em Passo Fundo, para onde transportava tudo em carretas ou tropas de cargueiros, sempre com cargas de retorno para bom aproveitamento das viagens.

Em Passo Fundo, afreguesou-se na maior casa comercial que era do Sr. Adão Schell, homem adiantado e observador que, conhecendo logo a psicologia do seu jovem freguês, tudo lhe facilitou.

Em uma de suas vindas a Passo Fundo, em dia de chuva, ao chegar na casa comercial de Adão Schell, vestindo pala e calçando botas, num desnível do solo, deu uma escorregadela e sentou-se no barro. Ao levantar-se, deparou com duas pessoas que por trás do vidro de uma janela que estava em frente, se divertiam com seu tombo.

Estavam elas, uma senhora e uma moça, ambas sorrindo, e ele, desapontado, morrendo de vergonha, também sorria...e passou.

No dia seguinte, menos envergonhado, passou, sorriu e a moça também...

Assim foi o encontro de duas criaturas que se compreenderam, se uniram e constituíram um grande lar.

Adão Schell, vendo que seu freguês era homem de largos horizontes e futuro previsível e como tinha diversas filhas, e, sendo praxe, ofereceu-lhe uma das suas filhas em casamento. Foi chover no molhado...pois já andava de olho...aceitou a gentileza para noivar com a Srta. Filipina, que já era sua conhecida, uma das mais jovens. Houve tumulto na família porque as mais velhas é que estavam na vez...mas, noivou com a sua eleita.

Noivo, transferiu a sede de suas atividades para Passo Fundo, já com melhor ajuda do futuro sogro. Casado, como era trabalhador e arrojado, prosperou vertiginosamente, tornando-se, para a época, homem de grandes negócios. Além de comerciante, tornou-se industrial nos ramos de curtume e artefatos de peles de animais silvestres e domésticos, olaria, sapataria e lombilharia. Instalou entre a sua casa e o seu curtume, em 1886, **o primeiro telefone da cidade**, e um dos primeiros do Estado.

Adquiriu inúmeras propriedades, grandes e pequenas, na cidade e na zona rural, para atividades agrícola e pastoril. Chegou a possuir mais de cem (100) quadras de sesmarias de campo, afora outras propriedades como NÃO-ME-TOQUE e TAQUARAL.

Construiu a melhor casa da cidade tendo para tanto, trazido da Europa artífices para construí-la.

Ainda hoje, passados mais de um século, é digna de admiração para os que tem a ventura de visitá-la. Alvenaria sólida, com pedras em volta até um metro de altura. largas calçadas de grandes lajes, platibandas e claras bandeiras, portas, portais cimalthas trabalhadas assim como as escadas: vidracas com quilhotinas com

contrapeso para serem levantadas sem esforço, peças grandes e amplos salões iluminados. É digno de menção que, em Passo Fundo, foi a casa que teve a primeira mobília de ébano, o primeiro piano, a primeira máquina de costura de pedal, a primeira estufa, a primeira lareira, as primeiras mangas de candelabro com pingentes de cristal. Enfim, um magnífico solar, considerando-se a época e a situação.

O seu feliz consórcio com Filipina Hein Schell, nascida na Alemanha, por esse evento tornada Schell Loureiro, originou uma progênie composta de doze (12) rebentos; sendo cinco (5) moças e sete (7) rapazes.

Casa alegre, animada, onde à noite faziam música, recitavam e tomavam chá para encerrar a noitada. Após casarem-se os filhos, surgiram os netos em grande número, que movimentaram ainda mais, o acolhedor solar. Como estas notas são concatenadas à guisa de comentário, não se pode deixar de registrar os nomes da prole do afortunado casal que constituiu padrão de lar brasileiro, conquanto mesclado de sangue germânico e luzitano, duas grandes raças.

O primogênito foi FELIPE, casado no Estado do Paraná com AURORA DO AMARAL MARCONDES, de cujo matrimônio houve doze (12) filhos: cinco moças e sete (7) rapazes.

O segundo, foi EMÍLIA, casada com JOAQUIM GABRIEL DE OLIVEIRA LIMA, havendo doze (12) rebentos: seis (6) moças e seis (6) rapazes; com dois pares de gêmeos.

O terceiro foi ANTONIO "(PUPE)", casado com ALICE ISSLER, ambos jovens, ele com dezoito (18) anos de idade, e ela com dezesseis (16) anos de idade, tiveram quatro (4) filhas;

O quarto, foi ADOLFO, casado com ERNESTINA "(PEPITA)" NIEDERAUER, tiveram três (3) herdeiros, duas (2) e um (1) rapaz.

O quinto, foi AUGUSTO, casado com CARLOTA RICO, de cuja união existe cinco (5) filhos, sendo duas (2) moças e três (3) rapazes.

O sexto foi JOSEFINA, "(PICUCHA)", casada com ARTUR SCHELL ISSLER "(TUTU)" que deram ao mundo um (1) casal de filhos.

O sétimo foi LEONOR, casada com JUVENAL DE OLIVEIRA XAVIER e não deixaram descendentes.

O oitavo foi ANA CRISTINA "(NICOTA)" casada com VALÊNCIO DE OLIVEIRA XAVIER e tiveram apenas uma (1) filha.

O nono foi JOÃO, casado com ANITA MATEOTTI, falecido prematuramente, sem deixar descendentes.

O décimo foi AURORA, casada com JOÃO FERNANDO KRUEL, e tiveram cinco (5) herdeiros, sendo, três (3) moças e dois (2) varões.

O décimo-primeiro foi MÁRIO, casado com ALANI PEIXOTO, e tiveram somente um (1) filho homem.

O décimo segundo e último foi ADÃO, casado com ESTELA CAMINHA de cuja união tiveram somente uma (1) filha.

No ano de 1910, o feliz casal comemorou suas BODAS de OURO com extraordinária festa, que durou vários dias, e na qual tomou parte toda a população da cidade. Para festejar o acontecimento, o velho BARÃO importou da Europa, principalmente de Portugal e Alemanha vinhos e especiarias. Nessa época sua descendência era constituída de quarenta e seis (46) netos e três (3) bisnetos.

Foi monarquista estremado e tomou parte ativa ao lado das forças revolucionárias de 1893, às quais incorporou alguns de seus filhos, sendo, por isto, muito visado pelos adversários. Esteve preso numa estrebaria e ameaçado de ser degolado, ocasião em que lhe apresentaram um papel para assinar, pelo qual faria cessão de toda a sua fortuna e determinadas pessoas, com a promessa de salvarem-lhe a vida, ao que ele respondeu:

“Poderei ser morto e roubado, mas de bobo ninguém me fará”.

E devolveu o papel sem assiná-lo, enquanto outros seus companheiros de prisão subscreveram o famigerado documento.

Logo em seguida, porém, graças a interferência de amigos em Porto Alegre, foi solto, não antes de ter passado por maus momentos. Apesar de livre, continuou sendo vigiado por guardas mal encarados que ostensivamente acompanhavam seus passos. Não podendo mais suportar a pressão dos donos da situação e da vigilância exercida em torno de sua pessoa, resolveu fugir.

Como ia diariamente à casa de seu cunhado João Schell, que residia em frente à sua, certo dia mandou preparar um cavalo, encilhado com todos os utensílios necessários, inclusive armas, e escondeu-o nos fundos da casa de João Schell. A hora costumeira, atravessou a rua, entrou na casa do cunhado, despediu-se saindo pelo fundo do quintal. Montou o animal e ... quando o janizaro deu pela coisa, o velho BARÃO já estava longe...

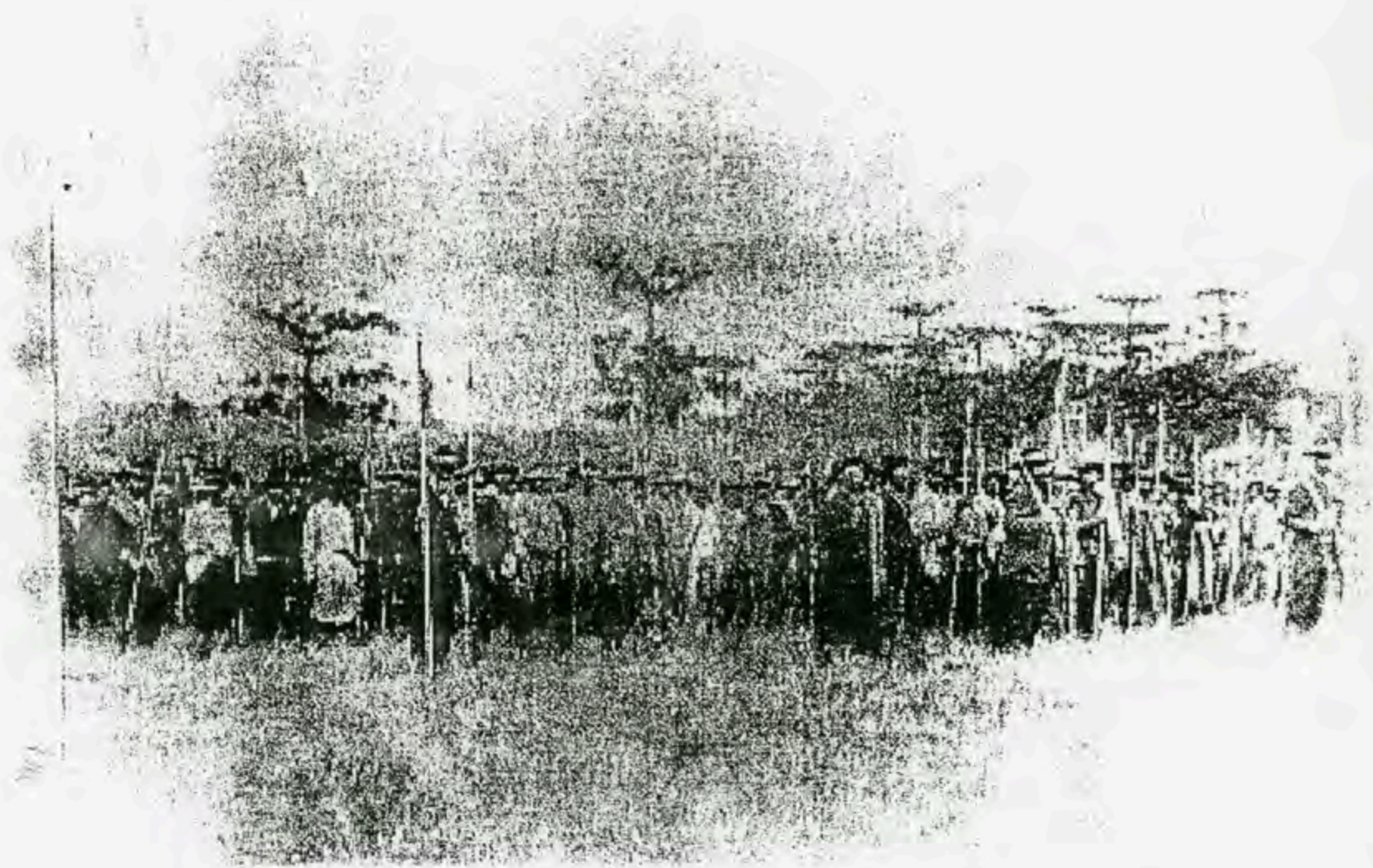


Foto de 1891 - Fazenda do Valinho - Parada Federalista do Valinho

Não podendo unir-se às forças de Gumercindo Saraiva, imigrou para a República Argentina, onde esteve dois anos, só retornando ao Brasil, depois da pacificação.

Constatada a sua fuga, os adversários Pica-paus - dilapidaram seu respeitável patrimônio, roubando tudo quanto puderam carregar. Foram à sua residência, onde estava a família e ordenaram a abertura da casa de comércio, depósitos e armazéns e carregaram carroçadas e mais carroçadas, nada deixando, pois a ordem era "tirar até o pão dos filhos do Barão".

Concomitantemente, com o saque da casa, carregaram duas (2) mil cabeças de gado que povoavam a fazenda do "Valinho", cortada pelo rio Passo Fundo e anexa à cidade, dali arrancando o arame das cercas e queimando as casas, deixando a fazenda completamente arrasada.

Logo após o saque, era comum ver-se cavalos de seus saqueadores à sogá em peças de tecidos roubados.

Se o Barão era um homem completo, sua companheira lhe era igual. Nada lhe faltava, era portadora de todas as virtudes de uma grande dama e dotada de máscula energia, pois assistiu a esse trágico espetáculo sem desfalecimento. Foi uma forte que, com um marido imigrado, a casa comercial saqueada e a fazenda roubada e talada, não perdeu a serenidade, orientando e mantendo galhardamente a família em casa até o fim do trágico e sangrento episódio.

Quando os ladrões iniciaram o saque, como os depósitos eram muito grandes e sortidos, ela, roubando à noite, dos saqueadores, organizou um depósito secreto com provisões, principalmente sal, e açúcar, que deram para manter a família, com muita parcimônia, é verdade, durante o tempo martirizante que durou a revolução.

Exaltando a marcante energia de seu nobre coração que, além de ter forças para suportar os pesados sofrimentos, ainda

"semeava o bem sem olhar a quem".

E a bondade desse grande coração mais uma vez se manifestou, sem rancor, no dia da entrada das forças revolucionárias em Passo Fundo, numa sublime e empolgante demonstração de solidariedade humana, abrigou a ilustre Dama, a todas as pessoas que necessitavam guarida, inclusive a uma Senhora que a pouco dera à luz uma criança e que outra não era senão a esposa chefe dos perseguidores do seu marido.

Antônio José da Silva Loureiro, era homem decidido, resoluto, desassombrado. Não se intimidava, nem se deixava vencer. Pacificada a situação reinante, retornou da Argentina, onde continuou trabalhando, trazendo uma manada de quinhentas (500) éguas para povoar a fazenda. Até aí se constata o descortino e alcance comercial de nosso avô. Não havendo mercado para gado vacum, ele povoou seus campos com éguas, iniciando a criação de mulas, animais de grande procura nos cafezais de São Paulo.

De Porto Alegre, onde gozava de sólido crédito, trouxe grande sortimento para a casa comercial, que entrou novamente em atividades. Foi como a FENIX da lenda:

"Ressurgiu das próprias cinzas".

Dirigiu seu estabelecimento até o seu esgotamento pela idade quando passou-o para seu último filho Adão, extinguindo-se com o falecimento prematuro deste. Digno também de registro na Abolição da Escravatura.

No decorrer do ano de 1919, já velho e cansado, ficou doente.

Chamado o médico, este, após examiná-lo, disse: "Não há doença, é natureza gasta Nada tenho a fazer...", e em vinte e cinco (25) de novembro de mil novecentos e dezenove (1919), contendo oitenta e quatro (84) anos de idade, como um justo essa criatura excelsa, conformado, entregou a alma a Deus, ele que foi um bravo,

que lutou espetacularmente contra a procela da vida, conquistando vasto patrimônio, constituindo grande e numerosa família, e legando para a sua descendência um respeitável nome que muito nos honramos em assinar.

Não foi só durante a revolução que o velho Barão sofreu em seus bens. Terminado o conflito, continuaram a perseguí-lo os senhores detentores do poder, como é o caso das propriedades de Não-Me-Toque e Taquaral. A primeira, hoje município, lhe foi esbulhada sob a alegação de que fora mal selada o instrumento de compra, e a segunda, não havendo furo para poderem tomá-la, intrujaram-na toda.

Antes de encerrar estes apontamentos, impõe-se um esclarecimento.

Deve causar estranheza a quem ler os "ANAIIS" de Passo Fundo e nele não encontrar nenhuma referência a ANTONIO JOSÉ DA SILVA LOUREIRO, sua atuação e influência na vida deste, hoje, fenomenal e bendita terra.

Eis o motivo: quando foi escrito os anais ainda imperava no Rio Grande do Sul o coronelismo. Cada município ou região do Estado era uma espécie de Feudo entregue a um cacique, cognominado "coronel", chefe unipessoal do Partido Republicano, que diga-se de passagem, desgraçou este continente de São Pedro desde a Proclamação da República até o seu desaparecimento, aliás já bem tarde.

Esses coronéis, Senhores de baração e cutelo dos bens e das vidas dos moradores da região onde imperavam, perseguidores ferozes daqueles, que como meu avô, tinham a coragem de pertencer ao partido Federalista – OS INTIMORATOS MARAGATOS.

Passo Fundo não podia fugir à regra, tinha o seu coronel e sua indefectível camarilha, cujos figurantes tudo fazia para agradar ao seu chefe poderoso, prestando-se, despersonalizados como não podiam deixar de ser, para quaisquer serviços.

Dentre os integrantes da pantilha imperante, contava-se o

"HISTORIADOR DOS ANAIS"

autodidata, culto, inteligente e honesto, mas sobretudo de um servilismo rastejante a seu chefe, Coronel da macega, Rábula, semi-analfabeto, solteiro e mentiroso. Ora, sendo nosso avô, com muita honra Maragato Militante, não podia o historiador falar nele porque, se o fizesse, seria para exaltá-lo, o que desagradaria sobremaneira o seu amo.

(posteriormente, depois da morte do tal coronel, o historiador confessou que tinha recebido insinuações suas para não mencionar o Barão em seu relato.) Ainda um por menor que ia me passando : O coronel chamava-se Gervásio Lucas Annes, e o historiador, Francisco Antônio Xavier e Oliveira.

Que Deus ou o diabo os tenha numa guampa de urina para não se deteriorarem.)

FELIPINA SCHELL e sua descendência

(Texto extraído do Livro Joham Adam Schell e sua descendência de
Marina Xavier e Oliveira Annes)

Felipina Schell nasceu a 3/4/1846, batizada a 10/10/1849 em Passo Fundo.

Filhos:

- 1- ***Felipe Schell Loureiro***, fazendeiro no Estado do Paraná, nasceu a 25-12-1865. Batizado a 22-8-1866. Foram padrinhos Adam Schell e D. Anna Christina Schell, casou com D. Aurora Marcondes, filha de Brasileiro Marcondes Pimpão e de D. Ignácia do Amaral Marcondes. Tiveram 12 filhos. D. Aurora Marcondes faleceu a 2-4-1931 em Passo Fundo, aos 49 anos de idade, diagnóstico do Dr. Vergueiro, lesão cardíaca.

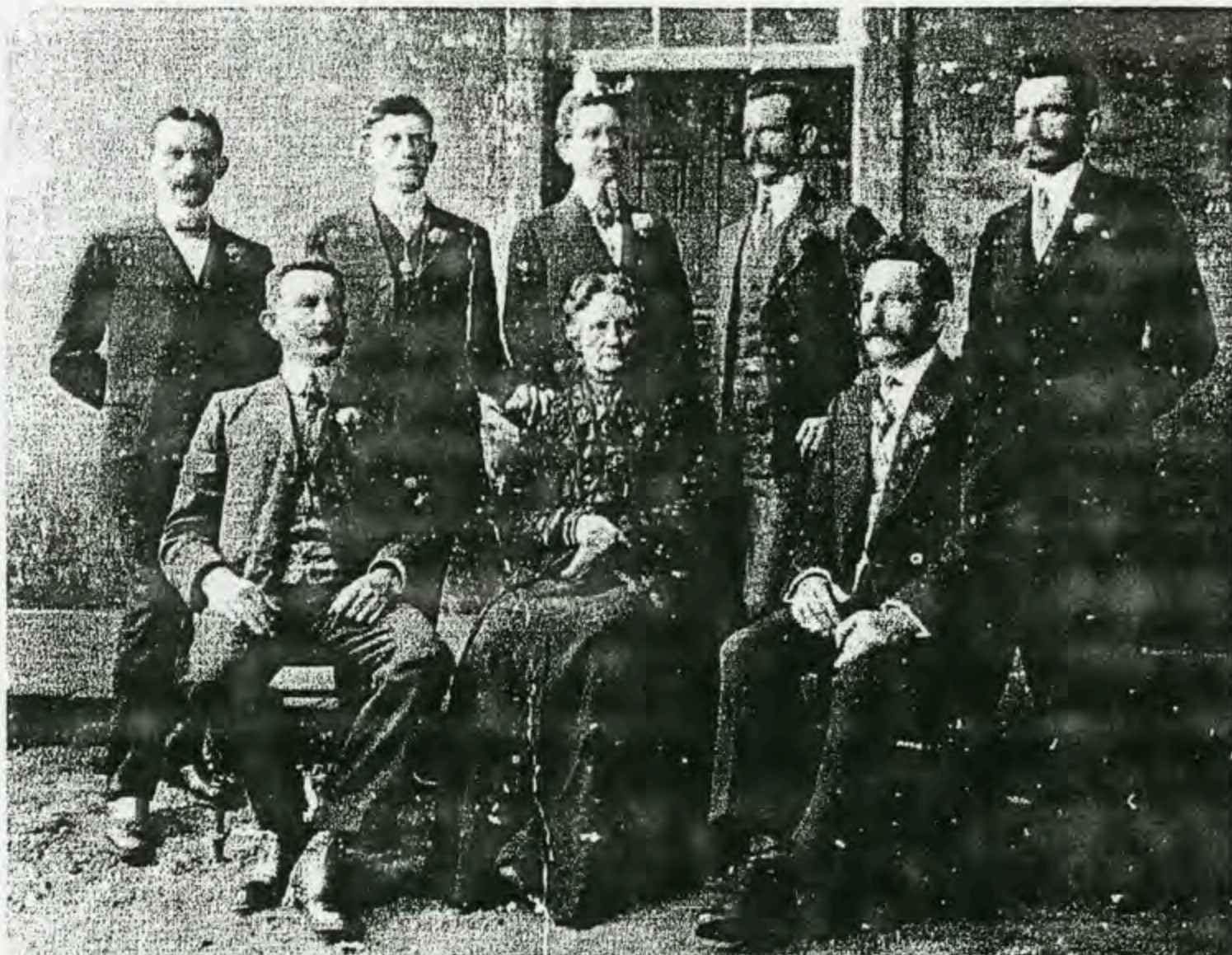


Foto de 1893. O último da esquerda é o "barãozinho" (Felipe Schell Loureiro)

- 2 ***Emilia Schell Loureiro*** casou aos 16 anos de idade, em, 14-5-1885, com Joaquim Gabriel de Oliveira Lima, de 34 anos, negociante, filho legítimo do Ten. Cel. Francisco de Oliveira Lima e de D. Francisca dos Santos Silva, residentes em Palmas, Província do Paraná, batizado na cidade de Faxina. Foram testemunhas o Cap. João de Vergueiro e Franklin Machado da Silva. Vigo. Thomaz de Souza Ramos. O casal teve 12 filhos. Joaquim Gabriel de

Oliveira Lima (Nhô Quim) nasceu a 28-12-1851 e faleceu a 6-6-1920, com 69 anos de idade. Diagnóstico do Dr. Vergueiro, aneurisma da aorta

- 3- **Antonio Schell Loureiro (Pupe)**, representante comercial, casou a 14-12-1889, aos 19 anos de idade, com D. Alice Magdalena Issler, de 16 anos, filha legítima do Cap. João Issler e de D. Lucia Eugenia Schell Issler. Foram testemunhas Guilherme Morsch e Cap. João Schell, Vigo. Thomaz de Souza Ramos. O casal teve 3 filhas.



Dona Filipina Com os filhos.

**Em pé. João (Jango), Mário, Adão, Augusto e Adolfo
Sentados: Felipe, Dona Filipina e Antônio (Pupe)**

- 4- **Adolfo Schell Loureiro**, comerciante, casou a 30-12-1903, aos 30 anos de idade, com D. Ernestina Niederauer, de 24 anos, filha legítima de Jacob Niederauer e de D. Rosalina Krueel. Foram testemunhas Arthur Schell Issler e Coriolano Camboim. Padre João Varbisan. O casal teve 3 filhos. D. Ernestina Niederauer Loureiro (Pepita) faleceu em Porto Alegre a 25-7-1963.
- 5- **Augusto Schell Loureiro**, do comércio, casou a 8-6-1898, aos 23 anos de idade, com D. Carlota Bordallo Rico, de 17 anos, filha legítima de Leoncio Amado Rico e de D. Maria da Conceição Bordallo. Foram testemunhas Ramon

Rico e Jesuino Bordallo. Vigº. José Ferreira Guedes. O casal teve 6 filhos.
Augusto Schell Loureiro faleceu a 28-10-1917.

- 6- ***Josefina Schell Loureiro (Picucha)*** casou a 20-3-1897, aos 16 anos de idade, com Arthur Schell Issler de 22 anos, negociante, filho legítimo de João Issler e de D. Lucia Eugenia Schell Issler. Foram testemunhas o Major João Schell e Julio Issler Filho. Arthur Schell Issler, industrialista, foi o primeiro gerente do Banco da Província do R.G.S. em Passo Fundo, cargo no qual aposentou-se, tendo após transferido sua residência para Porto Alegre, onde faleceu a 24-4-1942, aos 67 anos de idade. Tiveram um casal de filhos: Victor Loureiro Issler, deputado federal e D. Aida Issler Horta, esposa do Dr. Rebello Horta.



O Sr. Antônio José da Silva Loureiro (Barão) com suas filhas
1 - Emilia Loureiro Lima (Mila) - (Joaquim Oliveira Lima)
2 - Leonor Loureiro Xavier - (Juvenal Xavier)
3 - Josefina Loureiro Issler (Picucha) - (Arthur Shell Issler (Tutú))
4 - Ana Christina Loureiro Xavier (Nicota) (Valêncio de Oliveira Xavier)
5 - Aurora Loureiro Kruel - (João Fernando Kruel (Jango))

- 7- **Leonor Schell Loureiro**, casou aos 22 anos de idade, a 27-4-1901, com Juvenal de Oliveira Xavier, de 19 anos, filho legítimo de Fortunato Xavier de Castro e de D. Lucia Pureza de Oliveira Castro. Foram testemunhas Cesario Xavier de Castro e Valencio d' Oliveira Xavier. Sem descendência. D. Leonor Loureiro Xavier faleceu a 22-9-1937, com 59 anos de idade. Foi seu médico o Dr. José Carlos Medeiros. Diagnóstico, uremia. Declarante de óbito, Dorival de Oliveira Xavier. Juvenal de Oliveira Xavier nasceu em Lagoa Vermelha, funcionário público. Faleceu aos 56 anos de idade, a 2-1-1939, vítima de colapso cardíaco. Foi seu médico o Dr. Vergueiro.



Reunião de alguns dos netos do BARÃO

Helena Kruel (Bortolon)

Victor Loureiro Issler

Díva Issler Loureiro (Solteira)

Gil Rico Loureiro

Felipina Niederaur Loureiro (Ortiz)

Alfredo Rico Loureiro

Sentadas:

Cacilda Niederaur Loureiro

(Freira Carmelita em P. Alegre)

Anita Loureiro Kruel (Azeredo)

Carlota Rico Loureiro (Bandeira)

Alvarina Loureiro Kruel (Solteira)

- 8- **João Schell Loureiro (Jango)**, do comércio, nasceu a 12-5-1881. Faleceu a 28-5-1913. Era casado com D. Anita Mattioli. Tiveram um filho que faleceu em tenra idade.

- 9- **Anna Christina Schell Loureiro (Nicota)** casou a 13-4-1905, aos 22 anos de idade, com Valencio D' Oliveira Xavier, criador, de 23 anos, filho legítimo de Fortunato Xavier de Castro, já falecido, e de D. Lucia Pureza de Oliveira Castro. Foram testemunhas Juvenal de Oliveira Xavier e João Schell. D. Anna

Christina faleceu a 23-8-1968, vitimada por edema agudo do pulmão, insuficiência ventricular e arteriosclerose. Foi seu médico o Dr. Telmo Ilha. O casal teve uma filha.

- 10- **Aurora Schell Loureiro** casou a 21-12-1904, aos 21 anos incompletos, com João Krueel, de 33 anos, negociante, resid. No município de S. Angelo, filho legítimo de João E. Krueel, falecido e de D. Izabel F. Krueel. Foram testemunhas Jacob Luiz Niederauer e Antonio Schell Loureiro. O casal teve 5 filhos. D. Aurora faleceu a 23-8-1953. João Krueel faleceu a 4-3-1958.
- 11- **Mario Schell Loureiro**, odontólogo, casou a 18-4-1920, aos 34 anos de idade, com D. Alany Peixoto, de 26 anos, filha legítima de Luiz Peixoto e de D. Pacífica Tatsch Peixoto. Foram testemunhas D. Emilia e Acyr Lima, Alvaro e D. Amazilia Azambuja. Vig^o. Padre Rafael Iop. O casal teve um filho. Mario Schell Loureiro faleceu em Porto Alegre a 21-2-1964.
- 12- **Adão Schell Loureiro**, comerciante, casou a 10-9-1913, aos 25 anos de idade, com D. Stela Ortiz Caminha, de 25 anos, filha legítima de João Gonçalves Caminha, falecido em Santa Maria e de D. Maria Ortiz Caminha, falecida em Passo Fundo. Foram testemunhas Antônio Manoel Caminha e Mário Schell Loureiro faleceu aos 39 anos de idade, a 3-8-1927, de insuficiência cardíaca. Foi seu médico o Dr. Godofredo Loenbergen. Declarou o óbito, Hugo Loureiro Lima. O casal teve uma filha.

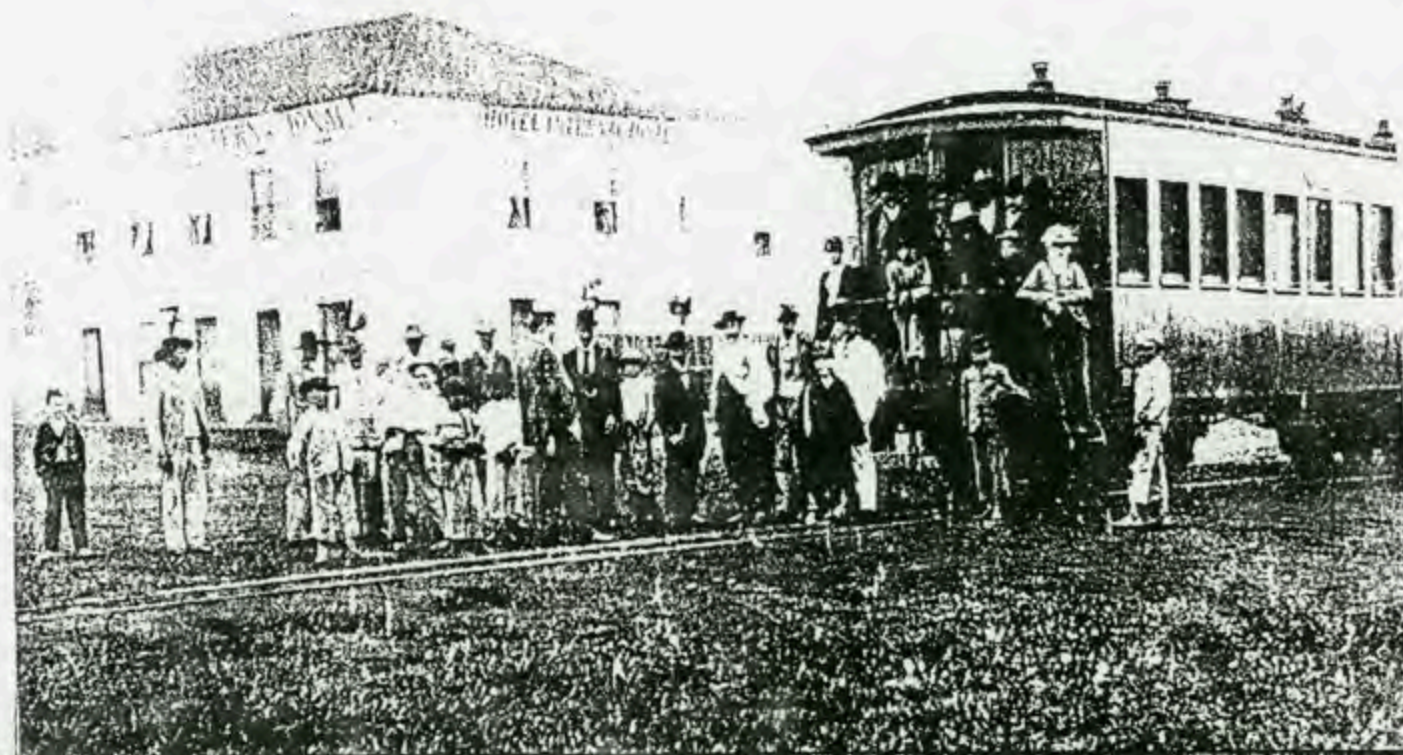


Foto de 1900 — No local da primeira parada de trem de Passo Fundo, hoje, entroncamento das Av. Brasil com Sete de Setembro.

1 — Conti, 2 — Antônio Manuel Caminha, 3 — João Issler 4 — Antônio José da Silva Loureiro (Barão), 5 — Osório de Moraes Silveira, 6 — Fernando Goelzer, 7 — Paulinho Costa

FELIPINA SCHELL e sua descendência

(Texto extraído do Livro Joham Adam Schell e sua descendência de
Marina Xavier e Oliveira Annes)

Felipina Schell nasceu a 3/4/1846, batizada a 10/10/1849 em Passo Fundo.

Filhos:

- 1- **Felipe Schell Loureiro**, fazendeiro no Estado do Paraná, nasceu a 25-12-1865. Batizado a 22-8-1866. Foram padrinhos Adam Schell e D. Anna Christina Schell, casou com D. Aurora Marcondes, filha de Brasileiro Marcondes Pimpão e de D. Ignácia do Amaral Marcondes. Tiveram 12 filhos. D. Aurora Marcondes faleceu a 2-4-1931 em Passo Fundo, aos 49 anos de idade, diagnóstico do Dr. Vergueiro, lesão cardíaca.



Foto de 1893. O último da esquerda é o "barãozinho" (Felipe Schell Loureiro)

- 2- **Emilia Schell Loureiro** casou aos 16 anos de idade, em, 14-5-1885, com Joaquim Gabriel de Oliveira Lima, de 34 anos, negociante, filho legítimo do Tem. Cel. Francisco de Oliveira Lima e de D. Francisca dos Santos Silva, residentes em Palmas, Província do Paraná, batizado na cidade de Faxina. Foram testemunhas o Cap. João de Vergueiro e Franklin Machado da Silva. Vigo. Thomaz de Souza Ramos. O casal teve 12 filhos. Joaquim Gabriel de

como é o caso das propriedades de Não-Me-Toque e Taquaral. A primeira, hoje município, lhe foi esbulhada sob a alegação de que fora mal selada o instrumento de compra, e a Segunda, não havendo furo para poderem tomá-la, intrusaram-na toda.

Antes de encerrar estes apontamentos, impõe-se um esclarecimento.

Deve causar estranheza a que ler os "ANAIIS" de Passo Fundo e nele não encontrar nenhuma referência a ANTONIO JOSÉ DA SILVA LOUREIRO, sua atuação e influência na vida deste, hoje, fenomenal e bendita terra.

Eis o motivo: quando foi escrito os anais ainda imperava no Rio Grande do Sul o coronelismo. Cada município ou região do Estado era uma espécie de Feudo entregue a um cacique, cognominado "coronel", chefe unipessoal do Partido Republicano, que diga-se de passagem, desgraçou este continente de São Pedro desde a Proclamação da República até o seu desaparecimento, aliás já bem tarde.

Esses coronéis, Senhores de barão e cutelo dos bens e das vidas dos moradores da região onde imperavam, perseguidores ferozes daqueles, que como meu avô, tinham a coragem de pertencer ao partido Federalista - OS INTIMORATOS MARAGATOS.

Passo Fundo não podia fugir à regra, tinha o seu coronel e sua indefectível camarilha, cujos figurantes tudo fazia para agradar ao seu chefe poderoso, prestando-se, despersonalizados como não podiam deixar de ser, para quaisquer serviços.

Dentre os integrantes da pantilha imperante, contava-se o
"HISTORIADOR DOS ANAIS"

autodidata, culto, inteligente e honesto, mas sobretudo um servilismo rastejante a seu chefe, Coronel da macega, Rábula, semi-analfabeto, solteiro e mentiroso. Ora, sendo nosso avô, com muita honra Maragato Militante, não podia o historiador falar nele porque, se o fizesse, seria para exaltá-lo, o que desagradaria sobremaneira o seu amo.

(posteriormente, depois da morte do tal coronel, o historiador confessou que tinha recebido insinuações suas para não mencionar o Barão em seu relato.) Ainda um por menor que ia me passando : O coronel chamava-se Gervásio Lucas Annes, e o historiador, Francisco Antônio Xavier e Oliveira.

Que Deus ou o diabo os tenha numa guampa de urina para não se deteriorarem.)

PAULINO COSTA 877

• B A R ã O •

REGISTRU
Como até hoje ninguém registrou nada sobre a pessoa exemplar, honesta e honrada de ANTONIO JOSÉ DA SILVA LOUREIRO - O BARÃO - que foi uma figura notável pela posição destacada que conquistou^{em} Passo Fundo, quer como industrial, comerciante, fazendeiro e exemplar chefe de família, nós nos comprometemos, conosco mesmo, a fazer um apanhado retrospectivo de sua passagem pela terra, para que muitos de seus descendentes, nascidos após o seu desaparecimento, conheçam e apreciem da cepa que lhes deu origem.

" Portugal - Jardim da Europa à beira-mar plantado ", segundo o linguajar magnífico do grande Camões. País engastado na parte ocidental da Península Ibérica, entre Espanha e o Oceano Atlântico, porta por onde enviou seus denodados marujos, " por mares nunca dantes navegados ", para escreverem grande epopéia no alargamento de seus domínios e conquista de novas e ricas terras. Nação pequenina de povo gigante, que dominou mares, descobriu vastas glebas e edificou grandes países.

Foi de lá que veio

ANTONIO JOSÉ DA SILVA LOUREIRO.

Ainda bem menino, foi ele, de Braga / onde nasceu, em 1835, para a cidade do Porto, trabalhar como empregado de um seu tio, que era comerciante, homem sisudo e austero. Tudo corria normalmente até o dia em que, no café da manhã, disse ao tio que não gostava de queijo (longe estava o menino de imaginar o quanto esta revelação iria ter influência no seu destino), o tio diante de tal confissão impôs - lhe, como castigo, passar uma semana comendo só - queijo com café. Sentindo-se injustiçado com o castigo, resolveu fugir.

No dia seguinte, embarcou, clandestinamente, num navio cargueiro que estava estivando - carregamento destinado ao Rio de Janeiro.

Dotado de imaginação fértil e ousadia desmedida, com apenas treze (13) anos de idade, já estava sob sua própria guarda para enfrentar o mundo, sem temor, e desassombro inaudito. Desembarcado no Rio de Janeiro, sem conhecidos ou apresentação, assim mesmo, logrou emprego numa casa de comércio da Praça da Alfândega. Sua vivência nesse ambiente muito lhe serviu de escola. Com o passar dos anos, azealhou algumas economias, o que lhe facilitou sua ida para o Estado de Minas Gerais, atraído pela notícia de grandes facilidades para bons negócios. Não tendo logrado êxito na sua tentativa ali, as procelas da vida trouxeram-no para o Rio Grande do Sul.

Circuntâncias fortuitas o levaram às margens do Rio Uruguai, na fronteira com a República Argentina, onde vislumbrou possibilidades de futuros negócios na exportação de madeira bruta, de cedro, que se fazia pela grande via fluvial. Empreendedor como era, subiu o grande rio e, à altura de Honoai, instalou-se. Extraiu madeira, organizou " balsas " e, como os outros comerciantes do ramo, aproveitando as enchentes do caudaloso Rio Uruguai, descia sobre aquele mostrengo, flutuando à superfície líquida da exuberante corrente até atingir mercado do produto extraído das gigantescas e verdejantes florestas dessa rica bacia. Esse mercado era, na Argentina, São Tomé e Passo de Los Libres, *na Argentina*

Seu empreendimento prosperou, tomou vulto e corria satisfatoriamente, mas, na descida da maior balsa que fizera, flutuando velozmente, a jangada precipitou-se contra as pedras da correnteza dos Macacos, espatifando-se, donde, ^{DEZ MILHÕES!} saiu somente ^{SALVOU-SE, JUNTAMENTE} com a vida e com os companheiros de jornada, dando graças ao Criador.

Perdeu tudo.

Empobrecido, de uma hora para outra, transferiu-se para Monoai e dedicou-se ao comércio de balcão, vendendo utilidades de que necessitava a população e comprando os produtos da zona, que vendia em Passo Fundo, para onde transportava tudo em carretas ou tropas de cargueiros, sempre com cargas de retorno para bom aproveitamento das viagens.

Em Passo Fundo, afreguesou-se na maior casa comercial que era do Sr. Adão Schell, homem adiantado e observador que, conhecendo logo a psicologia do seu jovem freguês, tudo lhe facilitou.

Em uma de suas vindas a Passo Fundo, em dia de chuva, ao chegar na casa comercial de Adão Schell, vestindo pala e botas, num desnível do solo, deu uma escorregadela e sentou-se no barro ! Ao levantar-se, deparou com duas pessoas que por trás do vidro de uma janela que estava em frente, que se divertiam com seu tombo.

Estavam elas, uma senhora e uma moça, ambas sorrindo, e ele, desapontado, morrendo de vergonha, também sorria ... e passou.

No dia seguinte, menos envergonhado, passou, sorriu e a moça também ...

Assim foi o encontro de duas cristu-
ras que se compreenderam, se uniram e constituíram -
um grande lar.

Adão Schell, vendo que seu freguês -
era homem de largos horizontes e futuro imprevisível e como tinha diversas filhas, e, sendo praxe, ofereceu-lhe uma de suas filhas em casamento. Foi chover no molhado ... pois já andava de olho ... aceitou a gentileza para noivar com a Srta. Filipina, que já -
era sua conhecida, uma das mais jovens. Houve tumulto na família porque as mais velhas é que estavam -
na vez ... mas, noivou com a sua eleita.

Noivo, transferiu a sede de suas atividades para Passo Fundo, já com melhor ajuda do futuro sogro. Casado, como era trabalhador e arrojado, prosperou vertiginosamente, tornando-se, para a época, homem de grandes negócios. Além de comerciante, tornou-se industrial nos ramos de curtume e artefatos de peles de animais silvestres e domésticos, olaria, sapataria e lombilharia. Instalou entre a casa e o seu curtume, em 1886, o primeiro telefone da cidade, e um dos primeiros do Estado.

Adquiriu inúmeras propriedades, grandes e pequenas, na cidade e na zona rural, para atividades agrícola e pastoril. Chegou a possuir mais de cem - (100) quadras de sesmarias de campo, afóra outras propriedades como NÃO-ME-TOQUE e TAQUARAL.

Construiu a melhor casa da cidade tendo para tanto, trazido da Europa artífices para construí-la.

Ainda hoje, passados mais de um século, é digna de admiração para os que tem a ventura de visitá-la. Alvenaria sólida, com pedras em volta até um metro de altura, largas calçadas de grandes lajes, platibandas e claras bandeirolas, portas, portais, cimahlãs trabalhadas, assim como as escadas; vidraças com guilhotinas^{com} contrapeso para serem levantadas sem esforço; peças grandes e amplos salões iluminados. É digno de menção que, em Passo Fundo, foi a casa que teve a primeira mobília de ébano, o primeiro piano, a primeira máquina de costura de pedal, a primeira estufa, a primeira lareira, as primeiras mangas de candelabro - com pingentes de cristal. Enfim, um magnífico solar, considerando-se a época e a situação.

O seu feliz consórcio com Filipina Hein Schell, nascida na Alemanha, por esse evento tornado - Schell Loureiro, originou uma progênie composta de doze (12) rebentos; sendo cinco (5) moças e sete (7) rapazes.

Casa alegre, animada, onde à noite faziam música, recitavam e tomavam chá para encerrar a noitada. Após casarem-se os filhos, surgiram os netos em grande número, que movimentaram ainda mais, o acolher solar. Como estas notas são concatenadas à guisa de comentário, não se pode deixar de registrar os nomes da prole do afortunado casal que constituiu padrão de lar brasileiro, conquanto mesclado de sangue germânico e luzitano, duas grandes raças.

O primogênito foi FELIPE, casado no Estado do Paraná com AURORA DO AMARAL MARCONDES, de cujo matrimônio houve doze (12) filhos : cinco moças e sete (7) rapazes;

O segundo, foi EMÍLIA, casada com JOAQUIM GABRIEL DE OLIVEIRA LIMA, havendo doze (12) rebentos: seis (6) moças e seis (6) rapazes; com dois pares de gêmeos;

O terceiro foi ANTONIO " (PUPE) ", casado com ALICE ISSLER, ambos jovens, ele com dezoito - (18) anos de idade, e ela com dezesseis (16) anos de idade, tiveram quatro (4) filhas;

O quarto, foi ADOLFO, casado com ERNESTINA " (PEPITA) " NIEDERAUER, tiveram três (3) herdeiros, duas (2) moças e um (1) rapaz;

O quinto, foi AUGUSTO, casado com CAR-
LOTA RICO, de cuja união existe cinco (5) filhos, -
sendo duas (2) moças e três (3) rapazes;

O sexto foi JOSEFINA, " (PICUCHA " casa
da com ARTUR SCHELL ISSLER " (TUTU) " que deram ao mun
do um (1) casal de filhos;

O sétimo foi LEONOR, casada com JUVENAL
DE OLIVEIRA XAVIER ^(VICA) e não deixaram descendentes;

O oitavo foi ANA CRISTINA " (NICOTA) " -
casada com VALÊNCIO DE OLIVEIRA XAVIER e tiveram ape-
nas uma (1) filha;

O nono foi JOÃO, casado com ANITA MA-/
TEOTTI, falecido prematuramente, sem deixar descenden
tes;

O décimo foi AURORA, casada com JOÃO -
FERNANDO KRUEL, e tiveram cinco (5) herdeiros, sendo,
três (3) moças e dois (2) varoões;

O décimo-primeiro foi MÁRIO, casado -
com ALANI PEIXOTO, e tiveram somente um (1) filho ho
mem;

O décimo-segundo foi, e último, ADÃO, ca
sado com ESTELA CAMINHA de cuja união tiveram somente
uma (1) filha.

No ano de 1910, o feliz casal comemorou suas BODAS de OURO com extraordinária festa, que durou vários dias, e na qual tomou parte toda a população da cidade. Para festejar o acontecimento, o velho BARÃO importou da Európa, principalmente de Portugal e Alemanha vinhos e especiarias. Nessa época sua descendência era constituída de quarenta e seis (46) netos e três (3) - bisnetos.

Foi monarquista estremado e tomou parte ativa ao lado das forças revolucionárias de 1893, às - quais incorporou alguns de seus filhos, sendo, por isso, muito visado pelos adversários. Esteve preso numa - estrebaria e ameaçado de ser degolado, ocasião em que - lhe apresentaram um papel para assinar, ^{PELO QUAL FEZ} fazendo cessão de toda a sua fortuna a determinadas pessoas, com a promessa de salvarem-lhe a vida, ao que ele respondeu :

" Poderei ser morto e roubado, mas de bobo ninguém - me fará " .

e devolveu o papel sem assiná-lo, enquanto - outros seus companheiros de prisão subscreveram o fami - gerado documento.

Logo em seguida, porém, graças a inter - ferência de amigos em Porto Alegre, foi solto, não antes de ter passado por maus momentos. Apesar de livre, continuou sendo vigiado por guardas mal encarados que ostensivamente acompanhavam seus passos. Não podendo - mais suportar a pressão dos donos da situação e da vi - gilância exercida em torno de sua pessoa, resolveu fu - gir.

Como ia diariamente à casa de seu cunhado João Schell, que residia em frente à sua, certo dia mandou preparar um cavalo, encilhado com todos os utensílios necessários, inclusive armas, e escondeu-o nos fundos da casa de João Schell. A hora costumeira, atravessou a rua, entrou na casa do cunhado, despediu-se saindo pelo fundo do quintal. Montou o animal e . . . quando o janízaro deu pela coisa, o velho BARÃO já estava longe . . .

Não podendo unir-se às forças de Gumer-/ cindo Saraiva, imigrou para a República Argentina, onde esteve dois anos, só retornando ao Brasil, depois da pacificação.

Constatada a sua fuga, os adversários Pica-Paus - dilapidaram seu respeitável patrimônio, roubando tudo quanto puderam carregar. Foram à sua residência, onde estava a família e ordenaram a abertura da casa de comércio, depósitos e armazéns e carregaram carroçadas e mais carroçadas, nada deixando, pois a ordem era

" tirar até o pão dos filhos do Barão. "

Concomitantemente, com o saque da casa, carregaram duas (2) mil cabeças de gado que povoavam a fazenda do " Valinho ", cortada pelo rio Passo Fundo e anexa à cidade, dali arrancando o arame das cercas e queimando as casas, deixando a fazenda completamente arrasada.

Logo após o saque, era comum ver-se cavalos de seus saqueadores à sogá em peças de tecidos roubados.

Se o Barão era um homem completo, sua companheira lhe era igual. Nada lhe faltava, era portadora de todas as virtudes de uma grande dama e dotada de máscula energia, pois assistiu a esse trágico - espetáculo sem desfalecimento. Foi uma forte que, com um marido imigrado, a casa comercial saqueada e a fazenda roubada e talada, não perdeu a serenidade, orientando e mantendo galhardamente a família em casa até o fim do trágico e sangrento episódio.

Quando os ladrões iniciaram o saque, - como os depósitos eram muito grandes e sortidos, ela, roubando à noite, dos saqueadores, organizou um depósito secreto com provisões, principalmente sal e açúcar, que deram para manter a família, com muita parcimonia, é verdade, durante o tempo martirizante que durou a revolução.

Exaltando a marcante energia da grande Dama, floriam virtudes de seu nobre coração que, além de ter forças para suportar os pesados sofrimentos, - ainda

" semeava o bem sem olhar a quem".

E a bondade desse grande coração mais uma vez se manifestou, sem rancor, no dia da entrada das forças revolucionárias em Passo Fundo: numa sublime e empolgante demonstração de solidariedade humana,

... solidariedade humana, abrigou a ilustre Dama, a todas as pessoas que necessitavam-guarida, inclusive a uma Senhora que a pouco dera-à luz uma criança e que outra não era senão a espo-sa do chefe dos perseguidores do seu marido.

Antonio José da Silva Loureiro, era homem decidido, resoluto, desassombrado. Não se in-timidava, nem se deixava vencer, pacificada a si-/tuação reinante, retornou da Argentina, onde conti-nuou trabalhando, trazendo, ^{QUANDO RETORNOU PARA P. FUNDO} ^{QUANDO RETORNOU PARA P. FUNDO} uma manada de quinhem-/tas (500) éguas para povoar a fazenda. Até aí se constata o descortino e alcance comercial de nos-so avô. Não havendo mercado para gado vacum, ele-povoou seus campos com éguas, iniciando a criação de mulas, animais de grande procura nos cafezais-de São Paulo.

De Porto Alegre, onde gozava de só-lido crédito, trouxe grande sortimento para a ca-sa comercial, que entrou novamente em atividades. Foi como a FENIX da lenda:

" Ressurgiu das próprias cinzas " .

Dirigiu seu estabelecimento até o seu esgotamento pela idade quando passou-o para-seu último filho Adão, extinguindo-se com o fa-lecimento prematuro deste. Digno também de regis-tro foi o seu gesto libertando os escravos muito antes da Abolição da Escravatura.

No decorrer do ano de 1919, já velho e cansado, ficou doente.

Chamado o médico, este, após examiná-lo, disse: " Não há doença, é natureza gasta. Nada tenho a fazer ... ", e em vinte e cinco (25) de novembro de mil novecentos e dezenove (1919), contando oitenta e quatro (84) anos de idade, como um justo - essa criatura excelça, conformado, entregou a alma a Deus, ele que foi um bravo, que lutou espetacularmente contra a procelas da vida, conquistando vasto patrimônio, constituindo grande e numerosa família, e legando para a sua descendência um respeitável nome - que muito nos honramos em assinar.

Não foi só durante a revolução que o velho Barão sofreu em seus bens. Terminado o conflito, continuaram a perseguí-lo os Senhores detentores do poder, como é o caso das propriedades de Não-Me- / Toque e Taquaral. Aprimeira, hoje município, lhe foi esbulhada sob a alegação de que fora mal selada o - instrumento de compra, e a segunda, não havendo furo para poderem tomá-la, intrusaram-na toda.

Antes de encerrar estes apontamentos, impõe-se um esclarecimento:

Deve causar estranheza a quem ler os " ANAIS " de Passo Fundo e nele não encontrar nenhuma referência a ANTONIO JOSE DA SILVA LOUREIRO, sua atuação e influência na vida desta, hoje, fenomenal e bendita terra.

Eis o motivo: quando foi escrito os Anais ainda imperava no Rio Grande do Sul o coronelismo. Cada município ou região do Estado era uma espécie de Feudo entregue a um cacique, cognominado " Coronél ", chefe unipessoal do Partido Republicano, que diga-se de passagem, desgraçou este continente de São Pedro desde a Proclamação da República até o seu desaparecimento, aliás já bem tarde !

Esses coronéis, Senhores de barão e cutelo dos bens e das vidas dos moradores da região onde imperavam, perseguidores ferozes daqueles, que como meu avô, tinham a coragem de pertencer ao Partido Federalista - OS INTIMORATOS MARAGATOS.

Passo Fundo não podia fugir à regra: tinha o seu Coronél e sua indefectível camarilha, cujos figurantes tudo faziam para agradar ao seu chefe poderoso, prestando-se, despersonalizados como não podiam deixar de ser, para quaisquer serviços.

Dentre os integrantes da pandilha imperante, contava-se o

" HISTORIADOR DOS ANAIS " ,

autodidata, culto, inteli gente e honesto, mas sobretudo, de um servilismo rastejante a seu chefe, Coronél da macega, rábu la, semi-analfabeto, solerte e maneiroso. Ora, - sendo nosso avô, com muita honra Maragato Mili- / tante, não podia o Historiador falar^{NELE} porque, se o fizesse, seria para exaltá-lo, o que desagrada ria sobremaneira a seu amo.

(posteriormente, depois da morte do tal Coronél, o Historiador confessou que havia recebido insi- nuações suas para não mencionar o Barão em seu - relato.) Ainda um pormenor que ia me passando: O Coronél chamava-se Gervásio Lucas Annes, e o His- toriador, Francisco Antonino Xavier e Oliveira . Que Deus ou o Diabo os tenha numa guampa de uri- na para não se deteriorarem.)

Anotações sobre

"O BARÃO"

por Alfredo Rico Loureiro

1964

28 JANEIRO

1964

TERÇA-FEIRA

ANA CRISTINA (Aninha) casou com Luiz Morsch Von Steinnach, natural de Birkenfeld, grão-ducado de Oldemburgo, Alemanha. Era médico. filhos: Eugênia Albertina c/c Pedro → Gabriel de Oliveira Lima (de Faxina) filhos Cláudio c/c Estina Falkembach, Trajano c/c Josfina Miranda, Otacíano (Otacíano) c/c Maria Georgina Oliveira Carrão, Vespasiano (solt.) Alzira solt., Alcides c/c Alice Mesquita Issler, Leonor c/c Engrácio Dias Menezes (vivo), Iria c/c Amador Bueno de Araújo, Pedro solt., Cassiano solt., Ana c/c Adrialdo Fernandes, Valdomiro (solt.)

Cadinhos de Grafite MACAM

1964

29 JANEIRO

1964

QUARTA-FEIRA

→ Georgina Eliza¹⁸ c/c Francisco Gabriel⁶⁵ de Oliveira Lima - Tiveram 5 filhos.
 → Guilhermina Adelaide¹⁵ c/c Ricardo Max Bruno Rohne, natural da Alemanha. Filha única - Lidia c/c dep. Lucídio Ramos.
 → Emília Dorothea c/c Vidal Pereira do Pilar (tio-avô Jorge Pilar Bandarra) s/ descendência.
 → Luiz M. F.º (Luliu) c/c Estelvina de Oliveira Lima (f.º de Manoel João de Oliveira Lima e Felipina O. Lima). Era médico prático licenciado. Filhos: João (faleceu inf.)
Djalma c/c Constance Mourira
Ana Cristina faleceu q 2 anos ^{cupe}
Concordia (Cotinha) c/c Paulo Oliveira Carrão.
Luiz L. M. c/c Joseline Della Mía (f.º de Florêncio e Maneta Della Mía).

Cadinhos de Carbureto de Silício — MACAM ULTRA

→ Sebu2

1964

30 JANEIRO

1964

1964

31 JANEIRO

1964

QUINTA-FEIRA

SEXTA-FEIRA

Francisco L. M. c/c Maria Souza Vasconcellos. Tiveram 8 filhos:

Alberto s/ descendência.

⊗ Lidia fal. s/ desc. Solt.

Emilia c/c Vicente Dal Pont s/ desc.

Angelo Deoclécio f. Solt.

Jandira f. Solt.

→ Adão Morsch (Adam Waldemar Ludwig) c/c. Orientina Diaz Farcez s/ desc.

→ Ana Cristina M. c/c Marcelo Fueno.

→ Albertina Wilibaldine Catharina faleceu c/ 8 anos de idade. Embalsava-se numa rede, caiu, batendo a cabeça no soalho, tendo morte instantânea.

Oxigênio — líquido e gasoso

FELIPINA casou com Antônio José da Silva Loureiro (f. de Domingo José Loureiro e Thomázia Maria Silva) natural de Portugal, Freguesia de S. Christina da Pureza. (BARÃO)

Filhos: Felipe c/c Aurora Marcondes Pimpão. Tiveram 12 filhos →

EMILIA¹⁶ c/c Joaquim Gabriel de Oliveira Lima³⁴, filho tre. cel. Francisco de Oliveira Lima e de d. Francisca dos Santos Silva. O casal teve 12 filhos.

Nhõ-Quim 28-12-1851 = 69 anos
6-6-1920

ANTÔNIO

BRASILEIRO

SAO

MÁRIO

MARIA (MARINHA)

JULIA

SANTA

INACIO

Maçaricos para escarfagem

1964

2 FEVEREIRO

1964

DOMINGO

LEOPOLDINA c/c Guilherme Morsch31-3-1848
18-8-1886fz de Catarina e Francisco José
Morsch von Steinnachfilhos: Anna Cristina c/c Agnello
Corrêa (nat: de Funcha, Ilha de Madeira)Arthur c/c Maria Leopoldina Lima
filha de Francisco de Ol. Lima e Umbelina O.
Lima.(JANGOLIMA)
Elisa c/c João Evangelista de Oliveira
Lima, filho José Francisco de
Oliveira Lima e Umbelina de Oliveira
Lima.Fos: Mario, Aristóteles, Acyr,
Neres e Moisés.LEOPOLDINA c/c dr. Luiz Será-
phico de Assis Carvalho (Pernamb.)
Foram p: S. Paulo (5 filhos)

Carbureto — diversas granulações

1964

3 FEVEREIRO

1964

SEGUNDA-FEIRA

Ernesto c/c Lucinda da Silva Rocha
5-8-1876/58 (filha cd. Diogo e Anna Oliveira
Rocha)
filhos: Alberto, Heili, Diogo, Pe. Arthur, Fritz, Carlos; JulitaAmanda faleceu aos 83 anos, solteira. (gosta)Arminda c/c ~~João~~ Inocêncio Scheleder
(duas filhas)Vicentina (Vicenta) c/c Emilio Stigler
(ex-marista prof.)
(duas filhas)Elvira faleceu aos 59 anos, solteira.Otilia c/c Pedro Karkow

Argônio — indústria de lâmpadas

1964

4 FEVEREIRO

1964

1964

5 FEVEREIRO

1964

TERÇA-FEIRA

QUARTA-FEIRA

Im JORGE SCHELL c/c Cândida

19-11-1832

14-9-1897

Francisca

Araújo

(ver Araújo)

pais de:

→ Adão S. Neto c/c s/ prima Ernestina Adolphina (f. de Guilherme Cândida)

filhos: Adão (Neno) Solt. surdo-mudo,

João (1010) Solt. " "

Jorge faleceu c/ 6 anos

Alzira faleceu c/ 1 ano

Aura faleceu c/ 2 anos.

Maria Eliza (Vona) f. solta

→ Manoel (Maneco) c/c Celília Severo

for Jorge + Hilda e João

Jorge S Schell c/c. Maria Eliza

Schell Oliveira (Tica) f. de Joaquim

e Celília Oliveira. Maria Eliza

fri criada pelo Major João Schell

s/ descendência

Canalizações de oxigênio — Hospitais

→ Hilda - faleceu na infância

→ João Timóteo (Neni) faleceu Solt:

→ Manoel (Maneco) c/ 2^{as} miopia
c/ Amantina Francisca Soares

filhos: Maria de Jesus - Julio -

Tracema - e Alcides - Juvenal

Cacilda.

→ Maria Eliza c/c Lino Pacheco de
Quadros.

Filhos: Alvaro (Lili) c/c Geni Leite,

≡ filhos: Odete c/c. Herculano Trin-

dade F. (f. Herc. Trindade e Lucin-

da Lima T.) Seely c/c Leandro

Monteiro Mirel. (Tereza)

João c/c Sara Pizzato

Carlos Danilo c/c Maria Prado

Raul c/c. Maria Kasper

≡ Joaquina c/c Jovino de Quadros

filhos Jovina c/c. Homero Magalhães

Óculos — lentes — máscaras — Marca MACAM

Mozena c/ Italo Bevilacqua

1964

6 FEVEREIRO

1964

QUINTA-FEIRA

- ≡ Cecília c/c Vitorino Reisi-
lleaux
- = Aida c/c José Mari. Lu Albu-
querque
- = Ismael c/c Dileta Peviatte
S/desc.
- = Luiz Carlos faleceu Solt.
- = Ernhida (Laidinha) Solt.

→ LINO (Lininho) c/c. Judith Giffoni
Portaluppi.
fos. Nilo - bancário - apos.
Lenita c/c. Silvio Du Bois
Denise c/c. Moreno Chaise
Honorina bancária Solt.

→ AMÉLIA c/c Hippolito Reveilleaux
Mercurio de Antonia Miranda
S/desc.

→ CÂNDIDA (candoca) c/c.
João Henrique Habkost

Demonstradores de soldas — disponha, consulte o DST

1964

7 FEVEREIRO

1964

SEXTA-FEIRA

- VICENTE faleceu infância 3
- Filipe " " 1
- João c/c Jurelina Helena de Azevedo
filhos: Noemia Solt.
- Mario c/c. Olimpia Ronchi
filhos: Leônidas c/c Glevine Pacheco
(Luciano - Ave)
Eladis c/c Carino Corso
Benis Solt.
- ONDINA c/c. Hippolito Reveilleaux
e Antonia Souza
filhos: Maria Eloch c/c Adb
Simão S/d.
Luiz - faleceu Famos
Alceu " 12 "
Cicero c/c. Maria de
Lourdes Mezzomo
Liana Solt.
- Orlando c/c Maria (f. de Otavio
Solt)
fos. José Solt.
Mariza
Marfisa
Roguet grátis

Escolas de Solda p/ seus operários — grátis

1964

8 FEVEREIRO

1964

SÁBADO

— Cacilda c/c. Murilo Ferreira
Silva: filhos

Francisco de Assis
Marie de Lourdes
Vicente de Paula
Luiz Benedito - f. nenê
João Jorge Solt.
Pedro Paulo Solt.

— Hilda (solt^a)

→ ~~Vicente faleceu infância~~
FRANCISCA (chiquinha) Solt. 77 anos

→ Georgina c/c Horacio Ogayar

→ Ana Cristina (Zaiá) c/c Policarpo
Ferreira da Silva (Poli) s/desc.

1964

9 FEVEREIRO

1964

DOMINGO

EMILIA (filha de Filipina e Barão) casou com
Joaquim Gabriel de Oliveira Lima (NHÔ-QUIM)

FILHOS!

ARMANDO⁺ c/c Priscila Cavalheiro:

→ Joaquim - Antonio Augusto - José Carlos - Maria Emilia
(Maria Augusta)

ANTÔNIO⁺ (Totonho) c/c Celina Krauel Peres

Aglê⁺ - Armando⁺ - Athos⁺ - Anadir⁺ - Américo⁺

AUGUSTO⁺ c/c Almira Magalhães:

Francisco⁺ - Maria Augusta - Paulo

MORENO⁺ (Bernardina Ortiz):

João Alberto⁺ - Anselmo Vital

LAVRO⁺ (Maria Ambrosina Pinto de Moraes)

Jeanete - Luiz Benedito⁺ - Hurbano -
Eletrodos para arco submerso Unionmelt

Fernando - Roberto

1964

10 FEVEREIRO

1964

1964

11 FEVEREIRO

1964

SEGUNDA-FEIRA

TERÇA-FEIRA

HUGO⁺ { Regina Pinto de Moraes: Cláudia
 Fede Magalhães: Hugo Roberto,
 Ricardo⁺ - Geraldo - Marisa⁺ - Eduardo
 Jeda Maria - Eloisa Maria - Nelson

FELIPA⁺ (Antenor Amnes)⁺
 Elias Rebelo Aberta⁺: Marília,
FILIPINA Elias (Eliazit.) - Aloísio.

LAURA⁺ (Antonio Rittencourt de Azam-
 buja: José⁺
 Volpiano - Honorina - Laurinda

JULIETA⁺ (Adalberto Moojen Dutra):
 Antonio Carlos - Adalberto - Alvaro - Alceu -
 Antonio Augusto - Armando - Alberto
 Maria Amélia.

CORINA⁺ (Edgar Luiz Schneider):
 Emilia Alice - Fernando Jorge - Regina Laura -
 Sérgio Paulo.

EUGENI⁺ (Justo José Galves):
 Carlos - Júlio - Justo José - Marcelo

NOEMY⁺ (Aparício Langaro)
 Luiz - Helena - Raul.

1964

12 FEVEREIRO

QUARTA-FEIRA

1964

1964

13 FEVEREIRO

1964

QUINTA-FEIRA

FAMÍLIA dos LIMA

FRANCISCO de OLIVEIRA LIMA

Tme. Cel. da Guarda Nacional Imperial

FRANCISCA dos SANTOS SILVA <sup>foi criada e educada
por sua madrinha
Marquesa dos Santos.</sup>

todos os filhos nasceram na Fazenda Pirutuba,
perto de Itararé, no município de FAXINA
(hoje cidade JTAPEVA) Est. de São Paulo.

MANOEL JOÃO Gabriel (Filipa Pinto)

ANTONIO Gabriel (Totô) Maria Priscila Barros
Miranda (Zica)

PEDRO Gabriel c/c Eugênia Schell Morsch

JOAQUIM Gabriel c/c (NHÔ-QUIM)
c/c. Emília Loureiro

MARIA ESCOLÁSTICA c/c. Barão do Rio Pardo

1964

14 FEVEREIRO

1964

SEXTA-FEIRA

ANA CÂNDIDA c/c. Cel. Vicente Trindade,
fundador da cidade Fartura -
S. Paulo:

filhos: Adriano - Brasilio - Camiano (camis)
Domiciana (sinhica) (Herculano Sec) -
Francisca - Gabriela (Virgilio Pires de Campos)

UMBELINA (casou c/ tio José Gabriel
irmão do pai Franc. O. Lima)

BRASILÍSEA casou c/ Major

João Cipriano da Rocha Loures,
fundador da cidade de Nonoai (RS)

1964

15 FEVEREIRO

1964

SÁBADO

FAMÍLIA LANGARO

Os Langaro vieram para o Brasil em 1886,
como imigrantes, por conta própria.

Florindo Langaro e a esposa Rosa Giordano
Langaro eram naturais de Vicenza, onde
nasceram os filhos LUIZ, FRANCISCO, JOÃO
MARGARIDA e ALBERTO.

Vieram para o Brasil onde já encontraram
os irmãos mais moços de Florindo:

Frederico (bisavô de Alcino Ughini, pai de Querino,
Pedro e Luiz) Ferdinando e José (pai de
Caetano e Fiorillo) que casou duas vezes:

Fornos basculantes — garantidos

Com um Italiano e um descendente de Buenos

1964

16 FEVEREIRO

1964

DOMINGO

de cujas uniões resultaram em mais de 20 filhos.

FLORIANO e ROSA tiveram 5 filhos:

Luiz - Francisco - João - Margarida e Alberto.

1) LUÍZ casado com Marieta Grezzana (de Verona) filhos:

Aparício c/c. Noemy Lima: LUÍZ - Helene - Raul

Tereza c/c. Mario Santos: Gezilda, Célia e Filmar

Rosa c/c. Almirão Filho: Felmo e Maria

Maurício c/c. Cince Gomes: Circinha (catolice)

Arthur c/c. Janira; Lourdes

Jracema c/c. Olinto Oliveira: Fernando, Paulo, João Carlos, Terezinha

Produtos para automóveis — 3M — cola

1964

17 FEVEREIRO

1964

SEGUNDA-FEIRA

2) Francisco faleceu, ainda jovem, em Antonio Prad.

3) JOÃO casado com Anita Matiotti Marchionatti, filhos:

Dionísio c/c Alice Caetano: João Carlos e Sergio

Armário c/c. Inaira Stivens: Anete

OLGA c/c David Benincá: Anita

Ambrosina c/c Vitor Leão Benincá: Carlos Alberto e Luiz Fernando.

4) MARGARIDA c/c. José Raggio (fundador da Tapera)

Terezinha

Argemiro

João

Julia

Buchas e Tarugos — bronze

Branca .1 .10 .0 +1.1

Branca

Zolman c/ A F. S. S. G. T. 115

1964

18 FEVEREIRO

1964

TERÇA-FEIRA

5) ALBERTO c/c Marieta Mattioli Marchionatti.

Waldemar c/c Helena Goelzer Engelring:
Valena, Alberto, Marlene, Edgar, Cesar,
Valda Marieta e Eduardo.

Alberto faleceu ainda criança.

Heda c/c Evaristo Tagliari:
Alberto, Vera Terejinha, Cliviano, e
Paulo.

DINO c/c Ilma Falkembach:
Vitor Hugo e Maria Helena

Margarida (Solteira).

1964

19 FEVEREIRO

1964

QUARTA-FEIRA

Na época, política:

Obs: A 15 de 11 de 1890, na época,
eram 15 deputados p^o a Assembleia Con-
stituinte Republicana, entre os quais!
Julio Costalbas, Domitio Ribeiro,
Assim Aguiar, Thomas Flores, Jorge de Mele-
ros, e Fernando Abbot e os Senadores
Dirceu Machado e Bacconello.

1964

22 FEVEREIRO

1964

SÁBADO

1964

23 FEVEREIRO

1964

DOMINGO

Aparício Langaro 2-9-1894
16-10-1976

Neemy Loureiro Lima 26-11-1897
1-7-1971

casaram em 30-06-1917:

filhos:

LUIZ - 25-04-1919

HELENA - 25-03-1921

RAUL - 25-04-1923

MEMORANDO

MEMORANDO

LEOPOLDINA SCHEBL

c/c. Guilherme Marsch

Anna Cristina c/c Agnês Corêa.filhos: Arthur c/c Maria Leopoldina Lima
Eliana c/c. João Evangelista de Oliveira
Rima: Mario, Aristóteles, Acyr, Verus
Moisés.Leopoldina c/c. Luiz Serafco Nino Cavalho:Cemesto c/c. Lucinda Silva Rocha: Alberto,
Heilic, ^{Arthur} Diego, Frederico, Carlos... Juliete Gomes.Armanda c/c. Inocência Scholender:

Armanda e Leopoldina c/c. Antonio Carlos

Menne Zanetti: filhos:

Ney c/c. Flávia Misteallo:José Luiz c/c. ^{CRZYBOWSKI} Luiz Laura (Roberta e Regina)Marcos (+) - Verlyla c/c. Jairo Duarte Gibilen
(Rafael e Gabriel).

Liz Antonio c/c Clarissa Ostrowski:
(Clarissa e Justino.)

Diva c/c. Justino Kauer; Maria Helena.

Judith M. B. Mancuso.

Maria Odete c/c. Lamilo Couto Camargo:
Maria Ester e Marcus

Elsa c/c. Archildo ^{vulgo} Pinheiro;

Ana Maria c/c. Miguel Schaeffer.

Antonio Carlos M.B.P. c/c Carmen Bueno:
Carla e Antonio Victor

MEMORANDO

FAMÍLIA BERTHIER de ALMEIDA

MESSIAS Berthier Almeida
c/c Abelina Vaz
fide

filhos:

- 1) Alice c/c Pimenton: Lucila, Antonio, Hug, Sônia
- 2) Ernestina c/c R. Vergara: Lourdes, Lucila.

3) Álvaro c/c Alice:

(pi de palha)

Nair c/c Arno Endrus: Marly - Nina RosaEmo c/c Ady: Rosane, Rosamunda, XUXU.
Alberto e Rosalina.Ruth c/c Moisés Satti: Magda e Marc
AurilioNeuza c/c Ely Soares: Dina, Armando,
Vera Regina e Paul RobertoAlice c/c Emio Machado: Carmen Nidia

Cabeça Cortadora Soldox 202

Mania (Soll)

JOHE c/c Walter Zois: Marcos, Tibério

MEMORANDO

em 2ª nupcias Álvaro c/c Lourna:Edson c/c Idéia Oliveira:
Rodrigo (adotado)
Edson e Alba.4) HENORINA c/c Joxi Agostinelli: Helio
Jenny
Jeda5) Ana Marieta c/c Emílio Piuosi: Emio
(crazy) Namiar
Emy.6) Maria de Piedade c/c Zefero Giusti: s/desc.7) CARMELITA c/c Venâncio Sattos: Carmen. Wilson
Plinio e Jeda8) Mercedes c/c João Carlos Marques:
Tereza c/c Jorge Almeida F.º (f.º aditiv.)
Clandio (Soll.)

(Segue)

Fornos basculantes — garantidos

MEMORANDO

MEMORANDO

9) ALBERTO c/c. Mariana Winckler:

Noêmia c/c. Fernando Guedes:

Liana Regina c/c. Antonio Bonacci

Maria Helena c/c. João Fabiano

Luiz Alberto c/c. Maria Beatriz Lima Lima

MOREHA c/c. Aracy Alves:

Beatriz - Luiz Alberto - Pedro Ernesto

NOEMY c/c. Arelde Stumpf:

Guilherme Alberto c/c. Vera Pimentel
Luiz Luiz c/c. Paulo Fernandes

ARTHUR } c/c. Odete: Alberto

} c/c. Hilda Santa Müller; Arthur e
Marta c/c. Ivan Tedesco

JORGE c/c. Ivone Gonçalves:

Juliana, Jackie
Produtos para automóveis 3M — cola
Zorginho.

Società Italiana "Folanda Margherita di
Savòia" foi fundada em 26-05-1901

atualmente à rua Morom 1579 (onde funciona ^{hoje} a
Loja Zuri).

Em 30-10-1927 a Società Italiana passou
para a nova e atual sede sede social à rua
Rento Gonçalves, 568 com a denominação
de Clube Caiçoval em 1929. 26-5-1928.

Buchas e Tarugos — bronze

1964

18 JANEIRO

1964

1964

19 JANEIRO

1964

SABADO

DOMINGO

EMILIA c/c. Cap. Manoel José de Araújo.

filhos: Ana Cristina c/c. dr. Benedito Marques Silva Acauã F^o.

Luiza Emilia c/c. dr. Benedito Marques Silva Acauã F^o.

Ambrosina Emilia c/c. José Pinto de Moraes.

Etelvina Emilia c/c. Jervânio Lucas Amnes.

Carolina Emilia c/c. João Verqueiro.

Eduardo Manoel c/c.

Mariana Eufrosina Garcez Bueno (Inhazinha).

Daniel Manoel c/c. Josefine Rocha Ribeiro.

- Lucinda Emilia c/c. Gabriel Pereira Costa Bastos.

- Antonio Manoel c/c. Noemy Ciras.

Ana Cristina e Benedito Marques tiveram uma filha Cândida Cristina c/c. Antonio Leão da Costa Ferreira, natural de P.A.

Luiza Emilia e Benedito M.S. Acauã F^o (vovo de Ana Cristina) - filhos:

- Ana Cristina Araújo Acauã (Vazinha) Solt^a

- Corina - Solt^a

- Elvira (Nena) casou 1^o c/ Benedito Pinto de Moraes (Quato) e em 2^a núpcias c/ Saldídio Caldeira.

- Luiza (Luizinha) c/c. Athanagildo Rodrigues da Silva. Sem descendência.

Ambrosina Emilia e José Pinto de Moraes (Juca Pinto) - filhos: - - - -

Equipamento para Solda Elétrica — Soldarc

1964

20 JANEIRO

1964

SEGUNDA-FEIRA

- Oscar P. de Morais era médico e farmacêutico (prático), trabalhava c/ seu irmão Miguel (Zôta) - solto.
- Otávio
- Honorina (Eurica) c/c Júlio Edelo de Carvalho, sem descendentes.
- Benedito (Auito) c/c Elvira de Araújo Acauã f. do dr. Benedito Marques Silva Acauã F. e de Suzete Emilia A. Acauã.
Filhos: Maria Ambrosina c/c Laura Loureiro Lima,
Aldo c/c Leonor Pinto
Jesus c/c Natucos Zirbes
Cloris c/c Inolite Morais
Nilza - solta.
- Ambrosina (Picucha) c/c Osório Silveira em 1^ª nupcias e em 2^ª nupcias c/c o cel. Gervásio Lucas Amos

Eletrodos para tôdas as finalidades — Soldarc

1964

21 JANEIRO

1964

TERÇA-FEIRA

- Emília c/c trn. cel. Pedro Lopes de Oliveira
filhos: Pedro f. (Pedrinho) c/c Carmen Costa
f. do dr. Ney Lima Costa e Paisita Eichenber,
Hilda c/c João Callage
Maria Emilia c/c Jrmeu Vas-
Concellos (f. de Armando Vasconcelos) e Rafaela
Magalhães Vasconcelos.
Lucila c/c Brasilico Gabriel de
Oliveira Lima (f. de João Gabriel) filhos:
Araçy c/c Estelito Sornelles. Jupya c/c
Brasilice Fe Sornelles. Jurema c/c
Paulo Coutinho. Candorri c/c Thalita
Monteiro. Cecem solta. Genura
- José P. de Morais c/c Anna Maria Leite
filhos: Regina c/c Hugo Loureiro Lima.
Nair c/c Luiz Bollick eng.
Edir c/c Cândida Albuquerque
(Cambéa)
Ambrosina c/c Carlos Abreu
Helvidio cel. exército, c/c
Pó MACAM Branco para ligas de cobre
Gley Siffoni

1964

16 JANEIRO

1964

QUINTA-FEIRA

MARIA não teve descendentes.

JORGE casou c/ d. Candinha (Cândida
Francisca Araujo em 9-2-1861.

filhos: Adão c/c. Ernestina Adolphine Schell
Manoel (Maneco) c/c. Cecília Severo.
Maria Elisa c/c. Lino Pacheco Buidros
Amélia c/c. Hyppólito Reiveillaux
Cândida (Candoca) c/c. João Ben-
rique Habkost.
Vicente e Felipe (solteiros)
João S. Sob. c/c. Juvenília Helena
de Quadros.
Francisca (Chiquinha)
Georgina c/c. Horácio Ogayar
ANNA Cristina (IAIÁ) c/c.
Polícarpo Ferreira Silva.

Talhas — Guindastes — Pontes Rolantes

1964

17 JANEIRO

1964

SEXTA-FEIRA

JOÃO c/c Maria Elisa Heim (sua prima)
Não teve descendência.

GUILHERME c/c. Rafaela Eulália Ferreira
Barcelos.

Filhos: Cecília c/c. Henry Marschall

Amacristina c/c. Joaquim José
Felizardo Junior.

Israel (Lacé) Solt.

Maria Izabel Solt.

△ pais de Ascência Felizardo Prestes
casada com o dr. Antonio Pereira Prestes,
progenitores do famoso líder comunista
Luiz Carlos Prestes.

tio materno
de Luiz Carlos
Prestes.

Revestimento Haynes Stellite — peças que não acabam

1964

12 JANEIRO

1964

DOMINGO

O casal residiu em Bom Retiro (Froti), depois em Rio Pardo e depois fixaram-se em P. Fundo em 1834 ou 36.

Pelo fato do R. S. Sul estar em guerra, o casal emigrou p^o Montevideu (Uruguai) em 1838-39.

De regresso ao Brasil, reabriu sua casa comercial, tendo como sócio o genro e antigo empregado Antonio José da Silva Loureiro

Adão Schell (evangélico) e sua esposa Ana Cristina foi o 1^o casal estrangeiro a povoar P. Fundo, onde fundou a Loja Maçônica Concórdia III, tendo sido seu 1^o Venerável.

Processo oxiacetilênico — 50 anos no Brasil

1964

13 JANEIRO

1964

SEGUNDA-FEIRA

Filhos de Adão e Ana Cristina:

- **MARIA** nascida a 16-11-1831.
- **JORGE** nasceu em S. Leopoldo a 19-11-1832 e faleceu em P.F. 14-9-1897. casou com Cândida Francisca Araujo (D. Candinha).
- **GUILHERME** nasceu 15-9-1835 em Cachoeira e faleceu em P.A. em 11-5-1892.
~~EMÍLIA~~ Casou em P.A. c/ Rafaela Eulália Freire Barcellos em 4-5-1868, filha do dr. Israel Rodrigues Barcellos e de d. Maria Josepha da Silva Freire.
- **EMÍLIA** nasceu 5-1-1838 e faleceu a 10-2-1903, Casou-se com o Cap. Manoel José de Araujo.
- **MARIA LUIZA** nasceu em 16-11-1840 e faleceu 1-11-1915. Casou-se com Gustavo Wirmond. Descendência o sob: Ciro Schell.

→ **ISAAC** Canalizações Centralizadas — economia
ad. Maria Plise (trime) na terra

filhos de Adão e Ana Cristina

1964

14 JANEIRO

1964

TERÇA-FEIRA

- **ANA CRISTINA** nasceu 24-3-1844 e faleceu a 4-11-1885. Casou-se com Luiz Marsch von Steinach. (irmão de Guilherme Marsch).

- **FILIPINA** nasceu 3-4-1846 e faleceu a 6-2-1918. Casou-se com António José da Silva Loureiro (BARÃO), natural da Freguesia de S. Cristina da Pareda, Portugal. Era filho de Domingo José Loureiro e Thomazia Maria da Silva.

Barão foi comerciante e industrialista. Delegado de polícia em 1892.

- **LEOPOLDINA** nasceu 31-3-1848 e faleceu a 18-8-1886. Casou-se com Guilherme Marsch, filho de Francisco José Marsch von Steinach e d. Catharina M. von S.

Canalizações para hospitais — consulte

1964

15 JANEIRO

1964

QUARTA-FEIRA

Guilherme Marsch nasceu em Baumbolder, Birkensfeld, região de Hunsrueck, Reno, Alemanha em 28-12-1842 e faleceu em P. Fundo (onde residia desde 1864) em 9-1-1928.

Geradores de Acetileno — o tipo que lhe convém

1964

22 JANEIRO

1964

QUARTA-FEIRA

- Emira - faleceu aos 2 anos de idade
- Miguel (fota) c/c. Rita Magalhães
filhos: Wilson c/c. Vaine Basso
Flauco c/c. Ignês Morais.
- Dalila c/c Otaviano Lima (irmão de
Brasilico) pai de Rubem, advogado, 1912/1943
CIRNE c/c. Patríz Andrade
Aguar.

EVELVINA e Cel. Jervásio Lucas Annes
filhos: Armando A. Annes
Branca "
Antenor "
Morena "
Iberculano "
Jervásio "

Heliarc — produção acelerada

1964

23 JANEIRO

1964

QUINTA-FEIRA

CAROLINA c/c. João Verqueiro
filhos: Emília, faleceu na infância
Nicolau 1882/1956 c/c. d. Jovina
Denesard Leite. Filhos: Rui c/c.
Albina. Maria c/c. Honorino
Malheiros (Eugênio - Carolina - Nicolau)
Isaura c/c. Dionísio Cabeda Silveira

EDUARDO c/c. Mariana Eufroxina Garcez
Ruano (d. Inhazinha)
filhos: Julietta c/c. João Lustosa Ribas.
Maria Dolores c/c. Orbe Marquez
(Sorinha) faleceu aos 18 anos, pai de
Maria Lina c/c. Cyro Correa Pereira
Adão c/c. Hilgard Schultz
Amador c/c. Iria Morsch Lima, pai
de Ben-Hur, Flavio
Abeyaul c/c. Orbe Marquez viúvo de
Sorinha. filhos: Mario Eduardo c/c
Mariana Camargo e c/ Regina Silveira.
Jehi c/c. Luiz Souza Lobo.
Unionmelt — trabalho contínuo

Justine Mampus Vargas c/c. Miguel Ribeiro Sotome
1964

24 JANEIRO 1964

SEXTA-FEIRA *arr. de Carmen*

1964

25 JANEIRO

1964

SABADO

DANIEL (filho de Eduardo) c/c Josefina
Roche Ribeiro

pais de MORENO MANDEL c/c. Ignácia
Vargas (Ignacinha): Edith c/c Nelson
Sampaio Oliveira. Carmen c/c Hoang
Becker. Morena c/c Carlos Arthur de
Almeida. Odith c/c Sr. Luiz Vignollo.

ARISTIDES c/c Eduarda Lima
Falkenbach (Eduardinha) pais de Hamilton,
Daniel, Arlete e Ruy - (de Araujo) residem
em Florianópolis.

EDUARDO MANOEL (Eduardinho)
c/c d. Estela Rech (9 filhos).

ÁUREA c/c. primo Toribio Caldeira

AMÉLIA faleceu na infância.

LUCINDA c/c. Gabriel Bastos

filha = Alzira c/c Teopbilo Guimarães
não houve descendência.

MANOEL A. B. c/c em 1^{as} núpcias
c/ Irene de la Riva: Pais de

Delmar
Argentum CD — para soida de prata
(Delmar e Ormar)

MANDEL em 2^{as} núpcias casou c/ Luiza
Auerbach (filha de Salomão e Ana)

pais de: Belosmar c/c Leda Fonseca
Rodrigues. Lucinda c/c. Afif Salomão
Jeffet (sino).

MARIO²⁰ c/c Theresia Langaro¹⁶: Gezil da
Célia e Zilmar.

OLGA c/c Cantídio Pinto de Moraes
filhos; Ruth c/c Vicente Silva
Mari c/c Oscar Kurtz
Lucinda c/c Mathias Ferraz
Teixeira (filha de D. Zoca)

ALCINDA c/c. Conrado Rodriguez Sang
pais de Emma c/c Nazareno Piazzeta
Helvira c/c. dr. Jovino Silva

Fruitas. Ceci c/c Osório Quadros, pais de
Luci (Hilda Berclós) Nanci (Níode Sebben)
e Zumbira Bussello
Judith (Joia Moacir Rosa) Roberto (Zaida Vaz)

Fluxos — qualidade superior

1964

26 JANEIRO

1964

DOMINGO

BRASILEIRO c/c. Rosa Esquivel
(f. de Tibúrcio Esquivel e Glisa Morales
Esquivel - argentinos). Pais de Gabriel
c/c Regina Veija Faria. Rosa, Jaime,
e Carlos c/c Regina Matte Bastos.

EDITH c/c Archimimo Miranda
pais de Raul Bastos Miranda.

AMERICANO c/c. Mena Rotta
pais de Eunice c/c Murilo Coutinho Nunes
Séci c/c. Sécimo Medaglia.

HIRAM c/c. Maria Nazari Marques
pais de Ivan c/c Clody Scott. Graziela
c/c Pedro Celli. Paulo c/c Arlete
Mostardeiro e depois c/ Ivone Aguiar.
Antonio Carlos c/c. Alba Ortiz.

1964

27 JANEIRO

1964

SEGUNDA-FEIRA

ANTÔNIO e Noemi Giras

pais de Jandir c/c Zaida Macedo
Jacy faleceu na infância
Aidy c/c. dr. José Sarmento Barata
dr. Adair (médico) c/c Maria Zambrano
Cely c/c. José Sarmento Barata, viúvo
de sua irmã Aidy

NOTA: O cap. Manoel José de Araujo, além dos
9 filhos que de seu casamento c/ Emilia Schell
legitimou mais 4 filhos que teve, quando
solteiro, c/ Francisca de Paula Lopes.

1964

8 JANEIRO

QUARTA-FEIRA

Danilo

1964

1964

9 JANEIRO

1964

QUINTA-FEIRA

EM 1834

PASSO FUNDO das Missões era Quarteirão de S. Borja e 4.^o Distrito de Cruz Alta.

O povoamento do território foi iniciado em 1827. Nesse ano, ou no seguinte, chegava o Cabr Naves (o depois Cap. Manuel José das Neves), cujo rancho foi erguido entre as ruas Paisandu e Teixeira Soares, na Praça Tamandaré.

Em 1830, Neves doou, verbalmente, um terreno p.^o a construção da capela N.^o S.^o da Conceição Aparecida que só foi concluída em 1835. A referida construção foi requerida, à autoridade eclesiástica, por Joaquim Fagundes dos Reis, e mais uma dezena de moradores.

1964

10 JANEIRO

1964

SEXTA-FEIRA

Foi precisamente, nessa época que aqui chegou, procedente de TRES VENDAS (ruji, Cachoeira do Sul) o casal alemão:

JOHAN ADAM SCHELL e
ANNA CHRISTINA HEIN SCHELL

(Adão Schell e Ana Cristina Heim) naturais, respectivamente, do Grão Ducado de Oldemburgo e do Reino do Saxe.

Adão nasceu na Alemanha a 24-6-1809 e faleceu no Brasil em 28-8-1878, aos 69 anos de idade.

Ana Cristina nasceu na Alemanha a 21-8-1815 e faleceu no Brasil a 4-8-1882, aos 67 anos de idade.

1964

11 JANEIRO

1964

SÁBADO

Adão nasceu na aldeia de Rosen, ducado de Oldemburgo, principado de Birkenfeld.

Seus pais: Phillip Schell

Elizabeth Catharina Leonhardt.

e se dirigiram ^{eles que vieram p^o Brasil em 1828} à colônia de S. Leopoldo, ~~Adão, solteiro, chegou em S. Leopoldo com 20 anos de idade~~

Anna Christina Heim natural de Hildburghausen, Reino da Saxônia. Era filha de Matheus Heim e Eva Dorothea Rohrig. O navio em que viajaram naufragou perto de Pernambuco, perdendo seus haveres. Residiram no Rio, onde se recuperaram. Depois, vieram p^o o Sul, localizando-se em Bom Jardim (IVOTI) onde Ana Cristina casou-se com Adão Schell,

Pós e Fluxos para todos os metais

JOÃO LANGARO

- Dionísio Langaro } - João Carlos Langaro } Elizebeth
 x Dalva Langaro }

- Alice Caetano } - Sérgio Langaro } - Sérgio
 x Pepe Bartheuse } Nelson
 Liana

- Olga Langaro } - Anita Beninca Bergamini
 x Davi Beninca }

- Abrosina Langaro } Carlos Alberto Beninca
 x Vitalão Beninca } Luiz Fernando Beninca

- Armando Langaro - não deixou herdeiros

- Waldemar Langaro } - Veleza L. Redon } - Vania L. Redon } Luiza
 x Helena Engelsing } Antonio Redon } Elza } Augusto
 Langaro }

- Alberto Langaro } Alexandre
 x Denise Pan } Gustavo

- Edgar - falecido jovem

- Cesar Langaro } Rodrigo
 x Tania } Diego
 Fabrício

- Valda Marieta } Guilherme
 x Fernando Bernardes } Rafael
 Tiago

- Eduardo Langaro } Maurício
 x Lucia } Flávia

Anita Marchionatti

- Dino Langaro } - Vitor Hugo Langaro } - Gaaziela
 x Ilma Falkembach } Agda Bestolho } - Vinicius x Tatiana } Mateus
 Lucas
 André

- M^ãe Helena } - Daniela }
 Pedro Armando Silva } - Luciano } Pedro
 - Juliana }

CONTINUAÇÃO - FLORINDO E ROSA LANGA

Filho João Langaro casado com

Filho - Albeto Langaro e Marieta Marchionni Langaro

- Margarida Langaro - falecida aos 93 anos sem filhos
 - Uda Langaro casada com Alberto Tagliari
 Evaristo Tagliari

}	Alberto Tagliari	Cristiano
	M. Augusta	Evaristo
}	Paulo Tagliari	Luciana
	Etiane Berlagueti	Andréa
		Mariana

São irmãos de Florindo Langaro: Frederico, Ferdinando e Giuseppe, que vieram para o Brasil bem antes de Florindo e depois se instalaram no início em área de ~~caçador~~ do Sul, depois em Tapejara e Vila Langaro

- Margarida Langaro Baggio filha de Florindo Langaro casada com José Baggio teve os filhos:
 Peresinha, Argemiro, José, Julia, Branca, Zulmira

E ROSA LANGARO
MARIETA GAZZANA

- Teresinha Langaro Bastos x Mario Bastos
 - Gesilda B. Domingues } - Cleomar
 - Alvaro Domingues } - Marisa
 - Celia B. Morsch } - Gilberto
 - Helio Morsch } - Macelia
 - } - Norberto
 - Zilmar L. Bastos } - Valdevez
 - Ruth Engelsing x } - Ivar
 - } - Jorge
 - } - Juarez

- Apparicio Langaro x Noemi Lima Langaro
 - Luiz Langaro x Norma J. Langaro
 - Bernardete
 - Angela L. Becker } - Julia
 - Joao Becker } - Camilla
 - Leonardo Langaro } - Bernardo
 - Andria Gatto } - Isabela
 - Helena Langaro Dipp x Daniel Dipp
 - Gilson L. Dipp } - Gibran
 - Luiza Dipp } - Lucia Helena
 - } - Mariana
 - Hamilton L. Dipp } - Manuella
 - M^{te} Angela " } - "
 - Ailton L. Dipp } - Alexandre
 - Cristina Dipp } - Guichenne
 - Raul Lima Langaro x Angela B. Langaro
 - Ricardo B. Langaro } - Marina
 - Nedia Canali } - Fernando
 - Renato B. Langaro } - Carlos Augusto
 - Claudia P. Langaro } - Carolina
 - Magda B. Ortega } - Carina
 - Andre Luiz Ortega } - Joao Pedro
 - } - Gabriel

- Rosinha Langaro Ilha x Almiro Ilha
 - Telmo Ilha } - Norton
 - Laurinha Ilha } - Decio
 - } - Norberto
 - Maria Ilha Guedes } - Afanio
 - } - Len

The Edmund Spenser of Porto

Antônio José da Silva Loureiro
Barão de Passo Fundo

100 ANOS DE INDEPENDÊNCIA DO BRASIL
15 de Novembro de 1888

100 ANOS DE INDEPENDÊNCIA DO BRASIL
15 de Novembro de 1888

Passo Fundo
2017

Antônio José da Silva Loureiro, Barão de Passo Fundo

Revisão: HST oficina de História, consultoria e ensino

Montagem da capa:
Com foto do Barão e Casa Barão

Projeto gráfico:

Impressão: Editora e Gráfica Berthier

Impressão e acabamento em dezembro de 2017.

A958a Avila, Ney Eduardo Possapp d'

Antônio José da Silva Loureiro, Barão de Passo Fundo / Ney Eduardo Possapp d'Avila;

Editora e Gráfica Berthier: Passo Fundo, 2017.

n p. ; n cm.

CDU:

Bibliotecária responsável

Copyright 2017 by Ney Eduardo Possapp d'Avila

Direitos desta Edição Reservados a Ney Eduardo Possapp d'Avila

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

2017

**190 ANOS DA FUNDAÇÃO DA
CIDADE DE PASSO FUNDO**

**160 ANOS DA EMANCIPAÇÃO DO
MUNICÍPIO DE PASSO FUNDO**

ERA uma vez um menino que morava numa aldeia do Minho, Norte de Portugal. Não era Manoel. Não era Joaquim. Era Antônio, filho do senhor Domingos e dona Thomazia. Rapazote deixou a aldeia, foi para a cidade do Porto, de lá veio para o Brasil. Trabalhou no Rio de Janeiro, andou por Minas Gerais e veio para o Rio Grande do Sul. Com um pequeno negócio em Nonoai vinha fazer compras em Passo Fundo. Tornou-se freguês da loja do alemão Schell. De freguês tornou-se genro, casou com Felippina.

Foi comerciante de destaque. Participou da vida social e da política local. Foi ator de teatro de amadores e virou Barão. Foi Delegado de Polícia. Na época os gaúchos se atracaram numa briga braba. Em Passo Fundo os "pica-paus" eram liderados pelo coronel Gervásio, os "maragatos" pelo major Prestes Guimarães. Mataram o coronel Chicuta. O Barão que era da turma do Prestes sumiu para não ser degolado. Só retornou após a Paz. Além de comerciante foi industrial, atuou na área agrícola e pastoril. Dono da Casa Barão, Mato do Barão, Campo do Barão, Potreiro do Barão, Posse do Barão. Há a Avenida do Barão. Houve a lenda Tesouro do Barão enterrado junto ao Chafariz da Mãe Preta.

Aurora, filha do Barão, casou com um Kruehl de Santo Ângelo. Antônio filho deles estudou Medicina, tornou-se o doutor Loureiro Kruehl. Em Passo Fundo foi oculista e médico da Brigada Militar. Casou com Aláides Nasário. Um dos filhos, o Renato, casou com Ingrid, neta de Willy Franz Nehls, um alemão imigrante após a 1ª Guerra.

A história do Antônio José da Silva Loureiro, o Barão, e de sua gente em Passo Fundo será contada nas páginas seguintes.

Este é um livro de História.

No dizer de Leila Bassi "os livros de História (registro dos fatos históricos) são pontos de vista, uma versão do acontecido, não raro desmentidos por outros livros com outros pontos de vista."

Gaúcho x 14 de Julho
Sport Club Gaúcho
G. E. R. 14 de Julho
Jornal O Nacional
Na Alta Sociedade
Professor Stigler
Ernestina, Cidade e Município
A Estação Ferroviária
É o Cemitério?
Topônimos
Bens Imóveis do Barão e Dona Felippa
O Tesouro do Barão
Lendas, Mitos e Incoerções
Barão Ausente na Historiografia Local

Bibliografia Consultada

Livros e artigos
Periódicos

Fontes e Locais de Pesquisa

Links

1. Ferroviária, não... Cemitério!
2. Descendência de Adão Schell e Anna Hein

Sumário

Agradecimentos

Prefácio

Introdução

Breve História do Lugar Escolhido pelo Barão

Passo Fundo

Índigenas, Assaítes e Bandeirantes

Músculos, Tropeiros e Ervateiros

Cabo Neves

Distrito de Cruz Alta

Município de Passo Fundo

Poder Judiciário no Município

Demografia Municipal

Desmembramento Territorial

A Economia Municipal

Passo-Fundenses na Guerra contra o Paraguai

Assistência Médica

Instrução

Cultura

Teatro de Amadores

Partidos Políticos

Religião

Escravidão e Abolicionismo

A República em Passo Fundo

A Vila torna-se Cidade

Um Prussiano na Intendência

Instabilidade Política

Guerra Civil de 1893-1895

Dezolas em Passo Fundo

Batalha do Passo Fundo

Pacificação e Antártia

A Estrada de Ferro

A Ferrovia e a Paisagem Urbana

Alterações Demográficas

A Economia Municipal nos anos 1900

Antônio José da Silva Loureiro, o Barão

Memo de Aldéia

O Barão

Adão Scheil

Anna Hein

Família Heil Scheil

Filhos e Netos de Adão e Anna

Os Loureiros do Gramado

Outros Loureiro Descendentes do Barão

Casa Barão

Militância político-partidária do Barão

A Bengala do "seu" Antônio

A Parentela do Barão

Os Krueel em Passo Fundo

Antônio Loureiro Krueel

Galicho x 14 de Julho
Sport Club Galicho
G. E. R. 14 de Julho
Jornal O Nacional
Na Alta Sociedade
Professor Stiger
Ernestina, Cidade e Município
A Estação Ferroviária
É o Cemitério?
Topônimos
Bens Imóveis do Barão e Dona Felippina
O Tesouro do Barão
Lendas, Mitos e Inscricoes
Barão Ausente na Historiografia Local

Bibliografia Consultada

Livros e artigos
Periódicos

Fontes e Locais de Pesquisa

Anexos

1. Ferroviária, não... Cemitério!
2. Descendência de Adão Scheil e Anna Hein

Agradecimentos

Agradecimento muito especial a *Sandra Ingrid Nehá* pela iniciativa de mandar produzir o presente livro e por haver confluído a mim a tarefa da pesquisa e da escrita.

Agradecimento a minha filha *Jana Eleonora Branco d'Avila* pelo apoio e incentivo.

Agradecimento a *Julio Perez* por haver aceito a tarefa de ler os originais e escrever o Prefácio.

Agradecimentos a todos os participantes da produção deste livro, os quais por intermédio de informações, fornecimento de materiais escritos e iconográficos, relatode suas memórias, disponibilização das mais diversificadas colaborações tornaram possível a presente obra. Destaco entre esses inúmeros participantes: *Alaides Nasário Kruei, Alceu Oliveira Annes, Aldo Betinelli Battisti, Antônio Eduardo Loureiro Silva, Carlos Alberto Loureiro, Carlos Armando Salton, Ciro Roberto Kruei Bohrer, Danilo Loureiro Zimmermann, Denis Germano Schell, Fêbio Castro Loureiro, Fernando Cesar Caldeira Pacheco Barbosa, Gilberto Vargas, Inácio Domingos Mendes Loureiro, Iolanda Vargas Loureiro, Jacinta Scheffer, João Fernando Kruei Bohrer, João Waihrich, Jorge Alberto Salton, Jorge Bilhar, Lenira Zimmermann Battisti, Leonor Loureiro Kruei Bohrer, Luiz Fernando Mondadori, Luiz Juarez Nogueira de Azevedo, Marlei Costa, Paulo Giongo (in memoriam), Renata Nasário Kruei.*

Agradecimento a *Maria Helena Ribeiro Gomes* pelas informações e pelo empréstimo do livro *Pousa, Santa Cristina*.

Agradecimentos aos funcionários das Cúrias Arquidiocesanas de Braga e de Passo Fundo, e do Registro de Imóveis da Comarca.

Agradecimento a *Paulo Mesquita* e aos funcionários da Berthier pela dedicação e esmero no editar este livro.

Agenda

Prefácio

Este livro é uma obra de referência para todos os interessados em conhecer a história e a evolução da literatura brasileira. O autor, um dos maiores especialistas em literatura brasileira, apresenta uma visão abrangente e atualizada da produção literária nacional, desde os primeiros escritos coloniais até os mais recentes movimentos literários. A obra é dividida em capítulos que abordam diferentes períodos e gêneros literários, permitindo ao leitor uma compreensão profunda da diversidade e da riqueza da literatura brasileira. O texto é claro e acessível, tornando-se uma leitura obrigatória para estudantes e pesquisadores da área. Além disso, o autor destaca a importância da literatura brasileira no contexto cultural e social do país, mostrando como ela refletiu e influenciou a identidade nacional ao longo dos séculos.

Introdução

Conhecendo a paisagem
Uma visão sobre sua vida e cidade
Luiz de Camargo, Os Escritos
Cidade, História 3, Número 7 e 8

O presente livro, não obstante estar focado na trajetória de Antônio José da Silva Loureiro, o "Barão", e sua parentela desde Anão Schell e Ana Hein até os dias atuais, traz em seu bojo uma História de Passo Fundo. Uma versão da História de Passo Fundo na qual além de acontecimentos e personagens comuns à versão oficial há acréscimos referentes à participação, sonnegada na dita versão oficial, do personagem ora principal e seus correlatos. É uma História do eslavamento dominante, onde predominam os machos, pois a História das camadas sabatinemas e das mulheres, está por ser escrita, exigindo novos métodos, novos enfoques, novos objetos para ser explicitada.

O escrito está fundamentado em ampla pesquisa, sempre que possível em fontes documentais primárias e análise dos usos e da legislação da época. Levou-se em linha de conta a tradição oral de família, o "folclore" local e o contido em livros e periódicos. Esses elementos foram submetidos à crítica historiográfica e ao cruzamento de informações.

No trabalho de pesquisa em muito contribuíram as informações e as colaborações, seja na forma oral, depoimentos, seja por intermédio de variado material escrito e iconográfico. Cabe destacar a colaboração de funcionários das Côrtes Arquidiocesanas de Braga e de Passo Fundo que facilitaram o acesso a registros paroquiais referentes ao Barão e familiares. A colaboração do Oficial e dos funcionários do Registro de Imóveis da Comarca de Passo Fundo. A colaboração da Diretora, funcionários e estagiários do Arquivo Histórico Regional. A colaboração da Diretora e funcionários do Museu Histórico Regional. A colaboração do Coordenador do IBGE Passo Fundo. Igualmente muito valiosa a colaboração de Maria Helena Ribeiro Gomes, além de informar sobre a atual Freguesia de Pouso, de lá enviou livro com a História da freguesia natal do Barão.

A presente obra está dividida em duas partes:

- Uma História concisa da cidade e do município desde os primórdios até os dias atuais. **Breve História do lugar escolhido pelo Barão.** Com maior atenção para o período do meados do século XIX a meados do século XX. Lembrando que neste ano de 2017 completam-se 190 anos da fundação da Cidade e 160 anos da criação do Município.
- Uma História, também concisa, do personagem principal, suas origens, suas atividades, suas vivências, sua parentela, seu círculo de relações. **Antônio José da Silva Loureiro, o Barão.** História construída de forma objetiva com base na documentação disponível, em bibliografia diversa, na historiografia local, em entrevistas com descendentes e outras pessoas dispostas a compartilhar informações obtidas via de regra pela tradição oral.

A linguagem usada é, acredita-se, acessível ao público em geral ao qual é destinado este livro. Assim sendo evitou-se ao máximo o uso da terminologia específica da área historiográfica. Quanto ao nome de pessoas, por existir divergências gráficas, preferiu-se a mais usual. Há sobrenomes com grafia diferente na mesma família, por exemplo: d'Araújo, de Araújo, Araújo. Na acentuação dos nomes próprios optou-se na maioria dos casos pela acentuação preconizada pelo atual Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

A História contida neste livro não é, nem pretende ser, definitiva. Está aberta a críticas, complementações, alterações, ajustes, contestações. As opiniões (poucas, aliás) contidas no texto e as escolhas feitas são de inteira responsabilidade do Autor, Mestre em História.

A encomenda, de parte da Senhora Sandra Ingrid Nehls, para esta publicação foi a oportunidade, há muito esperada, de revisar a Historiografia passo-fundense. Algo feito em Q. Historiador Passo-fundense Antonino Xavier, porém em nível acadêmico.

ANEXOS: 1. Ferroviária, não... Cemitério! Comunicação apresentada no Fórum Sul-Brasileiro dos Institutos Históricos. 2. Descendência de Adão Schell e Anna Hein, rol (mesmo que incompleto) da parentela do Barão.

(verso da introdução)

Breve História do lugar escolhido pelo Barão

[Inserir Mapa do Município criado em 1857]

Passo Fundo

Índigenas, Jesuítas e Bandeirantes

O território onde no final da terceira década do século XIX formou-se a atual cidade de Passo Fundo, foi habitado desde tempos imemoriais por diferentes parcialidades indígenas. Os primeiros europeus, os chamados "brancos", a explorarem a região foram os padres da Companhia de Jesus, Sociedade Jesu, os jesuítas, com sede provincial em Assunção, Paraguai. Na década de 1630 os jesuítas estabeleceram missões catequéticas, reduções, em vários pontos do Alto Jacuí. A missão mais próxima da atual cidade de Passo Fundo foi a Redução dos Ervais e Pinheiras, consagrada a Santa Tereza d'Ávila. Inicialmente localizada junto às nascentes do Rio Jacuí, aproximadamente na divisa dos atuais municípios de Passo Fundo e Mato Castelhano. Oficialmente instalada no Natal de 1632 foi transferida em março de 1633 a jusante do Jacuí. O lugar ficou conhecido como Pessegueiro. É considerado fundador da redução o Padre Francisco Ximenes. Na época as áreas de campo na região eram habitadas por parcialidades indígenas guaranizadas, os Tape, alvo da ação missionária dos Inacianos. Os matos estavam ocupados por etnias do grupo Ji ou Tapuia, ascendentes dos atuais Kaingang. Esses Tapuia eram selvícolas, habitantes da selva, que não aceitavam ser reduzidos pelos padres.

No Natal de 1637 um destacamento da bandeira de Raposo Tavares atacou a Missão de Santa Tereza de Curti (curti = pinhais). O destacamento estava formado por duas centenas de maneluzos e grande número de índios Tupi. O comandante do destacamento, o bandeirante paulista André Fernandes, expulsou os dois padres que ali se encontravam, Ximenes e Salas, aprisionou índios enviados à Capitania de São Paulo para serem vendidos como escravos. Segundo relatório dos padres o número de índios reduzidos era de quatro mil, havia lavouras, mais de 500 cabeças de gado vacum, além de suínos e caprinos. André Fernandes não destruiu a Missão, transformou-a no Arraial Bandeirante do Igai. Mandou construir paliçada e fortes, incrementou as lavouras e a pecuária usando a mão de obra formada pelos jesuítas. Um cronista escreveu que era um "povoado de índios". Fernandes, um cristão novo, permaneceu ali por quatro anos. Quando partiu deixou encarregado da administração seu filho, Pe. Francisco Fernandes de Oliveira, sacerdote formado no seminário dos jesuítas em Assunção.

Por mais de 30 anos o Arraial do Igai serviu de base operacional aos paulistas que se dirigiam aos territórios meridionais na preação de indígenas missioneiros. Decorrido meio século da tomada da Missão de Santa Tereza pelos bandeirantes os padres jesuítas retornaram às futuras terras passo-fundenses. Contudo nenhuma missão catequética foi estabelecida. Duas atividades econômicas destacaram-se: Ervalteira, os jesuítas montaram um carão junto ao passo do Rio da Várzea, na atual divisa do município de Passo Fundo, distrito do Pulador, com o município de Santo Antônio do Planalto; Pecuária, estabeleceram uma guarda guardanítica para vigiar "os fundos da Vacaria dos Pinhais", onde haviam contido vinte mil vacas. A guarda ficou estabelecida próximo ao lugar da antiga redução, nascentes do Jacuí,

durante viagens ao Império, Capão da Boa Vista, além das atividades comerciais locais, foi também um senador do século XVIII.

Durante o século XIX, quando os primeiros projetos, elaborados de acordo com o modelo burguês, foram a região da Serra da Boa Vista, desde de gado chinês para criação de carne e criação de capangas locais. Concomitante com a criação havia a atividade mineradora. A área caribenha era transacionada com intermediários locais. Ainda naquele século a região foi sujeita de novo a "bandeiramentos tropicais", encaminhamento de gado desde das antigas fazendas paulistas e criação para venda na Capitania de São Paulo.

Milícias, Tropas e Exércitos

Não obstante tratados anteriores, apenas parte de 1804, com a tomada das Minas e sua volta e um território para Fundação integrada de fato o domínio local brasileiro. Nos tempos atuais São subordinado ao comando militar do fronteira, sob o comando de São Paulo. Em 1805, com a criação da Capitania Geral do Rio Grande de São Paulo do Sul por quatro municípios, ficou pertencendo ao município de São Paulo.

Em 1805, deslocando ordem superior a Alferes Afonso Aguiar Pinto Martins, da ordem paulista, deslocamento de Cavalaria da Comarca de Curitiba, tornando-se uma "expedição" enviada pelo exército português, composta por soldados e índios. Virou de São Paulo, enviando o trajeto do Campo do Meio a São Paulo. Por esse motivo é atribuída a esse momento a "abertura da estrada das Minas". Na verdade esse momento foi o caminho inverso do percorrido por Cristóvão Pereira de Almeida em 1782-1785. Ambos usaram o Caminho "caminho dos índios", indígena. Outros determinando ao Alferes por sua superioridade foi o reconhecimento de toda para deslocamento de tropas militares da Capitania de São Paulo à fronteira meridional. Há as que tratam de "expedição" comandada pelo Alferes Afonso Aguiar, constituindo tropas de soldados com tropas de índios. Em 1825 mais um padrão "deslocado" o caminho das antigas Minas Orientais à Capitania de São Paulo. João José de Barros, tendo adquirido uma tropa de índios na fronteira meridional, também seguiu pelo caminho dos índios. Barros foi o pioneiro de uma tropa "em Casa da Serra" (atual Planalto Médio). A região desde "caminho dos paulistas", como ficou conhecido, logo se espalhou pelo sul da Capitania.

A maioria dos paulistas que revolucionaram a nova rota da fronteira não eram oficiais das milícias, nem comprometidos com capital suficiente para estabelecerem do governo a criação de "campos para criar". Também não eram capitalistas, qual o tempo João José de Barros, para comprar tropas. A solução para os paulistas era reunir seus poucos tabuleiros, escravos, índios e agregados, montar caravanas na região de Capão da Boa Vista e Palmeira das Minas. As polícias, muitas vezes assessoradas, na condição de capitães ou simples agregados, a parentes, amigos ou vizinhos que partiam para o sul. A área produtiva era percorrida por índios na fronteira. Ao conseguirem a quantidade de gado suficiente para formar uma tropa, esta era conduzida para as terras paulistas onde os índios eram negociados. O ciclo era muito capital durante o ano, mas não mais. Muitos desses índios eram vendidos a outros vendedores depois de serem vendidos aos índios e ao "caminho dos paulistas". Assim a atividade econômica brasileira, com seus campos temporários, itinerantes, reduzido, com o passar do tempo e a formação de um círculo de acumulação de capital, resultou na formação de povoações algumas das quais são hoje importantes cidades do Planalto Médio do Rio Grande do Sul, entre as quais Porto União.

Manoel José das Neves, ex-militante Cavaleiro de São João na Guerra Cisplatina na condição de soldado de 2ª letra do Exército, Partido de Combate do Rioção das Galinhas, em 24 de setembro de 1825, foi promovido a cabo e alferes. Em dezembro de 1827 o Cabo Neves chegou com família, agregados, escravos e alguns gado ao lugar onde hoje está Passo Fundo. Sua intenção era formar uma "colônia agrícola e pastora". Sem querer fundar uma cidade, o Cabo de Passo Fundo não era sozinho, nem sozinho, sua intenção foi a de hospedar de tropeiros e camponeses, além de resgatar de animais. O lugar que agora era o que estava em área relativamente segura, aquilando Rio Passo Fundo e das matas desmatadas pelos indígenas. Desde Cruz Alta até o arroio do Porteiro Forço as áreas de campo já haviam sido distribuídas a os oficiais das milícias, dentre os quais o Alferes Athanásio, o então deão, Afonso Rodrigo, o Afonso Bernardo Castanho da Rocha. Também comerciantes portugueses haviam recebido terras no região Para o Cabo Neves restava a terra.

Por situar-se à beira da estrada tropeira e a empresa privada do "passo" e das fazendas que só podiam ser percebidas de dia, a povoação cresceu rapidamente. Decisões a favor do Cabo Neves em cada etapa para outros fazendeiros na área por ele ocupada. Em 1830 o Capitão Fagundes dos Reis veio de Cruz Alta nomeado Comendário. Em 1832 foi designado Inspetor do Quartelão, Insuete Fagundes dos Reis, oficial de São João, foi a primeira autoridade do regime a atuar na região. Insuete e Subdelegado, tinha funções administrativas e policiais. Realizou a criação da Irmação, bem como construiu a cobrança de impostos. Ainda na organização da incipiente povoação. Orientou o Cabo Neves na legalização de posse que havia tomado por conta própria e na construção do templo católico necessário ao reconhecimento oficial da povoação. Em 31 de novembro de 1833 foi outorgada a Manoel José das Neves a concessão de posse de "uma gleba de terras de quatro mil e quatrocentos, no Alto Uruguai" (4 mil e 400 ha. ou 174.240.000 m²), área ocupada atualmente pela cidade de Passo Fundo. Não permitiu ao Cabo Neves promover sua parte de concessão à Igreja Católica e desta forma conseguiu a outorga para edificar um templo religioso. Esta foi outra iniciativa do Cabo Neves para o surgimento da cidade de Passo Fundo. A capela foi consagrada a 23 de agosto de 1835.

Cabe citar que tanto o requerimento à autoridade militar para concessão de posse, como o pedido à autoridade eclesástica de autorização para edificar o templo religioso devem haver sido realizados pelo Capitão Fagundes dos Reis. Outra pessoa na localidade denominada a habitante do acoureo. O pedido à autoridade religiosa foi complementado com a promessa de doação de terra à Igreja por parte do Cabo Neves e assinado por dois moradores. Era considerado "roubar" apenas o crime de local procedente.

Distrito de Cruz Alta

A 8 de agosto de 1834 deu-se a instalação de militares de Cruz Alta, criada no ano anterior. Na dia 5 de agosto Passo Fundo tornou-se 8º distrito de novo município. Joaquim Fagundes dos Reis fora eleito Juiz de Paz do distrito, cargo assumido somente no dia 5 de agosto e exercido até 25 de agosto de 1837. Fagundes dos Reis ainda acumulou o cargo de Subdelegado. O distrito e o povoado não tiveram um franco progresso, tentava guerra civil, conhecida como "Revolução Farroupilha", ocorreram não só migrações, mas retrocessos. A região teve pouco ou nenhuma participação direta na guerra, porém o distrito e o povoado foram afetados pela passagem de tropas beligerantes e pelas recrutamentos forçados dos homens válidos. Os dois principais líderes passo-fundenses, Cabo Neves e Manoel José d' Araujo, antes na posse de Capela de Guarda Nacional, engajaram-se no combate aos revolucionários farroupilhas. Fagundes dos Reis, não pagou em armas, apenas mobilizou o regimento

para outras. Sua única oficial de Exército empregada de cargo político foi Adão e enviado para a capital de Paraíba, onde frequentou os Fortalezas de Villegaignon. Em outubro de 1842 já havia regressado à Foz de Foz. Em 13 de janeiro de 1847 estava novamente cargo de juiz da Paz, o qual exerceu até 2 de janeiro de 1849.

No início da década de 1840, apesar da guerra civil ainda estar a regido, alguns dos que haviam migrado começaram a voltar moradores locais. Foram assim povoados com suas famílias e seus agregados. São citados Adão Schell, que no final de 1837, início de 1838, instalou temporariamente na povoação, Francisco Xavier de Castro, que ainda adobeiramente viveira no local na fama enviada a Gregório, seu irmão de Antônio Xavier, e Manoel José d'Assis, que viveira anteriormente no povoado, os quais vieram fixar-se definitivamente. Com estes três voltou a ser criada a cidade início da década anterior de uma dezena de moradores. Cerca de uma centena de pessoas viviam no povoado. No final do ano de 1843 estavam registrados como moradores: Manoel José das Neves; José Freitas Guimarães; Joaquim Manoel Senfies; Maria de Lima (viúva); Tenente Gaspar; João Pacheco de Quadros; Francisco Xavier de Castro; Manoel José d'Assis; Adão Schell. Ao todo eram nove moradores, instalada no alto último estabelecido com casa de capela. Joaquim Taguender dos Reis não consta de rol por reside fora do povoado em sua fazenda.

Fica evidente que as autoridades da época, fossem elas civis, militares ou religiosas, apenas registravam os proprietários. Também é lógico que havia uma população de trabalhadores, parte fixa, parte nômade ou seminômade. Eram os empregados domésticos, os empregados em funções permanentes e os estrangeiros, ajudados temporariamente para determinadas tarefas. Parte significativa da população laboral era descendente de antigos habitantes de região, em geral mineiros.

Em 26 de novembro de 1847, pela Lei Provincial nº 95, a Capela foi elevada à condição de sede de Freguesia. Este ato garante a permanência de seu cargo político, bem como a denominação de Capela Curada. O primeiro juiz da Paróquia foi o Frei Francisco de Madre de Deus Cunha, seu Coadjutor o Padre Antônio do Almeida Leite Peribadi. Até então o local do templo abria casa e construtores de sua assistência religiosa, suas permanências foram curtas. Apesar de curada a capela permaneceu o maior parte do tempo sem cura. Apenas o Padre Quêdis usou esse quarto de abadeiro. O português José Ferreira Gusdun atuou no título de 1880 e permaneceu vigário paróquial até o falecimento em 9 de novembro de 1902. Foi um dos primeiros a ser sepultado no Cemitério Municipal "Voz Cruz", inicialmente com o nome Ninete, seu nome de sociedade pseudônimo e de municipalidade, feita por Antônio Xavier.

Município de Passo Fundo

Em 26 de janeiro de 1851, a Lei Provincial nº 340 sancionada pelo presidente da província, Jerônimo Francisco Coelho, criou o Município de Passo Fundo, instalado a 7 de agosto daquele ano. A instalação deu-se com o juramento e posse dos vereadores eleitos. Das sete eleições compareceram quatro, Capitão Manoel José d'Assis, Capitão Antônio de Maranhão Camello Júnior, Capitão Joaquim Taguender dos Reis e Manoel de Cruz Xavier, mais um suplente, Major Cesário Antônio Lopez. Não compareceram José Joaquim de Oliveira, Antônio Ferreira de Melo Pinheiro e José Ignácio do Cerco Landell, eleitos na freguesia de Coladade. Em acordo com o Regimento das Câmaras do Império assumiu a presidência para todo mandato o vereador mais votado, o Capitão Assis. Para secretário da Câmara o presidente nomeou seu cunhado, Guilherme Schell. A Câmara tinha funções legislativas e

funcionárias. O Poder Executivo era exercido pelo Presidente da Câmara. Assim sendo, Manoel José d'Araújo foi o primeiro a exercer o cargo atualmente ocupado pelo Prefeito Municipal. Sua esposa Jandira Schell tornou-se a primeira 1ª Dama do Município.

O presidente da Câmara Municipal de Cruz Alta presidiu a instalação do novo município e ficou posse aos vereadores, pois até o dia 7 de agosto de 1857 Passo Fundo teria parte do seu município. Os proprietários aproveitaram a presença do Vigário de Cruz Alta para instar a abertura de vigário no Paróquia de Passo Fundo, receberam como resposta que tal ocorria por encontrarem-se em ruínas o templo religioso. Os vereadores comprometeram-se a mandar reconstruir a Matriz por conta da Câmara. Por ser sede municipal o povoado foi elevado à categoria de Vila.

É correto supor que a emancipação foi articulada por Manoel José d'Araújo e Antônio de Messerschall Carneiro Júnior, ambos sorocabanos, de dois políticos passo-fundenses com melhor trânsito nas altas esferas político-administrativas em Cruz Alta e na capital da Província, além do prestígio junto aos poucos eleitores do distrito como demonstrado nas eleições para Vereador e para Juiz de Paz realizadas em 1857.

Poder Judiciário no Município

A 21 de setembro de 1857 foi instalado na Vila o Fórum do Termo do Passo Fundo subordinado à Comarca de São Borja. No mesmo dia nomeação de um juiz municipal letrado (bacharel em Direito, de acordo com lei imperial de 1841) assumiu o Capitão-Carneiro Júnior nomeado Juiz suplente que para o efeito desincumbiu-se da vereança. Carneiro e Araújo haviam concorrido e sido nomeados para vereador e para juiz, podendo optar por um das cargos. Araújo havia anteriormente exercido o cargo de Juiz de Paz, de 16 de junho de 1849 a 10 de fevereiro de 1850. Em 1858, com a criação da Comarca de Cruz Alta e ela ficou subordinado o Termo do Passo-Fundo. Pela dificuldade em encontrar um bacharel disposto a assumir o cargo de Juiz o provimento tomou. O Capitão Carneiro promovido a coronel e nomeado comandante superior do Quarta Nacional entregou o cargo de Juiz Municipal a Dnogo José de Oliveira o qual passou a acumular com o cargo de Delegado de Polícia.

Em 1864 assumiu o cargo de Juiz Municipal o Bacharel João Severiano Martins da Cunha, foi o primeiro juiz letrado. Pela lei nº 877, de 20 de abril de 1873, o Termo foi elevado a Comarca. Assumiu no cargo de Juiz substituto o Bel. Benedito Marques da Silva Acadê Filho, natural da Paraíba, e no cargo de Promotor o Bel. Cândido Lopes de Oliveira, natural de São Paulo. Pelo Decreto Imperial nº 5.735, de 2 de fevereiro de 1874, a Comarca passou a 1ª Instância. Em 1875 assumiu o cargo de Juiz titular o Bel. James de Oliveira Franco e Sousa. No mesmo ano a Comarca foi ampliada com a inclusão do Termo de Soledade. Ainda nessa década assumiu o cargo de Juiz Municipal o Bel. João Seraphica de Assis Carvalho, natural de Pernambuco.

A partir de 20 de setembro de 1875 a Comarca dispôs de Cartório de Registro de Hipotecas, sendo nomeado oficial titular Martin Francisco do Azevedo Monteiro, o qual exerceu até o falecimento em 15 de julho de 1887.

Demografia Municipal

No ano de 1858 foi realizado o primeiro recenseamento municipal. Constatou-se a existência no Município, cuja extensão territorial, ainda que incerta, deveria estar entre 30 e 40 mil quilômetros quadrados, 1.638 fogões (residências unifamiliares) com um total de 8.298

habitantes, sendo 4.215 homens e 3.993 mulheres. Do total da população 1.692 eram escravos, 940 homens e 752 mulheres. Somados escravos e libertos, constata-se que cerca de 20% da população era de afrodescendentes. O município estava dividido em sete distritos. No 1º distrito, Passo Fundo, distrito sede, a população era de 1.826 habitantes, dos quais cerca de 500 habitavam a Vila. Dentre essas 500, menos de meia centena era considerada "morador". De acordo com a lista eclesialística da paróquia em 1860 a população do município era de 8.618 habitantes distribuídos em 1.197 domicílios. Deve-se notar que muitos censois indígenas, apesar de ainda numerosos na região, não eram contados.

Desmembramento Territorial

O primitivo município, criado em 1857, começou a ser desmembrado em 1874 e 1875. A emancipação, em 1874, de Palmeira (atual Palmeira das Missões) agregou parte de território passo-fundense. O município de Soledade, emancipado em 1875, surgiu integralmente de área passo-fundense.

Desde então até os dias atuais (2017) do primitivo município surgiram 119 novos municípios. De um território cuja dimensão exata não se conhece, entre 30 e 40.000 Km², resta hoje uma área de 783.421 Km² com 198.799 habitantes (população residente estimada, IBGE, 2017).

A Economia Municipal

Na época da emancipação a economia do Município de Passo Fundo, apesar do importante comércio de tropas e de pecuária, tinha sua base na fabricação e exportação de erva-mate. A produção erva-teia era tão importante a ponto das posturas municipais de 1860 dedicarem um de seus seis capítulos à *Conservação dos ervais e fabrico da erva-mate*. Além, o único capítulo com tema econômico, os demais cinco capítulos tratavam de questões burocráticas da administração municipal.

Hemerário Velloso, que na condição de Juiz de Direito da Comarca residia em Cruz Alta desde 1855, esteve duas vezes na Vila de Passo Fundo na primeira metade da década de 60. Além de cantar-se com o clima e paisagens, observou que o comércio, a agricultura e o extrativismo estavam em pleno desenvolvimento no município.

No final dos anos 60 a economia do município começou a apresentar graves indícios de crise. Baseada no comércio de exportação¹, mulas para Sorocaba, erva-mate para os mercados do Prata e pedra ágata para a Alemanha, o "tripé" de sustentação estava abalado. As causas dessa generalizada depressão eram locais e externas.

- Desvalorização da erva serrana, em consequência da falsificação em busca de maiores lucros, aliada à devastação dos ervais pela exploração predatória e falta de controle por parte do Poder Público municipal e provincial;
- Reflexo negativo da desvalorização e escassez da erva nos negócios das tropas de muietes e na pecuária de gado vacum;
- Esgotamento da potencialidade econômica da pedra pela exploração predatória e os preços vis pagos pela indústria alemã;
- Evasão de quase todos os homens válidos, dentre os quais jovens na plenitude da força física e intelectual, em função do recrutamento militar compulsório [ver item "Passo-fundense na guerra contra o Paraguai"];

A escravidão, dos portugueses, desde tempos imemoriais a principal riqueza da região. No século XVII os jesuítas aprenderam com indígenas a arte de fazerem a fabricação artesanal da "cacha paraguai". No século XVIII o comércio coureiro foi de importância bastante considerável e da área chegavam um gado suplementar ao regime coureiro. No século XIX os terras tropicais passaram a ser colhida nos matos de Cima da Serra como modo de troca na aquisição de mulas. A área tornou-se a principal fonte de arrecadação dos vários municípios do Cuiabá e Passo Fundo. No quadro demonstrativo da arrecadação dos impostos municipais, exercício 1870-71, apresentado pelo Barão na condição de Arcebispo, com total de 13.255\$600, 8\$805\$400 correspondiam aos impostos sobre a atividade escravidão e 4\$678\$200 sobre outras diversas atividades econômicas.

Em relatório de 25 de fevereiro de 1874 os Vereadores passo-fundenses denunciavam as falcatufas praticadas por industrialistas estrangeiros. A agricultura no município era incipiente. No referido relatório os Vereadores afirmavam a prosperidade agrícola deste município é um mito nunca existiu. Os imo-brasileiros, os "peço duro", mantinham apenas pequenas roças para autoabastecimento e comércio local. Os cabanos e índios, agregados dos estâncias mantinham os estabelecimentos autossuficientes em gêneros agrícolas e várias para fornecer à Vila e os povoados na base do escambo (troca de produtos por produtos). O imigrante europeu, que estava chegando ao Pampa Médio nesse momento, buscava os núcleos populacionais onde se estabelecia com comércio ou amassado do colono agricultor viria bem mais tarde. A agricultura pela qual reclamavam os Vereadores era a fina agricultura de "exportação", a que gerava tributos aos cofres municipais. Nesta época qualquer mercadoria que saía do território municipal era computada na "exportação", a que entrava era classificada "importação".

Em 1879 havia 13 comerciantes estabelecidos na Vila: Manoel José d'Áraújo, Lucas José de Araújo, José Joaquim da Costa, Gervásio Lucas Anjos, Jorge Scheel, Guilherme Morais, Manoel Pacheco de Quadros, João Fernandes Thais, Thomas Pinto de Moraes, Francisco Theodoro Lemos de Moraes, Rodolfo Xavier Teixeira, Pedro João Isler e Antônio José de Silva Loureiro, o "Barão".

No década de 1880 esboçou-se uma reação à crise econômica com o incremento de novas áreas e novos produtos. A diversificação da agricultura e do extrativismo, aliada à atividades agroindustriais, propunham novas produtos comerciais. Destacaram-se: madeira de construção, cachaça, açúcar, melado, farinha de mandioca, fumo e grãos, principalmente milho e trigo. A pecuária também diversificou-se com a criação de búfalos para barba, com base na produção de milho e no aproveitamento de frutos silvestres abundantes, como a pinhão e o buriú.

Ouro febre de recuperação socioeconômica foi a Vila haver consolidado sua posição de centro comercial abastecido fornecedor do comércio varejista e de particulares nos distritos do município que se estendia até as barragens da Vila Uruguai e nas áreas de Lagos Vermelha e Campos Novos (este catarinense). Favorecida pela "passagem" obrigatória, a praça tornava um Santa Maria da Boca do Monte os dois pontos extremos do trajeto das carretas de bois que ligavam a região terrena à ferrovia. As carretas também ligavam a Vila ao porto fluvial de Rio Pardo. É neste contexto de "comércio por grosso" que negociantes passo-fundenses, como Scheel, Araújo, Libardi e outros fizeram fortuna em curto espaço de tempo. Se dependessem dos clientes locais não teriam ido além de baldeados.

Passo-fundenses na Guerra contra o Paraguai

A Guerra da Tríplice Aliança, 1913-1970, prejudicou muito o desenvolvimento da Vila e do Município. A guerra roubou ao comércio dos seus bens e ao trabalho aos campos, nas matas e nas roças e fazendas, quase todos os homens válidos do município. No ano anterior, 1904, já haviam sido recrutados 400 soldados para lutar no Uruguai, composta o 5º Corpo Prussiano da Guerra Nacional. Bem-se acrescentar que além de fornecer os homens essas áreas fazendas, arrendas, emancipadas e mortuárias de muitas da população local.

Logo que declarou a guerra mais 1.700 praias foram recrutadas e separadas para Uruguiana, formando o 5º Corpo, o 8º Esquadrão e o 42º Esquadrão. Com a incorporação do 9º que participara da batalha de Palmarão e marchou diretamente para a frente de combate, o efetivo passo-fundense somou 2.100 praias, mais 45 oficiais. Nossa população total de menos de nove mil habitantes era um número relativo muito elevado.

Assistência Médica

Pouco conta o propósito dos serviços de saúde e assistência médica em Passo Fundo antes da Emancipação Municipal e nos anos seguintes. No início da década de 1830 foi registrado no povoado duas Fachos de Quédros, 34 anos, casado, alfabeto, curvas e boticário. Boticário era uma espécie de farmacêutico. Na primeira metade dos anos 40 atuava no povoado o médico prático Casimiro Antônio Bastião, "cirurgião aprovado", Beneditino Veloso antes que estando em Cruz Alta no ano de 1855 já chegou o doutor Francisco Antônio Rosa, médico, o qual sendo ido a Passo Fundo (continuando para atender pacientes) disse ter achado a povoação muito mais elevada, em sua vida comercial, do que a de Cruz Alta.

No ano de 1850 chegou na Vila de Passo Fundo o inglês John Georg Moogon, médico prático, cirurgião atestado. Além de clínica foi Delegado de Polícia e Insantor de Escola. Em 1º de dezembro de 1855 foi encarregado com Adão Schell para executar a planta e orçamento de um chafariz na Capão da Fonte destinado a abastecer a Vila. Na sequência Moogon e Schell encarregaram-se da construção do Chafariz. Em 2 de fevereiro 1860 recebeu Moogon e Schell o encargo de planta e orçamento da ponte do Rio Jacó na estrada para Soledade. Em 27 de fevereiro a Câmara Municipal nomeou-o Vacinador na Vila e no 1º distrito. Na década de 1860 transferiu-se para o povoado da Lagoa Vermelha, onde criou e construiu família. Famoso conhecido como "doutor João Inglês".

Beneditino Veloso, quando em 1861 e 1865 na condição de Juiz de Comercio de Cruz Alta esteve fazendo audiências no município, em seu profissões exercidas tanto na Vila de Passo Fundo, como na povoação de Caracóbio. Nada antes a propósito de profissionais na área da saúde.

Em 29 de janeiro de 1858 Ignácio Alves do Nascimento requereu à Câmara Municipal licença para receber "remédios caseiros". Em 27 de julho de 1858 a Câmara Municipal oficiava ao Presidente da Província Mesbume Casa de Caridade [Hospital] existe neste Município. Em 1863 começou clinicar na então Vila de Passo Fundo o Dr. Morich van Steinnach, médico prático alemão. No final do século também Oscar Pinto de Moraes, passo-fundense, médico prático. Posteriormente em, sociedade com seu irmão Miguel Pinto de Moraes "Gôta", farmacêutico prático, criou a Farmácia dos Pobres. Em 24 de janeiro de 1883 a Câmara autorizou Rufino Antunes da Silva a exercer Medicina Homeopática enquanto não alcançava o grau médico Jurisado. No final da década de 1890 também atuavam na Vila o farmacêutico alemão August William Behren e o médico prático conhecido como Lulu, filho de Lulu Morich van Steinnach.

Em 1933 estavam registrados na cidade de Passo Fundo sete dentistas práticos e três médicos, sendo três brasileiros, um deles o senhor Vergueiro, e três práticos. Havia quatro farmácias: Farmácia Hospitalar de Santos Lucas Alves, médico farmacêutico prático, drogaria prático e Tabela; Farmácia Hoffman de propriedade do médico prático Arnaldo Hoffman, fabricante de goma vegetal em "garrafas de madeira"; a farmácia dos irmãos Peito de Moura (15 estabelecimentos) e a farmácia de Antônio Manoel Cordeiro que produzia e comercializava medicamentos de fórmula própria e produtos de beleza. Atuavam na cidade os boticários Otacônio Silva, César Santana e um conhecido como "bolicão" anônimo da Maria Botiche.

A maioria da população era atendida por benzedeiras e curandeiras ou por curandeiros e curandieiras. A assistência consistia em reconstituir o fôlego do ardo e na aplicação de cataplasmas, emplastros, ungüentos, ventosas e sangrias. Também era praticada a sangria.

O primeiro passo-fundense a diplomar-se em Medicina foi Nicolau Araújo Vergueiro formado pela Faculdade de Medicina em Porto Alegre, em 1904 em Farmácia em 1904 e em Medicina em 1905. Deferiu a tese *Contribuição ao estudo de Anesetico Etéreo para uso de Clínica*. Kalery é o Clereia de Riba. Exerceu a profissão em Passo Fundo até aos últimos dias em 1956. Foi muito atuante na política local, estadual e nacional.

A 20 de julho de 1914 foi fundado o primeiro hospital em Passo Fundo, o Hospital de Caridade (atual Hospital da Cidade). A 20 de novembro de 1918 surgiu o segundo, Hospital São Vicente de Paulo. Na fundação e implementação de ambos associações participaram parentes do Barão. A 30 de dezembro de 1939 foi inaugurado o Hospital Municipal, o atual Hospital de Barão, atualmente Hospital Beneditino Dr. Cruz Santos. Passo Fundo conta no presente momento com cerca de uma dezena de hospitais e constitui-se em um dos maiores centros médico-hospitalares do Sul do Brasil.

Instrução

Durante o século XIX e até o final da década de 1920 a única instrução oferecida no município, que pelo poder público, que por particulares, era a primária. Basicamente alfabetização e cálculo.

No ano da emancipação havia uma aula pública para meninas. Criada em 1848, estava a cargo do mestre-escola José Vicente Abrantes e Silva, com 22 alunas matriculadas. Funcionava em sala alugada. Em 1860 contava com 70 matriculadas. Em 1862 Vicente Abrantes ainda lecionava. Dez anos depois havia duas aulas na Vila, uma para meninas, outra para meninos, porém só essa dispunha de professor. No relatório da Câmara Municipal consta que no ano de 1873 havia em todo município quatro aulas, mas apenas uma funcionava (provavelmente a aula para meninas provida de mestre no ano anterior).

Herastino Velloso quando na função de Adj. da Câmara esteve na Vila em 1861 e 1865 anotou a respeito da escolarização no município: *Consta de quatro aulas de instrução primária [...] não há aqui o ensino religioso, talvez porque o povo é mais dado a devoção.*

Além das aulas públicas existiram particulares, como foi o caso da Escola Luso-brasileira do Professor Eduardo de Brito. Funcionou na década de 1880 e início da seguinte. Em 1903 funcionavam a escola do Professor João Gulart e a Escola Guilherme Dias, mantida pela Irmã Conceição do Sul, dedicada ao ensino noturno.

O sistema de "aulas", mesmo relativo às séries iniciais a cargo de um único docente em um prédio para os dois anos adjacentes, existiu nos centros públicos em Passo Fundo e em todo estado. Em 14 de março de 1811 foi criada a Escola Elemental dedicada às séries iniciais, situada as "aulas" coordenaram a proficiência. Durante o governo estadual de Getúlio Vargas, 1926-30, começou a ser implantado o sistema de Grupo Escolar para substituir as aulas isoladas. Em 1928-29 foram no município 26 aulas subsidiadas pelo governo estadual e 75 aulas subsidiadas pelo governo municipal. Em 1930 a Escola Elemental passou a denominar-se Grupo Escolar "Fritolin Alves" reunindo parte das aulas subsidiadas pelo governo estadual. A Escola Complementar foi criada em 1929, também reunida pelo governo estadual. Funcionava inicialmente no prédio do Club Republicano com aluguel pago pela municipalidade, 400\$00 (quatrocentos mil réis) por mês.

No final da década de 1920 funcionavam na cidade três colégios particulares confessionais, Instituto Glúrio, misto, da Igreja Metodista, Notre Dame, feminino, e Conceição, masculino, católicos. Os três estabelecimentos possuíam o ensino que atualmente corresponde ao Fundamental e um corpo docente externo, semi-externo e interno, originário do estado e do Oeste de Santa Catarina.

Decreto de 1941 transformou a Escola Complementar em Escola Normal "Ovaldo Cruz". Portaria de 1946 mudou a denominação para Instituto Estadual "Ovaldo Cruz". Decreto de 1958 desmemorou o Ginásio da Escola Normal. Em 1960 sob direção única constituíram o Ginásio Estadual "Nicolaus de Araújo Vergueiro". O Decreto nº 24.123 deu-lhe a atual denominação de Escola Estadual "Nicolaus de Araújo Vergueiro".

Passo Fundo destaca-se como centro regional de ensino médio. No início da década de 1950 começou, por iniciativa de um grupo pioneiro, preparar-se para um salto de qualidade. A 2 de fevereiro de 1951 foi fundada a Sociedade pró-Universidade - SPU. O primeiro curso foi a Faculdade de Direito, instalada na Avenida Brasil em frente à Prefeitura, na "rua da alta", no caso que fora mandada construir em 1914 por Eduardo Maroni d'Araújo, adquirida pela SPU à família de Jorge Barbieri. As aulas iniciaram-se no dia 23 de abril de 1956.

A criação da SPU provocou o surgimento do Conselho Universitário Católico, iniciativa do bispo Glúrio Colling. Para formar o CUC o bispo reuniu as três escolas católicas, Conceição, Notre Dame, Bem Conselho, e o Seminário São José. Essas instituições aportaram seus patrimônios e seus corpos docentes, contribuindo também com parte do corpo docente. A 17 de março de 1957 instalaram-se, em salas do Colégio Conceição, as aulas da Faculdade de Filosofia da CUC.

SPU, CUC e as Faculdades de Direito e Filosofia foram as sementes das quais germinou a Universidade de Passo Fundo - UPF, criada a 31967. Atualmente além de UPF existem na cidade mais sete instituições de Ensino Superior particulares, uma federal, a Universidade de Federal Fronteira Sul -UFFS, e um Instituto Federal de ensino tecnológico, o IFET/RS.

Cultura

O crescimento social e econômico dos anos 1880 foi acompanhado pelo surgimento na sede municipal de atividades culturais promissoras. Em 1875 a Câmara Municipal havia solicitado à Assembleia Provincial a verba de 1.000\$000 (um cento de réis) para a criação de uma biblioteca pública no Vva. A solicitação não foi atendida. Em 15 de fevereiro de 1881 quatro jovens, Diogo de Oliveira Penteado, Felício Bianchi, Pedro Lopes de Oliveira e Gasparino Lucas Alves, fundaram o Club Literário "Amor à Instrução". Gasparino foi escolhido Presidente

do Club. Em pouco tempo a instituição contava com cento e sessenta alunos, todos do sexo masculino. Após a morte do seu fundador em 1864 pelo Dr. Manoel de Araújo Vergueiro, manteve-se por alguns anos à frente dos seus propósitos por algumas entidades:

Inicialmente funcionou sob gestão alugada. Em 1868 foi adquirida toda a praça, com fachada em madeira, adaptada para atividades teatrais e encenação de peças teatrais, construído no terreno onde atualmente está o prédio do Teatro Municipal. Além de uma sala de "Artes e Instrução", também abrigava uma biblioteca com inúmeras volumes à disposição dos alunos e seus familiares.

Teatro de Inicialistas

Inicialista no "Artes e Instrução", os surgiram as primeiras do teatro em Passo Fundo, as atividades teatrais amadorísticas foram germinando em outras entidades. Também se organizou uma entidade por motivo de guerra civil, foi criado em 25 de março de 1867 o Club Literário e Recreativo Passofundense, o qual recuperou e ampliou o velho teatro existente na base oriental da Praça Tamandaré para a atuação de seu corpo cênico de amadores. Entre os artistas amadores, membros do Club, citam-se Antônio Schell, Agostinho de Oliveira, Antônio Frenes Gonçalves, Armando Araújo Neves, Arthur Schell Morach, Arthur Schell Lacer, Agostinho Schell Lacerda, Hermínio de Souza Lima, João Schell Lacerda, Ricardo Reis, Manoel Araújo Vergueiro era um dos colaboradores, além de Antônio José da Silva Loureiro, responsável pelas artes amadas desde os tempos de "Artes" ao reaparecer no palco em Barão.

O Club foi substituído em 17 de junho de 1869 pelo Grêmio Dramático Passofundense, o qual recuperou o antigo teatro que havia sido transformado em quartel adaptando-o às representações cênicas. Mantiveram-se a maioria dos alunos e do grupo cênico, ainda muitas a elas se juntou. Na presidência permaneceu Antônio Xavier, autor de peças, diretor de coristas e redator do jornal O Fênix. O "Grêmio Dramático" encenou suas atividades em 1915.

Em 1912 o velho barracão de madeira foi substituído por um prédio de alvenaria, construído para teatro, por Hercúlio Trindade Gonçalves do terreno, Filomeno Pereira Gomes e outros, em terrenos da municipalidade. Na época a entidade estava instalada no lado direito. De outro lado o prédio do Club Republicano "Problema Machado" foi construído em terreno alugada para o efeito em 1923. Em 1928 foi instalado o Grêmio Literário Passofundense, desde 1961 Academia Passofundense de Letras. O novo edifício construído como Teatro Municipal, serviu a grupos locais e aos que visitavam apresentações na cidade. Em 1920 a Intendência Municipal de Antônio Vergueiro desapropriou o prédio do teatro para servir de Fórum da Comarca. Posteriormente foi usado para escola e a seguir ali funcionou a Seção de Elektrizidade. Em 1940 a 1977 Câmara Municipal de Vereadores. Nos dez anos seguintes foi usado por serviços da Municipalidade e teve salas emprestadas para entidades, tais como o UPE - União Passofundense de Estudantes, a coordenação Judiciária e outras. Finalmente, em dezembro de 1981, voltou ao seu uso inicial, Teatro Municipal, reformado e reapresentado em maio de 2013. Passo Fundo é um dos poucos municípios do Brasil que possui um Teatro Municipal.

Nos dois primeiros décadas do século XX sucederam-se várias entidades dedicadas, inclusive no particularmente, às artes cênicas amadoras. A vários e muitas das entidades juntaram-se novas. Em 1921, após bastante ser formado por amadores o Grupo X de Comediantes Paríodicos inspirou um novo ritmo de qualidade, regularidade e entusiasmo ao teatro amador local. Surgiu uma sala de artistas locais, rapazes e moças. Além das suas peças encenadas, opera no Club Teatro Colômbio, fronteira à Praça Mat. Hercúlio, o Grupo X, entre

companhias e grupos teatrais e outros legítimos. Também era usado o Cine-Teatro Brasil, que na avenida de mesmo nome, O Grupo X utilizou até o ano de 1937. Foi rico quadro cênico do Grupo X que formou-se Delonges Carneiro e mais destacada figura passo-fundense no teatro e na cinema nacional, Delonges Abreu Carneiro nasceu em Passo Fundo a 8 de outubro de 1902, filho do farmacêutico Antônio Marçal Carneiro e Epifânio Abreu. Atuou no teatro desde adolescente, no Grupo X aprendeu os rudimentos da arte cênica e a grática do palco. Aos 20 anos de idade partiu de Passo Fundo, iniciou com auxílio de cenógrafo em uma companhia de teatro. Fez parte do elenco da Companhia Ode Saneis e Nancy Catani, da Companhia Nacional de Operetas, e da Companhia Cândidas Príncipe Ferreira. Teve sua própria Companhia de Comédias que atuou em Passo Fundo na temporada de 1948 no Cine-Teatro Imperial. Inscreveu-se pelo cinema onde fez sucesso junto ao público e à crítica. Porém permaneceu sempre fiel ao teatro, dirigiu a Escola de Arte Dramática do Estado de Guarabara e a Casa dos Artistas. Foi casado com Helyette Montezani, francesa, atriz e diretora de teatro. Delonges faleceu na Rio de Janeiro a 19 de abril de 1973.

A 16 de agosto de 1944 foi criado em Passo Fundo o Grupo Escola de Teatro Antônio Delonges Carneiro, o qual ao longo de 37 anos de existência apresentou peças teatrais de repertório não apenas em Passo Fundo, como no estado e fora do estado. Formou atores e atrizes. A 3 de julho de 1953 foi criada a Cultura Artística de Passo Fundentendo por finalidade estimular o desenvolvimento da arte em geral e de modo especial a cultura musical. O primeiro Presidente e principal incentivador foi Diego Rêsha Morsch, sobrinho-neto de Barão. Exerciu a presidência durante 25 anos contínuos. A Cultura Artística de Passo Fundepermanece atuante.

Partidos Políticos

Nos últimos tempos da monarquia existiu uma sociedade informal, quase clandestina. Era o ponto de encontro de republicanos. Por combater de gente importante da vila (naturalmente, monarquistas) recebeu o apelido de "clube do tacho de leite". O apelido "tacho de leite" tinha duas razões, uma pelo fato de as reuniões na oficina do marceneiro Augusto Reichebano realizarem-se à noite, outra porque os "vícios" eram tidos como pobresões incapazes de adquirir uma boa lamparina. Em todos jovens letrados. Após a Proclamação da República alguns deles foram convidados pelos novos líderes republicanos para fundar o semanário *O Echo da Verdade*, primeiro jornal passo-fundense.

No quadro da legislatura vigente durante a Monarquia, Partido Liberal e Partido Conservador, os liberais dominaram a política municipal de forma absoluta desde a emancipação até 1878. A partir de então as dissidências no interior do Partido Liberal e as novas identificações que despontaram permitiram ao Partido Conservador disputar posições. Contudo, até a eleição de 31 de agosto de 1881 os liberais contaram com a maioria da eleitorado no município.

De 1873 a 1877 o liberal Cláudio Lopes de Oliveira foi o primeiro passo-fundense com assento na Assembleia Provincial. Na década de 80 Antônio Ferreira Prestes Guimarães tomou-se principal liderança entre os liberais. Na legislatura 1882-1886, por ter sido o vencedor mais votado, exerceu a presidência da Câmara e a chefia do Executivo. Deputado à Assembleia Provincial de 1877 a 1883 e de 1885 a 1889. Sendo Vice-presidente, exerceu a presidência da Província de 25 de junho a 8 de julho de 1889. Prestes foi um dos fundadores do Partido Federalista no Congresso de Bagé em 31 de março de 1892, sendo seu chefe em Passo Fundo até falecer em 19 de fevereiro de 1911.

Vindo de Cruz Alta, Gervásio Lucas Annes tornou-se, nos anos 70, destacado líder do inexpressivo no município, Partido Conservador. Foi Escrivão da Coletoria, Promotor Público, Subdelegado de Polícia, exerceu a advocacia e o comércio. Eleger-se vencedor para a legislatura 1886-1889, a última do período monárquico. Durante o ano de 1887 ocupou uma vaga na Assembleia Provincial. Em meados do ano de 1889, sob a liderança de Gervásio, conservadores e dissidentes liberais fundaram o Partido Republicano no município. Após 1895 o PRB tornou-se hegemônico no município até 1930. A partir de 1904 os filiais ao PRB local passaram a reunir-se no Club Pinheiro Machado. Deve-se notar que Gervásio era Vidal por parte de mãe e Annes por parte de pai, famílias que comandavam a política em Cruz Alta, "ninho de Pica-Paus", e na região. Comani Gervásio chefiou o PRB passo-fundense até falecer em 4 de abril de 1917. Apesar da extinção do PRB após a Revolução de 30, os "chimangos" continuaram dominando a política passo-fundense até a década de 1950.

Fim da guerra civil os "maragatos" passo-fundenses permaneceram afastados do poder municipal. Após o retorno do Barão os "maragatos", também chamados "gasparristas", passaram a reunir-se em um Club Parlamentarista bastante informal, a base era formada pelo Barão, seus filhos e netos. O grupo tomou um certo alento com o retorno de General Prestes Guimarães em 1906. Porém o Club Parlamentarista apenas veio a ser criado formalmente em 1940 por lideranças do Partido Libertador.

Desde os primeiros dias do governo de Jiló de Castilhos Passo Fundo foi marcado como "terra de maragatos". Não apenas por Prestes Guimarães ser figura de destaque na liderança dos federalistas, também os resultados eleitorais em todos os pleitos durante a chamada "República Velha" sempre demonstraram a força dos maragatos no município de Passo Fundo. Em 1922 o deputado Arthur Caetano, referiu *Passo Fundo o meio federalista*. Esta força, apesar de não se refletir positivamente em candidatos eleitos ao Executivo Municipal, foi em várias ocasiões demonstrada nas votações de candidatos "maragatos". Na eleição de março de 1930, o "maragato" Baptista Luzardo foi o deputado federal mais bem votado no município, com 9.879 votos, o "chimango" passo-fundense Nicolau Verqueiro fez no município 8.256 votos.

Em função das eleições de 1945, 46 e 47 estruturaram-se em Passo Fundo: Partido Trabalhista Brasileiro e Partido Social Democrático, sob lideranças "chimangas", no primeiro "chimangos getulistas", no segundo "chimangos anti-getulistas"; Partido Libertador, reunindo os "maragatos"; Partido de Representação Popular, integralistas, "galinhas verdes"; União Democrática Nacional, congregava anti-getulistas radicais; e o Partido Comunista Brasileiro, com a participação de destacados intelectuais e lideranças trabalhadoras (núcleos importantes na Viação férrea e na Irahma), por encontrar-se na clandestinidade, seus votos eram descarregados, como regra, no PTB.

Religião

Conforme constatou Hemetério Veloso, em Passo Fundo o povo era menos dado a devoções. Antonino Xavier em *Rememorações do Nosso Passado* assinala referindo-se ao período pós emancipação:

Salvo diminuto número de protestantes, a população era católica; mas, pelo tamanho do templo que servia de Matriz e a frequência que nele se observava em festas, pouco comparecia ao culto religioso.

Tal processo pode ser deduzido do tratamento dado ao templo religioso. Para obter a autorização do governo, na forma da legislação vigente, foi prometido doar terra à Igreja Católica e construída uma capela. O templo, inaugurado em 25 de agosto de 1836, foi edificada fora da povoação a mais de mil metros de distância. Em 1847 ocorreu a inauguração à categoria de Igreja, sob o nome de Capela Católica, e templo passou ser reconstruído por estar em ruínas. Em 7 de agosto de 1857, ao evento de inauguração da Câmara os vereadores temporários ruins. Em 7 de agosto de 1857, ao evento de inauguração da Câmara os vereadores temporários ruins. Em 7 de agosto de 1857, ao evento de inauguração da Câmara os vereadores temporários ruins. Na sessão do dia 13 os vereadores decidiram contratar Clotilde Frequent de Almeida para realizar os consertos e reparos, ficando com a Câmara a inspeção das obras e promoção de substituição popular para arrumar o terreno (1) para as obras.

Conforme relato até a reunião da Mesa de Qualificação em 18 de janeiro de 1874 a fim de eleger a Junta de Freguesia não foi possível ser realizada, como de praxe, na Igreja Matriz dado o mau estado do templo, igualmente as reuniões de 17 e 27 de fevereiro de 1875 para proceder o alçamento emília por sorteio para o Exército e a Armada foram realizadas na Sala da Câmara Municipal em razão da Conservação (2) e o corpo de Igreja Matriz estarem em estado de ruína.

Pelos registros de batizados e matrimônios constata-se muitas substituições de sacerdotes na paróquia e a curto permanência dos mesmos. Situação apenas regularizada na década de 1880 com a vinda do Padre Guedes. O sacerdote português José Ferreira Guedes foi vigário da paróquia N.ª S.ª da Conceição até o falecimento em 9 de novembro de 1902. Depois quase concluídas as obras da nova Matriz, edificada à Praça Tamandaré, então centro da área urbana. Construída em terreno doado por Bartolomeu e Matriz foi solenemente consagrada em 1909. O templo localizado aproximadamente onde hoje está a Catedral Metropolitana, desativado e demolido naquele ano, estava em muito mau estado de conservação.

Após a morte do Padre Guedes a paróquia foi entregue aos Pastores Palotinos, Sociedade Apostolado Católico, o que aliado às alterações na composição étnica da população da cidade de Passo Fundo modificou gradativamente as práticas religiosas locais. Em 1928 os Palotinos foram substituídos pelos Missionários da Sagrada Família. Assumiram a paróquia de Nossa Senhora da Conceição e a recém criada paróquia de Santa Teresinha, na Vila Rodrigues, onde em 1944 deu-se início à construção do Santuário Maior da Ordem. Atualmente desativado, o prédio é usado pela Instituto Meridional - IMED, Instituto de Filosofia Berthier - (IBE) e Instituto de Teologia e Pastoral - ITEPA.

Escravos e Abolicionismo

O município de Passo Fundo, desde a emancipação, apresentou um elevado índice de escravos, apenas menor do que os números absolutos e relativos da capital da Província e das áreas de charqueadas. Por ocasião do recrutamento para a guerra no Paraguai proprietários alforriaram escravos mandados apresentarem-se como "voluntários" no lugar do patrão ou do filho do patrão. A cota era de dois negros por um branco. Um caso conhecido é o dos dois escravos do Alferes Bernardo Castanho da Rocha, Jerônimo e Isaias (pai e filho). Esses dois escravos ao voltarem da guerra deram origem à Capela de São Miguel, no Pocheiro Torto.

Outra modalidade era os proprietários venderem escravos ao governo imperial, os quais depois de alforriados eram mandados apresentarem-se como "voluntários".

Na década de 1870 foi criada na vila a Sociedade Libertadora dos Catões de São Fernando do município e a Câmara Municipal propôs à Assembleia Provincial a formação de um Fundo Financeiro para emancipação de crianças escravas. Por iniciativa partidária os liberais passos fundantes engajaram-se pelo abolicionismo. Em 1884 a Câmara, presidida por Peches Guimarães, iniciou uma campanha pela libertação dos escravos mediante indenização dos proprietários. Foram afluídos 586 escravos. Restou um número não sabido de escravos e libertados pela lei de 13 de maio de 1888.

Conforme escritura pública constante do livro de Notas nº 13, Tabelião Martin Francisco do Arsenal Moraes, a 24 de abril de 1878 Adão Scheff comprou por 950\$000 (novecentos e cinquenta mil réis) um escravo com 28 anos de idade de nome Nicolau. Recolheu à Câmara meia dúzia (inglês) no valor de 57\$000 (cinquenta e sete mil réis) pela compra do escravo. Esse mesmo escravo Nicolau, avaliado em 1.000\$000 (um conto de réis), aparece com outros escravos no inventário por morte de Adão Scheff em 28 de agosto de 1878 e no inventário por morte de Anna Heit em 4 de agosto de 1887.

A República em Passo Fundo

Além dos rapazes do "toco de vela", um significativo grupo de líderes políticos passo-fundinos posicionava-se publicamente pela fim da monarquia e a favor da República. Antônio Xavier denominou-se *Republicano* movimento pró-República que a partir de 1888 formou-se na Vila reunindo práticos liberais, conservadores e alguns republicanos. Apesar do partido ainda não haver sido fundado no município. O grupo reunia-se diariamente na casa de convivência do Major Lucas, rua do Comércio (atual Av. Brasil), esquina da rua da Imperatriz (atual Marcelino Ramos). Ali também ocorriam palestras de propagandistas da República que percorriam a Província. Ainda segundo Antônio os participantes mais frequentes, além do anfitrião, Major Lucas José de Araújo, eram o Major Antônio Faria de Freitas Guearães (morava ao lado), Jerônimo Savignone Marquis, Capitão Joaquim Gonçalves Girão, José Peches Guimarães, Capitão João de Vergueiro, Jorge Scheff, José Pinto de Moraes, Theophilo Rodrigues da Silva, Major Manuel Teodoro da Rocha Ribeiro, Daniel Manoel d'Araújo, Saturnino de Almeida Pizar, Gerônimo Lucas Annes, Manoel Araújo Scheff.

A notícia da Proclamação da República chegou na vila de Passo Fundo a cerca de dia 18 de novembro em forma de telegrama lido no estafeta desde o Posto de Telegrafia, no distrito de Catariño. A Estação Telegráfica de Passo Fundo foi inaugurada no dia 29 daquele mês a cargo do telegrafista Joaquim Pires de Oliveira.

Após a Proclamação da República a política partidária passou por mudanças. O PRB formado por conservadores e dissidentes liberais dividiu as forças políticas com os liberais que haviam aderido ao Partido Federalista. Na formação do PRB destacaram-se oficiais da Guarda Nacional que haviam voltado de Paraguai com ideais republicanos, alguns deles antigos liberais.

O Governo Provisório do Estado mandou dissolver a Câmara Municipal e nomeou para substituí-la uma Junta Governativa formada por três cidadãos do PRB: Gabriel Bentes (presidente) Tenente Coronel José Pinto de Moraes "Juca Pinto" e Jerônimo Lucas Annes, e que manteve-se por dois anos. Nos quase dois anos seguintes o município foi governado pelo Intendente Provisório José Pinto de Moraes de 15.11.1891 a 15.03.1892 e de 17.06.1892 a 15.08.1892, no intervalo de 17.03.1892 a 17.06.1892 pela Junta Governativa formada por federalistas, presidida pelo Coronel Antônio de Oliveira Cardoso.

A Vila torna-se Cidade

Em 1891 o município contava com uma população de mais de dez mil habitantes. A 10 de abril a sede do município, a Vila de Nossa Senhora da Conceição do Passo Fundo foi elevada à categoria de cidade em razão de sua importância política para o PRR. O Ato nº 258 foi assinado pelo Governador Político Fernando Abbott. A escolha de 10 de abril ocorreu em homenagem ao aniversário daquele dia, Coronel Gervásio Lucas Annes. Cabe notar que seguindo o preceito republicano de Estado Laico o Ato nº 258 instituiu Cidade de Passo Fundo. Idêntico procedimento ocorreu ao transformar a Província do Rio Grande de São Pedro do Sul em Estado do Rio Grande do Sul. Os positivistas gaúchos levaram a sério a separação entre Estado e Igreja.

Um Prussiano na Intendência

A Constituição estadual de 1891 estabeleceu que os municípios teriam os poderes executivo e legislativo separados. No Executivo o Intendente Municipal, eleito pelos cidadãos habilitados ao voto, porém excepcionalmente podia ser nomeado pelo Presidente do Estado. A Câmara passou a ser denominada Conselho Municipal. Os membros do Conselho receberam o título de conselheiros.

Nomeado pelo Presidente do Estado, Vitorino Monteiro, tomou posse em 16 de agosto de 1892, no cargo de Intendente Municipal de Passo Fundo, Frederico Guilherme Kurtz que por sua vez designou Gezerino Lucas Annes Vice-Intendente.

Homem de confiança do Coronel Gervásio, Kurtz era ex-militar prussiano, nascido em 1840, em Rheinböllen, Rhein-Hunsrück, no atual estado de Rheinland-Pfalz (Renânia-Palatinado), República da Alemanha. É possível que haja integrado um batalhão "bruness". Em Passo Fundo estabeleceu-se como artesão de artigos de couro. Organizou a Guarda Municipal e a Guarda Republicana. Foi Intendente até 17 de abril de 1893.

Não apenas Frederico Guilherme, seu irmão Jacob Kurtz, Adam Scheil, August Willem Bohne e os dois irmãos Luiz e Guilherme Morsch von Steinhach eram todos originários de Rheinland-Pfalz.

Instabilidade política

A cidade e o município desde o início da década de 1890 tiveram o progresso econômico e cultural paralisados por mais uma convulsão social, a Revolução Federalista, também conhecida como "revolução da degola". Em Passo Fundo as movimentações preliminares ocorreram ainda em 1891. Em novembro os republicanos chefiados pelo então Tenente-Coronel Francisco Marques Xavier "Chicuta" e os liberais chefiados pelo Major Prestes Guimarães, reuniram-se em armas acampando em vários pontos da cidade, nos arredores e nos distritos. A principal base da tropa comandada por Prestes era a Fazenda do Valinho de propriedade do Barão. A principal base republicana situava-se na margem direita do Rio Passo Fundo, próximo ao "passo", em terreno do Coronel Gervásio. Daí por diante os enfrentamentos só iriam cessar (oficialmente) em agosto de 1893. Não obstante marcaram a vida social e política em Passo Fundo até, no mínimo, meados do século XX.

Tendo agrupado mais homens e se apoiado das melhores posições o Major Prestes assenhorou-se do poder local. Antônio José da Silva Loureiro, o "Barão", foi nomeado Delegado de Polícia. Na manhã de dia 18 de junho de 1892 uma bala disparada da frente do quartel de polícia, em pleno centro da cidade, por um praça daquela corporação, causou a

morte do Coronel Chicuta. Este fato provocou o adiantamento do confronto desencadeando muitos ressentidos entre federalistas e republicanos. O Major Lucas Araújo, segundo na hierarquia do PRB passo-fundense, e Fortunato Xavier de Castro, irmão do Coronel Chicuta, refugiaram-se em Santa Catarina acompanhados de suas famílias. Também seguiu junto a adolescente Antonino Xavier, servindo de elemento de ligação entre Lucas e os chefes republicanos em Passo Fundo.

Em Passo Fundo e em outros municípios os federalistas preparavam-se para a possível reação dos republicanos. Os federalistas controlavam a situação no município, porém estavam isolados, os republicanos dominavam Cruz Alta e Porto Alegre. O telégrafo, único meio de comunicação rápido, estava sob o controle dos republicanos. Prestes Guimarães julgou necessário enfrentar as forças que de Cruz Alta preparavam-se para retomar Passo Fundo. A 26 de julho renunciou ao governo municipal, entregou a uma junta mista formada por três federalistas e três republicanos. Pouco depois chegou o Coronel Gervásio. Com o apoio do Tenente-Coronel José Pinto de Moura "Faca Pinto" e do Major Pedro Lopes de Oliveira "Linha" concentrou na cidade um efetivo de mil homens. Prestes, o Barão e outros líderes federalistas já haviam se afastado do município.

Antes os lados trocaram mútuas acusações de abusos e violências. Prestes ameaçou:

Instalaram os afilhados nos processos por vinganças mesquinhocas, perseguiram os contrários, molharam dezenas de prisioneiros e arbitrários nos melhores cadafalsos, atirando-os em inúmeras cubilotes, porão alguns em quatro estacas, só concedendo liberdade, salvo raras exceções, mediante soma de dinheiro ou documentos [de confissão de dívida] a breve prazo. Estes iníquos eretores, encostados a título de intenções!

Guerra Civil de 1893-1895

A 17 de junho de 1893 João de Castilhos, com o apoio da Guarda Cívica e de seus correligionários, retornou ao poder na Rio Grande do Sul. O golpe foi legitimado pelo Marechal Floriano Peixoto, Presidente da República. Castilhos e florianistas tinham em comum idéias próprias autoritárias de inspiração positivista para o exercício do Poder. Ainda em 1892 a Guarda Cívica foi transformada em Brigada Militar do RMS.

No dia 2 de fevereiro de 1893 o coronel Guinecindo Saraiva, a frente de um contingente de 400 homens mal armados, atravessou a fronteira nos Cerros de Araguá. No dia 5 o general Joca Tavares, com mais de três mil combatentes que havia reunido no departamento de Cerro Largo, República Oriental do Uruguai, adentrou o território nacional pela Casparyta. Na condição de comandante em chefe das forças revoltosas lançou uma proclamação verbalizando os seus desejos, justificando o levante e convidando a população a aderir à luta armada. Estava iniciada mais uma guerra civil.

No mês de maio de 1893 os revoltosos sem dispor de um tiro tomaram a cidade de Passo Fundo. Pouco antes da chegada dos federalistas os familiares do Cel. Gervásio foram alertados, encontrava-se acovado sofrendo uma forte crise de gota. Fugia muito frio. Foi envolto em cobertores e amarrado na garupa de um cavalo. Assim o retiraram da cidade. Seu exatário foi saqueado.

No dia 4 de junho deu-se o Combate do Bequerção e o retorno da cidade pelos legalistas. As duas guardas legalistas, a Municipal e a Republicana, instalaram-se no prédio do

Clube Literário "Anos à Instrução" transformado em quartel. Nos dias 13, 14 e 15 de outubro o distrito comandado pelo General Sumaré comdante Saraiva transcorreu com tranquilidade pela cidade rumo à Santa Catarina.

Até o final da guerra ocorreram vários combates, furtivos e esporádicos no município. Alguns na periferia, porém muitos na área urbana. Muitos após a cidade se despojava, permaneceram mulheres, crianças e idosos. De certa forma também ficaram na cidade os combatentes das guardas Municipal e Republicana. No combate de Urussu, ocorrido a 18 de janeiro de 1894, o principal chefe republicano local, Coronel Gerônimo, foi ferido nas nádegas. Retirou-se para Porto Alegre. Gerônimo Annes apenas retornou a Passo Fundo após a declaração da Paz.

No início da guerra civil cada uma das facções em luta organizou na cidade de Passo Fundo um serviço de assistência aos respectivos combatentes. Basicamente a assistência consistia no fornecimento de roupas, perreco e alimentos, além de ataduras e medicamentos. A assistência aos revoltosos, "maragatos", foi liderada pela esposa do Barão, Felippina Schell. A assistência aos legalistas, "pica-paus", esteve sob a coordenação da esposa do Cel. Gerônimo, Estelina Evila d'Arújo. Cabe notar que Estelina era sobrinha de Felippina. Deve-se destacar que na época da "revolução da degola" não existe a Cruz Vermelha Brasileira, a qual iniciou suas atividades apenas no final da década de 1910.

Degolas em Passo Fundo

A guerra civil de 1893-95 ficou marcada pela degola. Não que não tenha acontecido em 35 e em 23, Marcante fez a grande quantidade de degolados durante a chamada "Revolução Federalista". Em dois episódios os cifras, são hoje discutidas e incertas, passam de 300 degolados em cada um. Em São Negro, a 28 de novembro de 1893, maragatos degolaram pica-paus, no Bel Preto, a 9 de abril de 1894, pica-paus degolaram maragatos. Em ambos os casos tratava-se de soldados adversários derrotados e aprisionados.

Em Passo Fundo houve degolas de combatentes e de pessoas não diretamente envolvidas no conflito. Nicolau Vargueiro, então com seus 12 anos de idade, relata haver assistido nos fundos do quartel das guardas Republicana e Municipal adversários degolados serem atirados barranco abaixo para o lado da Moura. O dito quartel ficava onde hoje está o prédio do Teatro Municipal.

A 16 de janeiro de 1894 um contingente de 1.500 combatentes vindos de Cruz Alta, sob o comando político do Cel. João Gabriel, comandante de Cruz Alta, e Cel. Gerônimo, Intendente de Passo Fundo, foi atacado pela cavalaria maragata e destruído no âmbito, próximo do arroio Pinheiro Terto. Cerca de 200 pereceram em combate, boa parte debilitada, inclusive os coronéis João Gabriel e Gerônimo. Os prisioneiros, em número desconhecido foram degolados e seus cadáveres atirados numo lago. Os maragatos reconheceram haver perdido cinco combatentes mortos e cerca de vinte feridos.

A 8 de fevereiro de 1894, fudo o Combate do Valinho, um número não sabido de maragatos, que não haviam conseguido vencer o Rio Passo Fundo e escapar, foram ali degolados. A historiografia registra que a degola se estendeu por seis horas, ao som da banda de música da Guarda Republicana¹.

¹ Livro "Cruzada em Defesa de Brasil" de Osório e Desobediência, p. 90-1.

Também ocorreram degladios de alto combates, inclusive batalhões. Apesar das "serenas" estabelecidas nosdomos "respetos de famílias", isto é, posar mulheres, crianças e idosos. São mais conhecidos os casos de Padre Thomas de Souza Ramos e de Maria Mercedes Teófilo, a "Mãe Pequena".

Padre Ramos, português, Vigário Coadjuvante, era ligado aos maragatos, foi preso em Passo Fundo e mandado para Cruz Alta. No dia 7 de junho, logo que atravessava povoado do Caracento, foi degolado pelos pica-paus encapuçados de mandujão. Enterraram o cadáver e retornaram a Passo Fundo. De uns os degolados eram aborridos pelos insuportos. Certamente pelo fato de ser um sacerdote católico os degoladores, sem lhes dar respeito, tiveram-lhe sepultura. Até hoje discute-se se o motivo da prisão de Padre Ramos foi político ou outros foram os motivos.

Mãe Pequena nasceu de e informou onde estivera nomeado seu marido, tenente republicano, e seu filho adolescente. Foi degolado por maragatos e 28 de novembro de 1894 junto ao Arroio Raquel, sepultado por populares, seu nome original o "cambório da cruzinha", desativado em 1955 para dar lugar ao alargamento da Rua Coronel Criziano. Mãe Pequena é considerada a primeira santa popular passo-fundense.

Batalha de Passo Fundo

Uma das maiores batalhas da guerra civil de 1893-95, considerada a mais decisiva, ocorreu no dia 27 de junho de 1894 a menos de duas léguas do centro da cidade, logo adiante do Arroio do Pinheiro Torto, na área da Fazenda de Antônio Mello.

Em junho de 94 os maragatos, que ao comando do General Guernicindo haviam lutado em Santa Catarina e Paraná, estavam de volta ao Rio Grande do Sul. Próximo à cidade de Passo Fundo, nos campos da antiga fazenda de Fagundes dos Reis, fizeram junção com as tropas "serenas" do General Prestes Guimarães.

No dia 26 de junho os federalistas atravessaram a cidade, acamparam para pernoite à beira do Arroio Pinheiro Torto. No dia 27 foram surpreendidos por tropas republicanas instaladas em lugar espectralmente escolhido. A Batalha de Passo Fundo durou cerca de seis horas, tendo causado cerca de mil feridos e algumas centenas de mortos de ambos os lados. As cifras são imprecisas, os números constantes nas "Partes" dos diferentes comandos são contraditórios. As posições dos "pica-paus" praticamente inviabilizaram a ação da temível cavalaria "maragata". Mesmo assim a Batalha de Passo Fundo, basicamente um combate entre infantes, terminou sem uma vitória militar. Ambos os lados retiraram-se do campo de luta no final da tarde de 27 de junho. Na madrugada do dia seguinte os revoltosos seguiram no rumo de Soledade. As tropas legalistas, comandadas pelo General Rodrigues Lima, ainda permaneceram durante dois ou três dias acampadas na Fazenda de Antônio Mello, área rural do 1º distrito de Passo Fundo. Daí seguiram por Caracinho no rumo de Cruz Alta.

Na Batalha de Passo Fundo participaram, além dos exércitos de Guernicindo e Prestes, formados por gaúchos rio-grandenses e uma pequena quantidade de combatentes recrutados no Uruguai e Argentina, tropas recrutadas no Paraná com destaque para o batalhão dos poloneses comandado pelo Coronel Budzisk, o batalhão italianocomandado pelo Coronel Colombo Leoni e infantes do 24º Regimento, sediada em Curitiba. Em Santa Catarina também ocorreram recrutamentos. As forças federalistas foram enfrentadas pela Divisão do Norte, comandada pelo General Lima e reforçada pelas duas guarnições de Passo Fundo, a Municipal e a

Republicana, e por um contingente recrutado na zona colonial Italiana de Serra, comandado por um ex-militar italiano.

Pacificação e Anistia

Embora os federalistas não tenham sido derrotados, nem os republicanos pela vitória, em a Batalha de Foz de Fúndão sinalizou o fim da Revolução de 33. Ainda não recuperadas dos prejuízos militares os "maragatos" perderam seu comandante maior, Gumerindo Saraiva, atingido por uma bala perdida no Carval no dia 10 de agosto. Logo a seguir Aperício Saraiva, irmão de Gumerindo, que havia assumido o comando, e Prestes com suas tropas transpuseram a fronteira e asilaram-se na Argentina. Prestes lá permaneceu. Aperício seguiu para o Uruguai, ambos com o intuito de reorganizarem a retomada da luta. Entretanto terminou o governo de Floriano. Em 15 de novembro de 1894, tomou posse Prudente de Moraes, o primeiro presidente civil. Prudente, sem dar atenção a Júlio de Castilhos, enviou o seu Ministro da Guerra para tratar da Paz diretamente com os rebeldes. Durante as negociações ainda ocorreram enfrentamentos bélicos. O de maior vulto foi o ataque, no dia 24 de junho de 1895, da cavalaria castilhinista contra 1º Corpo do Exército Libertador acantonado no rioção formado pelos rios Quaraí e Quaraí-Mirim (ou Quaraí Chico). Foram massacrados cerca de 200 marujos e 17 oficiais da Marinha. Morreu atingido por um lançamento comandante, Almirante Saldanha da Gama.

No dia 23 de agosto no OG do Comando do 6º Distrito Militar, em Pelotas, foi assinada a Ata de Pacificação, assinada pelo General Inocêncio Galvão de Queiroz, em nome do Presidente da República, e pelo General João Nunes da Silva Tavares, em nome dos revoltosos.

No dia 24 de agosto de 1895 o Presidente da República sancionou oficialmente a Paz. A Anistia aos rebeldes foi concedida no mês de setembro, permitindo assim a volta dos federalistas asilados no estrangeiro, entre eles Prestes e o Barão. Prestes só retornou a Passo Fundo em 1906.

A Estrada de Ferro

Após o restabelecimento formal da paz o Município e a Cidade iniciaram a recuperação social e econômica. Fator significativo foi a inauguração, em 8 de fevereiro de 1898, do ramal Nerreo de Cruz Alta a Passo Fundo. Ficava estabelecida a ligação, via Santa Maria, a Porto Alegre e à fronteira meridional. A ferrovia reforçou a posição de "Terra de Passagem" e entreposto comercial.

A Ferrovia e a Paisagem Urbana

O trajeto da via férrea, contornando o núcleo urbano pelo lado leste, aliado ao projeto da futura Gare, afastada do centro urbano tradicional, mudou a localização do centro da cidade. Nos primeiros anos do século foram traçadas e urbanizadas as vias do atual centro, implantada a Praça Mal. Floriano e retirado o cemitério católico. Para tal efeito a 1ª de janeiro de 1902 foi inaugurado o Cemitério Vera Cruz, instituição pública municipal, construído em área indenizada no Campo do Barão. Em 1909 a Igreja Matriz foi transferida da atual Mal. Floriano para a atual Tamandaré.

A Gare (garagem dos trens), serviços administrativos, telégrafo, depósitos e oficinas estavam tão deslocados da cidade que a Estação de Passageiros só veio a funcionar efetivamente ali na década de 1920. Até então o embarque e desembarque de passageiros dava-se num apeadoiro localizado junto à Rua do Comércio, atual Avenida Brasil.

Atrações Culturais

No recenseamento realizado em 1900, foram em 10.000, os habitantes, incluindo uma população municipal de 24.234 habitantes. A população urbana foi estimada em cerca de duas mil pessoas. Em 1910 foi em contados os habitantes no município, 6.561. Com base nessa cifra estimou-se duplicada a população municipal. A cidade contava com cerca 4.000 habitantes, vivendo em aproximadamente 500 prédios residenciais. Mais uma população substancial de cerca 500 pessoas, viveu em cerca de 70 moradias. A composição étnica era em sua quase totalidade formada pelo "elemento nacional" de origem lus-brasileira, afro-descendente e colômbia, com pouca grau de miscigenação. Os estrangeiros (m os da primeira geração no Brasil) eram em pequeno número, quase todos alemães ou italianos, dedicando-se ao comércio e ao artesanato. Esses "gringos" empobrecidos e antenados, desde a chegada, foram-se aos "pau fluro", descendentes das lavras. Formaram associações, em regelões e em casamentos. No ato da escola social operativos como si a prioridade da terra e a liberdade política-cultural e econômica da cidade e do região.

A partir desse momento a cidade e o município vêm sofrer significativas alterações demográficas. A composição étnica da população irá sofrer em diferentes períodos refletido na economia, na política, na cultura de uma forma geral.

A Economia Municipal nos anos 1900

No início do século XX a economia municipal continuava marcada pelo extrativismo florestal e pelas atividades de entreposto comercial. A indústria aviatriz teve impulso com a melhoria técnicas introduzidas por aviateiros análogos. Na primeira década os dois principais empregadores do ramo era o Estabelecimento Industrial Cruzeiro de Arthur Schell Isler, conhecido como Tatu, e o Empório Industrial Rio-grandense de Marquet, Vega & Cia. sucessores de Erliger Hermanns & Cia. Parte significativa da produção dessas aviatrizes destinava-se aos países do Prata. O "engenho do Tatu" estava instalado no margem do Rio Passo Fundo, movido a força hidráulica. O empório ocupava toda a quadra com frente para a Rua Gen. Osório, tendo nas laterais a Gen. Netto e a Cel. Chicuta, fundos laterais com o quadro da Viação Férrea. Na década de 1940 a parte industrial do Empório, situada na esquina da Gen. Osório com a Cel. Chicuta (atualmente ocupada pelo prédio do INSS), foi adquirida pela "sociedade Passofundense de Mote Ltda." dirigida por Brasileiro de Araujo Bastos.

Não é mera coincidência um passo-fundense, Victor Loureiro Isler, haver sido um dos organizadores e o primeiro Presidente do Instituto Nacional do Mote. Além de passo-fundense era de família que sempre esteve envolvida com aviação, o avô Barão, o pai Tatu, tios e primos.

A atividade madeireira, compreendendo a extração, a varrição, o beneficiamento, o transporte, o comércio e a exportação, foi durante a primeira metade do século a mais importante na economia municipal, muito embora nem toda madeira cumpriam todas etapas do ciclo do no âmbito do município. A par do extrativismo florestal mantinha-se com importância relativa a pecuária e nas zonas de colonização a policultura agrícola.

No final dos anos 30 e primeira metade dos anos 40 a economia e a vida social da cidade de Passo Fundo tiveram um rápido e grande crescimento resultante do auge do período madeireiro e do contrabando de pneus. Muito dinheiro circulou, grandes fortunas surgiram (via de regra, logo desapareceram). Passo Fundo cumpria seu destino de "Terra de Passagem". Nesse período marcado pela 2ª Guerra Mundial, também surgiram vários estabelecimentos industriais voltados para a substituição de importações. Esta característica fez com que,

Em 1910 a ferrovia transporta o Rio Itaipua. Ainda naquela década deu-se o encontro com o rio São João de Itaipua. Na década de 1920 foi-se a junção com a Sarcobataia, colonizada Passo Fundo em ligação com São Paulo e com a Capital Federal (Rio de Janeiro).

A partir da década de 1920 consolidou-se o novo centro urbano em torno da Praça Rui Barbosa. Área onde vivem concentradas as lojas, o comércio varejista e a vida social. A cidade cresceu em direção ao "leste" e em direção à Salsiparea Mariz. A terra dos trilhos foi o Sarcobá e o comércio atacadista, os indústrias, principalmente siderúrgica e usageria. O quartel do Exército, com início da construção em agosto de 1922, junto aos trilhos. O Quartel do Exército foi construído em terreno para o sítio adquirido pela Intendência Municipal a Mário Scheer Laureiro, herdeiro do Barão. Na década de 30 o 2º Regimento Cavalaria da Brigada Militar estabeleceu seu quartel próximo à Gare de 1965. Em consequência surgiram novas áreas urbanizadas, Vila Rodrigues, Vila Cruzes, Vila Lucas Araújo, Esplanada (nócleo do atual Bairro São Cristóvão), Vila Santa Maria, Malgrado o Cemitério, o Quartel do "otavo" (depois do "voto") provocou a urbanização das terras que haviam pertencido ao Barão, surgiu no final da década de 1930 a Vila Vera Cruz.

O terreno da Praça Tamandaré e da antiga Rua do Comércio, posteriormente Avenida Brasil, no trecho entre a 15 de Novembro e 30 de Abril manteve sua condição centro da cidade. Ali estabeleceram-se na primeira metade do século XX A escola marista fundada em 1904, sendo o prédio do Ginásio Conceição inaugurado em 1930. A igreja Matriz, inaugurada em 1909. O Paço Municipal, inaugurado em 1931, intendência até 1930, a seguir Prefeitura até 1977, atual prédio dos Museus. O Fórum construído em 1920 em prédio construído em 1913, o qual de 1947 a 1977 sediou a Câmara Municipal de Vereadores, atual Teatro Municipal. O Clube Republicano, cujo prédio foi construído em terreno adquirido em 1915 e sediou a partir de 1930 o Grêmio de Letras, atual Academia de Letras. O Hospital São Vicente de Paulo, fundado em 1918. O Centro Dame, escola católica feminina fundada em 1925, estabeleceu-se no atual prédio do As. Brasil em 1931. O já citado Quartel do Exército, atualmente desativado, em breve sediará a Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. Na área também localizavam-se as principais casas comerciais daquela época, tais como as fundadas por Adão Scheel, Capitão Araújo, Lucas Araújo e a Casa Barão, marcando-se igualmente como importante zona comercial. O Ginásio Conceição de Rua Teixeira Soares, na quadra da Igreja Matriz, foi transferido em 1985-87 para próximo à Praça da República, atual Professor Tschetto. Na década de 1950 a área próxima à Praça Tamandaré recebeu a escola das Irmãs Salvatorianas e a sede da atual UFF. Na década de 1980 a Escola Estadual Nicolau de Araújo Vergueiro.

Diz-se-lhe que a Tamandaré "perdeu a coroa, mas não perdeu a majestade", além do que é dita "Praça da Matriz". Nessa praça, a 27 de fevereiro de 1921, foi inaugurado o monumento (até hoje o mais rico da cidade) a Genésio Lucas Arves, o principal personagem da história oficial de Passo Fundo. O busto foi desmontado pelo menino Mario de Laudes, filho de Homero Aguiar Anterino Xavier foi o orador oficial do ato. O monumento é obra de Porto Couto, escultor português, na época com oficina no Rio de Janeiro. A comissão representativa do Clube Republicano, formada por Júlio Edolo de Carvalho, Antônio Manoel Carreira e Gabriel Bastos, teve o cuidado de colocar o busto do Coronel Genésio de costas para a Igreja. Na época os maçons passavam-se e os Padres Paletinos tinham-se e irredutíveis divergências. Logo após a inauguração desentendeu-se acerca polêmica a propósito do posicionamento do busto, o qual não poderia estar voltado para o Sul. Por representar um maçon o busto deveria estar voltado para o Oriente. Contudo nenhuma atitude prática de redimensionamento foi tomada.

restabelecida a paz, essas fábricas ou fecharem ou se transformaram. Porém, naquele momento, nasce uma nova riqueza, a cultura do trigo *Triticum sativum*. A triticultura de campo mecanizada desponta e logo se torna pujante, com reflexos positivos nos setores comerciais e bancários da cidade. Coísta, na época distrito de Passo Fundo, é considerada a zona pioneira no Brasil dessa "triticultura da herba de bode". Até então julgava-se apenas adequadas as terras de maré e não as de campo, aqui "em cima da Serra" marcadas pelo *Arctium lutea*, a popular herba de bode. Ademais a triticultura colonial era prática lavroureira de pouco conhecimento e tecnologia primitiva. O desenvolvimento da triticultura na região deveu-se, em seu aspecto técnico-científico, à Estação Experimental, instalada em outubro de 1938na distrito de Sertão, próxima à Estação Ferroviária Eng. Luit Engler. Em 1957, por ocasião do 1º Centenário da Emancipação Municipal, Passo Fundo sediou a VII Festa Nacional do Trigo. Em 1973 foi instalada em Passo Fundo a EMBRAPA.

O trigo como monocultura, teve vida curta. A soja *Glycine max*, "ervaão grande", de início cultura complementar expandiu-se rapidamente e transformou-se no "carro chefe" do agronegócio da região. Por não envolver apenas a atividade agrícola *stricto sensu*, mas também o comércio, a indústria, a pesquisa e os serviços é que a sojicultura tem destacada importância na economia passo-fundense, não obstante o município ter apenas 2,55% de sua população vivendo na zona rural e dispor de ínfima área agrícola para a soja. Além da soja e do trigo outros grãos, tais como milho, cevada e aveia, têm importância na economia passo-fundense.

Na segunda metade do século XX Passo Fundo, além de conservar sua tradicional posição de polo regional de comércio, num crescendo fora de comum ampliou a prestação de serviços médico-hospitalares e a condição de centro de ensino superior e pesquisas. Estes aspectos, destacados em itens anteriores, refletem-se positivamente na conjuntura socioeconômica do momento (2017).

Infraestrutura Urbana

Na década de 1910 a implementação de importantes componentes de infraestrutura urbana começaram a dar a Passo Fundo condições de cidade, superando o costumeiro aspecto de "aldeia antiga".

A Intendência Municipal tomou a iniciativa da geração e distribuição de energia elétrica residencial, comercial e industrial. Na iluminação pública os lâmpadas a querosene e os lâmpadas a carbureto foram substituídos por lâmpadas elétricas. Foram instaladas, mediante concessão a empresas privadas, linhas telefônicas urbanas e de ligação com sedes distritais.

As melhorias da infraestrutura também fizeram sentir no arruamento de artérias públicas e no ajardinamento de praças e canteiros de avenidas. Do lado Sul, a partir dos trilhos da viação férrea, foi aberta a Avenida Progresso (deols Mauá, atual Presidente Vargas). Concomitantemente iniciou-se uma nova fase de expansão da área urbana.

Secundando essas medidas a Intendência promoveu a regularização dos topônimos e novas nomeações de vias públicas e praças.

Revolução de 23

A guerra civil conhecida como "revolução de 23" ou "revolução assistida" começou a 24 de janeiro de 1923 no município de Passo Fundo e alastrou-se por todo estado. A causa

revolta foi a margem, considerada secundária, em Arrimão, Agostão Borges no Maranhão para um quinto colocado na preferência do estado do Rio Grande do Sul.

No plano, após o resultado de 29 de novembro de 1932, tomaram Borges, pelo Exército, República Republicana e Assaíto Francisco de Assis Brasil, pelo Partido Federalista com o apoio dos republicanos dissidentes e dos moderados conservadores. Borges, para obter a vitória, precisava fazer dois terços dos votos. A homologação dos resultados passou pelo Conselho de Constituição e Federais da Assembleia de Representantes para legislatura formada por sete deputados do PRF, sob a presidência e relatoria de Epitácio Pessoa Vargas, a CCF venceu e recebeu os votos, sem a presença de Brasil da oposição. No dia 14 de janeiro a comissão converteu o já sabido resultado dando a vitória ao império da Política Primitiva. As duas foram consideradas válidas: 138.576 votos, sendo 76,75% para Borges e 23,25% para Assis. No dia 21 a Presidência da Assembleia aprovou o Relatório e deu posse a Borges de Madureira.

Das 33 deputados, 33 votos do PRF, formavam a maioria absolutista. Desfederalistas e um dissidente do PRF compunham abertamente da oposição, a maior desde 1888. Um dos dois deputados "maragatos" era de Passos Furtos, o selvagem Arthur Castano da Silva. Sabendo dos resultados a que chegaria o "Voto, guerra e dois países" Castano abandonou os trabalhos no dia 29 de dezembro. Viajou para Passos Furtos para os últimos preparativos da insurreição. Chegava com os maragatos da região e com documentos repatriados. Estando a cidade de Passos Furtos controlado pelos chibungos sob o comando de Nicóteo Vinagreiro, a delegação de revolta foi destinada para Caratituba, sede de 47 distritos. Para lá dirigiu-se o deputado Castano. General Lobo, republicano dissidente, ficou com sua tropa no Professor Toriz. Outra grupamento sob o comando de Galvão Cesar e Ramão Fagundes ficaram no 2º distrito, Carajás do Meio. Em Coitéba a liderança revolucionária ficou com Jorge do Padre e Fernando Gaspar. Tenente Perillo, Simão Machado.

No manhã do dia 24 de janeiro sob o comando do coronel João Rodrigues Moura Barreto, republicano dissidente, e no subcomando o coronel Sabatiana de Paiva, maragato de longa data, os revoltosos tomaram a subprefeitura e proclamaram a emancipação municipal de Caratituba sob o nome de Assaíquela. Após tomaram a Estação Ferroviária de cujo telégrafo Arthur Castano da Silva telegrafou ao Presidente da República, Arthur da Silva Bernardes, comunicando a revolta e pedindo intervenção federal. No dia 25 a cidade de Passos Furtos foi sitiada pelos revoltosos. O sítio manteve-se por oito dias, não tendo havido intervenção federal e com a aproximação de um contingente de mil combatentes sob o comando do general Firmino de Paiva e Silva vindo de Cruz Alta via Nereu, o sítio foi levantado.

No mês de fevereiro ficou revoltosa surgiram em todo estado. Bernardes não tendo decretado intervenção as tropas federais no estado mantiveram-se estacionadas, não permitindo operas conflitos nas zonas militares de seus estabelecimentos. O governo estadual contava com a Brigada Militar, a qual atendia de disciplina rigorosa e sua tradicional fidelidade ao chefe do Executivo, contava com soldados experientes, bem treinados, bem armados e municados, tanto em seus efetivos regulares, como nas acilares (provisórios). Em outubro Bernardes enviou o Ministro da Guerra, General Beneditino de Carvalho, o qual visitou várias unidades do Exército e inspecionou quartéis, inclusive o de Passos Furtos. Reunião em Bagé com os líderes da insurreição foi acertada a Paz. No dia 14 de dezembro no Castelo de Pedro Afonso, residência de Assis Brasil, foi redigida e assinada a Ata de Pacificação, firmada pelo General Carvalho, em nome do Presidente da República, e por Assis, em nome dos

principais comandantes da revolta. No dia 17 o Major Euclides Figueiredo apresentou a lista de Pacificação a Borges de Medeiros para conhecimento e assinatura. O chamado "Pacto de Pedras Altas" não contemplou a emancipação de Assaípolis.

Aliança Liberal

Tendo o Pacto de Pedras Altas proferido Borges de Medeiros concorreu à reeleição o PRB apresentou para candidato Getúlio Vargas, os federalistas não apresentaram candidato. Em seu curto governo, 1928-1930, Vargas promoveu o congraçamento político dos gaúchos. Alentou diplomaticamente Borges e a "velha guarda chimanga". A 1ª de março de 1930, ocorreram eleições presidenciais. Concorreram Júlio Prestes, presidente do estado de São Paulo, e Vital Soares, presidente do estado da Bahia, vice, candidatos oficiais do presidente da República Washington Luís. Pela oposição Getúlio Vargas, presidente do estado do Rio Grande do Sul e João Pessoa, presidente do estado da Paraíba, vice. Tão inédito na política rio-grandense, os gaúchos em sua quase totalidade apoiaram um único candidato à presidência da República. Em quase todos municípios foram constituídos grupos pluripartidários. Em Passo Fundo o Comitê da Aliança Liberal e o Comitê Popular Pró Getúlio Vargas, ambos presididos por Antônio Xavier.

O pleito decorreu, como de praxe até então, em meio a fraudes. O voto era a descoberto, não havia Justiça Eleitoral, as listas e atas de votação eram sistematicamente adulteradas. A chapa oposicionista, representada pelo Aliança Liberal, não aceitou os resultados.

Revolução de 30

No dia 3 de outubro de 1930 o Rio Grande do Sul, com o apoio de Minas e da Paraíba, levantou-se em armas contra o governo central. Em Passo Fundo no mesmo dia o Nicolau Vergueiro lançou um manifesto, distribuído à população em forma de faixa volante, convocando adesão ao movimento. Também foram ocupados os prédios públicos. Foram encarregados das ocupações: Victor Leureiro Isler, telégrafo; Arthur Lângero, telefônica; Ituy Vergueiro, cadeia municipal; Henrique Scazzellini Ghezzi, viação férrea, inclusive o serviço rádio-telegráfico. O quartel do Exército, sede da III/Bª RJ, foi cercado, a energia elétrica cortada, impedido o fornecimento de víveres e velas. No dia 4 aquela subunidade rendeu-se, o comandante Coronel Leitão tentou dissolver o efetivo, no que foi impedido. O contingente foi integrado ao Batalhão Revolucionário de Passo Fundo e Leitão remetido preso a Porto Alegre. Ainda no dia 4, e nos dias seguintes, contingentes arregimentados em Passo Fundo seguiram via Ferroviária para Marcelino Ramos e dali rumo a São Paulo. Dentre outros muitos civis passo-fundenses que pegaram em armas citam-se três netos do Barão engajados no Regimento Quím Cesar de 9 de outubro a 12 de novembro. Gá e Alfredo Rico Laureiro, ambos no posto de Capitão, e Augusto Rico Laureiro no posto de Tenente. Participaram no estado de São Paulo do Combate de Morongava e da tomada de Itaperitanga.

No dia 13 de outubro o Trem Presidencial que conduzia Getúlio e todo alto comando revolucionário chegou a Passo Fundo. Vargas anota em seu Diário:

À meia-noite, chegamos a Passo Fundo. Recebo comunicação do Simão, nomeado secretário da Interior. Conversa com Vergueiro, que articula queixas contra a conduta do João Francisco, reguissões, Meno Barreto etc., os adeptos preferidos etc.

Ade esse paleiro com Vergueiro, promete providenciar a, pelas 9 horas do manhã, proseguirmos viagem. Aglomeração de gente festiva no gare de Passo Fundo, grande vivacidade das mulheres, recebe um lenço branco de passagem, com o bondeiro rigorosamente pintado e desenhado - "São Grande, de pé, pelo Brasil".

A esperada resistência paulista não se deu, os gaúchos marcharam em direção à Capital Federal. Getúlio que seguia na retaguarda das tropas precursoras relata que em cada estação ferroviária era recepcionado com grandes festas populares, inclusive no trajeto pelo estado de São Paulo. Ao mesmo tempo que as tropas gaúchas, também tropas mineiras e nordestinas deslocavam-se em direção ao Rio, sem encontrarem resistência. No dia 28 de outubro três generais e um almirante resolveram antecipar-se aos revoltosos aliancistas e dar um golpe preventivo. Marcharam Washington desocupar o Catete e embarcar para Paris. Anunciaram-se em "Junta Governativa". Porém logo entenderam que a gauchada não estava para coações e brimadeiras, vieta não apenas para amarrar cavalo no estribo. Getúlio chegou ao Rio no dia 31 de outubro, à noite, recebido pela Junta no calçadão da Ilha, foi pernoitar no Catete, onde permaneceu até 29 de outubro de 1945. No dia 4 de novembro assumiu a presidência do Governo Provisório. No dia 31 assinou o Decreto n° 19.398: dissolução do Congresso Nacional e de todos órgãos legislativos estaduais e municipais, os estados passaram a ser governados por interventores Federais, que por sua vez nomeavam os Prefeitos Municipais.

O interventor no RS, General Flores da Cunha nomeou Prefeito de Passo Fundo Scazapelli Guezzi. Assim sendo foi o último intendente e o primeiro Prefeito.

Emancipação de Carazinho

No dia 24 de janeiro de 1933, oitavo aniversário do levante contra Borges de Medeiros, o Interventor Federal Flores da Cunha decretou a emancipação de Carazinho, o que de certa maneira era uma derrota para Nicolau Vergueiro e uma vitória para o Coronel Lolico.

Eventos em 1932

O Governo presidido por Getúlio desde seus primeiros atos deixou clara a política de demonte do poder das oligarquias estaduais e a reorganização das várias instâncias administrativas. As oligarquias paulistas, tendo à frente a cafeeira, não aceitaram perder a primazia que havia exercido durante a chamada "república velha" ou "república dos coronéis". A pretexto de exigir uma Constituição de imediato irromperam em São Paulo uma rebelião, em decorrência foi denominada "revolução constitucionalista".

Em razão da pronta posição do Exército, foi ao governo federal, da decisiva participação da Brigada Militar do Rio Grande do Sul e nenhum apoio do operariado paulista a revolta foi rapidamente debelada. A Brigada gaúcha enviou tropa regular e Corpos Auxiliares, os famosos "provisórios". A revolta não durou três meses, emarcados rebeldes renderam-se.

Sem embargo a revolta paulista demonstrou que os gaúchos haviam voltado a estar divididos. Não apenas maragatos, mas também chimangos, aliam-se aos rebeldes. Alguns gaúchos apresentaram-se voluntários para lutar incorporados a batalhões paulistas. Outros como Borges de Medeiros e mais alguns líderes do antigo PRR, em Passo Fundo Nicolau Vergueiro, não pegaram em armas, porém apoiaram politicamente a revolta paulista, demonstrando que Getúlio já não contava com o apoio de parte de seus antigos

correligionários, em especial da facção borgista. Por efeito das alterações políticas Henrique Scarpellini Ghezzi foi substituído em 21 de outubro de 1932. Assumiu a Prefeitura Municipal Armando Araújo Annes, Maximiliano de Almeida, o "coronel Machi", e Basílio de Oliveira Bica foram nomeados Subprefeitos.

Diferentemente de 30, 32 foi uma guerra civil sangrenta, com consideráveis baixas de ambos os lados, não obstante a curta duração. Em Mausoléu no Cemitério Vera Cruz, em Passo Fundo, repousam oficiais e praças da III/8ª RI e do III RC BM, tombados na defesa da ordem legal em campos de batalha paulistas.

1º Centenário da Emancipação Municipal

1957 foi marcado pelas comemorações do Centenário de Passo Fundo. Grandes festividades. Presença do Vice-Presidente da República, João Goulart, do Governador Ildo Meneghetti e demuitas outras altas autoridades. VII Festa Nacional do Trigo. Exposição-Feira Agro-Industrial.

O 1º Centenário, não obstante ser apenas um marco simbólico, constituiu-se em momento significativo de transição socioeconômica e cultural do município, em especial da cidade. Ascausas básicas foram as mudanças ocorridas ao longo da década de 1950. Sede Diocesana em 1951, criação da Sociedade Pró-Universidade em 1952, regularização em 1954 da intrincada questão dos "terrenos foreiros". Os trabalhosdeconstrução da ligação ferroviária direta Passo Fundo-Porto Alegre foram intensificados durante os anos 50. Esses acontecimentos locais aliados às alterações na matriz agrícola da região e às modificações no cenário nacional, tais como os "50 em 5" de JK, suas metas e a transferência da Capital para Brasília, condicionaram a evolução verificada na segunda metade do século XX. Tendo sofrido nos anos 60 e 70 relativa estagnação e mesmo retrocesso em alguns setores, a partir dos anos 80 Passo Fundo consolidou sua posição de polo regional. Intensificou a absorção do exodo rural de seu vasto entorno. Usufruindo de sua, desde os primórdios, posição geoestratégica, firmou-se como maior centro econômico e cultural do Norte do RGS.

[Certidão de batismo no verso foto do Batel]

Certidão de Batismo de Antônio José da Silva Loureiro, transcrição:

Antonio filho de Domingos Loureiro, e Thomazia Maria do lugar da Deveza, Nepto Paterno de Luis Antonio Loureiro, e Costada Francisca do mesmo Lugar da Deveza, e Materno de Graviel da Silva Pereira, e Anna Maria da Costta do Lugar das Quintaens da mesma freguesia de Guamil, Nasceu no dia vinte oito de Outubro de mil oitocentas, trinta, oito, foi baptizado solemnemente pelo Padre Antonio Lopes Leal com empoxição dos Santos Oleos no dia quatro

de Novembro da mesma anno: João Patrinhos Antonio José Thio Materna do Baptizado, e Maria Rosa Soeiro filha de Agostinho Martins Alves, todos da freguesia de Guamil, e para constar fu este oponente [legível] supra.

O Abd. Domingos José da Costa Voto [legível]

Menino de Aldesa

Antônio José da Silva Loureiro nasceu a 28 de outubro de 1838na aldeia denominada Deveza, na freguesia de Santa Cristina, em Pousa, na região do Minho, Norte de Portugal. Filho de Domingos José Loureiro e Thomazia Maria da Silva. Avós paternos Luiz Antônio Loureiro e Custódia Francisca, moradores no lugar da Deveza. Avós maternos Gravel da Silva Pereira e Anna Maria da Costa, moradores no lugar de Quintões, freguesia de Guamil. Com poucos dias de vida, a 4 de novembro, o menino foi levado à pia batismal da Igreja de Santa Cristina do Ulgoso da Pousa, Diocese de Braga. Recebeu o nome de Antônio.

Pousa

Pousa, ou Pouza, consta dos anais da história de Portugal desde os tempos da Reconquista, século XII, quando aparece sob os nomes de Olcoso e Oligoso. Supõem-se serem formas arcaicas de Ulgoso que também aparece como Algoso. Ulgoso deriva de urze, urgueira, urzeira, urgal, arbusto abundante na região. Na tradição popular Algoso foi associado a algiz, carrasco. Pousa deriva de pouso, pousada. Ali era o ponto onde o cobrador de foros [impostos] devidos ao Rei pousava e recebia mantimentos. Situando-se à margem do rio Cávado e a meio caminho entre Barcelos e Braga era referência em uma das vias romanas ligando o litoral marítimo a Bracara Augusta (atual Braga). Após a cristianização, século III, a povoação pagã torna-se freguesia, fili eclesíase (filhos da Igreja), sob a invocação de Santa Cristina. Para distinguir de outra freguesia como igual orago foi acrescentado Ulgoso, donde Freguesia de Santa Cristina de Ulgoso. Atualmente a Paróquia de Santa Cristina de Ulgoso da Pousa faz parte do Arciprestado de Barcelos na Arquidiocese de Braga.

Pousa é uma freguesia semi-urbana com população aproximada de 2.200 habitantes. Integra o Concelho de Barcelos, Distrito de Braga, Norte de Portugal. Pousa tem a categoria de vila, Barcelos (desde 1928) e Braga (desde 1070) têm a categoria de cidade. Dista 12 km. de Barcelos e 30 km. de Braga.

Uma das atividades artesanais de Pousa é a louça de barro utilitária e a louça de barrefeitorativa. Artesanato de olaria e pintura. A louça produzida nesta e nas demais freguesias do Concelho leva o nome de Barcelos. Louça de Barcelos, Boticos de Barcelos, inclusive o "galo de sorte" conhecido como Galo de Barcelos.

Devesa

Conforme visto o Barão nasceu no lugar da Devesa, mais tarde grafado Devesa, aldeia que compunha a Freguesia de Pousa. Devesa ou Devesa deriva de "divisa". Certamente passavam por ali os limites entre as terras da Igreja de Braga e as do Ducado de Barcelos.

O lugar da Devesa não existe mais, o território da antiga aldeia está ocupado pelo Parque Industrial de Pousa, ligado ao centro da freguesia pela Rua da Devesa e pela Rua da Indústria.

A família Loureiro

Moradores no lugar da Devesa, Freguesia de Pousa, o casal Domingos José Loureiro e Thomazia Maria da Silva teve oito rebentos. Nascidos todos na aldeia, foram batizados na Igreja de Santa Crispina em Pousa. Seus nomes e respectivas datas de nascimento: Maria, 29.06.1837, casou com Antonio José da Silva a 09.08.1860; António, o "Barão", 28.10.1838; Joaquina Antónia, 17.02.1840; José, 15.06.1842; Domingos, 23.01.1844; Luísa, 20.02.1846, casou com Josefa Maria Correa a 09.04.1877; Custódia, 28.07.1848; João Joaquim, 11.01.1853, faleceu em 02.09.1862.

Domingos Loureiro era lavrador, isto é, agricultor familiar. Em 1853 ou 1854 Domingos faleceu. Assim aos 15 anos de idade António ficou órfão. Talvez por ser dos meninos o mais velho foi mandado para a casa de um tio negociante de queijos na cidade do Porto. O tio devia ser desses portugueses turrões. O menino não gostava de queijo, foi castigado com uma dieta de queijos! Mas o sobrinho tinha tutano. Fugiu. Foi socais do porto, embarcou num navio cargueiro rumo ao Brasil. Igual a muitos outros adolescentes e jovens que por conta própria, sem família, atravessaram o Atlântico em cargueiros, trocou a passagem por serviços de bordo.

Do Rio para o Rio Grande do Sul

O rapazinho miúdo chegou ao Rio de Janeiro antes do final da década de 1850. Para sobreviver sujeitou-se a trabalhar para patrícios estabelecidos. As condições de trabalho, na ausência de legislação trabalhista, eram precárias, os ganhos ínfimos. Tendo conseguido um emprego em uma casa comercial da Praça da Alfândega, talvez de um português seu tio. Ali muito aprendeu sobre as atividades comerciais. Em pouco tempo de trabalho amanhrou economias que lhe permitiram ir tentar a sorte na Província de Minas Gerais. Tivera informações que lá encontraria melhores oportunidades. Contudo não alcançou êxito. Após muitas peripécias chegou ao Rio Grande do Sul, instalou-se na região de Nonoai, junto ao Rio Uruguai. A atividade que exerceu estava ligada à extração de madeira e encaminhamento para a Argentina. As toras de madeira eram amarradas formando balsas que seguíam rio abaixo. Uma dessas balsas, em que seguia, baheiro e sócio da carga, com outros companheiros, rompeu-se. Todos salvaram-se mas a carga foi toda perdida. O grande susto e o total prejuízo levou-o a desistir desse tipo de empreendimento. Não obstante permaneceu ligado à fauna madeireira.

Estabeleceu-se em Passo Fundo com negócios de gêneros, utilidades e ferramentais. Sua clientela era a população local e o setor industrial e exportador de madeira. Na época Passo Fundo já era o principal centro comercial da região. Nasceu, 17 Distrito do Município. Com sua visão empresarial adquiriu profundos conhecimentos, em técnicas, comércio, repartição, açougue, marcenaria, serraria, peles, lã, algodão, milho e outros, tudo para Passo Fundo em quantidade. Visões de negócios por produtos e setores comercializados em Passo Fundo. Anos contaram acentuar constantemente bons negócios.

Em Passo Fundo

Em Passo Fundo costumava negociar com um comerciante alemão, Adão Scheil, com o qual estabeleceu laços de amizade. Outro importante era o Capitão Araújo, que fora Presidente da Câmara Municipal e estava casado com uma filha de Adão Scheil. Nas suas frequentes visitas enamorado-se de uma moça Scheil, filha de Adão. Pensou transferir-se para Passo Fundo, tornou seu capital. Em 1868 mudou casa de comércio (traz tarde nomeada Casa Brasil). A 9 de janeiro de 1865, aos 27 anos de idade casou-se com Felippina Scheil de 15 anos.

O Barão

As relações de negócios que mantinha alegraram-se ao tornarem-se em um dos comerciantes praça e ampliam-se em relações familiares, de compadrio e de amizade em resultado do casamento com uma das filhas de Adão Scheil. Logo tornou-se pessoa importante na pequena Vila de Passo Fundo, participando da vida econômica, política, social e cultural da sede do Município.

Além do comércio, sua principal atividade, dedicou-se à indústria nos ramos de curtição e fabrico de artefatos de peles e couros de animais domésticos e silvestres, lã, mofoeira, sapataria, açougue, alaria e seca de carne-seca em barragão. Também incursionava, em certa medida, pela agricultura e pecuária. Uma demonstração do potencial financeiro e da confiança que desfrutava junto ao poder público municipal é o fato de haver sido o Arrematante da Associação dos Direitos (respostas) Municipais na execução fiscal 1870-1871, conforme prestação de contas no valor de 13-2555600 (treze contos, duzentos e cinquenta e cinco mil e seiscentos e seis) datada de 28 de agosto de 1871.

Mandou construir um prédio térreo na Rua do Comércio (atual Av. Brasil nº 1089) esquina da Travessa do Extenso (atual Rua Capitão Araújo) onde instalou a casa de comércio e a residência da família. O prédio marcou época. Alvenaria sólida, platibandas, bandeiradas, varanda larga, peças grandes, calças, vidraças de guilhotina com contrapeso, açougue, estufa e lençóis. Para dar conta de tal obra, até então inédita na pequena vila interiorana, o Barão contratou de fora vários especialistas como foi o caso de dois marceneiros (pai e filho) vindos da região de São Leopoldo para construírem as aberturas e outras peças em madeira usadas na construção. Após concluída foi equipada com móveis de ébano, máquina de costura a pedal, piano. Em 1886 mandou instalar linha telefônica ligando sua casa ao comércio. É toda como a primeira instalada em Passo Fundo. Tendo passado por reformas e restaurações, a casa existe até os dias atuais.

O Barão investiu parte considerável de seus ganhos na aquisição de imóveis. Terranos urbanos, alguns com edificações, outras de sua propriedade, a maior parte ao longo da então Rua do Comércio. Propriedades agrícolas e/ou pecuárias em áreas suburbanas e em distritos de Passo Fundo e de Palmera. A seus imóveis acrescentaram-se os recebidos das heranças de

Adão Schell e de Anna Cristina Heil. Na área suburbana, do lado Norte, o Barão tornou-se incorporador de grandes extensões. O Mato do Barão, na ala Norte da Rua Leopoldo, hoje ruas Nomes, Níquia e Popular. O Subúrbio do Barão abrange a atual área do antigo quartel Ilustrado Campus da UFFJ e da Polícia Federal estendendo-se pelo centro leste da atual Avenida Sete de Setembro, parte da Vila Vera Cruz, Campos do Barão no Campo do Valinho, até o Barão em si e Fazenda do Valinho, terreno onde hoje ficam as partes da Vila Vera Cruz e de Bairro Valinho e rua Alexandre Zaccaria, além de áreas ainda não urbanizadas. Valinho é o derivativo de vale. Vale no vale é escavação alongada, usual em minas profundas destinada a marcar a direção entre duas propriedades ou dentro da mesma propriedade fazer separações, por exemplo de pastagens.

Segundo sua netô, Afrêdo Fico Loureiro, áreas pertencentes ao Barão, em São Mateus e Tapera, foram usurpadas por adquirentes ilegítimos.

Atuante na vida cultural. Foi sócio do Club Literário "Amor à Instrução", do Club Literário e Recreativo Passos-Fundense, do Grêmio Diamantino Passos-Fundense. Foi bastante ativo participando de representações teatrais promovidas pelas citadas entidades. Foi uma das peças encenadas representou um barão. Encenou com muito sucesso e sucesso o papel. Veio a ser apelidado "barãozinho", possivelmente pela sua pouca estatura. Porém o apelido que sempre foi "Barão". Levo isto a sério e brincadeira dos amigos a ponto de adotar o título nobiliárquico como se verdadeiro fosse. Ao falecer, em 25 de novembro de 1913, aos 81 anos completos, era mais conhecido por Barão do que por Antônio José da Silva Loureiro.

Da vasta propriedade deixado pelo português Antônio J. S. Loureiro destaca-se o empreendimento comercial Casa Barão, Passos Fundo, cidade que adotou como sua, adotou-o como Barão, Barão de Passos Fundo. Um "barão de meretrício", talvez, título dado pelo povo de Passos Fundo e isto título compôs ao empreendedor como era a prática da época.

Adão Schell

Ahron Adam Schell/Zino de Nicolas Phillia Schell e Elizabeth Catharina Leonhardt, nasceu a 24 de junho de 1809 na vila de Bosen, duca do Oldenburg, principado de Birkenfeld, no atual estado de Rheinland-Pfalz (Rheinland-Palatinate), República de Alemanha. Aos 12 anos de idade concluiu a escola básica (Vorbereitung). Após fez o aprendizado de carpinteiro (Tischler) durante três anos. Em razão da depressão grassante na Europa emigrou para o Brasil em busca de melhores oportunidades. Aproveitou o recrutamento de mercenários europeus para servir ao Império. Em 1828 embarcou em Antuérpia. Contudo em meio à crise política enfrentada por Pedro I, o Congresso proibiu o recrutamento de mercenários estrangeiros e ordenou a desmobilização dos "batalhões alemães". Por já estarem a caminho, ou pelo interesse de recrutadores desajustos em não perder o "trabalho", alguns seguiram transportando candidatos a mercenários aportaram na Ilha de Janeiro no ano de 1828. A solução foi encaminhar os "passageiros", na condição de colonos agricultores, para ascentes "colônias". Após a Independência haviam sido criadas cinco colônias, sendo três no Rio Grande do Sul, para receber agricultores germânicos. Depois de cumprir sua tarefa na Armação da Praia Grande (atual Nazaré), RJSchell teve a sorte de ser mandado para a única das cinco colônias alemãs que prosperou. Em 18 de junho de 1829, sozinho, com 20 anos de idade, chegou a São Leopoldo apresentando-se ao diretor da Colônia, dr. Kullstrand. Foi designado para trabalhar na roçagem colonial de São Jardim (atual Irsi). Em 30 de outubro de 1830 casou-se com Anna Christina Heil. Adão Schell faleceu em Passos Fundo em 24 de agosto de 1876.

em 28 de 1847, depois de obter a aprovação em 27 de 1848. Em 30 de 1848 um pedido de constituição levou ao fidei de 103 famílias (2.400 pessoas) de vive-rato, depois de Antonio Dias de Toledo, Birkoslav, no distrito de Solidão. A 1ª de Setembro de 1858 é encaregado pela Câmara Municipal, presidida pelo seu genro Capitão Araújo, de juntamente com João Jorge Mosconi (depois do vigário Mosconi) conferenciar a planta e o orçamento de um Churchil para abrigar da população da Vila, na freguesia do Capão-Porto (depois de acrescentar a Câmara, com autorização do Presidente da Província, substituiu a constituição por terreno Schell e Mosconi. Essas chufas rurais e atual Chafariz da Mãe Preta, não obstante difíceis de atingir.

Apesar de 1870 não existir a mesma ordem hierárquica, os filhos receberam a batismo católico. Tal fato deve ter sido por conveniência dado que a Igreja Católica era a religião oficial. Outros cultos cristãos eram tolerados, mas proibidos de serem públicos. Foi de iniciativa de Adão Schell a criação de cemitério para os não católicos. Os católicos tinham seu cemitério ao lado da Igreja Matriz, ocupando o terreno que vai do atual Catedral até aproximadamente a Rua Gen. Osório, limitado pelas atuais Avenida Gen. Netto e Rua Cal. Chicuta. O dos não-católicos, também conhecido como "cemitério dos laborantes", foi instalado onde hoje situa-se a Praça Frederico Chirangó. Com a Proclamação da República e consequente separação entre Estado e Igreja, a municipalidade criou um cemitério público e desativou os dois cemitérios confessionais. A 1ª de janeiro de 1902 foi inaugurado o Cemitério Municipal "Vera Cruz". Outra iniciativa de Adão Schell foi convencer a Igreja Metodista a estabelecer-se em Passo Fundo, tendo inclusive doado o terreno para edificação do templo. O templo metodista foi edificado em 1919, na esquina da avenida Brasil com a Rua Bento Gonçalves. Também deve-se a Adão Schell a fundação em 1875 da primeira loja maçônica no município, a Loja Condição II, da qual foi o primeiro Venerável.

Filhos e Netos de Adão e Anna

A primogênita Maria (16.11.1831) não casou. Jorge (19.11.1832) casou com Cândida Francisca d'Araújo a 9 de fevereiro de 1843, filhos do casal: Adão, Manoel, Maria Elza, Amélia, Cândida, Vicente, Felipe, João, Francisca, Georgina, Ana Cristina. João (15.12.1838) casou com sua prima Maria Elza Holt, o casal não teve filhos. Guilherme (15.09.1835) casou com Rafaela Estela Freire Barcelos, a 4 de maio de 1858, filhos do casal: Cecília, Ana Cristina, Isael, Maria Isabel. Emília (05-01-1838) casou com Manoel José d'Araújo a 20 de janeiro de 1853, filhos do casal: Anna Cristina, Luiza Emília, Ambrosina Emília, Estelina Emília, Carolina Emília, Eduardo Manoel, Daniel Manoel, Lucinda Emília, Antônio Manoel. Maria Luiza (16-11-1840) casou com Gustavo Adolfo Vimond a 12 de maio de 1858, e em segundas núpcias com José Ignácio da Trindade a 10 de dezembro de 1906, de ambos casamentos não teve filhos, sendo seu sobrinho-neto Ciro Schell. Anna Cristina (24.01.1844) casou com Luis Morsch von Steinbach a 24 de junho de 1864, filhos do casal: Eugénia Albertina, Georgina Elza, Guilhermina Adelaide, Emília Dorothea, Luz, Adão, Ana Cristina, Albertina Wilibaldino. Felippina (03.04.1846) casou com Antônio José da Silva Loureiro, o "Barão", a 9 de janeiro de 1865, filhos do casal: Felipe, Evânia, Antônio, Adolfo, Augusto, Josefine, Aurora, Maria, Adão, Leopoldino (31.11.1848) casou com Guilherme Morsch von Steinbach a 23 de novembro de 1867, filhos do casal: Anna Cristina, Arthur, Elza, Leopoldina, Ernesto, Amanda, Arminda, Vicência, Elvira, Otília.

Filhos e netos do Barão e Dona Felippina

Embora o Capitão Araújo tenha sido em Passo Fundo o primeiro chefe do Legislativo e do Executivo municipais é outro genro de Adão Schell quem teve maior projeção na vida

econômica da cidade, também com atuação na vida social e política: Antônio José da Silva Loureiro, mais conhecido por "Barão".

Ao consorciar-se com Felippina Hein Schell o Barão deu origem ao ramo familiar Schell Loureiro: Felipe casou com Aurora Marcondes Pimpão, filhos do casal: Antônio, Brasileiro, Mário, Ondina, Sady, Consuelo, Mária, Hilda, Ignácio, João, Plínio, Augusto, Aurora. Emília casou com Joaquim Gabriel de Oliveira Lima, filhos do casal: Armando, Antônio, Moreno, Lauro, Hugo, Felipa, Laura, Julietta, Corina, Eugénhy, Noemy, Augusto. Antônio casou com Alice Magdalena Issler, filhos do casal: Diva, Eugénia, Amália. Adolfo casou com Ernestina Krueh Niederauer, filhos do casal: Walter, Cecília, Felippina. Augusto casou com Carlota Bordallo Rico, filhos do casal: Alfredo, Gil, Augusto, Carlota, Hilda. Leonor casou com Juvenal de Oliveira Xavier, o casal não teve filhos. Josefina casou com Arthur Schell Issler, filhos do casal, Victor e Aida. João casou com Anita Mattioli, o casal teve um filho que faleceu em tenra idade. Anna Christina casou com Valêncio d'Oliveira Xavier, filha única do casal, Mária. Aurora casou com João Fernando Krueh, filhos do casal: Anita, Lutz, Helena, Antônio, Izabel. Adão casou com Stela Ortiz Caminha, filha única do casal, Maria.

O casal e seus 12 filhos no pátio da casa, foto de 1896 ou 1897.

[foto]

[legenda]

Da esquerda para direita. Na fila de fundo: Aurora, Augusto, Josefina "Picucha", Felipe "Barãozinho", Emília "Mila", Antônio "Pupe", Leonor, Adolfo, Ana Cristina "Nicota" e João "Jango". Na fila de frente: Mário, Felippina Schell, Antônio Loureiro "Barão", e Adão.

Os Loureiros do Gramado

Antes de estabelecer-se com comércio, 1864, e antes de casar com Felippina Schell, 1865, Antônio Loureiro que ainda não era Barão, veio a Passo Fundo e voltou a Nonoal inúmeras vezes. Fazia o trajeto com mulas cargueiras. Trazia produtos da costa do Rio Uruguai

e livras metáforas que por si mesmas. Naquela época, parada para colar a madeira sobre o Alto Jacó e a serra do Alto Uruguai. Entre Passo Fundo e Bonfins não havia estrada carrossel, apenas trilhas rústicas.

No caminho havia uma grande chácara. No caminho de vegetação arbórea de parte vitosa vinha gramado. Dizia a tradição Gramado. Sobre a origem dessa palavra a disse gramado há várias explicações populares, mas ora não vem ao caso. O que importa é o "gramado" ser um ponto obrigatório de parada pela facilidade para aliviar as montes. A esta era de cerca de 24 léguas ou 180 km. Para virar lá "a parte de covato" eram quatro a cinco jornadas, com tempo bom. Quatro ou cinco dias de viagem. Fazia na ida no na volta e passava no "gramado", pelas vantagens que oferecia, era o mais procurado.

Conta a tradição familiar, e outras fontes orais, que nos primeiros do "gramado", na ida e na volta, Antônio Laureiro, um rapaz de seus vinte e poucos anos, sempre tinha a companhia de alguma jovem índia Kaingang. A índia era bem povoada de Kaingang. Deles amamos passagens ressaltar muitos caboclos. Essa tradição levaram o nome de Laureiro.

Faz a mais certa origem de certos caboclos de sobrenome Laureiro ao nagata índio. A origem do nome Gramado dos Laureiros, cidade e município desde 1952, tem a ver com a quantidade de famílias lá moradoras com este sobrenome. Entendendo a História Oficial de cidade e do município, ao menos a que está na página do município, não refere Antônio José da Silva Laureiro, o Barão. O referido é outro Laureiro que não é parente do Barão. Refere-se José Pedro Laureiro de Melo e seus 17 filhos. Esse Laureiro de Melo, vindo de São Paulo, recebeu terras no "gramado" na década de 1880. O Barão nunca andou por lá, teria 20 anos Adornais, deveria ser Gramado dos Mellos!

Outros Laureiro Descendentes do Barão

Há em Passo Fundo os Laureiro descendentes de Carolina Comergão Laureiro, conhecida como Mãe Carula, nascida na década de 1890, filha de Ana e de Antônio José da Silva Laureiro. Ana era uma escrava libertada, empregada doméstica do casal Antônio Laureiro e Felippina Schell. Quando adulta Mãe Carula viveu junto ao Chafariz, do qual cuidava. Uma espécie de síndica ou "serifa" do Chafariz, uma de suas atividades era lavar as roupas da família do Barão. Segundo "diz que diz que" em família, Mãe Carula teria almorçado um amor clandestino de uma de suas irmãs, filha do Barão e de Felippina.

No década de 1940 Mãe Carula foi para Porto Alegre morar com a filha Maria Nereida Laureiro. A outra filha Silva Laureiro foi para Sorocaba, SP. O filho Raaf Laureiro permaneceu em Passo Fundo, morando próximo ao Chafariz.

Raaf casou com Maria Jesus Vargas, seus filhos: Isabela Vargas Laureiro, casou com Arnaldo Esch; Carlos Alberto Laureiro "Carlito", casou com Estela Glória Felício; Gabo Laureiro, casou com Maria de Lourdes dos Santos; Maria Suleta Laureiro, casou com Manoel da Silva; José Adson Laureiro, casou com Anaura Troni; Paulo Tadeu Laureiro, solteiro.

Casa Barão

Em 1864, descrita meses de uma década de sua chegada ao Brasil, estabeleceram-se na Vila de Passo Fundo com casa de comércio. No ano seguinte casou-se com Felippina Schell, uma das primeiras providências de Antônio José da Silva Laureiro foi montar edifício um prédio para servir de residência à família e estabelecimento comercial. O local escolhido foi a Rua do Conselho (atual Avenida Brasil, 1089) esquina de Travessa do Estrito (atual Rua

Capitão Araújo). O terreno estende-se até a Rua de São Bento (atual Passandú). Destarte a casa de João (residência) e a Casa Barão (loja de comércio) tiveram seu perfil definitivo.

Casa Barão, tornou-se um dos principais estabelecimentos comerciais na região, dedicado principalmente a tecidos e molhados, fazendas, ferragens, arreios, artigos nacionais e importados. Da variada gama de artigos comercializados é interessante citar os derivados do gado vinhos de São Paulo em caixas especiais, o vinho já experimentando até encontrar a adequação. Filhos e netos tornaram-se sucessores diretos. Augusto foi caçador-viajante com muita capacidade no serviço de atendimento a clientes nos distritos. Augusto também deslocava-se a São Paulo para efetuar compras e pesquisar novos produtos. Seu filho Alfredo, neto do Barão, foi casoso (balconista) no varejo e atacado de loja.

No década de 1910 assume a gerência o filho caçula Adão. No final da década, por motivo do falecimento de casal proprietário, Adão herdou com irmãos e outros herdeiros a Firma Adolpho e C. Co. proprietária da Casa Barão - Avenida Brasil, 234 - Fazendas. Sarcos e Molhados, Ferragens, Mudas e Amarelinha, Perfumarias.

Adão faleceu durante faleceu em 1927. A loja, existência e marca de comércio, juntamente com a residência, todavia é viúva Stella Carmoza Loureiro e demais proprietários por João Fernando Krul. A Casa Barão foi então alugada ao comerciante Luiz Millmann Na década 1930 a Casa Barão cerrou suas portas após mais de 70 anos de atividades comerciais. Todavia permanece como marco na geografia urbana de Passo Fundo.

Além da prédio na Av. Brasil restaurado na década de 1990 para abrigar lojas comerciais e de parte do lote com três janelas abstratas, o resto do terreno onde ficavam as estrebanas, transformadas em garagens, as galpões e outras dependências, a horta e o pomar, hoje está ocupado pelo prédio residencial Vivenda Casa Barão. Rua Capitão Araújo, nº 551 e pelo prédio residencial Golden Green, Rua Capitão Araújo, nº 511, esquina da Rua Passandú.

Mênica Publico-paritária do Barão

O Barão teve participação ativa vida político-partidária do município. Membro do Partido Liberal. Quando da fundação do Partido Federalista assumiu esta função política, em Passo Fundo liderada por Prestes Guimarães. Não obstante, só ocupou um único cargo político, Delegado de Polícia. Em junho de 1889 foi indicado pela Câmara Municipal para Delegado de Polícia com restrições por parte do vereador Gervásio Lucas Alves. Não-se que na Legislatura 1886-1889, Gervásio era o único parlamentar pelo Partido Conservador, de outros seis eram do Partido Liberal. A nomeação ocorreu 28 dias após mês, por ato do Vice-Presidente do Estado.

Como estrangeiro, o Barão precisou naturalizar-se. Antes da citada nomeação o Vice-Presidente emitiu a Carta de Naturalização. No dia 15 de julho, em sessão extraordinária presidida pelo vereador João Izler, a Câmara recebeu o juramento do cidadão Antônio José da Silva Loureiro para o cargo de naturalização e o juramento para ocupar o cargo de Delegado de Polícia. Exerceu a função por breve tempo, foi substituído pelo seu sobrinho Antônio Manoel de Araújo. Em 1892 voltou ao cargo e novamente foi substituído pelo sobrinho. As substituições deram-se em função do partido no poder municipal, Antônio Araújo pelos "picapau", o Barão pelos "maragatos".

Em junho de 1892, quando o Coronel Chicuta foi baleado e morto, Antônio Loureiro era o delegado. Prestes Guimarães registra em seus apontamentos:

Antônio José de Silva Loureiro, conhecido como Barbantina. Negociante português, casado com uma viúvata portofundense. Desempenhou o cargo de Delegado de Polícia com elevado crédito e justiça. Cumpria o lei, sem praticar abusos e violências.

Em trecho subsequente Prestes refere a retomada do poder municipal portofundense:

Podem governar pacificamente. Não queremos interferir no regime do terra, já por eles assegurado com o uso da pólvora e outras violências, desenvolvendo esse regime em propostas assombrosas. Incluiu um jovem de boa família, porém pouco criminoso e ainda menos republicano, conhecido pelo nome de Antônio d'Araújo. Em vez de autoridade policial, foi um pequeno tirano.

Em outra página Prestes Guimarães denuncia Gervásio Lucas Arinos e José Pinto de Moraes:

[...] Japoneiros e curus muito de subversores, vindo do território de Missões da Confederação Argentina, o serviço do Dr. Pinheiro Machado, cometeram toda sorte de tropelias, roubos, assassinatos, etc.

Prestes qualifica José Pinto de Moraes, o "Juca Pinto", como alter ego do Coronel Gervásio Wenceslau Escobar registra haver José Pinto extorquido 3.000\$000 (três contos de reis) do adversário político Jerônimo Marques Savinone e exigido assinatura em nome de revolução valor furtado. Savinone fora vereador pelo Partido Liberal na Legislatura 1872-1876, Presidente da Câmara, e na Legislatura 1880-1889.

No mês de julho de 1892, portanto antes de ser deflagrada a guerra civil, o Barão foi preso. A prisão ocorreu na açougue de sua propriedade donde também foram roubados mais de 500 novinhos gordos que ele estavam para abate. Este fato consta, juntamente com outros quatro, todos no município de Patos Fundos, na página 104 do livro *O Gesto Proponho e a Evolução de 1892* de autoria do Almirante Custódio José de Mello, sob o título "Prisões arbitrárias e extorsões".

Antônio José da Silva Loureiro, casado, negociante, ex-Delegado de polícia. Sua prisão, como a de outros, foi num açougue; roubando-se-lhe enorme quantidade de novinhos gordos, inclusive uma tropa de novinhos gordos, em número de mais de 500.

Não foi conduzido à cadeia civil da cidade, que aliás ficava na Rua do Comércio, na mesma quadra da sua residência. Foi irregularmente confinado a uma estrebaria. Sob ameaça de degola foi-lhe apresentado, para assinar, um terreno de doação de seus bens a determinadas pessoas com a promessa de salvar-lhe a vida. Negou-se a assinar. Não aceitou ser extorquido. Por interferência de amigos influentes de Porto Alegre foi colocado em liberdade, porém continuou a ser ostensivamente vigiado. Sua esposa, Felippina, foi arrebada por uma sobrinha de Prestes Guimarães, Emília, que o Barão teria assassinado. Emília, esposa do "pira-pau" Francisco Müller, viveu dentro de sua própria casa a combinação do assassinato.

Felippina preparou a fuga do marido. De costume todos os finais de tarde o Barão ia ao seu negócio, atravessava a Rua do Comércio, seguia um 150 metros para o lado do Roqueirão, ia à casa do cunhado Major João Schell (atual nº 1256 da Avenida Brasil). Lá tomava uma sopa, conversava, informava-se dos acontecimentos, voltava noite feita. Nesse momento aconteceria o "adultério" marital. Dona Felippina durante o dia mandou empregadas levar discretamente alguns pacotes à casa do Major. Quando aproximou-se da moradia do cunhado

O Barão levou alguns objetos mal encorados, viu que era gente de Noroeste, fez de conta nada haver percebido, entrou a casa, porém nesse dia não houve sopa. Montou o cavalo já encolado e saiu a passo pelo fundo do lote, desapareceu. Naquela época os terrenos lam de ria a rua. Daquela lado os fundos dos prédios iam até a Rua Morais. Os "vigias" demoraram para compreender que haviam sido enganados, "o português havia sumido". Logo o Barão estava em Porto Alegre, dando seguimento para a Argentina. O cavalo usado na fuga fora encolado com arcos de peão, os arcos prateados haviam sido enterrados, só foram desenterrados após o retorno do Barão.

Auente o Barão, não demorou sua casa comercial e a Fazenda do Valinho serem saqueadas. O estoque do negócio e duas mil cabeças de gado da fazenda passaram ao domínio de adversários. Segundo Nicolau Vergueiro foi o Coronel Lolico quem determinou e assistiu pessoalmente o saque. Graças ao grande estoque de sal e açúcar, escondido em um compartimento secreto no subsolo, a família não só conseguiu sobreviver, mas também sustentar famílias de correligionários. Dona Felippinatinha um empregado qual se oferecer sal e açúcar, produtos deficitários naquele momento. À noite, às escondidas, fazia a entrega das encomendas e recebia os pagamentos. Assim era possível adquirir as poucas mercadorias à venda no comércio local. Isso deixava os chefes adversários intrigados, pois esperavam que Dona Felippina os procurasse pedindo auxílio. No exílio o Barão além de prestar ajuda a seus camaradas de luta conseguia com suas economias enviar, por meio de mensageiros especiais, ouro para as despesas da família.

Nas duas vezes que o exército de Gomerindo Saravia transitou pela cidade Dona Felippina recebeu visita de seus comandantes. Ângelo Dourado, coronel médico, chefe dos serviços de saúde do exército federalista, escreve em seu diário, *Voluntários do Martírio*, no dia 13 para 14 de outubro de 1893:

Entramos na cidade de Passo Fundo à noite. Imediatamente procurei visitar as famílias de muitos amigos emigrados [...].

No regresso, após a junção com o exército do General Prestes Guimarães, junho de 1894, Dourado anota:

No outro dia[25], marchamos cedo para Passo Fundo. Fui à cidade visitar a família Loureiro, cujo chefe acha-se emigrado muito antes do começo da revolução e de quem ela não sabe notícias. Ali tomei café [...]. Estava eu ali, quando chegou Gomerindo apressado com o coronel Lavrador.

No dia 26 os marigatos desfilaram pela cidade, foram acampar no Pinheiro Torto. No dia 27 de junho de 1894 ocorreu a **Batalha de Passo Fundo**. Um ano após, em agosto de 1895, deu-se a Pacificação.

Após a anistia, decretada em outubro de 1895, o Barão retornou a Passo Fundo com uma tropa de 500 éguas prenas de burrichó. Em lugar do gado vacum iniciou a produção de mulas, animais mais valorizados e de maior procura. Assim reiniciou a montagem de seu patrimônio. Valendo-se do crédito de que dispunha na praça comercial de Porto Alegre reabasteceu sua casa comercial com grande estoque de variada mercadoria.

Com seus filhos, que após participarem da guerra civil também estavam de volta a Passo Fundo, retomou a política partidária congregando os simpatizantes do Partido Federalista, isto permitiu bem receber Prestes Guimarães quando este retornou a 12 de

janeiro de 1906, após 13 anos de ausência, na firme propósito de participar das eleições no dia 30 daquele mês. Do programa de recepção ao líder federalista constou um "pic-nic" no dia 13 no Capão do Chafariz, propriedade do Barão. À noite do mesmo dia 13 Prestes ofereceu uma recepção, a qual transformou-se em comício partidário, na residência da família (no atual nº 1130 da Av. Brasil). Apesar da compressão exercida pelo situacionismo e das fraudes praticadas a oposição "maragata", graças à atividade do Barão e seus companheiros mais o prestígio de Prestes Guimarães, demonstrou ser forte em Passo Fundo. Os partidários do Cel. Gervásio conseguiram 487 votos para Pinheiro Machado, os "maragatos" somaram 438 votos para Aureliano Barbosa. Consideradas as circunstâncias adversas este resultado equivalia a um empate.

Bodas de Ouro

No início do ano de 1910 o casal Antônio e Felippina celebrou as Bodas de Ouro. Foi uma festa que marcou época em Passo Fundo. Contou com a presença de seus sete filhos e de suas cinco filhas, netos, netas, bisnetos, bisnetas, sobrinhos e sobrinhas. Um grande número de parentes e membros da alta sociedade passo-fundense também participaram do evento.

Para a festa o Barão importou vinhos e petiscos de Portugal, iguarias finas e petiscos da Alemanha. Via de regra as Bodas de Ouro costumam ser realizadas aos 50 anos do consórcio matrimonial. Casados em 1865, teria a comemoração sido antecipada para 1910 por motivo da saúde do casal, a qual tendia a se agravar, como de fato veio a agravar-se nos anos subsequentes. Outra hipótese é ter o namoro se iniciado em 1860, completando 50 anos em 1910.

A família Schell Loureiro em duas fotos de 1910

[foto do Barão com as filhas]

[legenda]

Barão com as filhas.

Da esquerda para direita, em pé: Leonor, Josefina e Ana Cristina,
sentados: Emília, Barão e Aurora.

[foto Dona Felippina com os filhos]

[legenda]

Dona Felippina com os filhos.

Da esquerda para direita, em pé: João, Mário, Adão, Augusto e Adolfo,
sentados: Felipe, Felippina e Antônio.

Últimos Tempos do Barão e Dona Felippina

O Barão sempre tivera boa saúde, todavia no Inverno de 1910 uma forte gripe o prostrou. Dona Felippina chamou o sobrinho Nicolau, formado em Medicina, o qual diagnosticou o mal, receitou vários remédios e tratamentos, aceitos a custo pelo paciente. Graças à terapia aplicada pelo jovem médico, ao zelo e rigor da esposa o doente superou a crise, porém sua higidez estava abalada. Desde o retorno do exílio retomara os negócios, porém sentindo-se bastante esgotado entregou a direção ao filho Adão, o caçula. Contam que nos últimos anos dois ou três netos ficavam encarregados de vigiar o avô. O Barão estava caduco e quando conseguia abrir o portão que dava acesso à rua ao lado, fugia. Era difícil trazê-lo de volta ao lar.

Dona Felippina também estava com a saúde combatida. A filha Aurora viera de Santo Ângelo para cuidar do casal. Dona Felippina faleceu a 6 de fevereiro de 1918, o Barão a 25 de novembro de 1919. Segundo o médico que o atendeu, dr. Samuel Goedofredo Loenbergen, a morte não se deu por doença, mas "pela natureza gasta".

Conforme testemunhos da época, apesar dos problemas de saúde, até seus últimos dias o Barão manteve-se ligado aos acontecimentos políticos expressando suas opiniões. Após o falecimento do Coronel Gervásio, a 4 de abril de 1917, deu-se a disputa entre o Coronel Loico e Nicolau Vergueiro pela chefia do PRR local. A briga era entre chimangos, apesar de ser maragato, o Barão tomou partido. Ficou com Vergueiro, não apenas por ser seu sobrinho, mas porque Loico, desde muito, era o principal adversário. Numa das últimas conversas que

teria sido com seu filho Pape, como Vergueiro fazia algum tempo que não aparecia, perguntou:

- Onde está o Vergueiro?
- Em Porto Alegre.
- Como vai a questão com o Lotão?
- Vai muito bem.
- Digo pro Vergueiro que não afrouxe!

A Bergala do "seu" Antonino

Entre os pertences deixados pelo Barão havia uma bergala apelada pelos netos de "a bergala do 'seu' Antonino". Dá-se que certa vez quando Antonino Xavier estava passando pela saliência da residência do Barão este deu-lhe umas bergalas no sentido para deixar de ser servil ao coronel Gerônimo. Dall por diante "seu" Antonino fazia uma volta, passava pelo outro lado da rua.

A Parentela do Barão

Parentela é o conjunto de parentes por consanguinidade, por afinidade ou por adoção, seja por descendência ou ascendência. Para entender o rol econômico, social, cultural, político desempenhado pelo Barão (como de resto toda pessoa atuante em determinada sociedade) é preciso pesquisar seus laços familiares, ligações vendidas dos ascendentes e perpetuadas entre os descendentes. Do exame das relações familiares é possível compreender, em parte, a atuação e a influência do Barão ao longo de mais de meio século (1864-1919) na sociedade passifundense. É claro que o seu círculo relaciona-se muito além dos parentes. Além da parentela o círculo chamado "compadrio" que inclui compadres, padrinhos e afilhados. Este círculo é possível detectar pesquisando a mesma documentação onde identifica-se a parentela, apesar de relevante não é levado a efeito no presente trabalho, pois o tomara demasiadamente extenso. Há as relações de negócios e as relações político-partidárias possíveis de serem detidas em documentação específica, por razões semelhantes às apontadas não serão laboradas. Há ainda outras relações, via de regra informais, que requerem métodos de pesquisa complexos. Essas observações são aqui feitas para deixar claro o entendimento de que o estudo da parentela não esgota, seja o tema das relações do Barão em pessoa, seja o tema das relações de sua parentela até os dias atuais na sociedade passifundense. Por outro lado é importante ter em mente que esse conjunto de relações pelo seu caráter pessoal-social não é determinante e muito menos quantificável.

De início deve-se considerar o fato do Barão ser genro de Adão Scheff, destacado comerciante e tronco de algumas das principais famílias que influíram na sociedade local de modo preponderante ao longo de um século, de 1850 a 1950. Desta parentela do Barão, constituída por descendentes de Adão Scheff e seus familiares, costam ser citados os Scheff, Hein, Araújo, Laureles, Morsch, Isler. Contudo esse círculo familiar é bem mais amplo, abrange os Annes, Vergueiro, Queiros, Oliveira, Xavier, Bastos, Lima, Azambuja, Iha, Lângaro, Kruel, Marques, Beveguu, Dipp, Du Bois, Rico, Bardallo, Pevilleaux, Mesquita, Bruno, Lopes, Vasconcelos, Dilla Mêa, Pinto, Martins, Barreto, Rotta, Coutinho, Nehls, Freitas, Acauã, Zimmermann, Bohrer, Bettini, Falkenbach, Bardarra, Galves, Becker, Carrão, Hubkott, Merve Barreto, Niederauer e outros.¹⁹ Os laços entre estas famílias, seja por consanguinidade, afinidade ou compadrio, são muito íntimos. Muitos de alianças no interior da família ampliada caracterizando endogamia. Além, a endogamia sempre foi muito incentivada no

branco de estancieiros desbravantes tinha fama de conservar a propriedade e a família sã e próspera. Outra razão de elegibilidade, às poucas comunidades do interior onde havia poucas famílias apenas um indivíduo pertencia de família com alguma influência econômica, não via facilitada a ascensão para posições de importância dentro do pólo de urbanização. Entre uma família (branca, geral) e outra não significava por si só a diferença.

¹ Ou seja: "Seu nome é 'Guilherme de São João e José Maria' não porque os nomes eram os de seu pai e avô, mas de seu avô e bisavô."

Os parâmetros por onde se vêem os traços contidos da primeira etapa da municipalização, legislação e Territórios, Capitão Manoel José d'Araújo, Conselheiro do primeiro estatuto e estabelecido na então Vila de Passo Fundo, Luiz Maroch von Teichmach, seu cunhado-Guillermo Schell foi Secretário da municipalidade na gestão 1857-1861, Inspetor Escolar e Juiz Municipal suplente, Jorge Schell, comerciante, Intendente na legislatura 1865-1869 e Inspetor Escolar do 1º Distrito na década de 1890, Juiz Municipal suplente, João Schell foi vereador e Presidente da Câmara na legislatura 1869-1873. O cunhado Guillermo Maroch foi Vereador na legislatura 1886-1889, João Fodor, presidente da Câmara na legislatura 1896-1899, tinha fortes laços de familiaridade e de conseqüência com o Barão.

Três cunhados do Barão, os irmãos Jorge, João e Guilherme Schell, e o sobrinho do Barão, Antônio Araújo, foram oficiais da Guarda Nacional na Comarca de Passo Fundo. Deve-se considerar que o posto de oficial da Guarda Nacional era mais político do que militar.

No Conselho Municipal, órgão legislativo e fiscalizador no período 1891-1930, parentes do Barão ocuparam o cargo eletivo de Conselheiro. Cabe citar Gabriel Barros, Lucas de Araújo, Pedro Lopes de Oliveira, Leôncio Amanda Ozana Rico, Osório de Moura Silveira, Eduardo Manuel de Araújo, Nicolau de Araújo Vergueiro, Antônio Blancourt de Azevedo, Aparício Lângaro, Maurício Lângaro. Em todas das legislaturas do período teve assento um parente do Barão, em algumas mais de um. No período 1891-1917 revezaram-se na Intendência Municipal o Coronel Gervásio Lucas Arnes e Pedro Lopes de Oliveira, o Coronel Lúcio, cada qual era Intendente, ora Vice. Gervásio ocupava o cargo de Vice-Intendente quando faleceu em 4 de abril de 1917, foi substituído por Manuel Eduardo de Araújo, Lúcio era o Intendente, porém quitassemente o mundo do PRF local foi o do Nicolau de Araújo Vergueiro. Lúcio foi gradativamente afastado, vindo a tomar-se liderança da dissidência republicana regional. Vergueiro foi Conselheiro Municipal (vereador) no período 1916-1920, Intendente de 1920 a 1924, Deputado Estadual pelo PRF em cinco legislaturas de 1909 a 1928. A 13 de novembro de 1928 foi eleito Intendente, cargo a que renunciou em 1930 por haver sido eleito Deputado Federal no pleito de 1º de março, legislatura de 03.05 a 23.10 1930. Foi Deputado Federal na legislatura 1935-1957, pelo PRF, e 1946-1951, pelo PSD. Vergueiro era irmão do Senador Nicolau de Campos Vergueiro e do Barão de Antonina, neto do Capitão Araújo e sobrinho-neto do "Barão" de Passo Fundo.

Gervásio Lucas Arnes, o principal adversário político do Barão, casou-se a 28 de março de 1878 com Etelvina Emília de Araújo, filha do Capitão Araújo e Emília Schell, sobrinha do Barão por parte de Dona Felippina. Cel. Gervásio, tendo casado a 20 de abril de 1901, casou-se em segundas núpcias com Antônia Maria de Moraes, viúva de Osório de Moura Silveira Loureiro, filha de José Pinto de Moraes, o Jaca Pinto, também adversário político do Barão. Antônia era filha de Antônia Emília de Araújo e sobrinha-neto de Dona Felippina e do Barão. Destarte o Cel. Gervásio era sobrinho do Barão, por afinidade; sobrinho duas vezes,

De 1923 a 1929 foi Intendente Armando Araújo Annes, o pai irmão Garibaldi Araújo Annes foi nomeado posteriormente em 1925, inicialmente com o cargo de Delegado de Polícia Ananias e depois com o sobrinho por "Garcasinho", avô filio do Cel. Garibaldi, portanto também sobrinho do Barão.

Barão, já príncipe comercial, estava ligado por parentesco de afinidade aos principais membros da praça de comércio local, ou já citados Adão Scheff, Capitão Araújo, Angeliach, Guilherme Scheff, Guilherme March von Steinhilber e Lucas José d'Ávila, filio do Capitão Araújo. Também deve-se considerar Fortunato Xavier de Castro e seus dois filios Juvenal de Oliveira Xavier e Valente d'Oliveira Xavier, ambos genros do Barão, os três eram comerciantes em Lagoa Vermelha e vieram estabelecer-se em Passo Fundo. Fortunato, tio e padrinho, Juvenal e Valente, primo de Francisco Antônio Xavier e Oliveira.

Cabe também salientar que no Poder Judiciário municipal ocuparam diversos cargos membros da parentela do Barão. Foi caso dos juizes Municipais Bel. Garibaldi Marquês da Silva Alcaid Filho e Bel. Luiz Simplicio de Azevedo Corvelho e do Juiz do Cartório do Registro de Imóveis Martin Francisco de Amorim Moreira.

Os citados foram contemporâneos do Barão. Outros membros da mesma parentela e seus familiares, nos décadas seguintes, deram continuidade às suas lideranças em setores dirigentes da sociedade local. Além de distinguirem-se em atividades comerciais, industriais, culturais e políticos-partidárias ocuparam cargos na administração pública. Em 1934 Hugo Lourenço Lima, neto do Barão, foi fundador e presidente da seção do Aliança Integralista Brasileira (partido da extrema direita) em Passo Fundo. No período 1935-1937, quando o Legislativo Municipal votou a fusão, Apereio Lângaro exerceu a presidência da Câmara. Ernesto Scheff March, neto do Barão, foi vereador.

Nas eleições Municipais de 1947 os três candidatos a prefeito pertenciam à parentela do Barão: Armando Araújo Annes, PTB-UDN, Dionísio Lângaro, PSD, Carlos Galves, PL-PP. Além do que Armando Annes era padrinho do batismo do batismo do Carlos Galves. O eleito Armando Annes, fora Intendente eleito de 1928 a 1929 e Prefeito nomeado de 1932 a 1934, teve como vice o cunhado (1952-1954) Barão Dijo, casado com Helena Lângaro, também da parentela do Barão. Dijo foi Deputado Estadual, 1951, Deputado Federal, 1955-1959 e 1959-1962, todos mandatos pelo PTB. Seu filio Anton Lângaro Dijo foi Prefeito de Passo Fundo por três mandatos, 1989-1992, 2005-2008 e 2009-2012, todos pelo PPT.

Ainda nas eleições de 47 foi eleito Vereador Manoel de Araújo Barros, sobrinho-neto do Barão. Victor Loureiro Isler, neto do Barão, foi Deputado Estadual pela UDN em três mandatos, 1947-1951, 1951-1955 e 1955-1959. Edgar Luis Schneider, casado com uma neta do Barão, foi Deputado Constituinte em 1933, pela FIA, Estadual, 1935-1937 e 1947-1951, Federal, 1955-1959, os três mandatos pelo Partido Libertador. Jorge Alberto Pilar Bandeira, casado com uma filha do Barão, foi Vereador na Legislatura 1966-1973, reeleito para a legislatura 1973-1977, Deputado Estadual na Legislatura 1975-1979, sempre pelo MDB.

No pleito municipal de 3 de outubro de 1955 foram candidatos a Prefeito Garibaldi Araújo Annes, irmão de Armando, e Walmer Antônio Salton genro do mesmo Armando. Salton, Vereador na legislatura 1951-55 pela coligação PTB-UDN, concorreu pelo PTB obtendo 8.125 votos. "Garcasinho", da coligação PSD-UDN-PL, obteve 6.017 votos. Contudo essa eleição foi apenas uma disputa partidária entre dois parentes, teve igualmente um caráter profissional, Walmer Salton, candidato dos liberais e Garibaldi Annes, candidato dos maçons. No pleito municipal de outubro de 1968 concorreu a Prefeitura numa das subcategorias do MDB

Nilo Zimmermann, casado com uma neta do Barão, não foi eleito. Cesar José Santos, outra sublegenda do MDB, foi o eleito.

Guácho e 14 de Julho

Os dois principais clubes nos tempos áureos do futebol passo-fundense foram o Guácho e o 14 de Julho. Ambos foram fundados por parentes do Barão. A fronteira simbólica entre os dois clubes eram os trilhões (hoje Avenida Sete de Setembro). Dos trilhões para o Boqueirão - Guácho. Dos trilhões para o Falso - 14 de Julho.

Sport Club Guácho

O Sport Club Guácho foi fundado em 12 de maio de 1918. Local de fundação, a residência da casa Augusta Schell Loureiro e Carlota Bordallo Rico, na Avenida Brasil (atual nº 1.305), esquina da Rua 7 de Agosto.

Gil Rico Loureiro presidiu a reunião e sugeriu o nome "Guácho", seu irmão Alfredo sugeriu as cores Verde e Branco. O Barão, velho maragato, ainda vivo na época, se presente certamente não teria concordado com as cores dos pica-paus e chimangos sugeridas pelo neto.

A diretoria provisória ficou constituída pelo Coronel Lauro Xavier de Castro - presidente, Adão Abade Chagas - secretário, Antônio Junqueira Rocha - técnico, Arnal Colavin e João Colavin. A primeira bola foi comprada em uma ourivesaria, Ourivesaria Aliança, por 1.800\$000 (um conto e oitocentos mil réis). O primeiro terno de camisas em listras verticais verde e branco foi confeccionado por Carlota Bordallo Rico Loureiro. Dona Carlota também foi a organizadora da torcida. Os torcedores congregaram-se em "Legionários de Sport Club Guácho", elegeram Dona Carlota Presidente. Foi composto o Hino do Guácho, com música do maestro Hermínio Freitas Ubaldino e letra de Renato Sá Brito.

A primeira diretoria, eleita em 1919, teve como presidente Victor Loureiro Issler e nos demais cargos Gil Rico Loureiro, Alfredo Rico Loureiro, Antônio Brasileiro, Mário Marcondes Loureiro, Antônio Pimpão Loureiro. Todos os seis, netos do Barão. Até a década de 1970 a maioria dos presidentes do "Periquito do Boqueirão" pertencia à parentela do Barão. Em 1946, Nilo Zimmermann, casado com uma filha de Dona Carlota e de Augusto Schell Loureiro, presidiu o Guácho. Em 1973-1974 o dr. Antônio Loureiro Kruehl, neto do Barão, foi Presidente do Guácho. Até os dias atuais a parentela do Barão continua marcando presença nos quadros diretivos ahí-verdes.

G. E. R. 14 de Julho

O Grêmio Esportivo e recreativo 14 de Julho foi fundado em 27 de junho de 1921. A reunião de fundação ocorreu no escritório da ervateira Empório Industrial Rio-Grandense, esquina das ruas Gal. Osório com Cel. Chicuta. Presidiu a reunião o uruguaio Oribe Marques. O 14 surgiu da ampliação do Grêmio Esportivo, clube futebolístico dirigido por Oribe. Inicialmente Grêmio Esportivo 14 de Julho, mais tarde foi acrescido "e Recreativo". Entre os fundadores e primeiros sócios além de Oribe, que casou com duas sobrinhas-netas do Barão, estavam outros parentes do Barão, das famílias Araújo Annes, Pinto de Moraes, Lângaro.

Jornal O Nacional

A imprensa passo-fundense, desde seu primeiro órgão, *O Lobo da Verdade*, teve destacada participação de parentes do Barão, seja como proprietários, seja como diretores ou

relações. Durante as primeiras décadas do século XX existiram vários jornais, todos de curta duração, na verdade quase todos eram panfletos partidários ou de um grupo partidário.

A 15 de junho de 1925 foi fundado *O Nacional*, traria como subtítulo "jornal independente". Propriedade de Theophile Guimarães, direção de Herculano Araújo Amim, gerência de Hyran de Araújo Bastos e Americano de Araújo Bastos. Todos parentes do Barão. Inicialmente bi-semanário, firmou-se como diário, sendo vendido ao seu amigo funcionário Múcio de Castro. Circula até os dias atuais, com mais de 90 anos de existência.

O seu concorrente *Jornal da Manhã*, fundado por Túlio Fontoura a 28 de novembro de 1935, teve como destacado colaborador o jornalista Carlos Danilo de Quadros (também assinava Carlos De Danilo Quadros), parente do Barão.

Na Alta Sociedade

Na primeira metade do século XX a alta sociedade passo-fundense congregava-se nos três clubes do centro da cidade, Caixaíral, Comercial e Juvenil. Apesar do Juvenil ser a *Deutscher Verein* (Sociedade Alemã) os descendentes de Adam Schell, Cristina Hein, Barão e Felippina Schell e seus parentes integraram com mais destaque os quadros sociais do Caixaíral, a *Societé Italiana*, e do Comercial, onde predominavam os "peço duro". Nessas duas sociedades tiveram participação relevante, compuseram os quadros diretivos, inclusive a presidência, em várias gestões.

Na década de 1920 outro ponto de encontro e convívio da alta sociedade passo-fundense foi o Coliseu América. O Coliseu, cine e teatro, possuía orquestra exclusiva para acompanhamento de filmes mudos e para entreter o público nos intervalos. Além de filmes o Coliseu era palco de apresentações artísticas, peças teatrais, recitais de canto e de música, concertos executados por orquestras vindas de Porto Alegre e de outras cidades. Dentre as atividades sociais anualmente era promovida a escolha da "Rainha do Coliseu". Em 1928 a Srta. Alvarina Kruel foi eleita Rainha do Coliseu.

Professor Stigler

A convite dos Padres Palotinos, encarregados da Paróquia de N.ª Sr.ª da Conceição, os irmãos Maristas fundaram em 1904 a Escola São Pedro, para meninos da cidade e região. Devido à pouca procura e ao cancelamento do subsídio público municipal desistiram. Então incumbiu-se da escola um marista alemão que fora diretor do colégio marista em Lageado e havia tirado a batina, voltando à vida civil. Trocou o santo pela santa braga da paróquia. Aí a origem do atual Colégio Conceição, assumido pelos Maristas em 1928. A escola funcionava em regime de externato e internato, havia alunos de distritos longínquos e de outros municípios.

O referido professor era Emílio Wolfgang Stigler. Em outubro de 1919, aos 37 anos de idade casou-se com Vicentina Schell Morsch, de 39 anos de idade, sobrinha do Barão e neta de Adão Schell. Segundo alunos Dona Vicentina, em família "Vicenta", era uma mulher braba e se negava a lavar cuecas, meias e outras peças íntimas do marido. O Prof. Stigler vivava-se nos alunos. Quando a piaçada via o professor estendendo no varal do pátio a roupa "de baixo" sabia que era dia para bora comportamento, pois por qualquer mínima falta a palmatória "cantava". Não obstante, Emílio Stigler deixou fama de mestre competente. Na Vila Tupinambá há a Rua Professor Stigler.

Dr Kruel em Passo Fundo

No final do século XIX, início do século XX residiu na cidade Carlos José Kruef, Engenheiro Civil, formado pelo Escola de Minas Piratuba - MG, trabalhou na construção de trecho da via férrea entre Passos Fundos e Ernestina. Filósofo do Partido Republicano Progressista - PRP teve destacada participação política em em municípios, Santo Ângelo, onde foi Intendente no período 1924-1928.

Seu irmão João Fernando Kruef casou em 21 de dezembro de 1906 com Aurora Schell Lauretto, filha do Barão. O casal morou inicialmente no município de Santo Ângelo, onde João Fernando era fazendeiro. Em 1920 vieram morar em Passos Fundos. Em 1928 João Kruef adquiriu o prédio que fora residência dos sogros. Também adquiriu a existência e a marca comercial Casa Barão pertencente à firma Adolfo Lauretto & Cia.

Uma sobrinha de ambos, Ernestina Kruef Nordenskiöld "Pepita", casou em 30 de dezembro de 1903 com Adolfo Schell Lauretto. O casal residiu durante algum tempo em Passos Fundos.

Descendentes de Carl Ludwig Wilhelm Kruef e Juliana Bies, avós de João Fernando e Carlos José, bisavós de Ernestina. O casal, com cinco filhos (dois irmãos e três irmãs) entre 14 e um ano de idade, deixava Baursholder, na Iléssia-Palatinado, e embarcou no porto de Bremen. Foi parte da 2.ª grupo recebido pelo Major Georg von Schäffer, e encarregado pelo Princesa Leopoldina e pelo Imperador Padre I de contratar mercadorias europeias para batalhões militares. Os Kruef, com cinco crianças, certamente fazem parte das famílias de "agricultores" (Carl Ludwig era artesão tintureiro) que encobriam o tráfico de mercadorias. Viajaram no veleiro Fliegende Adler (Águia voadora), uma galera de três muros, velha, sem nenhum conforto. Sendo muito vagaroso o veleiro foi apoiado pelos passageiros "Kriechender Schnecke" (lento caracolante). Desembarcaram no Rio de Janeiro no 2º semestre de 1827. Cumpriram quarentena na Armazém da Praia Grande, tiveram a sorte de serem mandados para a Colônia de São Leopoldo. Ainda naquele ano, conforme Aviso de 24 de outubro, firmado pelo Secretário dos Negócios do Império, Visconde de São Leopoldo, foram embarcados no bergantim Conceição Imperador a 12 de novembro. Chegaram em Porto Alegre a 16 de dezembro, deslocaram-se para a sede da Colônia, sendo-lhes designado um lote colonial na Picada Dos Irmãos.

O pai de João Fernando e de Carlos José, João Ernesto Kruef, nasceu em 1831. Igual a seus irmãos nascidos na Colônia, João Ernesto foi batizado na Igreja Católica de São Leopoldo. Em 1845 a família transferiu-se para Santa Maria. Decorridos dez anos João Ernesto, casado com Isabel Hoffmeister, ficou-se no interior de Santo Ângelo onde nasceram Rosalina (irmã de Ernestina), Germano, as gêmeas Júlia e Isabel e os mais novos João e Carlos.

Antônio Loureiro Kruef

Filho de João Fernando Kruef e Aurora Schell Lauretto e deutor Kruef, como ficou mais conhecido, nasceu em Passos Fundos a 28 de dezembro de 1920 na casa que fora de seu avô, o Barão. Fez seus estudos básicos no Ginásio Conceição. Destacou-se como esportista, integrou as equipes de basquete, atletismo e futebol. Também participou da equipe de Gaiúcho na campanha estadual de 1935. Como Médico, até o 4º Ano, na Universidade Federal do Paraná em Curitiba. Concluiu o curso em 1949 na Faculdade de Medicina de UFGS, em Porto Alegre. Na 6ª Ano foi Aluno Interno na Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre. Recém formado clinica durante seis meses em Humaitá, então localidade do interior do Município de Três Passos. A seguir, por cinco anos, exerce em Soledade Cirurgia Geral, Ginecologia e Obstetrícia. Em Porto Alegre, durante seis meses faz especialização em Oftalmologia e

Otorrinolaringologista, nasceu especialidades vem residir em Passo Fundo a partir do ano de 1955. Estudou em casa consultório na Avenida Brasil nº 111, 2ª casa, na esquina da Rua Carlos Euzébio, do lado da Farmácia Italiana. Hoje é reform, agora como proprietário, na casa onde nasceu.

Em 14 de agosto de 1955 ingressa na Brigada Militar no posto de Capitão Médico, porém continua a atender em seu consultório. Em 27 de abril de 1957 casou-se com Alzadeu Nassari. Ainda em 1957 encicou o Construtor Licenciado Marcelino Bianchi fazer uma ampla reforma e adaptação da antiga casa do Barão. Em 1965 realiza em Porto Alegre o curso de Broncoesofagoscopia. Até então não havia em Passo Fundo especialista para realização desse tipo de exame. A 1ª de março de 1970 assume o cargo de Professor do Instituto de Belas Artes da UFF, na disciplina de Fonoologia.

Em 1976, no posto de Coronel Médico, assume em Porto Alegre o cargo de Diretor de Saúde da Brigada Militar. Em 16 de novembro de 1978, a pedido, é transferidopara a reserva remunerada no posto de Coronel. Regressa a Passo Fundo onde instala seuconsultório médico no 2º andar do Edifício Planalto, Rua Independência, nº 808.

Presidiu o Grúcho na gestão 1973-74. Presidiu a AMRGS seccional de Passo Fundo nos exercícios de 1975-77 e 1979-80. A 4 de maio de 1993 é credenciado Médico da GETRAN em Passo Fundo.Médico-chefe do INAMPS, agência Passo Fundo. Fundador e diretor da UNIMED Passo Fundo.

Faleceu em Passo Fundo a 7 de dezembro de 2006. Patrono do auditório do Hospital da Visão e Instituto de Oftalmologia de Passo Fundo. Patrono da cadeira nº 5 da Academia Passo-Fundense de Medicina. Em 2001 foi distinguido pós morte com o Mérito Esportivo no âmbito dos "Destques Esportivos Diário da Manhã-SECTUR".

Ernestina, Cidade e Município

O município de Ernestina, emancipado conforme Lei nº 8.554 de 11 de abril de 1988, tem sua origem na Colônia Ernestina, em terras que foram de Ernestina Kruel Niederauer.

Ernestina Kruel Niederauer por ocasião de seu casamento a 30 de dezembro de 1903 recebeuaquelas terras de presente de seu sogro Antônio José da Silva Loureiro, o Barão. Uma espécie de dote nupcial. Posteriormente o tio João Fernando Kruel e o marido Adolfo Scheff Loureiro, dividiram e venderam a área em lotes coloniais e lotes urbanos. Em homenagem à proprietária denominaram Colônia Ernestina. O Decreto nº 398, de 14 de julho de 1924 criou o distrito de Colônia Ernestina, dando-lhe o nº 11. No Relatório de 1926 da Intendência Municipal ainda consta como 11º distrito. Pelo Ato Municipal nº 489, de 24 de fevereiro de 1931, veio a ser o 8º distrito de Passo Fundocom sede no povoado Ernestina, elevado à categoria de Vila em 1938. Hoje município de Ernestina e sua sede cidade de Ernestina. Uma das áreas rurais do município de Ernestina é denominada Posse do Barão. Espera-se que com a Posse do Barão não ocorra o havido com a principal artéria da cidade de Ernestina, a Avenida do Barão.O topônimo foi substituído por outro. De certeza, desta vez não foi por ordem do Coronel Gervásio!

Por falta de conhecimento, possivelmente resultadodo Barão haver sido excluído da história oficial de Passo Fundo, surgiram explicações inventadas. Uma dessas versões consta da página eletronicada municipalidade de Ernestina e de um livro publicado pela Assembleia

legislativa em 2001. Num ângulo de fotos históricas de Passo Fundo há a foto do ruínas de um ferrovia, de nome Ernestina, a ferrovia floria na localidade que recebeu o nome?

A Estação Ferroviária

As divergências políticas entre o Barão e o Coronel Gervásio tiveram significativos reflexos no ordenamento urbano de Passo Fundo. Divergências iniciadas com as disputas entre Prestes e Gervásio pela liderança no município.¹

No ano de 1890 a Comissão dos Estudos Definiu para o traçado da ferrovia, sob a chefia do engenheiro Manoel Ramos da Silva, instalou-se na Vila de Passo Fundo. Os estudos iniciais haviam sido realizados pelo antigo concessionário da obra João Teixeira Soares. Num primeiro esboço a linha férrea passaria, como se afirmava lógico, pelo lado norte do perímetro urbano e subúrbano. A Estação Ferroviária e Gare ficariam em algum ponto da estrada que dava continuidade à Rua das Flores (atual Teixeira Soares) no ruínas de Pontão. Aquela área pertencia ao Barão. Potreiro do Barão, Campo do Barão.

Naquela época as empresas empreiteiras faziam estradas cheia de curvas. Forma de diminuir os custos, evitando grandes terraplenagens, muitas pontes e viadutos, além de aumentar os ganhos com maior quilometragem. No caso de Passo Fundo, com as devidas curvas, o trajeto iria do Pinheiro Torto ao Miranda. Como explicar o trajeto construído contornando a área urbana pelo Nascente, indo em direção ao Sul para depois voltar rumo Norte e então transpor o Arroio Miranda? É como explicar a construção da Estação Ferroviária e Gare longe do perímetro urbano da época? Do lado completamente oposto ao esboço inicial.

É fácil explicar. O interesse do Coronel Gervásio foi o de evitar a valorização das terras do Barão mesmo depreciadas. Em contrapartida, valorizar as terras do Tenente-Coronel Lucas José de Araújo. A Estação Ferroviária e Gare foram localizadas nos estudos da Comissão e efetivamente construídas em área pertencente a Lucas Araújo, cunhado do Coronel Gervásio. Correligionários, ambos participavam da alta cúpula do PRB passo-fundense. Por "coincidência" a área escolhida era parte da chácara de Lucas Araújo. Outra parte da chácara foi posteriormente loteada dando origem à Vila Lucas Araújo, destinada principalmente aos ferroviários. A propriedade de Lucas estendia-se pelo lado direito da estrada para Marau (Avenida Progresso em 1913, hoje Presidente Vargas). Nos fundos o mata, parte do qual está transformado em Bosque Lucas Araújo. Agora a Gare e a Vila Lucas Araújo a propriedade abrangia toda o terreno que na década de 1960 tornou-se propriedade da Fundação Lucas Araújo da Diocese de Passo Fundo.

De lambuja a alteração do traçado também valorizou uma das propriedades do Coronel Gervásio. A chácara junto ao Rio Passo Fundo. A sede da chácara ficava onde hoje está o Bourbon Shopping. Por ali passou a linha férrea em direção a Erechim. Evidentemente a Comissão de Estudos os empreiteiros também levaram vantagem, o caminho do trem ficou mais longo.

¹ Para maiores detalhes ver Anexo I "Ferroviária, não... Condição".

Outra consequência da alteração do sentido do crescimento urbano para o lado do Nascente foi a relativa desvalorização das propriedades localizadas na Rua do Comércio (atual Av. Brasil) e nas suas laterais no sentido do Poente, isto é, do Boqueirão. Nessa área localizavam-se as propriedades urbanas do Barão. Logo após a ferrovia entrar em funcionamento comerciantes e artesãos instalados no Boqueirão, o primeiro bairro da cidade, mudaram-se para o outro lado da cidade. Demonstrativo dessa tendência é a Società Italiana (atual Clube Calcestral

Companhia. Quatro dias após sua fundação, em 26 de maio de 1891, estabeleceu-se no Bosqueiro. Passado um breve tempo mudou-se para junto à Praça Mat. Hórlans, área para a qual também sua principal atividade era mudando.

O trecho Cruz Alta-Passo Fundo foi inaugurado a 8 de fevereiro de 1896. A primeira Estação de Passageiros ficava longe da cidade a ponto de obrigar o embarque e desembarque de passageiros ser efetuado num imaturo e específico ponto à Rua do Comércio/Jacaré Av. Brasil. A situação era tão anormal que a Companhia dos Caminhos do Fer. Secundários de Belgica, concessionária da rede Norte-riograndense, tentou em vários de 1912 suprimir a "parada". A população da cidade reagiu, na noite de 17 de junho a companhia se precipitou ao apequedado, virações dos carros de passageiros resultaram danificadas. Houve intervenção da Intendência Municipal e do governo estadual obrigando a "Auxiliar" fazer a parada na Rua do Comércio. Após sua década de 1920 o apequedado, após quase 30 anos de uso, foi desativado. Finalmente a Estação de Passageiros do Garr pode ser usada regularmente.

Por outro lado, tendo o centro da cidade se deslocado para as proximidades da Estação Ferroviária, resultou em duas zonas urbanas, a antiga e a nova, separadas pelos trilhos. Os trilhos e o trânsito das trem por dentro da área urbana cada vez mais povoada causaram muitos problemas e transtornos durante mais de meio século, de 1920 a 1980. Eram frequentes os acidentes de trânsito na passagem de nível da Rua do Comércio/Avenida Brasil. Delma Baccaro Gehm registra a ocorrência, antes de 1930, de vários momentos para silenciar o tráfego dos trilhos e mudança do estação fibrando as trem de circulação pela antiga Rua do Comércio, hoje Avenida Brasil.

Em 1957, ano de 17 Centenário de Emancipação Municipal, dois acidentes de trânsito naquela passagem de nível tiveram grande repercussão, apesar de não haverem produzido vítimas fatais. Ao meio dia e meia do dia 22 de janeiro um ônibus da empresa "Passaro Azul", vindo do Bosqueiro em direção ao Centro, lotado de passageiros, foi colhido por uma locomotiva da VFRGS, danos materiais. No dia 10 de abril um automóvel tombado pelo jornalista Carlos De Dando Quadros foi colhido por locomotiva no mesmo ponto.

Mais frequentes que os acidentes com veículos automotores eram os acidentes com veículos de tração animal. Uma das causas eram solpedes ficarem presos por uma das patas entre os trilhos. Um desses inúmeros acidentes foi o protagonizado por Hermínia Matosco d'Ávila (tia do Autor). Vindo de charrete do tambó de leite localizado onde hoje temos o Conjunto Habitacional COAB Secchi em direção ao Centro o cavalo ficou preso por uma das patas traseiras enquanto uma locomotiva se aproximava. Desesperada gritou por socorro, alguns homens que se encontravam em frente ao Hotel Internacional correram em auxílio, conseguiram que o animal se desprendesse, porém ficou ferido, teve que ser medicado para não perder o casco.

E o Cemitério?

Próximo à Gare o que havia era um cemitério. Ocupava aproximadamente uma quadra e meia, limitado mais ou menos pelas atuais Avenida Gen. Netto e Rua Cel. Chácota, lá de onde hoje está o Bar Oásis até a Rua Gen. Osório.

O Coronel Gerváski, não satisfeito com a peça que havia pregado ao Barão, preparou mais uma. Transferiu o cemitério para as terras de seu parente, porém adversário político, em Passo Fielso o moragato mais rico. O grande chefe local dos federalistas não tinha com ser

atingido com esse tipo de medida, era pobre, possuía apenas a residência familiar na Rua do Comércio.

O Intendente Municipal Coronel Lúcio, por ordem do chefe local do Partido Republicano, Coronel Gervásio, determinou desapropriar terreno no Potreiro do Barão, bem na alta da colina, e lá construir o Cemitério Municipal. No dia 31 de janeiro de 1902 o Intendente Pedro Lopes de Oliveira inaugurou oficialmente o Cemitério Vera Cruz. Gervásio teria comemorado sua corresponsabilidade: "Ninguém vai querer comprar essas terras do português!" Desativado o antigo cemitério as famílias dos ali sepultados tiveram um prazo para trasladar os restos mortais, antes que a área, em 1909, fosse arrendada e dividida em lotes.

Quando faleceram, Gervásio em 1917 e Barão em 1919, o centro da cidade estava se deslocando para perto da Gare. O território do Cemitério Vera Cruz permaneceu despovoado, área suburbana. No final da década de 1930 e início da de 1940 a firma Schilling, Goetzer & Almeida, com sede em Porto Alegre, escritório em Passo Fundo à Avenida Brasil, nº 936, loteou a Vila Vera Cruz, hoje densamente povoada e importante zona comercial, e a Vila Popular. A atual "grande Vera Cruz", integrada por uma dezena de vilas e loteamentos, está quase toda em terras que pertenceram ao Barão.

A nova Estação e o Parque da Gare

Na década de 1970, após a inauguração da ferrovia L-35 Passo Fundo-Muçum-Porto Alegre com estação ferroviária no Bairro Petrópolis, junto à Av. Brasil, a antiga Estação e a Gare foram desativadas. O trecho da via que serpenteava por dentro da cidade foi abandonado e substituído por outro mais direto que seguiu, aproximadamente, o antigo traçado conforme o projeto preliminar de Teixeira Soares.

Na década de 1980 o Prefeito Municipal Firmino da Rocha Duro promoveu a reintegração de posse da área e do que sobrava das edificações da Estação e da Gare ao patrimônio público municipal e a retirada dos trilhos em desuso. No leito da via férrea, assim recuperado, surgiu a atual Avenida Sete de Setembro ligando, de um lado e outro, vários bairros ao centro da cidade. A antiga Gare hoje é um moderno Parque de lazer e esporte. A antiga Estação de Passageiros deverá abrigar em breve um complexo de Cultura e Lazer.

Topônimos

Embora excluído das páginas da História do Passo Fundo o Barão figura ou figurou em vários topônimos, seja formais, seja informais. Temos o Mato do Barão, o Potreiro do Barão, o Campo do Barão, hoje inexistentes conservam-se apenas como referências. Há a Avenida do Barão, no Conjunto Habitacional Edmundo Trein, Lei nº 1.895 de 08.05.1980, proposição do Vereador Cláudio de Resende.

Na cidade de Ernestina a principal via chamava-se Avenida do Barão, mas foi substituído por outro nome.

Na cidade de Passo Fundo vários parentes e descendentes de parentes do Barão têm seus nomes referidos como topônimos. Rol dos nomes dos homenageados por ordem alfabética:

Adolfo Schell Loureiro, Rua
Álvaro Schell Quadros, Rua

Antenor Coutinho Annes, Rua
Antônio Manuel de Araújo, Rua
Antônio Bittencourt Azambuja, Rua
Aparício Lângaro, Avenida
Armando de Araújo Annes, Largo, Vila
Arthur Schell Issler, Rua
Carlos Galves, Avenida
Carolina Emília Araújo Vergueiro, Rua
Décio Azambuja Ilha, Rua
Emílio Wolfgang Stigler, Rua
Ernestina Kruei Niederauer Loureiro "Dona Ernestina", Rua
Ernesto Fernando Morsch Goelzer, Rua
Ernesto Morsch, Rua
Etelvina Emília Schell de Araújo Annes, Rua
Gabriel Pereira da Costa Bastos, Rua
Georgina Araújo Schell "Dona Georgina Schell", Rua
Gervásio Lucas Annes, Rua, Praça
Guilherme Morsch von Steinnach, Rua
Harry Becker, Rua
Ismael Pedro de Quadros, Rua
Jerônimo Lucas Annes, Rua
João Schell, Major, Avenida
José Pinto de Moraes "Juca Pinto", Rua
Juvência Lucas Annes, Rua
Leonardo Ilha, Bairro
Lino Schell de Quadros, Rua
Lucas José d'Araújo, Vila, Bosque
Manoel de Araújo Bastos, Rua
Manoel José d'Araújo "Capitão Araújo", Rua
Marco Antônio Menna Barreto, Rua
Maria Eliza Hein Schell "Dona Eliza", Rua
Maria Hein Schell, Rua
Mário Schell, Rua
Nicolau de Araújo Vergueiro, Rua, Vila
Nilo Barreto Zimmermann, Rua
Oscar Pinto de Moraes, Rua
Pedro Karkow, Rua
Pedro Lopes de Oliveira "Lolico", Rua
Ramón (Ramão) Rico, Rua
Ruy Leite Vergueiro, Rua
Schell, Vila
Victor Loureiro Issler, Vila
Teimo Lângaro Ilha, Avenida

Na cidade de Porto Alegre há a Rua Guilherme Schell.

Na cidade de Canoas há a Avenida Guilherme Schell.

Bens imóveis do Barão e Dona Felippina

Do exame dos inventários por morte de Dona Felippina e do Barão, apesar das descrições e confrontações serem imprecisas, pode-se ter uma ideia dos bens que o casal possuía no final de suas vidas, isto é, na década de 1910:

- Um povoado de cerca de 20 hectares nos limites urbanos da cidade confrontando com trecho da Rua Palissandu e trecho da Rua Uruguai, tendo ao Ponto a Sanga do Chafariz, ao Nascente terrenos dos sucessores de João Vergueiro (atual Vila Vergueiro) estendendo-se até um vale e uma sanga delimitando com outra área do Barão, o Valinho;
- Um campo de cerca de 1.556 hectares, denominado "Valinho", limitado por um vale e uma sanga que desagua no Rio Passo Fundo, pelo mesmo Rio Passo Fundo ao Nascente, pela Sanga do Lobo Fós que desagua no Arroio do Pinheiro Torto e por este mesmo Arroio ao Ponto, estendendo-se ao Norte até um banhado e uma sanga que desagua no Rio Passo Fundo;
- Uma chácara pequena com casa, na Rua Uruguai, perto do Chafariz Municipal;
- Uma chácara com 30 hectares no "Pinheiro Torto", 1º distrito do município de Passo Fundo;
- Um imóvel denominado "Herval", com 277 hectares, no 1º distrito do município de Passo Fundo;
- Uma gleba de terras de cultura no 1º distrito do município de Passo Fundo, com área medida de 4.456.325 m², dividida em lotes coloniais numerados;
- Uma propriedade de cultura com 4.339 hectares, denominada "Taquara", no 7º distrito (Não-me-Toque);
- Uma chácara de cerca de 12 hectares no distrito de Nonoai confrontando a Este com a povoação de mesmo nome;
- Uma chácara de cerca de 50 hectares, dentro da invernada "Campo de Fôra", no distrito de Nonoai;
- Uma parte de terras com cerca de 300 hectares no distrito de Nonoai;
- Um campo denominado "Taquarussu" com cerca de 300 hectares, dentro com anterior, no distrito de Nonoai;
- Uma parte do campo com cerca de 200 hectares, dentro de um todo denominado "Roque", no distrito de Nonoai, ao Leste, ao Oeste e ao Norte confina com o Campo dos Índios;
- Um imóvel denominado "Jacutinga" com 272 hectares, no 3º distrito (Erechim), confrontando ao Norte com o Rio Uruguai;
- Um campo denominado "Fôra" com 280 hectares, no 3º distrito (Erechim);
- Cinco lotes coloniais num total de 1.281.325 m²;
- Onze lotes urbanos na Avenida Brasil, sendo sete com casas de alvenaria e quatro, sua propriedade;
- Um armazém em alvenaria na Rua Capitão Araújo.

Há que acrescentar a residência e a Casa Barão (ponto comercial e existência).

As propriedades relacionadas nos subúrbios da cidade somam cerca de 2.000 hectares, nos distritos cerca de 4.700 hectares. Ao todo seriam 6.700 hectares de áreas rurais.

Ademais dos bens imóveis uma Apólice da Aliança Sul S.A., de Porto Alegre, no valor de 2005000 (duzentos mil reais).

O Tesouro do Barão

Não bastasse todos os fatos da vida do Barão e de seus parentes, fatos comprováveis, um, em dúvida outros, há várias lendas que povoam ou povoaram o imaginário local. Lendas tendo o Barão por personagem central.

Uma das lendas é a do Tesouro do Barão, uma panela com moedas de ouro. Dito tesouro teria sido enterrado no século XIX na beira do Mato do Barão. Como todo tesouro que se prize o negro que cavou o buraco foi morto e ali sepultado para ficar cuidando.

De tempos em tempos, em noite escura, algum paneleiro desconhecido escavava pelos arredores. Tudo adquire estágio tecnológico quando do surgimento em Passo Fundo da Sociedade dos Caçadores de Tesouros. Os membros da SCT, quase todos ligados à Universidade de Passo Fundo, foram feita brevíssima tábua tesouros escondidos, inclusive textos em Francês e em Latim, apreenderam fórmulas de desencantamento, exsurgências e talismãs. Equipamento apropriado foi adquirido.

Conhecidos pelas buscas em toda região, um dos sócios recebeu em 21 de abril de 1969 a informação que remete a um tronco de árvore na Rua 10 de Abril haviam sido encontrados vestígios de enterramento. À noite daquele mesmo dia três sócios da SCT colocaram na velha Rural-Willis, usada nas "caçadas", pás, picôas, picaretas, lanternas e o indispensável Detector de Metais, importado da Alemanha. Seguraram lá para o Chafariz da Mãe Preta. Há cerca de 50 metros da esquina da Rua Uruguai localizaram os tais vestígios, era mais ou menos meia-noite. Apesar do Detector não haver dado sinais meteram-se a cavoucar. Desenterraram muitos tijolos de 30x30. Mais abaixo terra vermelha bem compacta. Desceram no buraco de mais de um metro de profundidade o Detector alemão. Nenhum sinal. Recolheram o material de sapa e o demais equipamento trazido. Descitram. Voltaram para o centro da cidade na Rural antes do amanhecer.

Na manhã do dia 22 a área foi ocupada pela vizinhança e por curiosos vindos de vários pontos da cidade. A atração era o buraco, o mofo de terra e os tijolos. Um repórter veio entrevistar moradores do local. O fotógrafo Deoclides Czamanski, dono da Foto-Moderna, fez muitas fotos. Dias depois uma vizinha aproveitou os tijolos para mandar fazer uma calçada. Seriam tijolos do antigo forno de seca de ervas-mate, sistema "barbaquá", de propriedade do Barão.

Duas semanas após, na edição de 4 de maio, o jornal *Diário da Manhã* estampou com destaque na sua última página: *Excavações em Biqueirão podem ter levado à descoberta de tesouro enterrado*. Em subtítulo acrescentava: *Estranhos tijolos, provavelmente do século passado, são os vestígios mais evidentes da descoberta*.

Assim se constroem e se consolitam lendas e mitos. Quem conhece a biografia do Barão tem certeza que não era bobo para andar enterrando ouro.

Lendas, Mitos e Incorrções

Além da lenda do "tesouro enterrado" há outras lendas, mitos e incorrções, seja na tradição oral, seja escritas em livros e artigos de jornais. Isto deve-se, ao menos em parte, ao fato de Barão haver sido excluído da História oficial passo-fundense. Apesar de que nesta mesma História oficial o que não falta são lendas, mitos e incorrções.

O lugar de origem do Barão. Encontra-se escrito e na tradição oral familiar ser Antônio José da Silva Loureiro originário da freguesia de Santa Christina da Pureza, em Portugal. No assentamento do matrimônio a 09.01.1865, no Livro nº 1, fls. 130 verso e 131, está anotada *natural e batizado na Freguesia de S. Christina da Pureza, em Portugal*. Para começar não existe (nem nunca existiu) freguesia com esse nome "da Pureza", nem em Portugal, nem em outro país. O menino Antônio, filho de Domingos José Loureiro e de Thomazia Maria da Silva nasceu a 28 de outubro de 1838 no lugar (aldeia) de Deveza, na Freguesia de Pouza, na região do Minho, em Portugal. No dia 4 de novembro daquele ano foi batizado na Igreja de Santa Christina do Vigazo em Pouza, Diocese de Braga (vide supra, p. 111).

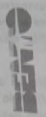
Nascido na cidade de Braga, está claro que é Elias Pereira, é corrente entre alguns descendentes e aparece em artigos de jornais, desde cerca 1835 como sendo o avô de nascimento. A Freguesia de Pereira, apesar da subdivisão civil e estatística, foi geograficamente equidistante de Barcelos e Braga. O Barão sendo nascido e criado até os 15 anos de idade no Lugar da Devesa, não deve haver visto Braga, pois a estrada que passa ao lado da antiga aldeia leva diretamente à cidade do Porto. O percurso é de cerca de 60 quilómetros.

Família de cristãos novos (judeus convertidos). O mito de que todos os sobrenomes portugueses referentes à floresta ou à lavoura são de famílias de antigos judeus leva descendentes do Barão suporem ser ele de família de cristãos novos. Falso. Primeiro porque esses sobrenomes já existiam e eram correntes em Portugal quando judeus que não queriam ser expulsos ou mudar para alguma freguesia da Serra Inquirição converteram-se, passando a ser "cristãos novos". Em batizados com nome e sobrenome cristão, porém não todos convertidos adotaram sobrenomes de animais ou de plantas. Segundo, no caso específico do sobrenome Loureiro, há pessoas com esse sobrenome entre a nobreza e altos dignitários da Igreja Católica, as quais tinham obrigatoriamente prova de "limpeza de sangue" por, no mínimo, cinco gerações. Terceiro, no caso particular da família do Barão é possível comprovar nos registros paroquiais a condição de "cristãos velhos" de seus ascendentes. Quarto, ainda no caso da família do Barão, o pai, Domingos Loureiro, nos registros paroquiais está qualificado como lavrador o que significa ter domínio da data de terras que cultiva. Ora, os judeus estavam impedidos de dedicarem-se à agricultura e possuíam domínio sobre áreas rurais. Quando se convertiam tais impedimentos desapareciam, todavia como de costume o "cristão novo" seguia a tradição familiar de dedicar-se ao comércio ou ao artesanato. Não se constata "cristãos novos" dedicados à lavoura. Mas isso é uma das acusações sofridas pelos convertidos.

Em dois artigos publicados na imprensa local, por dois diferentes articulistas, uma invenção. Um dos ditos artigos com o subtítulo *A mais velha não... a mais jovem*. Ambos afirmam ter o Barão escolhido Felippina, uma das filhas novas de Adão Scheil, o que teria causado tumulto na família pois era a vez das mais velhas. Isto não tem base em dados objetivos. Em 1865, ano do casamento do Barão com Felippina, três irmãs mais velhas já estavam casadas, Erédia casada em 1853 com o Capitão Araújo, Maria Luiza casada em 1854 com Augusto Vimeod e Ana Cristina casada em 1864 com Luiz Morsch. É verdade que a mais velha de todas, Maria, estava solteira (e assim continuou pelo resto da vida), mas se três já haviam "Turado a Mãe", por que criar problema com Felippina e o Barão? A mais nova, Leopoldina, casou em 1867 com Guilherme Morsch.

Construtor da Casa Barão. O desconhecimento da biografia de Antônio José da Silva Loureiro, o Barão, leva a escreverem em livros e artigos de jornal como sendo ele o construtor, ao invés de indicar ser ele o proprietário que mandou construir. Só faltou qualificá-lo com Mestre de Obras ou Construtor Licenciado (com todo respeito a essas duas importantes profissões, mas cada qual "no seu quadrado"). Em matéria de jornal referindo a Casa do Barão está escrito *A casa foi construída em 1865, por João Loureiro [sic], o primeiro português que veio residir em Povo Fundo. [...] A família Krui, não possui qualquer parentesco com o primeiro morador da Casa do Barão, ele era português e os atuais [1991] moradores são de descendência alemã originária do município de Santo Ângelo. Quem teria dado essa informação errada ao repórter?*

Sobre FUGIR JARDIM DE
MULHER, quem o dia foi usado
comi. para fugir, pois
era com duas taq. procur



perseguido pela
polícia
FASCISTA

Publicação - N. 11.152.215
Código de Barras - N. 15.127.185

Leitura ao pé da tape do Barão. Tem todas as possibilidades de ser mais uma das tantas experiências publicadas como "História de Passo Fundo". Na década de 1980 viveu-se uma certa polémica e propôs-se a reedição do livro que fora do Barão e aproximadamente da parte do pé da tape construído de um edifício (a atual Unidade Cete do Barão). Alguns mantiveram a esperança que seria em anexo ao periódico histórico por descrever "a linha costada urbana que existe em Passo Fundo". Em pesquisa documental nada encontraram que justificasse tal alternativa. Igualmente em entrevistas com pessoas descendentes do Barão e outras que conheciam o caso e suas circunstâncias, verificou-se algumas pessoas que moravam no trabalho na casa. Todas afirmaram nunca haver conhecido tal situação, nem conhecido algo a respeito do pé da tape ou do Barão.

Ademais dessas negativas há que considerar o contexto histórico. O caso e o pé da tape foram propriedades de sucesso, não se consideram por mercurios de compra e venda e pelo momento por morte de Adão Schell de Assis Christiano Pein. Talvez, nada exista a propósito de venda para seu sucesso. Quanto ao Barão nada consegue haver sido propriedade de sucesso e a existência de tal situação. Antônio José da Silva Loureiro estabeleceu-se na Vila de Passo Fundo em 1864 e logo ligou-se ao Partido Liberal. Naquela momento os liberais haviam iniciado a campanha pelo abolicionismo. A 13 de agosto de 1871 foi fundada em Passo Fundo a Sociedade Libertadora dos crianças do seu primeiro. O Barão foi um dos seus fundadores. O Barão era amigo, irmão e conregião de Prudente Guimarães, grande defensor do abolicionismo. Sabe-se que na casa do Barão e Dona Felippina havia serviços afro-descendentes, porém, no caso escravos africanos ou eram filhos delas.

Fugiu estado do mulher. Uma mulher propagada por adversários políticos. Para não ser assassinado o Barão fugiu em 1892, permanecendo estado na Argentina até 1895. Contudo fugiu a cavalo, usando traje masculino de montaria.

"Solar Loureiro", a presunção (presunção ou inocente) contra o Barão é tão arraigado que alguns para não citar Casa do Barão escreveu Solar Loureiro.

Esses relatos são feitos por este ser uma obra de história. Isto é, busca reconstruir fatos do passado com base em documentos, escritos e não escritos. Outros não é de ser despretado o mito ou os mitos construídos em torno da figura de Antônio José da Silva Loureiro e do "chulo" do Barão, consolidada em tempos de República. Uma vasta obra a ser trabalhada pela Antropologia Cultural.

Barão, Avante na História Local

Casa expõe ao longo em História a ausência na historiografia pós-1964 de um personagem tão importante qual o Barão.

Antônio José da Silva Loureiro, mais conhecido como "Barão", teve proeminente desempenho social, empresarial e político em Passo Fundo na segunda metade do século XIX e início do século XX. Sua parentela e diversas círculos de relações praticamente monopolizaram a vida socioeconômica, política e cultural local durante mais de um século, iniciando nos anos 50 dos oitocentos e ultrapassando os 50 dos noventa. Do rei apresentado no Anexo 2 pode-se deduzir a extensão e a capilaridade da parentela do Barão na sociedade passo-fundense. Fica evidente que o Barão e sua parentela integraram o estamento dominante local e regional. Como explicar ser o Barão um tão personagem da história de Passo Fundo?

É fácil explicar. Até recentemente tinha-se em Passo Fundo apenas uma única versão historiadora. Versão oficial elaborada por Francisco Antunes Xavier e Oliveira, denominada

"Tal da História de Passo Fundo" virou uma espécie de compêndio por distribuído a outros republicanos. Todos, tal qual Antonino, historiadores e historiadores estatísticos (4). Mesmo trabalhos produzidos no âmbito da Universidade tornaram-se a reprodução breves da História local, eis de longa, com a característica crítica historiográfica.

*Tudo isso e muito mais, em um volume de homenagem a João de Deus Schell, editado em 1985, sobre a modernização agrícola e econômica da Serra Gaúcha, editado por João de Deus Schell, p. 17-85.

Nada de novo, nada de extraordinário. O historiador seleciona os fatos do passado e dá-lhes tratamento a seu jeito. H. Carr usa a imagem das pedras esculpidas pelo socialista na banca depouso, depois preservadas e serenas a seu modo. O trabalho do historiador (sem formação profissional ou acadêmica) tenta, com maior ou menor objetividade, a seleção e interpretação de ações praticadas por pessoas no mundo dos casos distantes no tempo e no espaço.

No caso em pauta é bom ter presente que Barão e Antonino fazem contemporâneos e contemporâneos, além de terem legos dependentes por afinidade e proximidade. Ao mesmo em atividades de teatro amador conviviam e colaboravam mutuamente, Antonino, seja como historiador, seja como funcionário público, estava ligado e subordinado ao coronel Gervásio Lucas Arnes, adversário político do Barão.

Antonino escreveu seu texto bíblico *Aspectos do Município de Passo Fundo* entre 1896 e 1901, a período mais agudo do antagonismo político entre jeca-pau e maragato. Ao concluir o livro em junho de 1903 Antonino foi obrigado a submeter a obra a uma comissão de censura especialmente designada pelo coronel Gervásio, chefe supremo do PRB local. A obra foi publicada no ano de 1908 em brochura de 56 páginas, ilustrada com fotos de 31 personagens da vida política, militar, econômica e social no período histórico, das primeiras até novembro de 1889. Barão não figura entre os retratados. Em compensação Prestes Guimarães é o único com duas fotos. Ao longo das quase cem páginas Antônio José da Silva Loureiro apenas figura transcrição do ata de fundação da Sociedade Libertadora das Crianças do Sexo Feminino em 13 de agosto de 1871 e na lista de 13 negociantes da vila que firmaram uma petição encaminhada pela Câmara Municipal à Assembleia Provincial em 15 de fevereiro de 1874. O sogro Adão Schell, ex-cunhado e o concubinato Araújo merecem várias e destacadas referências.

Em *Terra dos Pinheirais*, brochura editada em 1927 reunindo 13 artigos escritos entre 1922 e 1937, Antonino Xavier ao fazer o panegírico de Adão Schell cita Antônio José da Silva Loureiro como antigo empregado e genro. Além de não ligar à figura do "Barão", corrige o erro de dizer que era "artigo empregado". A brochura em suas 30 páginas ademais dos textos apresenta uma galeria dos sulistas não só do passado como do presente, fotos de 55 homens qualificados como personalidades mercantes em Passo Fundo. Evidentemente Antônio José da Silva Loureiro não figura, muito menos o "Barão". *Terra dos Pinheirais* foi publicação comemorativa ao Centenário da Fundação da Cidade de Passo Fundo.

Na série de artigos publicados em *O Nacional* de 25 de setembro a 13 de novembro de 1931, editados em 1949 e reeditados em 1957 na forma de brochura sob o título *O Elemento Espanhol no Provencimento de Passo Fundo*, entre os sete portugueses citados por Antonino aparece o nome de Antônio José da Silva Loureiro, porém não referido por "Barão", como era mais conhecido. Ao longo das obras de Antonino editadas entre 1908 e 1957 são estas as quatro vezes que o nome é mencionado, sempre de forma muito discreta.

Alfredo Rico Loureiro, neto do Barão, em texto escrito possivelmente em 1979, aponta os culpados. Antonino Xavier, *autodidata, culto, inteligente e honesto, mas sobretudo de um servilismo rastejante a seu chefe* [Gervásio Lucas Annes], *Coronel da malça, idóneo*.

Alfredo acrescenta: *depois da morte do tal coronel, o historiador [Antonino] confessou que tinha recebido instruções suas [Gervásio] para não mencionar o Barão em seu relato*.

Sendo os escritos de Antonino a matriz da História Oficial dá para entender o porquê do Barão não figurar em artigos e livrinhos sob títulos tais como "Nossos Vultos", "Vultos da História de Passo Fundo", "Valores Nossos" e semelhantes, publicados por diferentes autores locais nos últimos 40 anos.

Delma Rosendo Grém, discípula de Antonino, em obra publicada em 1978 ao tratar do regresso de Prestes Guimarães em 1906 cita entre os maragatos organizadores da recepção Antônio José da Silva Loureiro, não diz ser o "Barão". Na sequência transcreve do jornal O Gaúcho, Órgão do Partido Republicano, o artigo "Política Adversária" da edição de 19 de janeiro de 1906, no qual não são mencionados os organizadores mas refere *ofereceram-lhe um "pic-nic" no capão do Chafariz. Na verdade o "pic-nic" foi realizado no Mato do Barão, na parte próxima ao Chafariz. Na mesma obra [3ª vol.] ao referir as principais amigas residências da cidade anota: Casa de Antônio da Silva Loureiro – Casa Barão, construída em 1865, sito na Av. Brasil, nº 1080, esquina Cap. Araújo. Mantém original a parte da Av., sendo que na Cap. Araújo, já desapareceu uma parte*.

Conforme descrito a principal atividade exercida em Passo Fundo por Antônio José da Silva Loureiro, o Barão, de 1864 a 1919, foi o comércio. A Casa Barão foi um dos principais estabelecimentos comerciais da cidade, não apenas na segunda metade do século XIX, mas também nas primeiras décadas do século XX. Tendo, inclusive, continuidade após o falecimento do Barão. Contudo em *Comércio Século XX Passo Fundo* não há uma única referência à Casa Barão e ao seu fundador e proprietário. Um livro onde figuram mesmo pequenas lojas de comércio, onde são mencionados estabelecimentos de curta duração, com biografias de seus proprietários, não aparece a Casa Barão, nem seu proprietário, nem seus sucessores.

Não se trata de meras, simplesmente omissões. Por coincidência omissões que excluíram o Barão da historiografia local. Mas porque excluído se integrava o estamento na Poder local e regional? Porque o estamento estava cindido e o Barão participou do grupo perdedor quando da disputa pelo Poder em 1893-95. Cabe salientar haver sido de muita importância a participação político-partidária de Antônio José da Silva Loureiro no contexto local, sempre em oposição ao grupo conservador-republicano.

Bibliografia consultada

Livros e artigos:

ALMEIDA, Aluísio de. *Sorocaba, 3 séculos de história*. Ru: Ottoni, 2002.

ANNES, Marina Xavier de Oliveira. *Johann Adam Schell e sua descendência*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1995.

AVILA, Ney Eduardo Possato d'. *Cabo Neves, fundador da Cidade de Passo*. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2015.

- _____. *Recortes da História de Passo Fundo*. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2014.
- _____. *Passo Fundo, Terra de Passagem*. Passo Fundo: Aldeia Sul, 1996.
- _____. *O Historiador Passo-fundense Antônio Xavier*. Dissertação de Mestrado, UFSC. Florianópolis, 1993. [mimeo]
- _____. "Maria Pequena e o Cemitério da Cruzinha". In: GRIGGIANA, Miguel; DU BOIS, Tânia. *Obitos de Maria Pequena*. Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2014. p. 55-7.
- _____. "Cemitério Municipal Vera Cruz" In *Guia de Visitação*. Passo Fundo: RHPF, 2014.
- _____. "Ferroviária, não... Cemitério?" (comunicação) Fórum dos Institutos Históricos do RS. Passo Fundo, maio 2017.
- ASSEMBLÉIA Legislativa do RS. *Parlamentares Gaúchos, 1821-1996*. Porto Alegre, 1996.
- CARR, E. H. *Quem é História?* Lisboa, Gradiva, 1986.
- CÂMARA Municipal de Passo Fundo. [Veredais de 1857 a 1988]. Passo Fundo: Berthier, 1988.
- DAMIAN, Helene Alberto; DAMIAN, Marco Antonio. *Páginas da Belle Époque Passo-fundense*. Passo Fundo: Passográfico, 2008.
- DAMIAN, Marco Antonio. *Futebol de Passo Fundo, contribuição à sua História*. Passo Fundo: Berthier, 1997.
- ESCOBAR, Wencelau. *Apostamentos para a História da Revolução Rio-grandense de 1893*. Brasília: UnB, 1983.
- FERRONATTO, Egídio. *O Tesouro do Barão*. Passo Fundo: Casa Editorial Armando Araújo Annes, 1994.
- GHEM, Dolma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Prefeitura Municipal, v. 1, 1978. v. 2, 1982. v. 3, s. d.
- GUIMARÃES, Antônio Ferreira Prestes. *A Revolução Federalista em cima da Serra*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987.
- HEXSEL, Conrado Augusto; GÁRATE, Héctor Eduardo. *Comércio Século XX Passo Fundo*. Passo Fundo: Sincomércio, 2002.
- LEMOS, Juvêncio Saldanha. *Os Mercenários do Imperador*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1996.
- LOUREIRO, Alfredo Rêo. *O Barão, Antonio José de Silva Leuzero*. Passo Fundo, 1979. [mimeo]
- MACHADO, Zélia Vasconcelos. *Viagem no Tempo*. Porto Alegre: Razão, 2006.
- MIRANDA, Fernando B. S.; MENDES J. dos Santos. *Passo Fundo, o passo das ruas*. Passo Fundo: Méritos, 2011.
- OLIVEIRA, Francisco Antonio Xavier e. *Anuário do Município de Passo Fundo*. Passo Fundo: UPF, 1990. 3 v.

OLIVEIRA, Pery de. Passo Fundo Centenário. Guia turístico, literário e comercial. Passo Fundo: Berthier, 1957.

PASSO FUNDO, Guia Geral. Indicador Comercial Industrial Profissional. Passo Fundo: Tipografia Nehk, [1941].

SILVA, Ana Maria Radaeli da, et al. (org.). Atlas Geográfico de Passo Fundo. Passo Fundo: Méritos/IMED, 2009.

SILVEIRA, José Hemetério Velloso da. As Missões Orientais e seus Antigos Domínios. Porto Alegre: Erus, 1979.

SINCOMÉRCIO – Sindicato do Comércio Varejista. Primeiro Comerciante Estrangeiro em Passo Fundo. Passo Fundo, 1994. [mimeo]

SOUZA, Gerson Cesar. "A Batalha de Passo Fundo". In _____. O Imortal Coronel Bodriak. Paraná: [s.n.], 2016. p. 211-22, *passim*.

RIBEIRO, Hélio Gomes. Pousa, Santa Cristina e Regueia – S. Salvador. Pousa, Portugal: s/ed. 1979.

VARGAS, Getúlio. Diário, 1930-1936. São Paulo/Rio de Janeiro: Siciliano/FGV, 1995.

VERGUEIRO, Nicolau Araújo. Club Literário Amor à Instrução. Passo Fundo, 1954. [Manuscrito] 17 laudas.

_____. "Aos pacotes". Rio de Janeiro, 10.08.1935. [Manuscrito]

Periódicos:

DIÁRIO DA MANHÃ. Passo Fundo, 4 de maio de 1960, 21 de maio de 1980; 6 de agosto de 1985; 10 e 11 de julho de 1994; 11 de novembro de 2001; 29 de novembro de 2006.

JORNAL ROTTA. Passo Fundo, 1ª a 31 de janeiro de 2006.

LA EPOCA. Buenos Ayres, 11 de julho de 1949.

O NACIONAL. Passo Fundo, 23 de janeiro de 1934; 7 de agosto de 1974; 27 de fevereiro de 1975; 10 de agosto de 1982; 4 de setembro de 1984; 19 de junho de 1985; 3 de janeiro de 1986; 4 de janeiro de 1986; 9 de março de 1988; 19 de junho de 1988; 7 de agosto de 1991; 15 de outubro de 1994; 19 e 20 de novembro de 1994; 23 e 24 de março de 1996; 19 de junho de 1997; 7 e 8 de novembro de 1998; 9 de maio de 2005; 24 de julho de 2006; 29 de novembro de 2006; 8 de agosto de 2010.

Mapas consultados

C.R.T. Planta da Cidade de Passo Fundo, 1962.

MACHADO, Caio Moagem. Município de Passo Fundo, 1957.

RIBEIRO, Arthur Souto. Cidade de Passo Fundo, 1922.

Locais pesquisados

Biblioteca Pública – Passo Fundo
Cemitério Municipal “Vera Cruz” – Passo Fundo
Museu Histórico Regional – Passo Fundo

Arquivos pesquisados

Arquivo da Cúria Arquidiocesana de Passo Fundo
Arquivo Histórico Regional– UPF– Passo Fundo
Arquivo pessoal do Autor– Passo Fundo
Fundo Nicolau Vergueiro, AHR – Passo Fundo

Fontes

Fontes primárias

Entrevistas

AZEVEDO, Luiz Juarez Nogueira de – Oficial do Registro de Imóveis
BATTISTI, Aldo Bettinelli
BATTISTI, Lenira Loureiro Zimmermann
BOHRER, Ciro Roberto Kruei
BOHRER, João Fernando Kruei
BOHRER, Leonor Loureiro Kruei
KRUDEL, Alalides Nasário
KRUDEL, Renato Nasário
LOUREIRO, Carlos Alberto “Carlitos”
LOUREIRO, Iolanda Vargas
SALTON, Jorge Alberto
SCHEFFER, Jacinta
SILVA, Antônio Eduardo Loureiro
VARGAS, Gilberto – Médico diretor Técnico do Instituto de Oftalmologia
ZIMMERMANN, Danilo Loureiro

Fontes virtuais

ADB- Arquivo Distrital de Braga
www.adb.minho.pt/
www.adb.uniminho.pt/details
Último acesso: 13.02.2017

AHR- Arquivo Histórico Regional
www.upf.br/ahr
Último acesso: 16.04.2017

ANNES, Alceu. *Genealogia Lucas Araújo*.
www.ebooks.pucrs
Último acesso: 06.02.2017

MOUSQUER, Zélce Daclé. *Família Kruei*.
www.familia-kruei.com.br
Último acesso: 31.01.2017

POUSA, Freguesia.
www.maisbarcelos.pt
Último acesso: 21.02.2017

Nome

Nome do estabelecimento de ensino

Matrícula / ano lectivo

Prova de avaliação sumativa

Este documento é propriedade da Tombo e não pode ser reproduzido sem a autorização da Tombo. A Tombo não se responsabiliza por danos materiais ou morais decorrentes do uso indevido deste documento. A Tombo não se responsabiliza por danos materiais ou morais decorrentes do uso indevido deste documento.

Tombo
Rua da Liberdade, 100
1200-088 Lisboa
Tel: 213 500 000
www.tombo.pt

Anexos

Este documento contém anexos que podem ser consultados no endereço eletrónico www.tombo.pt.
Anexo 1 - Prova de avaliação sumativa
Anexo 2 - Prova de avaliação sumativa
Anexo 3 - Prova de avaliação sumativa

Anexo 1

Ferrovária, não... Cemitério!

[inserir a comunicação Ferrovária, não... Cemitério!]

Anexo 2

Descendência de Adão Schell e Anna Hele

¹ Esta lista de descendentes e seus parentes está incompleta e pode conter erros e imprecisões.

Não é, a rigor, uma genealogia, não segue a metodologia usada pela genealogia.

O principal objetivo é auxiliar a pesquisa de família.

As mulheres são citadas pelo nome de solteira.

Em alguns casos, mesmo não sendo do uso da pessoa, foi acrescentado o sobrenome materno para melhor identificação.

O local de nascimento e de falecimento, quando no Brasil, corresponde ao município.

Corrigidas e complementadas favor endereçar a joanaadamschell@uol.com.br para receber as próximas edições.

Os filhos incluem:

Adão Schell e Anna Hele

e filhas

1. n. neta/s

1.1.1. bisneta/s

1.1.1.1. trisneta/s

1.1.1.1.1. tetrasneta/s

1.1.1.1.1.1. pentasneta/s

1.1.1.1.1.1.1. hexasneta/s

Johanna Adaan Schell, * Bosen, 24.06.1809 + Passo Fundo, 28.01.1878

filha de Phillip Schell + Elizabeth Catharina Lechardt

casou a 30.10.1830 com

Johanna Christina Hele * Hildeshausen, 21.08.1815 + Passo Fundo, 04.08.1882

filha de Johann Mathews Hele + Eva Dorothea Rohrig

filhas do casal

1 Maria, * São Leopoldo, 16.11.1831 + Passo Fundo,

2 Jorge, * Sita Leopoldo, 19.11.1832 + Passo Fundo, 14.09.1899

casou a 09.02.1861 com

Cristina Francisca Araújo "Cristalina", * Rio Pardo, 1804 + Passo Fundo, 11.11.1938

filha de Manoel José d' Araújo e Francisca de Paula Lopes

filhos do casal:

2.1 Adão Schell Rosa, * Passo Fundo, 12.01.1862 + Passo Fundo, 11.07.1933

casou a 12.04.1880 com

Ernestina Adelaide Schell, * Passo Fundo, 13.11.1862 + Passo Fundo, 09.08.1938

filha de Guilherme Schell e Cristalina Francisca de Silva

ver 4.1

filhos do casal:

2.1.1 Adão Schell "Juno", * Passo Fundo, 05.02.1882 + Passo Fundo, 13.04.1952

2.1.2 João Schell "João", * Passo Fundo, 23.03.1884 + Passo Fundo, 27.06.1960

2.1.3 Jorge Schell, * Porto Alegre, 25.06.1886 + Passo Fundo, 22.01.1992

2.1.4 Aurora Schell, * Porto Alegre, ca. 1888 + Passo Fundo, 05.04.1892

2.1.5 Maria Elina Schell "Mama", * Passo Fundo, 23.09.1891 + Porto Alegre, 16.06.1991

2.1.6 Manoel Araújo Schell "Maneco", * Passo Fundo, 15.07.1863 + Passo Fundo, 16.07.1922

casou com

Cecília Severo, * Passo Fundo, ca. 1870 + Passo Fundo, 10.10.1892

filha de Dionísio Teixeira Severo e Joana Soares de Carvalho

filhos do casal:

2.2.1 Jorge Severo Schell, * Passo Fundo, 1867 + Curitiba

casou a 16.09.1911 com

Maria Elina Schell de Oliveira "Zica", * Passo Fundo, ca. 1891 + Porto Alegre

filha de Joaquim Pires de Oliveira e Estelita Carvalho, adotada por João Schell e Maria Elina

sem descendência

2.2.2 Rêda Severo Schell, * Passo Fundo, ca. 1890 + Passo Fundo, faleceu ainda criança

2.2.3 João Thâmico Severo Schell "João", * Passo Fundo, 1892 + Passo Fundo, 24.10.1914

2.2.4 Manoel Araújo Schell "Maneco"

em segundo casamento, casou a 13.09.1896 com

Arcimides Francisco Soares, * Passo Fundo, localidade do Topo, ca. 1873

filhos do casal:

2.2.4 Maria de Jesus Schell

casou com Cecílio Alves dos Santos

divorciou dois filhos

2.2.5 João Schell, + Passo Fundo, localidade do Topo, aos 17 anos de idade

2.2.6 Isacema Schell

casou com Ernesto Wolf

divorciou nove filhos

2.2.7 Aldeida Schell

casou com Amélia Aguiar

filhos do casal:

2.2.7.1 Pedro Moacir Schell

casou com Jurema Góes

divorciou quatro filhos

2.2.7.2 Manoel Odalgaro Schell

casou com Rosilda Locatelli

divorciou três filhos

2.2.7.3 Adèle Schell

casou com Lúcio Cavalcanti

divorciou três filhos

2.2.7.4 Cláudio Schell

foi casado

2.2.8 Jurema Schell, * Passo Fundo, 15.01.1913

casou a 30.10.1935 com

Arnildo Dickel, * Passo Fundo, P' Juruá, 07.06.1917

filha de Adolfo Dickel e Orelina

filhos do casal:

2.2.8.1 Ivan Schell

foi casado

2.2.8.2 Niceli Schell

foi casado

2.2.9 Cecília de Lourdes Schell

casou com Virgílio Ferreira de Almeida

divorciou quatro filhos

2.3 Maria Elina Schell, * Passo Fundo, 12.01.1865 + Passo Fundo, 21.10.1932

casou a 18.04.1882 com

Lino Pacheco de Queiroz, * Lagex, SC, * ca. 1828

filhos do casal:

2.3.1 Alvaro Schell de Quadros "Lô", * Passo Fundo, 19.02.1883 + Passo Fundo, 14.12.1948

casou a 28.09.1910 com

Jeny Leite, * Taquari, 02.05.1888,

filha de João Andrade Leite e Maria Urbana Desseardo

filhos do casal:

2.3.1.1 Orlene Leite de Queiroz, * Passo Fundo, * Passo Fundo,

casou a 11.06.1932 com
Herculano Estêvão Filho, * Passo Fundo, 09.04.1911 - Passo Fundo, 08.11.1970
filho de Herculano Trindade e Lucinda Lima

Francisco casou filha

3.3.1.2 Sueli Leite de Quadros, * Passo Fundo, ca. 1914 - Curitiba,
casou a 31.07.1934 com

Leandro Monteiro Mizael, * Passo Fundo, ca. 1908 - Curitiba,
filho de Ezequiel Ferraz Mizael e Paulina Monteiro

overam uma filha

3.3.1.3 João Leite de Quadros

casou com Inez Piratini

filho de Agostinho Piratini e Joseph

overam quatro filhos

3.3.1.4 Carlos Augusto de Quadros, * Passo Fundo, 19.01.1922 - Porto Alegre,

casou a 26.10.1962 com

Maria Impleyda Prado, * Fátima das Missões, 10.04.1921 - Porto Alegre,

filha de Ovídio Prado e Felicitas Gonçalves

overam três filhos

2.3.1.7 Raul Leite de Quadros, * Passo Fundo,

casou com Maria Kazep, * Caracaba,

filho de João Kazep e Fátia

overam 4 filhos

2.3.2 Anapaula Scheel de Quadros "Anapaulinha", * Passo Fundo, 18.10.1885 - Passo Fundo, 04.02.1959

casou a 06.03.1903 com

José de Quadros, * Passo Fundo, 1º dia 26.09.1873 - Passo Fundo, 14.04.1947

filho de Inocêncio Pedro de Quadros e Dometila Rodrigues da Silva

filhos do casal:

2.3.2.1 Jovina de Quadros, * Passo Fundo, - Passo Fundo, 10.03.1980

casou com Henrique Magalhães

filho de Justino dos Santos Magalhães e Francisca Goulart "Chiquinha"

overam um casal de filhos

2.3.2.2 Mécia de Quadros

casou com João Davygo

filho de Silveiro Davygo e Margarida Ferrari

overam três filhos

2.3.2.3 Cecília de Quadros, * Passo Fundo, ca. 1908 - Passo Fundo,

casou a 08.01.1927 com

Victorino Revelleson, * Passo Fundo, ca. 1886 - Passo Fundo,

filho de Hippólito Revelleson e Antônia Soares de Miranda

overam três filhos

2.3.2.4 Ávila de Quadros, * Passo Fundo, ca. 1910 - Passo Fundo,

casou a 11.10.1931 com

João Marinho Albuquerque, * Passo Fundo, ca. 1907 - Passo Fundo,

filho de Antônio Albuquerque Martins e Anália Marinho

overam três filhos

2.3.2.7 Inezel de Quadros, * Passo Fundo, 14.04.1911 - Passo Fundo,

casou a 28.06.1941 com

Dionísio Prevattl, * Passo Fundo, ca. 1920 - Passo Fundo,

filho de Jorge Prevattl e Genoveva Freida

sem descendência

2.3.2.6 Lata Carlos de Quadros

2.3.2.7 Estêvão de Quadros "Laidinha"

2.3.3 Luiza Scheel de Quadros "Lúcia", * Passo Fundo, 09.02.1887 - Passo Fundo, 14.02.1948

casou com Judith Gillfert Portolapp, * São Gabriel, - Passo Fundo,

filha de Carlos Portolapp e Celestina Gillfert

filhos do casal:

2.3.3.1 Nêa Portolapp de Quadros, * Passo Fundo, 27.06.1914 - Passo Fundo, 07.1914

2.3.3.2 Lúcia de Quadros, * Passo Fundo, 26.02.1916 - Passo Fundo, 2017

casou a 29.04.1944 com

Syrio Gillfert De Bois, * São Gabriel, - Passo Fundo, 09.04.1963

filho de Alfredo De Bois e Emelinda Gillfert

filhos do casal:

2.3.3.2.1 Rosângela de Quadros De Bois, * Passo Fundo, 17.04.1945, casou em Santa Cruz do Sul

casou com

Cláudio Schelke,

filho de

filhos do casal:

2.3.3.2.1.1 Marcelo Schelke, * Santa Cruz do Sul, 10.04.1970, mora em Porto Alegre

casou com

Fernanda Pereira

filhos do casal:

2.3.3.2.1.1.1 Maria Alice Schelke

2.3.3.2.1.2 Tiago Schelke, * Santa Cruz do Sul, 23.10.1975, mora em Veredinho Aires

casou com

Alise Katz

filhos do casal:

- 2.3.3.2.3 David Schindler, * Viamonteópolis.
 2.3.3.2.3 Lucas Schindler, * Viamonteópolis.
 2.3.3.2.3 Paulo De Bois, * Passo Fundo, 18.10.1947, mora em Balneário Camboriú, SC
 nunca casou
 Tereza Regina Rossi, * Sarandi/Lucas do Sul/Balneario Camboriú, SC
 filha do casal
 2.3.3.2.3.1 Helena De Bois, * Sarandi, 21.03.1977, mora em Jaraguá, SC
 nunca casou
 Paulo Cristiano Araújo Silva
 filho do casal
 2.3.3.2.3.1 Bete De Bois Araújo Silva, * Jaraguá, SC, 24.05.2001, mora em Jaraguá, SC.
 2.3.3.2.3.2 Letícia De Bois Araújo Silva, * Jaraguá, SC, 20.04. 2001, mora em Jaraguá, SC.
 2.3.3.3.1 Paulo Quadros De Bois, * Passo Fundo, 20.12.1950, mora em Porto Alegre
 nunca casou
 1.01 Mariana Ranzler
 filha do casal
 2.3.3.2.3.1 André Ranzler De Bois, * Porto Alegre, 11.06.1977, mora em Pelotas
 2.3.3.2.3.2 Márcia Ranzler De Bois, * Porto Alegre, 26.01.1979, mora em São Grande
 nunca casou
 Cláudia
 filha do casal
 2.3.3.2.3.1 Lorea De Bois
 2.3.3.2.4 Rosângela de Quadros De Bois, 18.11.1952, mora em São Luís Gonzaga
 nunca casou
 Antônio Neri de Azevedo, mora em São Luís Gonzaga
 filha do casal
 2.3.3.2.3.1 Nélio César de Azevedo, * São Luís Gonzaga, 17.11.1977, mora em São Luís Gonzaga
 filho
 2.3.3.2.3.1 Miguel de Azevedo, * São Luís Gonzaga,
 2.3.3.2.3.2 Fernando de Azevedo, * São Luís Gonzaga, 23.07.1985, mora em São Luís Gonzaga
 nunca casou
 Alexandre Dalcin
 filho de Azevedo Dalcin
 filho do casal
 2.3.3.2.3.2.1 Artur de Azevedo Dalcin, * São Luís Gonzaga,
 2.3.3.3.1 Douglas Perchappi de Quadros, * Passo Fundo, + 12.1996
 nunca + 29.03.1943 casou
 Maurício Chales, * Jaraguá, + Passo Fundo, 28.08.1974
 filho de Agostinho Chales e Maria Pereira
 filha do casal
 2.3.3.3.1 Márcio Chales, * Araripe, AL, 1960, mora em Cruz Alta
 nunca casou
 Érika Pereira de Veiga, * Cruz Alta, mora em Cruz Alta
 filha do casal
 2.3.3.3.1 Rodrigo de Veiga, * Cruz Alta, mora em Cruz Alta
 2.3.3.3.1.1 Raissa de Veiga, * Cruz Alta, mora em Cruz Alta
 2.3.3.3.1.2 Passos de Veiga, * Cruz Alta, 08.1977, mora em Porto Alegre
 2.3.3.3.2 Marília Chales, * 09.09.1949 + Porto Alegre
 2.3.3.4 Herculina de Quadros, * Passo Fundo, 04.02.1927, mora em Passo Fundo
 2.4 Amélia Araújo Schell, * Passo Fundo, 20.06.1887 + Passo Fundo,
 nunca + 28.01.1942 casou
 Hippelino Bevilacqua, * Passo Fundo, em 1866
 (filhos de Apolônia Soares de Miranda, ver 2.3.2.3 e 2.8.3)
 filho de Alexandre Bevilacqua e Constância Aires da Rosa
 sem descendência
 2.2 Cláudia Araújo Schell "Candoca", * Passo Fundo, 26.10.1868 + Passo Fundo,
 nunca casou
 João Theodoros Haldorff
 filho do casal
 2.5.1 Maria Valentina Schell Haldorff "Nina", * Passo Fundo, + Passo Fundo,
 nunca casou + nunca casou
 Argil Severo de Silveira de 21 anos
 filho de Joaquim Severo de Silveira e de Amália Rosa
 overnomado filho
 2.2.2 Aracinda Schell Haldorff "Nina", * Passo Fundo, em 1893 + Passo Fundo 21.02.1949
 2.3.3.3.3 Felipe Schell Haldorff
 nunca casou
 Clotilde da Rocha "Lolau"
 filha de Manoel Theodoro de Rocha Ribeiro e Anna Joaquina Oliveira
 casou cinco filhos
 2.5.4 Odoceiro Schell Haldorff
 2.6 Vicente Araújo Schell, * Passo Fundo, 29.05.1871 + Passo Fundo, 17.01.1876
 2.7 Felipe Araújo Schell, * Passo Fundo, 14.01.1874 + Passo Fundo, 18.04.1876
 2.8 João Schell Sob., * Passo Fundo, 27.02.1876 + Passo Fundo, 28.07.1906
 nunca + 02.05.1899 casou
 Joséville Helena de Quadros, * Passo Fundo, 14.02.1880 + Passo Fundo, 02.02.1948

Filha de **Joanil Pedro de Quadros e Domicila Rodrigues da Silva**

Filhas do casal:

2.8.1 **Isabela Schell**, * Passo Fundo, 12.06.1905, + Passo Fundo, 27.04.1987

casou a 24.03.1934 com

Otávio Schell, * Passo Fundo, 01.10.1911; + Passo Fundo, 20.12.2005

Filha de **Thomas Roschel e Josefina Marangoni**

Filhas do casal:

2.8.2.1 **Luizcláudia Schell**, * Passo Fundo, 20.10.1934, mora em Mato Quilomado, SC

casou a 19.01.1963 com

Osvaldo Pacheco

filha de **Isaura Pacheco e Helena Amari**

Filhas do casal:

2.8.2.1.1 **Luciano Schell**, * Passo Fundo, 15.02.1964,

2.8.2.1.2 **Ana Cristiane Schell**, * Passo Fundo,

2.8.2.2 **Gláucia Schell**, * Passo Fundo, 10.06.1937 + Passo Fundo, 10.06.2013

casou com **Carlos Carlos**, * 09.06.1917, + Passo Fundo, 12.10.2003

Filhas do casal:

2.8.2.2.1 **Ana Carolina Schell Carlos**, * Passo Fundo, 01.05.1970, mora em Passo Fundo

2.8.2.3 **Daniela Garimato Schell**, * Passo Fundo, 14.09.1981, mora em Passo Fundo

casou a 04.03.2006 com

Marli da Silva Camargo, * Passo Fundo, 08.07.1972, + Passo Fundo, 10.11.2016

Filha de **Moisés Silveira de Camargo e Seli Helena da Silva**

sem descendência

2.8.3 **Hélida Schell**

2.8.4 **Odolina Schell**, * Passo Fundo, ca. 1903

casou a 11.05.1920 com

Hippólito Revellinhos, * Passo Fundo, ca. 1901 + Passo Fundo,

filho de **Hippólito Revellinhos e Antônia Soares de Miranda**

Filhas do casal:

2.8.4.1 **Maria Elzab Schell Revellinhos**

casou com

Adel Nardo

filho de **Antônio Nardo e Anália**

sem descendência

2.8.4.2 **Luz Schell Revellinhos**, * Passo Fundo, ca. 1929 + Passo Fundo, 02.03.1934

2.8.4.3 **Alvaro Schell Revellinhos**, * Passo Fundo, ca. 1931 + Passo Fundo, 25.11.1943

2.8.4.4 **Cláudio Schell Revellinhos**,

casou com

Maria de Lourdes Mazzonato

filha de **Angelo Mazzonato e Adelina Busato**

tiveram duas filhas

2.8.4.1 **Diana Therazinha Schell Revellinhos**

2.8.5 **Cláudio Schell**

casou com

Muelo Isler

filho de **Osvaldo Isler e Marfina Norkal**

Filhas do casal:

2.8.5.1 **Jenê Isler Schell**

2.8.5.2 **Marcos Isler Schell**

casou com

Janeleide da Silva

tiveram duas filhas

2.8.5.3 **Marfina Isler Schell**

casou com

Osmar Deon

tiveram duas filhas

2.8.5.4 **Raquel Isler Schell**

casou com

Orben Rodrigues Bonck

tiveram três filhas

2.8.6 **Caçilda de Quadros Schell**, * Passo Fundo, ca. 1907+ Passo Fundo,

casou a 23.06.1934 com

Marlio Faurino da Silva, * Passo Fundo, ca. 1892+ Passo Fundo,

filho de **Pedro Ferreira da Silva e Benedita de Moura**

Filhas do casal:

2.8.6.1 **Francisco de Assis Schell da Silva**

2.8.6.2 **Maria de Lourdes Schell da Silva**

casou com

Lucretina Ströhl e Anália Simon

tiveram quatro filhas

2.8.6.3 **Vicente de Paula Schell da Silva**

casou com

Donia Scheller

sem descendência

2.8.6.4 **Luz Benedita Schell da Silva**, falecida em tenra idade

- 2.8.3 João Jorge Schell de Silva
2.8.4 Pedro Paulo Schell de Silva
2.9 Francisco Amado Schell "Cigaluba", * Passo Fundo, 27.01.1878 + Passo Fundo, 11.11.1957
2.10 Gregório Amado Schell, * Passo Fundo, 22.10.1879 + Passo Fundo, casou a 13.01.1898 com
Harcônio Oquayr, * São Borja, ca. 1876
filho de Eduardo Oquayr e Cecília
Filhos do casal:
2.10.1 Alviram Schell Oquayr, * São Borja, 21.11.1899
casou a 28.11.1911 com
Irene Teófilo Schwaner, * Alfredo Chaves (atual Venânciopolis), 24.11.1904
filha de Frederico Alfredo Schwaner e Gertrudes Guilhermina Treier
divorciou duas vezes
2.11 Antea Christina Araújo Schell "Tati", * Passo Fundo, 02.07.1882 + Passo Fundo, 01.01.1977
casou a 28.07.1923 com
Polycarpo Ferreira da Silva "Pol", * ca. 1847 + Passo Fundo, 29.03.1933
viúvo de Josepha de Silveira "Méd Doca"
filho de José Ferreira Nascim e Felicitina Rodrigues de Silva
sem descendência
3 João, * São Paulo, 13.12.1813 + Passo Fundo, 13.07.1914
casou com Maria Eliza Heia, * São Leopoldo, 06.08.1813 + Passo Fundo, 04.08.1916
filha de João Jorge Heia e Catharina Felix
sem descendência
Filhos adotivos:
Arthur Schell Jacar "Tatu", ver 8.6
Maria Elina Schell de Oliveira "Zeca", ver 2.2.1
4 Guilherme, * Cachoeira do Sul, 15.09.1835 + Porto Alegre, 11.05.1892
com Cláudia Francisca da Silva, * Palmeira,
filha do casal:
4.1 Ernestina Adolphina Schell, * Passo Fundo, 12.11.1865, + Passo Fundo, 10.08.1938
casou a 15.04.1880 com
Adão Schell Neto
ver 2.1
4 Guilherme Schell
casou a 04.05.1868 com
Rafaela Eulália Freire Barcellos,
filha de Israel Rodrigues Barcellos e Maria Josepha de Silva Freire
Filhos do casal:
4.2 Cecília Barcellos Schell, * Porto Alegre, 25.05.1869 + Porto Alegre, 28.05.1946
casou a 28.06.1902 com
Henry Marshall, * Manchester, GB, 22.09.1849 + Porto Alegre, 04.02.1916
filho de Edward Marshall e Sarah
Filhos do casal:
4.2.1 Sara Schell Marshall, * Porto Alegre, 22.08.1905 + Porto Alegre, 16.11.1972
casou a 03.09.1932 com
Mário da Motta, * Recife, PE, 1900
filho de Arthur da Motta e Níla
4.2.2 Guilherme Schell Marshall, * Porto Alegre, 31.01.1908
casou a 19.12.1931 com
Nereida Boeira, * S. Francisco de Paula, 31.03.1912
filha de Otávio Boeira e Ida de Azevedo
4.3 Ana Cristina Schell, * Porto Alegre, 22.07.1870 + Porto Alegre, 23.05.1903
casou a 11.10.1894 com
Joaquim José Felizardo Junior, * Porto Alegre, + Porto Alegre,
filho de Joaquim José Felizardo e de Augusta Ferreira de Almeida
Filhos do casal:
4.3.1 Ernestina Schell Felizardo
casou com Jorge Mayade
4.3.2 Guilherme Paulo Felizardo
casou com
Iracema Palmeira
4.3.3 Alfredo Carlos Solini Felizardo
casou com
Célia Post Viara
4.3.4 Saphia Schell Felizardo
casou com
Argemiro Mial
4.3.5 Jorge Godofredo Schell Felizardo, * Porto Alegre, 09.11.1901 + Porto Alegre, 1º.02.1966
casou a 23.02.1927 com
Marta Azevedo
Filho do casal:
4.3.5.1 Luiz Paulo Felizardo
4.3.6 Mérie Schell Felizardo
casou com
Maria Josepha Barcellos
4.3.7 Izabel Schell Felizardo

4.4 José Barcellos Schell "Lad", * Porto Alegre, 22.04.1875 + Passo Fundo, 26.08.1954

4.5 Maria Imbel Schell, * Porto Alegre, 03.11.1875 + Passo Fundo, 17.04.1989

4.6 Eunice, * Passo Fundo, 05.01.1838 + Passo Fundo, 08.05.1909

casou a 26.01.1853 com

Marcos José d'Ararij, * Itapetininga, SP, 11.21.1817 + Passo Fundo, 23.11.1879

filho de Antônio José de Araújo e Maria Joazequina de Oliveira

Filhos: Marcos José d'Ararij com Francisco de Paula Lopes, legitimados, 1851, filhos de um outro Bruno (pai) por [unilí]e

5.1 César José d'Ararij, * São Paulo, 24.08.1842 + Passo Fundo, 05.04.1914

casou com

Anna Joazequina de Oliveira, * Passo Fundo, ca. 1827 + Passo Fundo, 11.11.1918

sem descendência

5.2 Carlota Francisca de Ararij, * São Paulo, 1844 + Passo Fundo, 01.01.1923

casou a 09.03.1861 com

Luigi Schell (ver seção 2.)

5.3 Maria Magdalena de Ararij, * Passo Fundo, 26.06.1847

casou a 22.11.1867 com

estilicido Francisco de Oliveira

filho de Francisco José de Oliveira e Maria Mariana de Jesus

5.4 Carlota Maria de Ararij, * Passo Fundo, ca. 1818 + Passo Fundo, 23.08.1928

casou a 21.02.1839 com

João Francisco Caspary

filho de Antônio Caspary e Maria Francisca de Barros

Filhos do casal:

5.4.1 Carlota Caspary, * Passo Fundo, + São Paulo,

casou com

Francisco Marques da Silva, * São Paulo, + São Paulo,

filho de Francisco Marques da Silva e Anna Lourenção

5.4.2 Melina Caspary, * Passo Fundo,

casou com

Ulysses César Bueno, * Laguna Vermelha, ca. 1864 + Passo Fundo, 20.04.1909

filho de José Bueno de Oliveira e Constança Augusta

Filhos do casal Eunice e Marcos J. d'Ararij

5.5 Anna Christina Schell de Ararij, * Passo Fundo, + Passo Fundo, 28.02.1871

casou a 22.02.1870 com

Benedito Marques da Silva Assad Filho, * Parati, atual João Pessoa, PB, + Passo Fundo,

filho de Benedito Marques da Silva Assad e Clotilde

Filho do casal:

5.5.1 Clotilde Christina de Ararij Assad, * Passo Fundo, 1871 + Passo Fundo,

casou a 09.03.1887 com

Antônio Leão da Costa Ferreira, * Porto Alegre, ca. 1867 + Passo Fundo,

filho de Domingos Lourenço da Costa Ferreira e Maria Ubalina

5.6 Luíza Estela Schell de Ararij, * Passo Fundo, ca. 1857 + Passo Fundo,

casou a 29.07.1873 com

Benedito Assad (filho de Anna Christina)

Filhos do casal:

5.6.1 Anna Christina Araújo Assad "Nairinha", * Passo Fundo, ca. 1878 + Passo Fundo, 16.01.1965

5.6.2 Carolina Araújo Assad, * Passo Fundo, ca. 1878 + Passo Fundo, 22.09.1914

5.6.3 Elvira Araújo Assad "Ivone", * Passo Fundo, ca. 1881 + Passo Fundo, 07.10.1950

casou a 01.10.1910 com

Benedito Pinto de Moraes "Quito",

filho de José Pinto de Moraes "Juca Pinto" e Antônia Estela de Ararij

casou com a seguinte esposa, a 7.09.1917 com

Dulcineia Caldeira

filho de Olegário Caldeira e Maria da Rosita Ribeiro

sem descendência

5.6.4 Luíza Araújo Assad "Luzinha", * Passo Fundo, ca. 1886 + Passo Alegre, 1976

casou a 08.04.1905 com

Athangildo Rodrigues da Silva, * Passo Fundo, ca. 1865

filho de Thomaz Rodrigues da Silva e Matilde Xavier Teixeira

sem descendência

5.7 Antônia Estela Schell de Ararij, * Passo Fundo, 14.09.1838 + Passo Fundo, 01.04.1898

casou a 08.08.1874 com

José Pinto de Moraes "Juca Pinto", * Passo Fundo, 17.11.1823 + Passo Fundo,

Filhos do casal:

5.7.1 Oscar Pinto de Moraes, * Passo Fundo, 19.8.1876 + Passo Fundo, 20.09.1920

5.7.2 Otávio Pinto de Moraes, * Passo Fundo, 04.06.1877 + Passo Fundo, 28.05.1879

5.7.3 Honorina Pinto de Moraes "Eulécia", * Passo Fundo, 24.06.1878

casou com filho Estela de Carvalho, * Cruz Alta,

sem descendência

5.7.4 Benedito Pinto de Moraes "Quito", * Passo Fundo, 29.09.1879 + Passo Fundo, 26.10.1919

casou a 03.01.1901 com

Elvira de Ararij Assad "Nera", * Passo Fundo, ca. 1883 + Passo Fundo, 05.10.1950

filho de Benedito Marques da Silva Assad Filho e Luíza Estela Assad

Filhos do casal:

5.7.4.1 Maria Antônia Pinto de Moraes, * Passo Fundo, 23.11.1902

casos a 02.11.1930 com

Luiza Loureiro Lima, * Passo Fundo, 26.07.1896

filha de Joaquim Gabriel de Oliveira Lima e Emília Selach Loureiro

caso a 23.7.81

Viraram quatro filhos

5.7.4.2 Aldo Pinto de Moraes, * Passo Fundo, ca. 1903

casos a 14.04.1928 com

Leonor Pinto, * Passo Fundo, ca. 1910

filha de Inocência Cordeiro Pinto e Carolina Soares

Viraram três filhos

5.7.4.3 Jesus Pinto de Moraes, * Passo Fundo, ca. 1905

casos a 14.01.1928 com

Nadara Zibben, * Passo Fundo, ca. 1897

filha de Henrique Zibben e Clotilde

Viraram dois filhos

5.7.4.4 Clevis Pinto de Moraes,

casos com

Isidoro

Viraram dois filhos

5.7.4.5 Nilza Pinto de Moraes

5.7.4.5 Antunes Pinto de Moraes "Pischo", * Passo Fundo, 29.07.1881 + Passo Fundo,

casos a 25.12.1897 com

Clotilde de Moraes Silveira, * Cruz Alta, ca. 1867 + Passo Fundo, 16.03.1903

filha de José Silveira Loureiro e Theresina de Moraes

Filhos do casal:

5.7.5.1 Herb Pinto de Silveira

5.7.5.2 Heitor Pinto de Silveira

casos com

Zeli Hecker

Viraram uma filha

5.7.5 Antoinette Pinto de Moraes "Pischo"

casos a ca. 1906, em segundas núpcias, com

Guerrino Lucas Amadevírio de Furlina Emilia de Araújo, ver 5.8)

Filha do casal:

5.7.5.3 Maria de Lourdes Pinto de Moraes Amos

casos com

Monic Barreken

casal residente em Porto Alegre e no Rio de Janeiro

Joseph descendência

5.7.6 Emília Pinto de Moraes, * Passo Fundo, 18.07.1882 + Porto Alegre, 23.07.1928

casos a 09.12.1903 com

Pedro Lopes de Oliveira "Lolô", * Passo Fundo, 29.10.1865 + Passo Fundo, 22.05.1948

filho de Cláudio Lopes de Oliveira e Guilhermina Pereira

Filhos do casal:

5.7.6.1 Hilda Pinto de Oliveira, * Passo Fundo, 04.12.1907 + Porto Alegre, 14.08.1991

casos a 11.06.1927 com

José Cláudio Callage, * Porto Alegre, ca. 1902 + Porto Alegre, 09.07.1957

filho de Luigi Callage e Maria Luíz Oliveira

Filhos do casal:

5.7.6.1.1 Lúci de Oliveira Callage, faleceu em tenra idade

5.7.6.1.2 Lúci de Oliveira Callage, faleceu em tenra idade

5.7.6.1.3 Sérgio de Oliveira Callage, * Passo Fundo, 04.08.1931 + Porto Alegre, 11.32.1957

5.7.6.1.4 Cláudio Antônio de Oliveira Callage, * Passo Fundo, 31.01.1935 + Porto Alegre, 06.2003

casos com

Isaureia Pasoleto

Filhos do casal:

5.7.6.1.4.1 Gisela Pasoleto Callage, * Porto Alegre, 31.01.1973

5.7.6.1.4.2 Vanessa Pasoleto Callage Porto Alegre, 11.05.1976

5.7.6.1.5 Maria Emília de Oliveira Callage, * Passo Fundo, 18.08.1939

casos com

Alcirio Achutti

Filhos do casal:

5.7.6.1.5.1 Sandra Callage Achutti, * Porto Alegre, 21.04.1962 + Porto Alegre, 22.02.2006

5.7.6.1.5.2 Denise Callage Achutti, * Porto Alegre, 11.05.1979

casos com

Carlos Francisco Viana Gomes

5.7.6.2 Pedro Lopes de Oliveira F. "Podribo", * Passo Fundo, 03.12.1912 + Porto Alegre, 05.1943

casos a 20.07.1931 com

Carmina Eichenberg Lima Costa

filha de Ney de Lima Costa e Prescilla Eichenberg, + Porto Alegre,

Filhos do casal:

5.7.6.2.1 Nilda Costa de Oliveira

casos com

Neutor Meneghello Grandling

5.7.6.2.2 Ney Costa de Oliveira

5.7.6.2.3 Nelsa Costa de Oliveira

- 3.7.6.3 Maria Eufrásia Pinto de Oliveira, * Passo Fundo, 25.05.1917 + Passo Fundo,
 casou a 25.12.1951 com
 Paulo Magalhães de Vasconcelos, * Porto Alegre, 01.05.1912 + Porto Alegre, 04.08.1988
 Filho de Afonso Vasconcelos e Rufina Magalhães
 Filha do casal
- 3.7.6.3.1 Daisy Maria Oliveira Vasconcelos, * Passo Fundo, 18.09.1934
 casou com
 Danilo Medina Almeida, * Porto Alegre, 03.01.1936
- 3.7.6.3.2 Elza Oliveira Vasconcelos, * Passo Fundo, 04.02.1934
 casou com
 Roberto Viegas Bonifácio Machado, * Porto Alegre, 11.07.1934
- 3.7.6.3.3 Dora Maria Oliveira Vasconcelos, * Cruz Alta, 21.10.1906
 casou com
 Bruno Igging, Tolu Passos, 01.01.1901
- 3.7.7 Lucília Pinto de Moraes, * Passo Fundo, 09.01.1884 + Passo Fundo, 23.10.1901
 casou a 28.12.1901 com
 Bráulio Gabriel de Oliveira Lima, * Passo Fundo, ca. 1877 + Curitiba, 26.07.1939
 Filho de João Gabriel de Oliveira Lima e Epafrodita Miranda
 Filha do casal
- 3.7.7.1 Alice Pinto Lima, * Passo Fundo, 04.02.1902
 casou a 20.06.1926 com
 Eudélio Durvalles, * Passo Fundo, 11.07.1894 + Passo Fundo,
 filha de Afonso Durvalles e Maria Adina
- 3.7.7.2 Nair Pinto Lima, * Passo Fundo, 07.01.1904 + Passo Fundo,
 casou a 28.08.1922 com
 Bráulio Fil Durvalles, * Passo Fundo, 16.02.1905 + Passo Fundo,
 filha de Bequeriana Durvalles Sobr. e Rosa Pereira
 irmã do(a) filho(s)
- 3.7.7.3 Inês Pinto Lima, * Passo Fundo, ca. 1906 + Passo Fundo,
 casou a 03.07.1926 com
 Paulo Castanho, * Passo Fundo, ca. 1902 + Passo Fundo,
 filho de Louvigildo Castanho da Silva e Leonor da Rosa
 irmão do(a) filho(s)
- 3.7.7.4 Cleber Pinto Lima,
 casou a 11.11.1926 com
 Thelma Monteiro
 filha de Antônio da Cunha Monteiro e Cathia Ursula
 irmã do(a) filho(s)
- 3.7.7.5 Cecília Pinto Lima
 3.7.7.6 Gercina Pinto Lima
 3.7.8 José Pinto de Moraes, * Passo Fundo, 18.02.1889 + Passo Fundo, 20.07.1975
 casou a 10.02.1911 com
 Ana Maria Leite "Mônica", * Passo Fundo, 02.10.1896 + Tapachóctel, 08.07.1968
 filha de Manoel Alves Leite e Maria Francisca
 Filha do casal
- 3.7.8.1 Regina Pinto de Moraes, * Passo Fundo, 13.02.1913 + Passo Fundo, 04.1935
 casou a 23.01.1938 com
 Hugo Luciano Lima, * Passo Fundo, ca. 1906
 filho de Joaquim Gabriel de Oliveira Lima e Francisca Schell Loureiro
 var. 3.2 e 3.7.4.1
 Filha do casal
 Célia Maria Lima,
 var. 3.2 e 4
- 3.7.8.2 Nair Pinto de Moraes, * Passo Fundo,
 casou a 29.09.1936 com
 Luiz Boffich, * São Paulo, ca. 1905
 filho de Bartolô Boffich e Maria Guaraná
 irmã do(a) filho(s)
- 3.7.8.3 Tula Pinto de Moraes, * Passo Fundo, 7.11.1915 + Passo Fundo,
 casou com
 Cláudio Albuquerque "Candeia",
 filha de Hipólito Teixeira de Albuquerque e Liberata Kutz
 irmã do(a) filho(s)
- 3.7.8.4 Amélia Pinto de Moraes, * Passo Fundo,
 casou a 19.03.1941 com
 Carlos Maurício de Aires, * Santa Maria, + Porto Alegre, 1964
 filho de Carlos Gomes de Aires e Honorina Campos
 irmã do(a) filho(s)
- 3.7.8.5 Hevelina Pinto de Moraes, * Passo Fundo, 06.02.1924
 Ely Gilfani, * São Gabriel,
 filha de Rafael Gilfani e Cecília Gast
 irmã do(a) filho(s)
- 3.7.9 Elvira Pinto de Moraes, * Passo Fundo, ca. 1890 + Passo Fundo, 19.02.1992
 3.7.10 Miguel Pinto de Moraes "Gêzo", * Cruz Alta, 24.07.1892
 casou a 02.10.1917 com
 Eze Magalhães, * São Sepé, ca. 1898

Filho do Sr. César de Magalhães e de Maria José dos Santos

Filhos do casal:

3.7.15.1 Vilson Pinto de Moraes,

casou com

Yvete Basso,

Filha de Wilson Basso e Anelise

casou com Filha

3.7.16.2 Gilson Pinto de Moraes,

casou com

Agda,

3.7.17. Dalila Pinto de Moraes, * Cruz Alta, 11.05.1895 + Passo Fundo, 05.01.1974

casou com

Oswaldo Lima, * Passo Fundo, 12.03.1889 + Passo Fundo, 11.02.1933

Filhos do casal:

3.7.21.1 Rubem Pinto Lima, * Passo Fundo, 12.04.1912 + Passo Fundo, 08.06.1961

casou a 04.01.1935 com

Reinold Antônio Aguiar, * Laguna Venâncio, 10.05.1914

Filha de Francisco Custódio de Aguiar e Rosalinda Andrade

casou com Filha

3.8. Enéias Estelir Schiff de Araújo, * Passo Fundo, 20.06.1880 + Passo Fundo, 20.04.1961

casou a 20.05.1878 com

Orlando Lucas Amos, * Cruz Alta, 16.04.1853 + Passo Fundo, 04.04.1917

ver 3.7.3

Filho de João Lucas Amos e Gertrudes Magda do Fêlo "Tudinha"

Filhos do casal:

3.8.1 Armando Araújo Amos, * Passo Fundo, 13.02.1881 + Passo Fundo, 18.02.1947

casou a com

Doracina Mader "Dona Paqueta", * Passo Fundo, 07.11.1898 + Passo Fundo, 17.10.1987

Filha de Vicente Mader e Leônia

Filhos do casal:

3.8.1.1 Irma Helena Mader Amos, * Passo Fundo, 21.09.1922 + Passo Fundo, 25.05.1990

casou a 19.05.1946 com

Welson Antônio Salton, * Bento Gonçalves, 24.04.1911 + Passo Fundo, 17.05.1984

Filho de João Antônio Salton e Mariana Marzotto

Filhos do casal:

3.8.1.1.1 João Antônio Salton, * Passo Fundo, 09.11.1947, mora em Passo Fundo

casou a 28.07.1971 com

Ana Maria Schlander Miksa

Filha de Cleonice Maria e Jacina Schlander

Filhos do casal:

3.8.1.1.1.1 Welson Maria Salton

3.8.1.1.1.2 Luciana Maria Salton

3.8.1.1.2 Carlos Armando Salton, * Passo Fundo, 05.05.1949, mora em Passo Fundo

casou a 18.02.1978 com

Stela Maria Vasconcelos

Filha de Alfredo M. Vasconcelos e Maria IM

Filhos do casal:

3.8.1.1.2.1 Fabílica Vasconcelos Salton,

casou a 19.06.1917 com

Cristiano Martins

Filho de Ciro Martins e Lary Davonte

Filhos do casal:

3.8.1.1.2.1.1 Danilo Martins Salton, * Passo Fundo, 23.07.2017

3.8.1.1.2.2 Estelita Vasconcelos Salton, * Passo Fundo, 12.03.1983,

3.8.1.1.3 Jorge Alberto Salton, * Passo Fundo, 11.10.1951, mora em Passo Fundo

casou a 13.01.1979 com

Regiane Dantas Tergolina, * 10.05.1955, mora em Passo Fundo

Filha de Raul Tergolina e Ruth Amorim

Filhos:

3.8.1.1.3.1 Augusto Tergolina Salton, * Passo Fundo, 16.02.1981, mora em Passo Fundo

casou com

Liana Rosatto, * Passo Fundo, mora em Passo Fundo

Filhos:

3.8.1.1.3.1.1 Isadora Rosatto Salton, * Passo Fundo, 30.06.2001, mora em Passo Fundo

3.8.1.1.3.1.2 Matheus Rosatto Salton, * Passo Fundo, 17.05.2014, mora em Passo Fundo

3.8.1.1.3.2 Aurelio Tergolina Salton, * Passo Fundo, 24.02.1984, mora em Passo Fundo

casou a com

Virgínia Carvalho

Filhos do casal:

3.8.1.1.3.2.1 Sofia Carvalho Salton, * Passo Fundo, 26.04.2016, mora em Passo Fundo

3.8.1.1.4 Maria Luiza Salton, * Passo Fundo, 13.08.1955, mora em Passo Fundo

casou a 15.01.1977 com

Eduardo Mattes

Filho de Radanete Pedro Mattes e Glaciana Regina Basso

Filhos:

- 3.8.1.3.4 | Rodrigo Salvo Mattari
3.8.1.3.4 | Giovanni Salvo Mattari
3.8.1.3.4 | Gianina Salvo Mattari
3.8.1.2 | Carlos Mader Azeas, * Passo Fundo, 20.12.1936,

casou a 1968

com
Nancy Ferebach
filha de João Ferebach e Enilde
Filhos do casal:

- 3.8.1.2.1 | Carlos Ferebach Azeas "Caci", * Passo Fundo, 07.07.1954
3.8.1.2.2 | Maria Cristina Ferebach Azeas "Katy", * Passo Fundo, 12.09.1953
3.8.1.2.3 | Maria Helena Ferebach Azeas "Luzi", * Passo Fundo, 07.11.1957
3.8.1.2.4 | Maria Elizabeth Ferebach Azeas "Babi", Passo Fundo, 16.05.1958
3.8.1.2.5 | Inacirine Ferebach Azeas "Jack", Passo Fundo, 13.11.1968
3.8.2 | Brenon Amayer Azeas, * Passo Fundo, 22.05.1883 + Passo Fundo, 11.11.1910

casou a 16.01.1906 com

Isabel Herscovitz Gonçalves, * 28.02.1883
filha de Manoel José Gonçalves Junior e Rita Paulina Frizzo
Filhos do casal:

- 3.8.2.1 | Paulo Azeas Gonçalves, * Passo Alegre, 09.01.1907 + Passo Alegre, 27.11.1997

casou a 26.09.1948 com

Virga Alamyar, * 1.1.1914
filha de João Antônio Alamyar e Ester Carolina Biele
Filhos do casal:

- 3.8.2.1.1 | Paulo Alamyar Gonçalves, * Balneário Rangel, BJA, 24.03.1950

casou a 11.01.1974 com

Helena Penate Guthrie, * Porto Alegre, 08.04.1951
filha de Nelson Guthrie e Jocy Kubo
o casal tem dois filhos:

- 3.8.2.1.2 | João Alamyar Gonçalves, * Porto Alegre, 24.10.1952

3.8.2.1.3 | Carlos Alamyar Gonçalves, * Porto Alegre, 02.09.1954

casou com Mônica Guayralice, * 16.02.1978

filha de Adilson Guayralice e Eliete Pedreira

- 3.8.2.2 | Carlos Azeas Gonçalves, * Passo Fundo, 02.02.1904

casou a 18.06.1929 com

Eliz Martins dos Santos

Filhos do casal:

- 3.8.2.2.1 | Anabela Carlos Santos Gonçalves, * 24.04.1938

3.8.2.2.2 | José Eduardo Santos Gonçalves,

- 3.8.2.3 | Raul Azeas Gonçalves, * Passo Fundo, 1º.02.1909

casou a 25.06.1932 com

Martina Balduino

filha de Arnaldo Balduino e Anabela de Carvalho Fontoura

sem descendência

- 3.8.3 | Antônio Araújo Azeas, * Passo Fundo, 1º.05.1889 + Passo Fundo, 25.10.1909

casou com

Felipa Loureiro Lima, * Passo Fundo, ca. 1890

filha de Joaquim Gabriel de Oliveira Lima "Nôô Quim" e Enilda Scheff Loureiro "Mita"

ver 3.7.4.1 e 8.2.8

casal sem descendência

- 3.8.4 | Mônica Araújo Azeas, * Passo Fundo, 16.08.1892 + Jaguarão, 16.03.1982

casou a 08.01.1908 com

Eugênio Franco Di Príncipe "Casimiro", * Santa Maria, 31.01.1888 + Porto Alegre, 18.12.1972

filho de Antônio Di Príncipe e Elina Franco

Filhos do casal:

- 3.8.4.1 | Carlos Eugênio Azeas Di Príncipe, + Passo Alegre, 1º.04.1940

casou a 19.03.1942 com

Isabela Ranzieri

filha de Eduardo Ranzieri e Adriana Silveira

Filhos do casal:

- 3.8.4.1.1 | Carlos Eugênio Ranzieri Di Príncipe, + 1984

casou a 16.07.1975 com

Maria do Carmo Maciel

filha de Jeanyne Maciel e Maria Antonieta Ferrerando

- 3.8.4.1.2 | Vera Maria Ranzieri Di Príncipe

casou a 02.03.1983 com

José Luciano Cavalcini Teixeira

- 3.8.4.2 | Dirce Azeas Di Príncipe, mora em Montevideo

casou com

Luís Alberto Cavoni

filho de Elton

- 3.8.4.3 | Raul Azeas Di Príncipe, * Passo Fundo, 17.09.1918

casou a 1º.06.1946 com

Arlene Azerolha, * Jaguarão, 07.08.1926

filha de Oscar Azerolha e Celi Correa

Filhos do casal:

- 3.8.4.3.1 | Oscar Azerolha Di Príncipe, * Porto Alegre, 04.10.1948

- casos a 03.02.1973 com
 Virginia Faria, * 24.01.1934
 filha de Gil Duarte de Faria e Maria Helena Faria
- 3.8.4.3.1 Gustavo Faria De Pinho, * Aguarda, 23.09.1923
 casos a 11.12.2002 com
 Mariana Miranda filha de Roberto Miranda e Ana Valéria Perdomo
 Filhos do casal
- 3.8.4.3.1.1 Theresita Miranda De Pinho, * 28.05.2008
- 3.8.4.3.2 Carl Amândeo De Pinho, * Saqui, 08.10.1949
 casos a 05.12.1979 com
 Flávia Vazquez Raboin, * Porto Alegre, 02.01.1947
 filha de José Benedito Raboin e Adélia Vasconcelos
 Filhos do casal
- 3.8.4.3.2.1 Rodrigo De Pinho Raboin, * 03.05.1972
- 3.8.4.3.2.2 Renato De Pinho Raboin, * 27.02.1975
- 3.8.4.3.3 José Raul Amândeo De Pinho, * Aguarda, 19.05.1933
 casos a 15.07.1938 com
 Júlia César Duarte, * 27.04.1960
 filha de Flávio Albuquerque Duarte e Júlia César
- 3.8.4.3.4 Eugênio Amândeo De Pinho, * Aguarda, 29.05.1934
 casos a 26.04.1977 com
 Maria de Célia Oliveira, * Rio Grande, 27.08.1918
 filha de Jacir Otton de Oliveira e Margareta Araújo
- 3.8.4.3.4.1 Thales Oliveira De Pinho, * Aguarda, 02.01.1979
 casos a 21.12.2007 com
 Rodrigo Gulandemul aponte
- 3.8.4.3.4.2 Marina Oliveira De Pinho, * Aguarda, 17.10.1984, casos em Flocisopolis, SC.
 casos a 05.09.2004 com
 Diego Assaro de Oliveira Borges
- 3.8.4.3.4.3 Alina Oliveira De Pinho, * Aguarda, 19.08.1991
- 3.8.4.3.4.4 Anail Oliveira De Pinho, * Aguarda, 08.02.1992
- 3.8.4.4 Cláudio Amos De Pinho
 casos com Luiza Aguiar
 filha de Dagoberto Santos Aguiar e Bernardete Porto
- 3.8.4.4.1 Arnaldo Amos De Pinho "Arnaldinho", Passo Fundo, 26.10.1916 + Passo Fundo, 09.02.1918
- 3.8.3 Heroldino Araújo Amos, * Passo Fundo, 19.03.1899 + Passo Fundo, 16.12.1967
 casos em a 15.05.1920 com
 Ciny de Rosa Coelho, * Taquari, ca. 1901 + Passo Fundo, 12.09.1904
 Filhos do casal
- 3.8.5.1 Flávio Cristiano Amos, * Passo Fundo, 02.09.1923 + Passo Fundo, 21.09.1990
 casos com
 Maria Cecimara Flores de Oliveira
 filha de Antônio Alberto de Oliveira e Luiza Lemos Flores
 Filhos do casal
- 3.8.5.1.1 Heroldino Oliveira Amos, * Passo Fundo, 03.08.1934
- 3.8.5.1.2 Fernando Oliveira Amos, * Passo Fundo, 15.06.1954 + Passo Fundo, 12.07.2011
- 3.8.5.2 Antônio Cristiano Amos "Nêco", Passo Fundo, 27.11.1922 + Passo Fundo, 26.10.1934
 casos com
 May Lina Winckler
 filha de Jacir Winckler e Antônia Lina
 Filhos do casal
- 3.8.5.2.1 Luiz Antônio Winckler Amos
 casos com
 Magda Patrícia de Castro
 Filhos do casal
- 3.8.5.2.1.1 Rodrigo de Castro Amos, * Rio de Janeiro, RJ, 1941, casos em Boscalis, DF
- 3.8.5.1.1.1 Nêco Cristiano Amos "Nêco", * Passo Fundo, 12.03.1925 + Camboriú, SC, 26.04.2007
 casos a 08.01.1949 com
 Eunice Rotta Bastos
 filha de Américo Bastos e Mima Rotta
 Filhos do casal
- 3.8.5.2.1.2 Eduardo Bastos Amos, * Passo Fundo, 03.11.1903
 casos com
 Cláudia Reboqueiro
 filha de Arnaldo Reboqueiro e Jaci
- 3.8.5.3.2 Helena Bastos Amos, * Passo Fundo, 21.01.1914
 casos com Edemar Suedde
 filha de Henrique Suedde e Lídia Tardif
 dois filhos
- 3.8.5.4 Brenna Cristiano Amos, * Passo Fundo, 28.10.1928
 casos a 18.05.1949 com
 Alina Hermeto Degrazia, * Saqui
 filha de Orlando Degrazia e Alina Flavia
 Filhos do casal
- 3.8.5.4.1 Aldo Amos Degrazia "Alchibô", * Passo Fundo, 04.05.1950
 casos a 15.12.1973 com

União Zelina Pereira

filha de João Antunes Pereira e Inês Maria Zelina

casal tem dois filhos

1.8.3.4.2 Bráulio Amaro Degraça, * Passo Fundo, 17.12.1952

casou a 26.04.1974 com

Wendelof Cavalher Filho de João Batista de Carvalho e Elza Faria

casal tem dois filhos

1.8.5.8.1 Giovanni Amaro Degraça, * Pelotas, 18.17.1954

casou a 13.10.1979 com

Rosemeri Wendelofsch

filha de Frederico Wendelofsch e Cleli de Silva

o casal tem um filho

1.8.6.1.2 Oliveira Araújo Amos "Oliveira", * Passo Fundo, 05.02.1961 + Passo Fundo, 03.11.1984

casou com Márcia Nasser e Oliveira, * Passo Fundo, 17.02.1906 + Passo Fundo, 11.03.2004

filha de Francisco Antunes Xavier e Oliveira e Anna Joaquina Quadros Nasser "Aninha"

filhas do casal

1.8.6.1.1 Alberto Oliveira Amos, * Passo Fundo, 12.02.1948, casou em Porto Alegre

casou a 28.05.1965 com

Helena Kraus Marques, * Porto Alegre, 09.03.1944, mora em Porto Alegre

filha de Edmundo Cassio Marques e Marina Kraus

filhas do casal

1.8.6.1.1.1 Adriana Marques Amos, * Porto Alegre, 08.01.1968

1.8.6.1.2 André Luiz Marques Amos, * Porto Alegre, 03.10.1968

1.8.6.1.3 Márcia Marques Amos, * Porto Alegre, 31.01.1973

1.8.6.2.1 Alcega Oliveira Amos, * Passo Fundo, 27.04.1947, mora em Passo Fundo

1.9.1.1.1 Carolina Emilia Schell de Araújo, * Passo Fundo, 17.07.1862 + Passo Fundo,

casou a 18.07.1879 com

João de Vergueiro, * São Paulo, 18.09.1847 + Passo Fundo, 15.08.1892

filho de Lúcia Pereira de Campos Vergueiro e Balbina da Silva

filhas do casal

1.9.1.1.1.1 Euclides de Araújo Vergueiro, faleceu em terra índia

1.9.1.1.1.2 Nicolau de Araújo Vergueiro, * Passo Fundo, 07.03.1882 + Passo Fundo, 16.03.1956

casou a 11.01.1906 com

Joselina Dessemond Leite, * Taquari, 02.01.1886 + Passo Fundo, 14.06.1958

filha de João Amadeu Leite e Maria Urbana Dessemond

filhas do casal

1.9.2.1.1 Ral Leite Vergueiro, * Taquari, 15.12.1966 + Passo Fundo, 17.03.1976

casou com

Alcina

sem descendência

1.9.2.2.1 Maria Leite Vergueiro, * Porto Alegre, 03.09.1909 + Passo Fundo,

casou a 02.03.1927 com

Honorino Malheiros, * Porto Alegre, 14.10.1903 + Passo Fundo, 10.10.1972

filho de Eugênio Pinto Cardoso Malheiros e Maria Jêlia Barreto

filhas do casal

1.9.2.2.1.1 Eugênio Vergueiro Malheiros, * Passo Fundo, 26.06.1928 + Passo Fundo,

casou a 02.07.1949 com

Maria Caetild

filha de Mário Caetild

tiveram quatro filhos

1.9.2.2.2.1 Carolina Vergueiro Malheiros

casou com

Julio Galves

filho de Jozé José Galves e Eugênia Loureiro Lima

tiveram dois filhos

1.9.2.2.2.2 Nicolau Vergueiro Malheiros, * Passo Fundo, 30.06.1939

casou com

Jussara

1.9.2.3.1 Isaura de Araújo Vergueiro, * Passo Fundo, 19.08.1888 + Rio de Janeiro, RJ, 12.02.1970

casou com

Dionysio Cabeda Silveira, * Porto Alegre, 14.10.1881 + Rio de Janeiro, RJ, 05.08.1965

filho de Dionysio de Oliveira Silveira e Rosa Cabeda

filhas do casal

1.9.2.3.1.1 Mário Vergueiro Silveira, * Porto Alegre, 19.09.1907

casou com

Maria das Graças Menilha, Maracá, AM, 13.05.1926

filha do casal

1.9.2.3.1.1.1 Carlos Leandro Silveira, * Rio de Janeiro, DF, 13.05.1939

casou com

Maria do Socorro, * Recife, PE, 25.07.1938

1.9.2.3.2 Carlos Vergueiro Silveira, faleceu em terra índia

1.9.2.3.3 Jorge Vergueiro Silveira, * 10.10.1914 + 13.05.1973

casou com

Luísa Amélia Bonilha, * São Paulo, 17.04.1925

filhas do casal

1.9.2.3.3.1 Maria Lúcia Bonilha Silveira, * 19.02.1952

ver 1.1.8 e 8.2

Filhos do casal

5.10.4.1 Ben-Hur Araújo

casou a 06.10.1903 com

Martina Rocha

filha de Herculano Rocha e Glória Galvão

overam dois filhos

5.10.4.2 Filomena Araújo

casou com

Murilo Milas

filha de Elcy Milas e Ceci Inácio

overam seis filhos

5.10.5 Alegria Buarque de Araújo, * Passo Fundo, ca. 1898

casou com

Osvald Marquês (viúvo de Maria Dolores)

Filhos do casal

5.10.5.1 Maria Edsona de Araújo Marques

casou com

Marta Camargo

overam dois filhos

casou, em segunda núpcias, com

Regina Silveira

overam três filhos

5.10.6 Anjo Buarque de Araújo

casou com

Luiz de Souza Lobo

overam uma filha solteira em tenes idade

5.11 Daniel Manoel Schell de Araújo, * Passo Fundo, 13.10.1864 + Ponta Grossa, PR, 15.04.1925

casou a 02.04.1925 com

Josephina de Rocha Ribeiro, * Passo Fundo, 23.01.1866 + Ponta Grossa, PR, 16.01.1946

filha de Manoel Theodoro de Rocha Ribeiro e Ana Joaquina Oliveira

Filhos do casal

5.11.1 Moreira Manoel de Araújo, * Passo Fundo, 14.10.1885 + Passo Fundo, 04.06.1932

casou a 13.03.1912 com

Ignácia Vargas "Ignacilda", * Passo Fundo, 07.01.1897 + Passo Fundo, 04.05.1993

filha de Miguel Ribeiro de Sant'Anna Vargas e Placida Xavier de Castro

Filhos do casal

5.11.1.1 Edith Araújo, * Passo Fundo, 30.06.1903 + Passo Fundo, 04.01.1943

casou a 28.11.1913 com

Nelson Sampaio de Oliveira, * Passo Fundo, 11.06.1909

filho de Manoel Sampaio de Oliveira e Germaine Gonçalves

o casal teve seis filhos

5.11.1.2 Carmen Araújo, * Passo Fundo, ca. 1914

casou a 23.02.1941 com

Harry Becker, * Porto Alegre, 1909 + Passo Fundo, 21.11.1954

filho de Jacob Becker e Quitéria Carolina Bangel

o casal teve um casal de filhos

5.11.1.3 Moreira Araújo

casou a 01.09.1945 com

Carlos Arthur de Almeida

filho de João Henrique de Almeida e Jerônimo Sauerstein

o casal teve três filhos

5.11.1.4 Odete Araújo, * Passo Fundo, ca. 1926

casou a 12.04.1947 com

Luiz de Souza Vignólio, * Rio de Janeiro, DF, ca. 1924

filho de Bernardino Vignólio e Josepha de Souza

5.11.2 Aristides Manoel de Araújo, * Passo Fundo, 27.09.1886 + Ponta Grossa, PR, 22.10.1954

casou a 17.12.1912 com

Eduarda Lima Falkenbach "Eduardinha", * Passo Fundo, 13.10.1894 + Passo Fundo, 15.04.1949

filha de Satoris Falkenbach e Thelvina Lima

Filhos do casal

5.11.2.1 Hamilton de Araújo, * Passo Fundo, 05.11.1913

casado, tem quatro filhos

5.11.2.2 Daniel de Araújo, * Passo Fundo, 03.10.1915

5.11.2.3 Arlete de Araújo, * Passo Fundo, 10.10.1926

casou com Nestor Osterback

overam 4 filhos

5.11.2.4 Ray de Araújo, * Passo Fundo, 10.11.1929

casado, tem seis filhos

5.11.3 Eduardo Schell de Araújo "Eduardinho", * Passo Fundo, 23.04.1888 + Passo Fundo, 04.05.1955

(alterou, aos 18 anos, o nome de batismo e registro, Eduardo Manoel de Araújo,

para evitar confusões com o tio e padrinho de mesmo nome)

casou com

Estela Roch, * 17.01.1898 + 24.10.1972

Filhos do casal

5.11.3.1 Carlos Daniel Araújo, * 05.12.1916 + 15.12.1961

casou com

José Nogueira Cavalcão Henri, * 06.10.1906

5.9.2.3.3 Nivalda Bonilha Silveira, * 17.06.1918

5.9.2.3.4 Maria Vargasino Silveira, * 06.07.1918

casou no Rio de Janeiro com

Humberto Brancilio Bala, * Aracaju, AL, 20.05.1912

Filha do casal:

5.9.2.3.4.1 Ana Maria Bala, * Rio de Janeiro, DF, 28.09.1946

casou com

Francisco da Chaga Pinheiro, * Itaituba, PA, 22.03.1939

Filhos do casal:

5.9.2.3.4.1.1 Leonardo Pinheiro, * 12.03.1971

5.9.2.3.4.1.2 Humberto Pinheiro, * 20.06.1978

5.9.2.3.7 Lúcia Vargasino Silveira, * 28.08.1920

casou a 12.03.1964 com

Joselyna Mendes, * Bahia, BA, 04.01.1941

Filha do casal:

5.9.2.3.5.1 Luciana Mendes Silveira, * Rio de Janeiro, RJ, 10.03.1965

5.9.2.3.5.2 Maria Mendes Silveira, * Rio de Janeiro, RJ, 26.03.1966

5.9.2.3.6 Maria Vargasino Silveira, * Rio de Janeiro, DF, 18.07.1928

casou a 09.06.1951 com

Carlos Martins Amores Maciel, * 01.11.1921

Filho do casal:

5.9.2.3.6.1 Carlos Antônio Amores Maciel, * Rio de Janeiro, DF, 06.02.1953

casou com

Lucia de Fátima Brandi, * 26.06.1931

Filhos do casal:

5.9.2.3.6.1.1 Isaura Maria Brandi Maciel, * Rio de Janeiro, DF, 21.01.1955

5.9.2.3.6.1.2 José Antônio Brandi Maciel, * Rio de Janeiro, DF, 17.01.1961

5.10 Eduardo Manoel Schell de Araújo, * Passo Fundo, 13.10.1864 - Porto Alegre, 08.02.1922

casou em 1887 com

Mariana Teófilina Garcez Bueno "Isbarista"

Filha do casal:

5.10.1 Julieta Bueno de Araújo, * ca. 1891

casou a 10.11.1909 com

José Luísa Ribas, * ca. 1881

filho de José Luísa Ribas e Ana

Filhos do casal:

5.10.1.1 João Carlos Ribas (irmão gêmeo de Carlos João)

casou com

Maria Cárba

tiveram quatro filhas

5.10.1.2 Carlos João Ribas (irmão gêmeo de João Carlos)

5.10.1.3 Nely Ribas

casou com

Francisco Dixcílio

sem descendência

5.10.1.4 Ary Ribas, faleceu em tenra idade

5.10.1.5 Vanetty Ribas

casou com

Nise Vinízia

tiveram sete filhos

5.10.2 Maria Dekares Bueno de Araújo "Lorinha", * Passo Fundo, ca. 1893 - Passo Fundo, 25.06.1911

casou 11.05.1910 com

Orbe Marques, * Rivera, Uruguai, ca. 1889 - São Paulo, SP, 15.02.1942

filho de Abelardo Marques e Maria Lina

Filha do casal:

5.10.2.1 Maria Lina de Araújo Marques, * Passo Fundo, 1911

casou a 09.11.1938 com

Cyrus Corêa Perolin, + 14.12.1972

tiveram três filhas

5.10.3 Adão Bueno de Araújo

casou com

Hilgard Schultz

Filhos do casal:

5.10.3.1 Hilda Araújo

casou com

Roberval Pizarro Marques

tiveram duas filhas

5.10.3.2 Breno Araújo

5.10.3.3 Silvia Araújo

5.10.3.4 Tefano Araújo

5.10.4 Amador Bueno Araújo, * Passo Fundo, 07.01.1897 - Passo Fundo, 04.05.1955

casou a 17.01.1921 com

Ira Morsch Lina, * Passo Fundo, 20.10.1900 - Passo Fundo, 03.08.1978

filha de Pedro Gabriel de Oliveira Lima e Eugenia Albertina Morsch,

casou com
Hilady Wangel
tiveram seis filhos
5.11.3.2 Jander Araújo, * 26.10.1918
casou com
Cecília de Mello
tiveram quatro filhos
5.11.3.5 David Araújo, * 13.01.1923 + ca. 1939
5.11.3.4 Ary de Araújo, * 14.04.1923
casou com
Inglês Gonçalves
tiveram quatro filhos
5.11.3.3 Antônio-Fabí Araújo, * 29.10.1923
casou com
Dolores Ribeiro
tiveram sete filhos
5.11.3.6 Tiba de Araújo, * 24.01.1924
casou com
Ivo Senacento
tiveram sete filhos
5.11.3.7 Alfredo Santana Araújo, * 26.07.1930
casou com
Terezinha Nunes
tiveram quatro filhos
5.11.3.8 Pedro Moacyr Araújo, * 19.10.1932
casou com
Jocinda Lajida
tiveram cinco filhos
5.11.3.9 Napoleão de Araújo, * 10.03.1935
casou com
Elói Cunha
tiveram dez filhos
5.11.4 Aurora de Araújo, * 02.12.1889 + 04.11.1976
casou com
Torbis Caldeira
sem descendência
5.11.5 Amélia de Araújo, faleceu em tenra idade
5.12 Lucinda Escobar Schell de Araújo, * Passo Fundo, ca. 1867 + Cruz Alta, 29.06.1903
casou a 17.02.1885 com
Gabriel Pereira da Cruz Bastos, * Santa Maria, 09.01.1854 + Passo Fundo, 13.07.1901
filho de Antônio José Pereira Bastos e Joaquina da Costa
Filhos do casal:
5.12.1 Alina de Araújo Bastos, * Passo Fundo, 25.11.1883 + Passo Fundo, 21.08.1973
casou com
Theophilus Guimarães, * Cruz Alta, 07.03.1876 + Passo Fundo, 27.02.1947
filho de Francisco Gonçalves Guimarães e Lucinda Lajida
sem descendência
5.12.2 Manoel de Araújo Bastos, * Passo Fundo, 18.01.1887 + Passo Fundo,
casou com
Irene Dala Rui
Filhos do casal:
5.12.2.1 Deimar Bastos, + Porto Alegre,
5.12.2.2 Otavio Bastos,
casou com
Isolinda Corbin,
filha de Pedro Corbin e Tereza
tiveram quatro filhos
5.12.2 Manoel de Araújo Bastos
casou, em segundas núpcias, com
Luiza Averback, * 22.05.1902 + Porto Alegre, 1.º-09.1976
filha de Salomão Averback e Ana
Filhos do casal:
5.12.2.3 Debsomre Averback Bastos
casou a 27.03.1951 com
Leda de Fomaca Rodrigues
filha de Mário da Fomaca Rodrigues e Jovita Rodrigues
tiveram quatro filhos
5.12.2.4 Lucinda Averback Bastos, * 27.01.1927
casou a 16.06.1951 com
Aldi Salomão Joffe, * Bagé, 05.01.1923 + Montenegro, 25.05.72
filho de Salomão Joffe e Selma
tiveram quatro filhos
5.12.3 Mário de Araújo Bastos, * Passo Fundo, 18.10.1888 + Passo Fundo, 24.01.1936
casou a 25.01.1908 com
Terezinha Lângaro "Terezinha", * Passo Fundo, ca. 1892 + Passo Fundo, 08.02.1974
filha de Luiz Lângaro e Marieta

Filhos do casal:

5.12.3.1 Maria Guilhermina Lângaro Bastos, * Passo Fundo, ca. 1911
casou a 04.05.1934 com
Maurício Domingues, * 1909

filho de José Domingues e Amélia Feijó

Filhos do casal:

5.12.3.1.1 Cleonice Bastos Domingues
5.12.3.1.2 Maria Bastos Domingues
5.12.3.2 Célia Lângaro Bastos, * Passo Fundo, ca. 1912
casou a 04.09.1930 com

Heitor Morach, * Passo Fundo, ca. 1905
filho de Ernesto Scheff Morach e Luíza de Rocha

Filhos do casal:

5.12.3.2.1 Gilberto Bastos Morach
5.12.3.2.2 Maria Célia Bastos Morach
5.12.3.2.3 Neide Bastos Morach
5.12.3.3 Zilma Lângaro Bastos, * Passo Fundo, 03.01.1919
casou a 15.07.1919 com

Robt Guentzer Engelberg
filho de Lindolfo Engelberg e Valdomira Guentzer

Filhos do casal:

5.12.3.3.1 Valdomir Engelberg Bastos
5.12.3.3.2 Ivar Engelberg Bastos
5.12.3.3.3 Jorge Engelberg Bastos
5.12.3.3.4 Juarez Engelberg Bastos

5.12.4 Olga de Araújo Bastos, * Passo Fundo, 29.12.1889 + Passo Fundo, 16.09.1951
casou a 21.02.1907 com

Castilho Pinto de Moraes, * Passo Fundo, 05.04.1885 + Passo Fundo, 07.01.1948

filho de Tomaz Pinto de Moraes e Suselvina Ferreira

Filhos do casal:

5.12.4.1 Ruth Bastos de Moraes, * Passo Fundo ca. 1909

casou a 09.06.1938 com

Vicente Silva, * ca. 1900 + Rio de Janeiro, DF,
filho de Euclides Capibanhê Orosimbo Silva e Maria Lima de Araújo

divorcou com filho
5.12.4.2 Mari Bastos de Moraes, * Passo Fundo, ca. 1910 + Porto Alegre, 09.05.1976

casou a 11.02.1931 com

Oscar Korte, ca. 1907

filho de João Korte e Amélia

divorcou com filho

5.12.4.3 Luíza Bastos de Moraes, * Passo Fundo, 12.07.1911

casou a 23.09.1931 com

Matthias Furtado Trisvaira, * Passo Fundo, 13.04.1905 + Porto Alegre, 23.11.1972

filho de Márcio Trisvaira e Anna Luíza Furtado "Dona Zeza"

5.12.5 Alcinda de Araújo Bastos, * Passo Fundo, 25.09.1893

casou a 20.07.1910 com

Conrado Rodrigues Saiz, * Montevideo, UR, 24.11.1880 + Porto Alegre, 27.06.1954

filho de José Maria Rodrigues e Rosa Saiz

Filhos do casal:

5.12.5.1 Ina Bastos Rodrigues, * Passo Fundo, 18.10.1911 + Porto Alegre, 23.05.1978

casou a 08.06.1933 com

Nascimento Emeroso Piazotta, * Curitiba, PR, 14.04.1900

filho de Noel Piazotta e Luíza Paes

divorcou com filho

5.12.5.2 Helvêda Bastos Rodrigues, * Passo Fundo, ca. 1914

casou a 16.02.1939 com

José de Silva Freitas, * Passo Fundo, 19.02.1910 + Passo Fundo, 03.05.2017

filho de José de Silva Freitas e Juliana de Mello

Filhos do casal:

5.12.5.2.1 Juliana Rodrigues Freitas

casou com

Leobaldo Silveira

Filhos do casal:

5.12.5.2.1.1 Norton

5.12.5.2.1.2 Maira

5.12.6 Cecy de Araújo Bastos, * Cruz Alta, 31.12.1891 + Passo Fundo, 24.04.1979

casou com a 04.01.1914 com

Osório de Quadros, * Passo Fundo, 25.08.1890 + Porto Alegre, 26.12.1976

filho de Bráulio Basso de Quadros e Eduarda

Filhos do casal:

5.12.6.1 Laili Bastos Quadros

casou com

Álta d'Amado Bezília

divorcou três filhos

5.12.6.2 Nancy Bastos Quadros

casou com

Nadir Seibon

filho de Aníbal Seibon e Zuleida Bassoello

overran três filhas

5.12.4.3 Judith Basso Quadros

casou com

João Moreira da Rosa

overran três filhas

5.12.4.4 Roberto Basso Quadros

casou com

Zuleia Vaz

overran três filhas

5.12.1 Bráulio de Araújo Bastos, * Cruz Alta, 17.01.1897

casou a 04.09.1936 com

Rosa Esquivel, * Porto Alegre, 17.10.1971

filha de Tiburcio Esquivel e Elvira Moraes

Filhos do casal:

5.12.7.1 Gabriel Esquivel Bastos

casou com

Rajana Veiga Faria

filha de Antonio Veiga Faria e Vanda Costa

overran duas filhas

5.12.7.2 Rosa Elina Esquivel Bastos

5.12.7.3 João Esquivel Bastos

5.12.7.4 Carlos Esquivel Bastos

casou com

Regina Mate

overran quatro filhas

5.12.8 Edith de Araújo Bastos, * Cruz Alta, 29.03.1898 + Passo Fundo, 01.07.1976

casou a 05.05.1919 com

Archimedes Miranda, * ca. 1887 + Porto Alegre, 24.08.1967

filha de Ovídio Miranda e Francisca de Assis

Filhos do casal:

5.12.8.1 Raul Bastos Miranda, * 18.08.1929

casou

com um filho

5.12.9 Americano Araújo Bastos, * Cruz Alta, 29.07.1899

casou a 15.12.1927 com

Mena Rosa, * ca. 1908

filha de Giovanni Durlato Rosa e Bráulio Biaggi

Filhos do casal:

5.12.0.1 Estanice Rosa Bastos

casou a 08.01.1949 com

Morilo Conrado Asses "Nô"

vir 5.8.5.3

5.12.9.2 Leil Rosa Bastos

casou a 20.05.1950 com

Diclélio Medaglia

filho de Natal Medaglia e Pasquella

overran duas filhas

5.12.10 Hyran de Araújo Bastos, * Cruz Alta, 25.07.1901 + Passo Fundo, 05.07.1990

casou a 31.07.1925 com

Marta Nazareth Marques, * São Vicente, SP, 15.08.1905 + Passo Fundo, 07.10.2002

filha de Antônio Marques e Maria "Mariuzinha"

Filhos do casal:

5.12.10.1 Ivan Marques Bastos

casou com

Clody Scott

overran duas filhas

5.12.10.2 Graziela Marques Bastos "Grazielinha"

casou com

Pedro Celli

overran um filho

5.12.10.3 Paulo Marques Bastos, * Passo Fundo, 15.09.1928 + Passo Fundo, 29.01.2000

casou com

Arlete Montardelo

overran um casal de filhas

casou, em segundas núpcias, com

Ivone Aguiar

overran uma filha

5.12.10.4 Antônio Carlos Marques Bastos

casou com

Alba Ortiz "Albuba"

overran três filhas

N.B. Gabriel Bastos teveo vivendo casou a 29.06.1903 em segundas núpcias com

Justina Lucas Asses, * Cruz Alta, 02.11.1854 + Passo Fundo, 19.08.1929

irmã de Gerônimo Lucas Asses, viúva de Martin Francisco de Amaral Monteiro

sem descendência

- 5.13 Amêlio Manoel Schell de Araújo, * Porto Fardo, 11.11.1870 + Porto Alegre, 16.03.1918
casou a 08.09.1899 com
Nancy Elias, * Porto Alegre, 03.07.1881 + Rio de Janeiro, RJ, 13.01.1965
filha de Augusto Elias e Amélia Silveira
filho do casal
5.13.1 Amélia Elias de Araújo, * Porto Alegre, 17.10.1899 + Porto Alegre, 08.01.1977
casou a 27.05.1924 com
Zelma Macedo, * Alegrete, 28.03.1895
filha de Antônio de Oliveira Macedo e Odília Siqueira de Medeiros
filhos do casal
5.13.1.1 Roberto Macedo de Araújo
casou com
Miguel Martins
tiveram seis filhos
5.13.1.2 Lygia Macedo de Araújo
casou com
Alberto Hoffmeister
tiveram quatro filhos
5.13.1.3 Lúcia Macedo de Araújo
casou com
Hypolito Curvalho
tiveram cinco filhos
5.13.1.4 Maria da Graça Macedo de Araújo
casou com
Clóvis Gomes
tiveram dois filhos
5.13.1.5 Amêlio Manoel de Araújo Neto
casou com
Susana Francisco
tiveram dois filhos
5.13.2 Jaci Filiz de Araújo, * Porto Alegre, 30.07.1902 + Porto Alegre, 14.02.1997
5.13.3 Aday Elias de Araújo, * Porto Alegre, 06.10.1903 + Paris, 26.08.1929
casou a 06.10.1923 com
José Sacramento Barata
filho de Manoel Theodor Sacramento Barata e Maria de Glória Soares
filhos do casal
5.13.3.1 Amêlio Manoel de Araújo Barata
casou com
Chadele Silva
tiveram uma filha
5.13.3.2 Yon Maria de Araújo Barata
casou com
Ernani Barata
tiveram quatro filhos
5.13.4 Adyr Elias de Araújo, * Porto Alegre, 24.12.1910
casou com
Maria Zambeno, * Porto Alegre,
filha de Leopoldo Zambeno e Sarah Riet
filhos do casal
5.13.4.1 Maria Theodor Zambeno de Araújo
casou com
Júlio Pinneque
tiveram quatro filhos
5.13.4.2 Antônio José Zambeno de Araújo
casou com
Maria Eugênia Bruno
tiveram dois filhos
5.13.4.3 Antônio Luiz Zambeno de Araújo
casou com
Maria Stela Pimentel Duarte
tiveram dois filhos
5.13.4.4 Antônio Fernando Zambeno de Araújo
casou com
Mônica Martins
tiveram uma filha
5.13.5 Cely Elias de Araújo, * Porto Alegre, 18.09.1915
casou a 31.07.1934 com
José Sacramento Barata (vítimo de Aydi)
filhos do casal
5.13.5.1 Maria de Lourdes Araújo Barata
casou com
Eduardo Carneiro
tiveram três filhos
5.13.5.2 José Carlos de Araújo Barata
casou com

Maria Inês Pereira

tiveram dois filhos

6. Maria Luísa* Passos Fundo, 16.11.1880 + Passos Fundo, 17.11.1913

casou a 12.05.1898 com

Guotavo Adolfo Viçoso, * Lagoa, PR,

filho de Frederico Guilherme Viçoso e Maria Inês Amélia de Andrade

casou, em segunda núpcias, a 20.12.1906 com

José Igório da Trindade, * ca. 1886 + São Paulo, 23.08.1918

filho de José Igório da Trindade e Octávia Constança

sem descendência de ambos casamentos

Maria Luísa adotou o sobrinho-neto, Leo Schall

7. Anna Christina* Anstalt** Passos Fundo, 24.03.1884 + Passos Fundo, 04.11.1885

casou a 24.06.1864 com

Luiz Morsch von Steinbach, * Braunschweig, 03.09.1830+ Tupaciguá, 11.04.1964

trouxe de Guiborne, var 9

filho de Francisco José Morsch von Steinbach e Catharina

filhos do casal:

7.1 Eugénia Albertina Morsch, * Passos Fundo, 17.11.1866 + Passos Fundo, 31.05.1933

casou a 29.12.1883 com

Pedro Gabriel de Oliveira Lima, * Paciba, atual Bageva, SP, ca. 1862 + Passos Fundo, 13.03.1917

filho de Francisco Gabriel de Oliveira Lima e Francisca dos Santos Silva

filhos do casal:

7.1.1 Elzarez Morsch Lima

casou com

Eulina Falkenbach Lima

filha de Saturnino Falkenbach e Eulina Lima

tiveram cinco filhos

7.1.2 Trajano Morsch Lima

casou com

Josefina Miranda

tiveram três filhos

7.1.3 Octaviano Morsch Lima, * ca. 1890 + 17.10.1958

casou a 04.09.1915 com

Maria Georgina de Oliveira Carilo (trouxe de Paulo, ver 7.3.4)

filha de Leão da Silva Carilo e Francisca de Oliveira

7.1.4 Verquianos Morsch Lima, + Porto Alegre, 13.12.1963

7.1.5 Alzira Morsch Lima, + 29.12.1930

7.1.6 Alcides Gabriel de Oliveira Lima, * 11.04.1895

casou a 11.04.1895 com

Alzira Mesquita Inator, * 07.01.1908 filha

de Dinarte Inator e Adelfa Mesquita

tiveram dois filhos

7.1.7 Linares Morsch Lima, * Passos Fundo, 21.02.1897 + Porto Alegre, 09.02.1972

casou a 30.01.1919 com

Engracia Dias de Meneses, * 30.01.1874

filha de João Dias de Meneses e Maria Constança

tiveram um filho

7.1.8 Iria Morsch Lima, * Passos Fundo, 30.10.1900 + Passos Fundo, 03.04.1978

casou a 17.01.1923 com

Amador Duarte de Araújo, var 5.10.4

7.1.9 Pedro Morsch Lima, + 20.05.1971

7.1.10 Cassiano Morsch Lima, + 20.03.1937

7.1.11 Ana Morsch Lima

casou com

Ademirio Fernandes

tiveram dois filhos

7.1.12 Valdomiro Morsch Lima

7.2 Georgina Eliza Morsch, + Curitiba, 1918

casou com

Francisco Gabriel de Oliveira Lima (viúvo, sogro de Eugénia Albertina, ver 7.1)

tiveram cinco filhos

7.3 Guilhermina Adelaide Morsch, * Passos Fundo, ca. 1874

casou com

Ricardo Max Bruno Bohse, * Alemanha, ca. 1863

filho de August William Bohse e Pauline

filha do casal:

7.3.1 Lúcia Morsch Bohse

casou com

Luís de Ramos

7.4 Emília Dorothea Morsch

casou com

Vidal Pereira de Pillar

sem descendência

7.5 Luiza Morsch Filho "Lala", * Passos Fundo, ca. 1870

casou a 05.08.1899 com

Estevão Oliveira Lima, * ca. 1882

Filha de Manoel João de Oliveira Lima e Felipina

Filhas do casal:

7.5.1 João de Lima Morsch, faleceu em tenra idade

7.5.2 Djajana de Lima Morsch, * Passo Fundo, 08.04.1901

casou a 30.07.1921 com

Onélia Moreira, * 18.07.1901

filha de Nilo Moreira Vieira e Cecília

diverem dois filhos

7.5.3 Ana Cristina de Lima Morsch, faleceu em tenra idade

7.5.4 Conceição de Lima Morsch "Cotinha", Passo Fundo, ca. 1903

casou a 27.08.1934 com

Paulo de Oliveira Carro, * Laguna Vermelha, ca. 1901 + Passo Fundo, 07.09.1960

casou com Cecília Lima Morsch Lima, vir 7.1.3

filho de Leopoldo Silva Carro e Francisca de Oliveira

7.5.5 Lutz de Lima Morsch, * Passo Fundo, 25.04.1904

casou a 05.05.1934 com

Isolina Della Mita

filha de Florestino Della Mita e Maria "Macieira"

diverem quatro filhos

7.5.6 Francisco José de Lima Morsch "Chico Morsch", * Passo Fundo, 07.08.1909

casou a 02.01.1904 com

Maria de Souza Vasconcelos, * Porto Alegre, 29.05.1912

filha de Belacoste Torres de Vasconcelos e Carlinda de Souza

diverem oito filhos

7.5.6.1 Jorge Roberto Vasconcelos Morsch

7.5.6.2 Brígida Vasconcelos Morsch

7.5.6.3 Leda Maria Vasconcelos Morsch

7.5.6.4 Elisabeth Vasconcelos Morsch

7.5.7 Alberto de Lima Morsch, * 24.03.1978

filho único, sem descendência

7.5.8 Lúcia de Lima Morsch

7.5.9 Estela de Lima Morsch

casou com

Vicente Dal Poz

sem descendência

7.5.10 Angelo Desidério de Lima Morsch

7.5.11 Juliana de Lima Morsch, + Passo Fundo, 29.09.1978

7.6 Adão Morsch, * Passo Fundo, ca. 1882

casou a 21.01.1911 com

Cristina Diaz Garcez, * 1890

filha de Otávio Diaz Garcez e Maria Francisca

sem descendência

7.7 Ana Cristina Morsch

casou com

Marcelo Basso

Filhos do casal:

7.7.1 Elba Morsch Basso

7.8 Albertina Wilhelmine Catherine Morsch, + 20.11.1890

† Felipina * Passo Fundo, 03.04.1846 + Passo Fundo, 06.02.1918

casou a 09.01.1845 com

Antônio José de Silva Loureiro "Barão", * Devosa, Prusa, Portugal, 28.06.1838 + Passo Fundo, 26.11.1919

filho de Domingos José Loureiro e Thomezia Maria de Silva

Filhos do casal:

8.1 Felipe Schell Loureiro "Batiscado", * Passo Fundo, 25.12.1865, + Curitiba, PR, .12.1927

casou a 28.01.1899 com

Aurora Marcondes Piaggio, * Palmas, PR, 06.07.1882 + Passo Fundo, 02.04.1931

filha de Brasilino Marcondes Piaggio e Igaciã Ferreira de Amaral

Filhos do casal:

8.1.1 Antônio Piaggio Loureiro, * Palmas, PR, 22.12.1889 + .01.1944

casou em 1922 com

Alda de Araújo

Filhos do casal:

8.1.1.1 Honório Araújo Loureiro, * Palmas, PR, 03.10.1923 + 1988

casou com

Geledia

sem descendentes

8.1.1.2 Felipe de Araújo Loureiro

casou com

Celi Diel

Filhos do casal:

8.1.1.2.1 Antônio Carlos Diel Loureiro

8.1.1.2.2 Fátima Diel Loureiro

Filha:

8.1.1.2.2.1 Nicole Diel Loureiro

8.1.1.2.3 Adriane Diel Loureiro

8.1.1.3 Igaciã Loureiro, * 06.10.1933 + .02.1984

- casos com
Emílio Grande
Filhos:
8.1.2.3.1 Astúria Loureiro Grande, * 12.10.1972
casos com
Ercilinda Ferreira Costa
Filhos do casal:
8.1.2.3.1.1 William Antônio Costa Grande, * 24.09.1998
8.1.2.3.1.2 Ingrid Costa Grande, * 05.11.2004
8.1.2.3.1.3 Bráulio Loureiro, * Palmas, PR, 12.01.1901 + 19.09.1978
caso a 06.05.1942 com
Hélia Ribas, + 17.04.1944
Filhos do casal:
8.1.2.1.1 Nelson Ribas Loureiro, * 13.03.1943
caso a 19.06.1931 com
Marilene Sanchez
Filhos do casal:
8.1.2.1.1.1 Tatiana Loureiro, * 26.10.1972
casos com
Luiz Angelo Caleff
Filhos do casal:
8.1.2.1.1.1.1 Louise Loureiro Caleff, * 24.02.2007
8.1.2.1.1.2 Mathus Loureiro Caleff, * 01.11.2012
8.1.2.1.2 Flávia Sanchez Loureiro, * 02.04.1978
8.1.2.1.3 Rafael Sanchez Loureiro, * 25.01.1981
8.1.2.3.1.2 Bráulio Loureiro
casos em 2ª nupcias com
Aryete Maria Tostal, * Passo Fundo, 10.08.1927 + 05.08.1974
Filhos do casal:
8.1.2.2.1 Bráulio Loureiro Filho, * 31.10.1956
caso a 02.06.1978 com
Ivone Pelizzari
Filhos do casal:
8.1.2.2.1.1 Carolina Pelizzari Loureiro, * 04.11.1980
8.1.2.2.2 Bráulio Loureiro Neto, * 31.03.1983
casos com
Michella Rosa de Quadros
Filha do casal:
8.1.2.2.2.1 Maria Clara Rosa de Quadros Loureiro, * 09.12.2005
8.1.2.2.3 João Francisco Pelizzari Loureiro, * 11.01.1988
casos com
Fernanda Machado de Souza
8.1.2.3.1 Aurora Tostal Loureiro
Filhos:
8.1.2.3.1.1 Pedro Tostal Loureiro de Lencos
8.1.2.4 José Augusto Tostal Loureiro
casos com
Márcia Aparecida Vedovato
Filhos do casal:
8.1.2.4.1 José Felipe Vedovato Loureiro
8.1.2.4.2 Raíza Vedovato Loureiro
8.1.2.4.3 Maria Néia Vedovato Loureiro
8.1.2.5 João Thadeu Tostal Loureiro, * 14.07.1963
casos a 29.03.1989 com
Gliceli Silva
Filhos do casal:
8.1.2.5.1 João Gustavo Silva Loureiro, * 24.09.1989
8.1.2.5.2 Paulo Eduardo Silva Loureiro, * 06.04.1991
8.1.3 Mário Macedos Loureiro, * Palmas, PR, 03.07.1902, + 03.1971
casos com
Díscia Gasparães
sem descendentes
8.1.4 Odina Pinheiro Loureiro, * Palmas, PR, 11.12.1903, + 1998
casos com
Vendelino Costa
sem descendentes
8.1.5 Sady Macedos Loureiro, * Palmas, PR, 21.08.1905, + 12.04.1988
casos a 29.03.1930 com
Márcia Benedita Chaves
Filhos do casal:
8.1.5.1.1 Vinícius Chaves Loureiro, * 31.01.1931, + 11.08.2004
casos a 19.05.1979 com
Gustani Cardoso
Filhos do casal:
8.1.5.1.1.1 Mariana Cardoso Loureiro, * 13.05.1971
casos com

Israel Galinski

Filhos do casal:

- 8.1.3.1.1 Ingo Loureiro Galinski, * 12.01.1902
- 8.1.3.1.2 Lúcio Loureiro Galinski, * 25.08.1904
- 8.1.3.1.3 Silvana Carolina Loureiro, * 11.07.1972

casou com

Eduardo Funes

- 8.1.3.1.3 Maria Brasileira Carolina Loureiro, * 13.01.1973
- casou com
Erasmo Lourenço Rodrigues Junior

Filhos do casal:

- 8.1.3.1.3.1 Oton Erasmo Lourenço Lourenço Rodrigues, * 22.08.1999
- 8.1.3.2 João Felipe Chaves Loureiro, * 24.06.1932, * 31.05.2003

casou a 14.01.1972 com

Marta Jungblut

Filhos do casal:

- 8.1.3.2.1 João Eduardo Loureiro, * 28.03.1973
- casou com

Fabíola Araújo Assis

- 8.1.3.2.2 Maria Cyntia Loureiro, * 04.07.1974
- casou com

Rodrigo Queiroz de Castro

Filhos do casal:

- 8.1.3.2.2.1 Arthur Lourenço de Castro, * 21.04.2011
- 8.1.3.3.3 Márcia Chaves Loureiro, * 30.03.1936

casou em 1972 com

Rosa Maria Favoretto

Filhos do casal:

- 8.1.3.3.3.1 Márcia Chaves Loureiro Filho, * 20.02.1974
- casou com

Mário Cecília Laranj

Filhos do casal:

- 8.1.3.3.3.1.1 Cláudio Laranj Loureiro, * 16.06.2006
- 8.1.3.3.3.2 Nívea Laranj Loureiro, * 19.03.2010
- 8.1.3.3.2 Maria Cecília Favoretto Loureiro, * 05.01.1976
- 8.1.3.3.3 Guilherme Favoretto Loureiro, * 24.09.1979

casou com

Alexsandra Arêndade

- 8.1.3.4 Maria de Lourdes Loureiro, * 11.02.1943
- casou a 10.01.1965 com

Walter Luiz Giotto

Filhos do casal:

- 8.1.3.4.1 Marco Loureiro Giotto, * 28.09.1963
- casou com

Vanessa Walter

Filhos do casal:

- 8.1.3.4.1.1 Helena Walter Loureiro Giotto, * 12.11.2006
- 8.1.3.4.1.2 Helena Walter Loureiro Giotto, * 04.10.2008
- 8.1.3.4.1.3 Zuleika Walter Loureiro Giotto,
- 8.1.3.4.2 Mônica Loureiro Giotto, * 21.12.1968
- 8.1.3.4.3 Rômulo Loureiro Giotto, * 19.02.1984
- 8.1.3.5 Beatriz Chaves Loureiro, * 16.11.1949

casou a 15.08.1975 com

João Franklin Ramos de Mello

Filhos do casal:

- 8.1.3.5.1 Priscila Loureiro de Mello, * 27.12.1970
 - 8.1.3.5.2 João Franklin Ramos de Mello Filho, * 06.12.1978
- casou com

Ana Carolina Paiva

Filhos do casal:

- 8.1.3.5.2.1 Joana Paiva Loureiro de Mello, * 25.06.2007
 - 8.1.3.5.3 Adelgisa Loureiro de Mello, * 14.11.1981
- casou com

Petercio Lobo

Filhos do casal:

- 8.1.3.5.3.1 Peterson Lobo Filho, * 09.04.2017
 - 8.1.3.5.4 Ediva Franklin Loureiro de Mello, * 24.01.1982
 - 8.1.3.6 Sady Mercedes Loureiro Filho, * 25.12.1951 * 23.02.2016
- casou a 26.01.1979 com

Isabel Cheddo

Filhos do casal:

- 8.1.3.6.1 Juliana Cheddo Loureiro, * 21.10.1978
- casou com

Mário Luiz Cordeiro Junior

Filhos do casal:

- 8.1.3.6.1.1 Mário Luiz Cordeiro Neto, * 21.08.2008

- 8.1.5.4.1.2 João Pedro Loureiro Casellas, * 28.12.2018
- 8.1.5.4.2 Maria Amélia Chaves Loureiro, * 28.12.1980
Filhos:
- 8.1.5.6.2.1 Luísa Oliveira Loureiro Waighters, * 12.03.2000 + 28.08.2000
- 8.1.5.6.3 Sady Marcelina Loureiro Neta, * 19.03.1983
casou com
Vitoriano Pacheco
Filhos do casal:
- 8.1.5.6.3.1 Sady Marcelina Loureiro, * 16.01.2012
- 8.1.6 Felipina Marcelina Loureiro, * Palmas, PR, 15.10.1907 + 07.12.2018
casou com
Oscar Gomes do Amaral, * 24.07.1900 + 15.03.1982
Filhos do casal:
- 8.1.6.1 Oscar Felipe Loureiro do Amaral, * 14.12.1929
casou em 1957 com
Elis Terezinha Stumpf
Filho do casal:
- 8.1.6.1.1 Luiz Fernando Stumpf do Amaral
- 8.1.6.2 José Eduardo Loureiro do Amaral, * 14.12.1940
casou com
Ana Lúcia Máximo, * 14.12.1940
Filhos do casal:
- 8.1.6.2.1 Guilherme Máximo do Amaral, * 18.10.1971
casou com
Cláudio Cochini
Filhos do casal:
- 8.1.6.2.1.1 Giara Cochini do Amaral, * 05.01.2009
- 8.1.6.2.1.2 Iglia Cochini do Amaral, * 05.01.2009
- 8.1.6.2.1.3 Luísa Guilherme Cochini do Amaral, * 02.06.2016
- 8.1.6.2.2 Gustavo Máximo do Amaral, * 14.06.1971
casou com
Melissa Bertoncello
Filhos do casal:
- 8.1.6.2.2.1 Luísa Bertoncello do Amaral, * 18.12.1988
- 8.1.6.2.2.2 Amanda Bertoncello do Amaral, * 18.04.2011
- 8.1.6.2.3 Bernardo Máximo do Amaral, * 18.10.1976
casou com
Marcela Loureiro
Filhos do casal:
- 8.1.6.2.3.1 Felippa Loureiro do Amaral, * 17.05.2012
- 8.1.6.2.3.2 Benício Loureiro do Amaral, * 06.2017
- 8.1.6.3 Cornélio Loureiro do Amaral, * 14.12.1947
casou com
Paulo Ribeiro Paes Barreto
Filho do casal:
- 8.1.6.3.1 Felipe Loureiro do Amaral Paes Barreto, * 30.09.1981
- 8.1.7 Maria Marcelina Loureiro, * Palmas, PR, 13.10.1909 + 08.06.2000 (NARRATIVA)
casou com
Érico Torres Boeira
Filhos do casal:
- 8.1.7.1 Diva Cullins Loureiro Boeira, * 23.11.1949
- 8.1.8 Júlia Marcelina Loureiro, * Palmas, PR, 03.01.1912 + 1999
casou com
João Loureiro Cony
sem descendentes
- 8.1.9 Igênia Marcelina Loureiro, * Palmas, PR, 10.03.1914 + 17.12.1997
casou a 22.11.1941 com
Lindaura Mendes, * 19.09.1912 + 08.12.2011
Filhos do casal:
- 8.1.9.1 Marco Antônio Mendes Loureiro, * 13.06.1943
casou a 10.09.1967 com
Arlete Medeiros
Filhos do casal:
- 8.1.9.1.1 Adriana Medeiros Loureiro, * 19.09.1967
- 8.1.9.1.2 Luciana Medeiros Loureiro, * 12.12.1969
casou com
Alberto Vientewick
Filho do casal:
- 8.1.9.1.2.1 Rodrigo Loureiro Vientewick, * 10.07.2002
- 8.1.9.1.3 Marco Antônio Mendes Loureiro Filho, * 11.06.1977
casou com
Ana Paula Maranhão
Filho do casal:
- 8.1.9.1.3.1 João Felipe Maranhão Mendes Loureiro, * 26.08.2003
- 8.1.9.1.3.2 Marco Antônio Mendes Loureiro Filho
casou em 2ª opção com